



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





**O PATRIOTA,**  
**JORNAL LITTERARIO, POLITICO,**  
**MERCANTIL, &c.**

D O  
**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra amei, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 1.º  
**JANEIRO.**

---

*M.*  
**RIO DE JANEIRO,**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**

1813.

*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,  
na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na  
mesma Loja se faz a subscrição a 4000 reis  
por semestre.*





## I N T R O D U C Ç Ã O.

**H**E huma verdade, conhecida ainda pelos menos instruidos, que sem a prodigiosa invenção das letras, haverião sido muito lentos os progressos nas Sciencias, e nas Artes. Por ellas o Europeu transmitta ao seu antipoda as suas descobertas, e as mais doces sensações da nossa alma, os nossos mesmos suspiros ( para fallar com Pope ) vôão do pólo á India. Os homens de todos os Seculos são contemporaneos; e o sabio no seu gabinete instrue-se ainda hoje com os Archimedes e Appolonios; recrea-se com os Homeros e Anacreontes; consulta os Thucydides e os Livios; admira a eloquencia dos Demosthenes e Ciceros; e ligando eras interrompidas por longas series de calamidades, salta atravez das irrupções dos Barbaros, vóa a despeito das injurias do tempo, e prende remotissimos anneis da cadêa não interrompida dos erros do entendimento, e dos crimes do coração humano.

Mas instruidos pela physica de que os raios do Sol, que dispersos aquecem apenas os corpos duros, juntos em hum fóco derretem os mais densos metaes, os sabios se propozerão a communicar-se reciprocamente suas luzes, para que da união d'ellas resultasse aquelle in-

tenso calor, que vencesse a frieza da priguica, e a dureza da ignorancia. As suas primeiras Obras abrirão o caminho a outras mais perfectas. Debalde a inveja aguçou o dente; elles, á maneira dos Estoicos, forão insensíveis aos seus golpes, até que a morte levantou aquella unica barreira, que aquelle monstro jamais salta, saciando a sua hydropica sede nos vivos, como sentio, e cantou Ovidio. Elles desprezavão altamente as calumnias e improperios d'quelles homens, a quem com tanta propriedade se podem applicar as palavras de Cicero *natus abdomini suo, non laudi atque gloriæ.*

Estas pequenas Sociedades derão o berço ás grandes Academias, cuja utilidade está illustremente estampada em cada pagina das suas Memorias, e cujos Membros, fitos os olhos na posteridade, menoscabarão a fortuna.

Como porém se conseguirião estes grandes resultados, se o primeiro, que se abalançou a aquella empreza, descorçoasse com satiras importunas, ou sarcasmos insulsos? Aluido o alicerce, que deveria sustentar hum grande edificio, a ignorancia occuparia todo o terreno, e ufana imporía pezadas leis aos seus vassallos. Arredemos os olhos deste quadro medonho, e apanhemos o nosso discurso.

Convencido de que apodrecião no esquecimento Obras assaz recomendaveis, e noticias de sobra interessantes, sem que huma mão habil colligisse, e ordenasse aquelles dispersos mem-



bro, e formasse hum todo digno da attenção publica, doendo-me de que não acordas-e a emulação á vista de tantos modelos das nações cultas, como se a posição physica retardasse a luz a chegar ao nosso horizonte; cego á insufficiencia de minhas forças, mas desperto ao brado da Patria; eu não hesitei hum momento emprehender aquillo, que todos os Litteratos, primeiro que eu, havião pensado, e de que (infelizmente) abrirão mão, atterrados com os embaraços, que circumstancias melindrosas tornavão quasi insuperaveis. Era preciso hum homem, que não tendo que arriscar hum nome conseguido á custa de preciosas descobertas, ou de Obras de mão de Mestre, tivesse em pouca monta, assim applausos, como censuras; que expondo-se, como parapeito, aos tiros da maledicencia, salvasse os sabios escritores, que cooperassem com as suas luzes para o seu desempenho. Este homem appareceu; a inveja o apontou com o dedo, e ficou logo alvo da murmuração dos ociosos.

Não he este o lugar destinado para pezar as razões allegadas contra a minha empreza: depois de haver enchido a minha tarefa (se tanto podem as minhas forças) eu me vingarei de reflexões estereis, que havendo estorvado muitas Obras, nunca poderão produzir huma só. Nada ha mais facil do que no silencio do Gabinete, nos braços da ociosidade, censurar as alhêas Obras. Poucos conhecimentos

bastão para este fim. Os primeiros rudimentos da Grammatica põe huns ao alcance de condemnarem a linguagem, que (ainda mal!) desconhecem; e pode ser que huma ligeira lição de Romances seja muitas vezes a unica licença, que tem para censurar hum espirito espinhoso. Longe de mim consumir o meu tempo, e cansar a paciencia dos meus leitores, com a consideração, nem mesmo com a lembrança de semelhantes censuras. Eu seria muito feliz, se homens de outra estofa não desconfiassem do exito. A difficuldade do desempenho, a mingoa de meios, a aspereza das circumstancias, ainda que alias motivos de indulgencia, dão nos olhos de homens providentes, mais attentos, e mais reflexivos do que eu. Mas cedão huma vez á seria reflexão de d'Alembert: não se deve examinar se a Obra está bem feita, mas se era possivel faze-la melhor. Pensem maduramente que todas as cousas humanas começam por bem pequenas, e chegam depois á hum estado de grandeza e de esplendor. Da pequena semente se géra huma copada arvore, se mão dextra a regra, e Deus lhe dá o incremento.

Mas talvez tenho desperdiçado expressões. Não he provavel que algum sabio, nem mesmo erudito, se abata ao ponto de engrossar o partido, que costumão levantar obras desta natureza. Huma feliz experiencia me tem mostrado que elles se prestão de bom grado ao con-

vite , que lhes fiz no meu Prospecto ; muitos até declarados Protectores deste Jornal , tem com todas as veras fomentado o seu augmento e esplendor , e seus nomes recommendaveis entre os literattos da nação honrão já este primeiro numero. Eu não perderei esta occasião de testemunhar o meu reconhecimento a tão serios desvelos , reservando para outro lugar huma mais particular menção.

Tenho a satisfação de que ninguem se persuadirá que o dezejo do lucro guiou a minha penna. Ha muitas cousas mais apreciaveis que o ouro , e estas , só estas , desafião a minha ambição ; para a quellas porém , que forem de opposto sentimento , transcreverei as expressões de *Tito Livio—Opera pretium est audire qui omnia præ divitiis humana spernunt, neque honori magno locum, neque virtuti putant esse, nisi ubi effuse affluent opes.*

Este primeiro numero não satisfaz ainda a todas as vistas do Prospecto , nem era possível que satisfizesse pelas angustias do tempo. Nem por isso portanto enganamos a expectação dos leitores , pois a collecção de todos os numeros constitue o Jornal , e não só hum delles. Recebemos promessas , e honrosas expressões de Pessoas da 1.<sup>a</sup> Ordem , que segurão a sua distincta co-operação ; e portanto em vez de se julgar do merecimento da Obra por este N.<sup>o</sup> , como muitos aguardão , por ventura já dispostos a censura-lo desapiadadamente ,

deve esperar-se que , melhorando successivamente , toque o grão de perfeição , que só do tempo póde esperar , não empecendo aos meus votos a minha insufficiencia huma vez que Sabios não se tem negado a honrar este periodico.

Tenho curado de misturar noticias nacionaes com estrangeiras , preferindo as primeiras. Algumas Obras que era impossivel caberem nos limites de hum Jornal , forão divididas pelos N.ºs seguintes. Deste genero hei dado algumas que são da mais decidida utilidade ; vindo desta arte a abranger neste periodico escritos , que lhe escapavão pela sua extensão.



## ARTES.

*Memoria sobre o emprego do assucar combinado com a polvora, extrahida do Reportorio das Artes, Manufacturas, e Agricultura.*

**F**ederico Alberto Winsor descobrio hum methodo de empregar assucar bruto e refinado na composiçãõ de varios artigos de mercadorias, em grande consumo, nas quaes até alli não se empregava; a maneira em que isto se consegue he a seguinte:

Havendo em cem partes de assucar sessenta e quatro de oxigenio, vinte e oito de hydrogenio, e só oito de carbonico, he claro que depois do nitro, este sal possui as qualidades mais inflammaveis e explosivas, excepto o oxigenado muriato de potaça. Por tanto se o assucar, quer em bruto, quer refinado, se secar com muito cuidado, e se reduzir a pó fino, em tres ou quatro horas de trituração, e depois se misturar com os ingredientes ordinarios de que se faz a polvora, na proporção de 25 partes em cada cem, ou proximamente, achar-se-ha igual á força das qualidades de polvora, que produz a mistura dos bem conhecidos ingredientes de salitre, enxofre, e carvão. Como a bondade da polvora depende principal-

mente da exacta trituração por dez ou quatorze horas, deve adoptar-se o mesmo principio de trituração com a mistura de assucar bem seco, na proporção de 25 partes em cem, ou proximamente. Como o assucar he sujeito a chupar humidade como o salitre, deve haver todo o cuidado em seca-lo, e guarda-lo bem arrolhado. Ou, se se misturar tres quartos de polvora, e se triturar bem com hum quarto de assucar bem seco, a inflamação e explosão será a mesma que se fossem as quatro partes de polvora. Nos fogos de artificio pôde entrar o assucar de metade a hum terço na mistura da polvora, ou dos ingredientes de que se compõe os fogos; e por este meio este artigo de publico e particular divertimento, se pôde fazer mais barato, e ao mesmo tempo augmentar o geral consumo do assucar. O assucar pôde entrar em todas as combustões, em certas proporções.

( *Repertory of Arts, &c.* n.º 125 )

---

*Novo methodo para refinar assucar por Luiz Honoré Henry Germain Constant, premiado a 27 de Fevereiro de 1812.*

**P**Reparo primeiro o carvão de madeira, lavando-o com agoa, que o limpe de algumas impurezas, que se suppõe ser de qualidade fu-

mosa e oleosa, e então o faço em pó grosso com pouca agoa por meio de hum moinho, ou qualquer outro, e depois môo muito subtilmente, acrescentando-lhe consideravel quantidade de agoa, por meio de hum moinho de mostarda, ou outra maquina, ou apparatus conhecido para moer ou levigar; e neste estado de pó fino lavo bem o carvão, e extraho, detono, ou separo a maior parte da agoa; filtrando, ou coando, ou de outra sorte; e formo o dito carvão quanto á consistencia em massas de qualquer tamanho para guardar, mas com preferencia de tres palmos de diametro; e seco-o ao sol, ou por huma temperatura moderada, depois do que guardo para uso, em barris, ou outras quaesquer vasilhas; é em segundo lugar para clarificar ou refinar assucar mascavado, ou barrento, ou molle, encho o taxo de sufficiente quantidade de agoa, ou de agoa, que contenha assuear, e aquecendo-o a hum grão consideravel, ajunto o assucar, que pertendo clarificar ou refinar, tendo cuidado de meche-lo, ou sacudir para que não se queime no fundo do taxo; e apenas o assucar assim accrescentado está inteiramente derretido, examino a gravidade especifica da solução pelo instrumento chamado hydrometro, ou por outros meios bem conhecidos; e por huma completa addição de mais assucar, ou de mais agoa, segundo he mister, levo a solução á aquella gravidade especifica, que se deve ou póde melhor

ajustar á operação de clarificar ou refinar, como depois se explicará e declarará; e a fim de determinar mais pronta e exactamente, e declarar as gravidades especificas das ditas soluções de assucar, como de tempos em tempos o fiz, construo, uso, e emprego hum hydrometro feito com preferencia de vidro com hum globo, tendo a parte carregada para baixo, e para cima hum tubo cylindrico; e faço o dito tubo de tantas divisões ou grãos, que admitta quarenta divisões iguaes, ou grãos, que alli se marcão, de grandeza tal, a cerca dos intervallos, ou partes do tubo, entre cada divisão, ou grão, e a divisão ou grão seguinte, e immediatamente contiguo ou adjacente, que cada hum dos ditos intervallos ou partes seja respectivamente igual em volume a hum 226 avos do volume de toda a parte mergulhada do dito hydrometro, quando está em agoa pura, e ajusto de sorte o seu contrapezo, e faço de tal maneira o numero das ditas divisões ou grãos, que o superior traço ou signal de divisão seja numerado O, e coincida com a superficie da agoa pura, quando nella se metter o instrumento; e que o traço seguinte ao inferior ao dito seja numerado 1, e coincida similhantemente com a superficie de hum fluido mais pezado do que a agoa; e o seguinte inferior tenha o numero 2, e os outros regularmente 3, 4, 5, 6, &c. até 40; e declaro que, por quanto são bem sabidos os principios



e methodo de constituir hydrometros , ou instrumentos de fluctuação , e as fórmãs e relações das partes destes são susceptiveis de grande variação , descrevi o hydrometro , de que faço uso , não por me persuadir que elle he , ou pôde ser o unico instrumento , que se pôde empregar no meu referido methodo , mas porque eu o prefiro , e as minhas descripções aqui dadas , quanto á expressão das gravidades especificas , são accomodadas ao mesmo instrumento , e por tanto julgo desnecessario dar mais particulares instrucções a cerca do mesmo ; e alem disto , quando clarifico ou refino assucares molles de baixa qualidade , faço ferver a calda até a grossura da gravidade especifica de 28 grãos do meu hydrometro , e no caso de assucar de boa qualidade , levo a calda a 30 grãos : e quando o assucar he branco , a 32 grãos. E declaro que a utilidade e vantagem de regular a gravidade especifica das caldas , como fica dito , provem das considerações , que no caso da calda ser muito grossa ou pezada , a clarificação por meio da preparação de carvão , como havemos exposto , seria menos effizaz ; e se a calda fosse muito delgada ou leve , seria necessario evaporar por mais tempo , e esta continuação de evaporação faria mais ou menos damno á cor e belleza do assucar clarificado ; depois , logo que está feita a calda , e levada á competente gravidade especifica , como fica dito , accrescento ao fluido em fervu-

ra huma quantidade de carvão preparado e pulverizado, como está explicado, até a quantidade de 5 a 10 libras de carvão por cada cem de assucar, que se tenha dissolvido em agoa no taxa; e eu tenho cuidado em empregar maior quantidade de carvão para os assucares baixos do que para os melhores; e neste particular o operador não pôde deixar de acertar, bem que a sua prudencia e conhecimento a respeito das quantidades de carvão preparado, que se devem empregar com as differentes qualidades de assucar, necessariamente se aperfeiçoará com a pratica, e não he possivel, escrevendo huma instrução, apontar todas as pequenas variações no processo, como a pratica indicará. Feito isto, eu mecho, e misturo bem o dito carvão, e a calda, e depois deixo-o descansar por pouco tempo, e então esperto o fogo para fazer ferver a calda o mais breve possivel, e para que quando esta houver subido pela ebullição, e chegado quasi ao ponto de ferver por fora, eu deite (como nas refinações ordinarias) clara de ovo, ou qualquer outra materia albuginosa, e misture bem, e mecha com força, depois do que faço subir outra vez a calda pela ebullição, para que a materia albuginosa coalhada se levante em fôrma de espuma, trazendo com sigo o carvão e as impurezas do assucar; e então deixo tudo em descanso, em hum calor muito brando; e logo que o carvão tem chegado á superficie, eu escumo, e quando não

resta mais carvão, filtro a calda; e logo que a quantidade de mascavado, ou outro assucar molle, que se pertende clarificar, houver sido tratada como fica dito, ajunto todo o carvão, que obtive da escuma, e ajunto-lhe huma sufficiente quantidade de agoa, para o fazer aquecer bem, mechendo-o continuamente, para que se não pegue, ou queime no fundo, e depois de haver subido pela fervura, tiro o fogo, e ponho o carvão sobre o filtro para separar a calda fraca; e depois de bem separada esta, lavo o carvão em agoa pura, que se pôs a ferver no taxo, e faço uso desta agoa nas seguintes soluções, e clarificações de assucares.

Declaro mais que caso seja inconveniente por alguma causa, ou circustancia, lavar o carvão immediatamente depois de filtrado, elle não haverá mudança pela fermentação, ou de outra maneira, no espaço de hum mez, guardando-o tanto tempo. Como parte da minha dita invenção ou methodo, construi, e uso de huma fornalha para aqueclar, ferver e evaporar a calda, na qual não só emprego portas e registros na grade, chaminé, e cinzeiro, como se usa em outras obras, para regular, affrouxar, ou apagar o fogo; mas tambem em particular, e como huma parte privativa e importante da minha dita invenção, construo e uso de huma chapa de metal, ou de outra qualquer materia, que pôde escorregar, ou mo-

ver-se para dentro e para fora do fogão, ou aliás mudar-se quanto á aquella situação movendo-se sobre corrediças, ou rollos, ou rodas, ou outros semelhantes esteios, ou sobre hum gonzo ou eixo, de maneira que a mesma chapa, quando for mister, se ponha entre o fundo do taxo e o fogo, ou a lenha que arde, e suspenda immediatamente, ou estorve o effeito do calor sobre o que se contém no dito taxo, e similhantemente por hum movimento contrario, ou differente, possa a arbitrio ser affastado, ou restituído á primeira posição, e immediatamente deixe o fogo, ou a materia, que arde, exercer a sua acção contra o fundo do dito taxo, e sobre o que elle contém.

A principal vantagem, que resulta da dita invenção que consiste no uso das ditas reformas em fornalhas, he o seguinte: a saber, que como, não obstante o cuidado e attenção, que se póde empregar em separar o carvão, escumando e filtrando, como se tem dito, huma pequena porção de carvão em particulas muito miudas se torna todavia perceptivel na seguinte evaporação da calda clarificada, que se levanta á superficie; por tanto logo que eu sinto que tem subido tudo, modero a acção do fogo por meio das portas, ou registros, e da chapa acima mencionada; e depois que a calda estiver tranquilla, e continuar assim alguns minutos, escumo o dito carvão, e qualquer outra impureza, que possa ter escapado pelo filtro.

Igualmente que como, secando os assucares, ou na subsequente refinação, ou branqueação, barrando ou de outra sorte, as caldas que correm, infallivelmente hão de ficar nos potes hum tempo consideravel, e se acha que tem lugar certo grão de fermentação, ou mudança espontanea n'aquelle intervallo de tempo, por meio do qual se gera huma espuma branca consideravelmente acida, e de hum cheiro desagradavel, que não se póde sufficiente, e effizadamente separar na evaporação ordinaria; por tanto no dito methodo, apenas acontece a primeira fervura, por meio da qual sobe á superficie a dita materia acida branca, e desagradavel, modero o fogo, o que produz o effeito sobredito, e deixo que a composição fique tranquilla hum ou dois minutos, e então escumo toda a dita materia branca e desagradavel, e quaesquer impurezas, se as ha, que appareção na superficie da calda; e por este meio se livra a calda de mostrar mais sinaes de effervescencia, e a gran do assucar se torna mais bella, e o assucar se torna mais fino, e muito mais claro, delicado, e de gosto mais agradavel do que quando se refina ao modo ordinario; e porque no processo ordinario de evaporar caldas, se achou expedito e necessario quando o fluido se levanta subitamente, de maneira que corre perigo a calda que ferve, lançar-lhe hum pedaço de manteiga ou de gracha, que tem o effeito de moderar a fervura,

porém faz mal á cristalização, e tambem ao sabor e cheiro dos assucars; no meu methodo eu evito inteiramente o dito inconveniente, e modero a fervura, quando he necessario, pelas portas ou registros, e mais particularmente pela chapa que acima descrevi; e em terceiro lugar a respeito de refinar os assucars em caras, ou pães, em vez do antigo methodo de barrar, eu consigo e fómo o mesmo, coando gradualmente a calda purificada fria pelos ditos assucars, a fim de clarificar a calda córada, ou melasso, que occupa os intersticios entre os cristaes do assucar na primeira formação; e declaro que importa muito que a calda de que se faz uso para coar, seja da conveniente força, ou gravidade especifica, porque huma calda de grande fortaleza, ou gravidade especifica, não correria com a melhor vantagem, e huma calda de pouca força, ou gravidade especifica, dissolveria huma parte dos mesmos cristaes, e por tanto faria cavidades na massa do assucar, pelas quaes cahiria principalmente a calda, e o assucar não só tomaria huma configuração incerta e irregular, mas igualmente lhe scria impossivel conseguir o gráo de purificação, que se quer. Para os assucars brancos a calda fria para coar deve ter huma consistencia de 38 grãos, e se o assucar tiver a gran apertada, a calda deve ser de consistencia de 37 grãos e hum quarto, a 37 grãos e meio; mas se o assucar for le-

ve e de gran aberta, deve empregar-se a calda de 38 grãos. E quando os pães de assucar se devem refinar, ou branquear, a parte superior do pão chama-la vulgarmente a ponta, deve tirar-se com huma faca, ou outro instrumento proprio, até que o assucar pareça firme e solido, e então a mesma se volta decima para baixo dentro, e ao longo de sua forma, e depois de huma hora, ou mais, ou menos, segundo a qualidade do assucar, sacudo, ou bato o mesmo sobre o pão para separar o pão da sua forma, e fexo a abertura que está na ponta da forma com hum pedaço, ou rolho de trapo; e depois torno a pôr o pão (na sua forma) com a ponta para baixo tão direito quanto he possível, e por este meio deixo a calda (que naturalmente nelle se include) tornar á ponta do pão, e depois acrescento huma competente quantidade da mesma calda branda purificada, que tenho cuidado de ter mais ou menos em quantidade, e ainda em pureza, segundo a natureza do pão de assucar que se quer refinar; quer dizer; se o assucar for já muito fino, acrescento só 'huma pequena quantidade da calda mais branda, mas se o assucar for mais amarello, emprego maior quantidade de calda, que póde ser de inferior qualidade, como logo se expõe; e no fim de 24 ou 28 horas, segundo o assucar era dantes mais ou menos fino, tiro o rolho de trapo, e deixo correr a calda amarella, ou es-

cura, ao mesmo tempo que lhe substituo a calda branca, e desta sorte o assucar ou fica perfeitamente fino, ou muito melhorado, segundo a qualidade do assucar, e meios que se empregarão.

Declaro mais, que pelo meu methodo se póde branquear ou refinar todos os assucares sem precisão de volta-los ou agita-los, ou metter-lhes hum rolho, como se tem ensinado; mas que neste caso ha risco de manchas e irregularidades de cor nos ditos pães de assucar perto da ponta, que póde antecedentemente ter sido de cor escura; e tambem que o escoamento da primeira calda póde fazer o pão poroso, e fazer que a calda branca passe prontamente pelas maiores passagens, ou póros, em vez de encher o seu officio de levar diante de si a calda amarella, e refinar competentemente o assucar, como se pertendia fazer. E mais, que eu emprego e applico a calda, de que se fez já uso na purificação por coa dos assucares brancos de boa qualidade para purificar similhantemente os pedaços ou massas de assucar obtidos da primeira vez pelas caldas purificadas por meio do carvão preparado no tacho, como acima se ensinou.

E mais que eu faço uso e applico as caldas, que se empregarão em purificar por coa assucares reaes, ou de superior qualidade, para purificar da mesma sorte assucares communs muito bons; e que as caldas obtidas desta ul-



tima mencionada coa, se pódem da mesma sorte empregar em tres operações, e depois sem mais preparação se póde ferver para manufacturar em massas. E finalmente que, no acto ou operação de filtrar as caldas acima referidas, e que se pertendem formar, acho muito conveniente sustentar o filtro, sobre, ou dentro de hum cesto, feito de proposito de conveniente grandeza e figura para este fim, e ponho o filtro assim sustentado sobre certas grades, ou esteios fixados atravez de huma propria gamela ou canoa, que tem hum cano e torneira na parte inferior para extremar os primeiros sahidos ( que são menos claros ) dos subsequentes sahidos claros, e voltando outra vez os primeiros sahidos ao filtro, como se costuma fazer em operações desta, ou de semelhante natureza.

## AGRICULTURA.

*Memoria sobre a cultura dos algodoeiros, por Manoel Arruda da Camara, Doutor em Medicina pela Universidade de Montpellier, da Academia das Sciencias da mesma Cidade, Correspondente da Sociedade de Agricultura de Pariz, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Naturalista empregado no Serviço de S. M. Fidelissima na Capitania de Parana mbuc.*

*Anno de 1797.*

## CAPITULO I.

*Da antiguidade do uso do algodão, e da vantagem, que tem resultado a Portugal, e a Parana mbuc, da sua cultura.*

**H**E huma especie de mania, que allucina os escriptores menos Filozofos, o quererem attribuir á sciencia ou á arte de que tratão, huma antiguidade, que dáte quasi com a do primeiro homem. Se he certo, como devemos crer, que Adão teve sciencia intusa, pouco menos idosas são quasi todas as artes, que elle; mas o pouco progresso, que ellas tem tido, mostra que as suas origens não remontão tão alto: Adão seria muito sabio, mas seus filhos tem sido muito nescios; porque, ou nada apprenderão daquelle primeiro Pai, ou, se ap-

prenderão, depressa se deixarão esquecer; tanto assim que para descobrirmos as origens de algumas artes, he necessario desandar-mos os longos caminhos, que tem corrido os Seculos, e procurarmos, apalpando pela obscuridade dos tempos, alguns mal distinctos vestigios, dando aos seus primeiros inventores honras, e louvores quasi Divinos: as sciencias são como estes grandes rios, que conduzem soberbamente immensa quantidade de agoa: navegue quem quizer por elles acima buscando a sua origem, chegará a ficar em secco sem saber verdadeiramente aonde nascem; pois abrindo-se pouco a pouco em pequenos e insignificantes regatos, vem estes a acabar em humidades tão diminutas, que nem cobrem a arêa sobre que correm.

A necessidade e o aeaso, são as duas principaes mãys ou fontes, donde nascem as sciencias e as artes: as necessidades ereseem, e se multiplicão á proporção que se civilisão os povos; nos homens, que vivem rusticamente, perto, para assim dizer, de huma vida selvagem, as suas necessidades não se estendem a muito: assim as mais antigas artes e sciencias devem ser aquellas que interessassem a existencia e o commodo, tal qual podião ter os primeiros homens, vivendo frugalmente, formando quando muito pequenos arrayaes, de costumes simples, como elles mesmos, sahidos ha pouco das mãos da Natureza.

Pelo que a Agricultura dos alimentos, a

Medicina, a Cirurgia, que interessavão immediatamente a sua saúde, e a sua existencia, deverião occupar o primeiro lugar na ordem dos tempos; a invenção de tecer panos creio que deve ser muito posterior, não só a estas, mas ainda a outras artes de primeira necessidade; porque os primeiros descendentes de Adão, habitando hum paiz e clima benigno, as injurias do tempo não erão assás fortes para os obrigarem com tanta presteza a inventarem vestiduras (1).

---

(1) O pudor, que hoje nos parece tão natural em hum e outro sexo, não podia decidir o homem a inventar, nem dar o minimo passo para a invenção da arte de tecer; porque a maior parte do povo selvagem, que vive nos bosques do Brasil em hum estado bem vizinho ao natural, anda inteiramente nua: eu vi na Aldea de S. Gonçalo na minha viagem do Piauí, cento e sessenta indios, Gamelas de nação, desentranhados ha pouco daquelles vastos matos, andarem inteiramente nós, e tão despejados, que se apresentavão assim mesmo á maior publicidade, tanto mulheres, como homens. Se aponto só os 160 indios, não he porque deste pequeno numero queira fazer huma regra tão geral, mas porque só estes são os que eu vi, e os que os immensos bosques do poente nos encombrem são infinitos, que como aquelles andão todos nós.

Seja como for, hum discurso bem simples nos pôde persuadir que o algodão foi a primeira substancia do reino vegetal, de que os homens se servirão para fabricar os seus primeiros panos; porque a natureza já a produz apta para se poder fiar, como todo o mundo sabe, o que não acontece a respeito do linho e da seda, as quaes exigem longas e peniveis preparações, antes de se pôrem no estado de se fiar; o que só huma longa serie de tempos, experiencias, e casualidades poderião ensinar.

Bem se vê que este discurso não prova de facto, e só faz ver huma probabilidade, pela qual podia ser o algodão empregado, primeiro que toda outra qualquer substancia, nas vestiduras. Eu tenho procurado pela obscuridade dos seculos passados, a ver se acho a epoca em que principiou o uso do algodão, e o mais a que tenho chegado he descobrir que, muito antes de Moyses, se elle vestia, e que já naquelle tempo se fabricavão tão primorosos panos de algodão, brilhando tanto a arte, que os Principes fazião delles mimo precioso: para prova disto, basta deitarmos hum golpe de vista para a historia, que o mesmo Moyses nos conta de José; ahi vemos, que os presentes que Farahó lhe fez, quando interpretou os seus sonhos misteriosos, entregando-lhe as re-deas do governo do Egypto, e fazendo-o subir na sua carruagem, foi hum anel de pedras pre-

ciosas, e huma tunica ou vestido de pano de algodão. (1)

Para finalmente formarmos hum juizo a respeito de quanto he antigo o uso do algodão, basta reflectirmos, que os mais antigos povos traficavão com elle desde muito antes de Pythagoras: os Phenicios e os Gregos, não só hião beber as sciencias e as artes á sua fonte, quero dizer, na Indiã, mas tambem hião lá comprar fazendas de algodão, para virem depois revender pelo resto do mundo então sabido. Naquelle tempo a arte já tinha tocado hum grão superior de perfeição nessas remotas paragens; mas; que seculos deverião correr antes

---

(1) *Donavit illum stoba byssina.* Genes. Ainda que tomavão *byssus* em diversas accepções; porque humas vezes chamavão *byssus* hum genero de planta parasitica, que Lineo arranja na classe *criptogamia*, bem affine com a *conferua*; outras vezes entendião pela seda, outras pelo algodão. Com tudo se devemos dar credito ao que Polux e Filostrate nos dizem do *byssus* do Egipto, não podemos deixar de crer que era de algodão o vestido que Faraó deu a José: porque dizem elles que se chama *byssus* a hum arbusto, que cresce no Egipto, que produz capsulas, as quaes abrindo-se lanção de si huma substancia lanosa, que se fiava, e de que se fabricavão panos.

que lá chegasse, como accoteceu a muitas outras artes, que nos parecem faceis?

A nossa mestra a necessidade, já acordou a Iglanterra, e as mais Nações civilizadas da Europa, e dentro destes tres ultimos seculos, lhes tem ensinado a rivalisar com a India, na arte de tecer panos de algodão, e tem cortado em parte aquelle rio de dinheiro, que corria continuadamente para o Oriente. Portugal mesmo, ainda atordoado do veneno da ignorancia, que lhe communicou Hespanha, no tempo da nossa inteliz sujeição a esse Reino, tem erigido fabricas, que trabalhavão á competencia, e que se vão aperfeiçoando cada vez mais.

Depois dos solidos estabelecimentos da Europa neste genero, de diversas partes do Mundo concorrerão algodões a fornecerem ás suas fabricas a materia prima. Da Asia forão Smyrna, Chypre, Alexandria, Acre, Surrate, Sião; da America as que fornecião algodão erão Surinam, Martinica, Cayena, Guadalupe, Cartagena: Maranhão antigamente não deitava algodão algum para a Europa, e só o cultivavão para gasto do paiz, que era tão pobre, que o fio, que seus habitantes fiavão do algodão, era a moeda Provincial, servindo-se della para comprar o que precisavão, de sorte que até nos açougnes a carne era comprada a troco de novêllos de fio: até que o Illustrissimo Senhor General Telles animou os agricultores, obri-

gando a Companhia a fiar de muitos escravatura, ferramentas &c., e desde então principiou o Maranhão a enriquecer e augmentar.

Paranambuc nesse tempo ainda não pensava, que este genero seria capaz de vivificar o seu porto, e procurar-lhe huma subsistencia igual á do assucar, que então o disvelava. Na Paraiba foi onde primeiro sonharão em mandar algodão para Portugal; mas o estímulo da ambição não picava muito os animos amorticados e encolhidos debaixo da pobreza, a cultivarem-no com a cnergia, de que são capazes: a noticia do grande lucro, que podia dar o algodão a quem o cultivasse, foi penetrando pouco a pouco os matos, e despertando os agricultores. Nos annos de 1777 até 1781 animarão-se os povos de huma nova força; então he que se virão os interiores dos sertões mais habitados e cultivados; e tem de tal modo fomentado a cultura e o negocio do algodão, que admira: e para se ter huma idéa a esse respeito, vou pôr á vista huma taboa, Synoptica, não só do algodão, que de Paranambuc tem sahido desde 1786 até 1796, mas ainda dos mais generos, por onde he facil calcular o proveito que d'elle tem resultado ao agricultor, aos negociantes que com elle trafficação, e á nossa Soberana.

Ainda que a primeira porção de algodão que de Paranambuc se mandou para Portugal, foi em 1778, com tudo, o numero das arro-



bas desde então até 1781 foi muito diminuto; e desse anno por diante, he que se foi augmentando mais consideravelmente este genero.

Daqui se vê quanto he importante a cultura do algodão em Paranambuc, pois o grande lucro, que promette, impelle a todos ao trabalho, tirando-os da ociosidade; dá valor ás terras que dantes o não tinham, com summo proveito do proprietario; anima o negociante ao mais vivo trafego, fazendo mais importante o nosso porto, e mais frequentado o de Lisboa pelos estrangeiros, que dão todo o consumo; os donos de navios tem avultado lucro nos seus fretes; pois que tem chegado a 1000 por cada arroba; S. Magestade mesmo percebe direitos, que não são de despresar-se.

Até aqui tenho fallado do uso, que tem este genero no commercio para as fabricas de panos; agora tocarei de passagem noutros usos, que se podem estender muito, tanto na economia, como no uso medicinal.

As sementes do algodoeiro são compostas de huma fécula de mucilagem e de hum óleo, como tenho verificado muitas vezes por via de analyse: a dóze de azeite que tenho extrahido dos caroços do algodão, tem differido muito, de sorte que huma experiencia nunca condiz inteiramente com outra; porém tenho verificado que se aproxima mais á rasão de 8 : 1, ou  $\frac{1}{8}$ .

A qualidade deste óleo he excellente, para

luzes, porque dá huma luz muito clara, e não he tão sujeito a fumar e a fazer murrão; mas as experiencias, que tenho feito, he tendo o trabalho de descascar os caroços hum por hum, e pizando unicamente a amendoa, o que he impratica-el em grande; e a maior difficuldade, que me parece ter para a execução do trabalho em grande, he serem as cascas ou pelles destes caroços elasticas, pelo que antes se amassão debaixo do estilo ou mão de pilão, do que quebrão; e para adquirirem a fragilidade sufficiente, he necessario levarcm hum sol extraordinario, o que faz esta pratica difficil e quasi superflua em hum paiz como o nosso, onde temos grãos ou pevides muito mais convenientes do que esta para a fabricação do azeite. (1)

---

(1) Temos na verdade outras sementes de que com mais facilidade se pôde extrahir azeite, como as do carrapato *Ricinus palma Christi* Lin., andiroba *corrupto vocabulo* gendiroba *Fevilea cordifolia*, e desta fructa se extrahe o azeite com tanta facilidade, que basta deitar-lhe agoa fria depois de pizada, e sem hir ao fogo todo se appresenta na superficie; e delle tenho feito bom sabão para os usos domesticos, fazendo unicamente a lixivia, ou decoada caustica por meio da cal virgem, cujo annuncio já fiz a hum dos editores do *Palladio Portuguez*, e muitas pessoas já usão delle

A casca do arbusto, que nos dá algodão, he filamentosa, e contém linho, bem como todas as plantas malvaceas, a cuja familia natural pertence; pelo que bem podia servir ao menos para cordas, para estopa, &c.; porém

---

por minha insinuação, e espero que se vá vulgarisando cada vez mais. Temos outro óleo, que se extrahe com facilidade da fructa de hum arbusto chamado vulgarmente *batiputá*, que ainda não tive occasião de reduzir ao systema de Lineo, por não o ver florente: além disto temos duas especies de mandobim *Arrachis hypogea* Lin.: que dão muito azeite bom até para a meza. O azeite de coco *cocus nucifera*, e de outras especies de palmeiras como o *catolé*, *baba-de-boy*, *buriti*, an? *Mauricia* Lin. O pichi-y, que por ser genero novo lhe dei o nome de meu mestre *Chaptalia Pichi-y*, *Palladio Portuguez*, de cuja pólpas se extrahe azeite comivel e muito saboroso, delicias dos habitantes do sertão; da amendoa do caroço extrahi excellente sebo. O azeite de gergilim *Sesamum Orientale* tambem he excellente, e esta semente rende muito. O oleo da *Oiticisca*, que entra na classe *Octandria*, mas ainda não está descripto o genero, e nem eu o descrevi por estar a flor imperfeita. Não fallo em outros muitos fructos, de que se póde extrahir oleo, como a castanha do cajú *Anacardium Occidentale*, o jucá não descripto &c.,

tambem no nosso paiz não temos necessidade, e nem devemos applicar esta casca a estes usos por duas rasões: I. porque extrahida que seja a casca deste arbusto, elle morre, e não nos dá o lucro para que principalmente o cultivamos; II. porque o linho que dá não he tão forte como o do *Caruhá*, *Caraguatá* (1), *Caraguatá guassú*, ou piteira (2), *embira branca*, *embira vermelha*, *jangada*, *mororó de espinho*, *barriguda*, *macahiba*, *araticuns*, *carnahubas*, *ticuns*, *carrapixo guaxumas*, &c., das quaes plantas a maior parte não foi ainda descripta por botanico algum, e que deverião merecer ao Ministerio huma indagação a respeito das suas tenacidades e mais qualidades proprias para cordoaria, e eu não vejo trabalho feito neste genero, que nos ponha debaixo dos olhos huma taboa synoptica, para que pela comparação nos possamos desenganar de termos o gosto e a conveniencia de usarmos na nossa marinha dos linhos que o nosso paiz nos offerece naturalmente com tanta abundancia, de prefe-

---

e sobre este objecto estou preparando huma dissertação, que falta pouco para lhe dar a ultima mão.

(1) Em quanto a mim este *Caraguata* não he o *Filandria utriculata*, nem outros deste genero como vulgarmente se crê; mas he huma especie do genero *Bromelia*.

(2) Agave Americana.

rencia ao canhamo (1) : eu ao menos nas duas dissertações que leio na collecção da Academia, não vejo nenhuma que tenha preenchido dignamente, e como deve ser, este objecto; huma que trata da *guaxuma*, nem ao menos nos diz de que genero he esta planta, nem nos dá meios systematicos de a conhecer: a segunda omittio as principaes plantas, que julgo se aproximão mais á satisfação do nosso interesse. Eu, não tenho até agora podido occupar-me inteiramente deste objecto; porque as occupações tendentes á minha subsistencia me divertião destas indagações, ainda que proprias do meu genio; mas agora que tenho a honra de ser empregado no serviço de S. Magestade na indagação dos productos de Historia natural do meu paiz, não deixarei de lançar mão deste artigo com brevidade, pois o acho de muita importancia, e o tratarei conforme permittirem as minhas poucas forças.

Hum quarto uso do algodoeiro que ha no nosso paiz, principalmente nas partes remotas, he o medicinal. A necessidade tem ensinado aos nossos rusticos, a virtude vulnerarea, que possui o calix e as folhas desta planta; elles pizão qualquer destas partes, e espremem o succo sobre as suas feridas, e obtem hum prompto effeito deste medicamento: eu não tenho visto esta pratica, mas tenho-me

c

---

(1) *Canabis Sativum* Lin.

visto na precizão de usar delle em mnitas occã-siões, e em feridas muito consideraveis, e estou tão persuadido desta virtude do algodoeiro, que ainda na concurrencia de outros vulnerarios, prefiro sempre este. Eu attribuo esta virtude a hum balsamo, que contém, tanto as capsulas, como o calix e folhas, em pequenos foliculos espalhados na superficie destas partes, o que dá a vista de pequenos pontos denegridos; bem como o oleo essencial da laranja e do limão, que he igualmente contido em pequenos foliculos na superficie da casca. Eu tenho obtido algumas porções desta substancia, raspando e expremendo com a lamina de huma faca a superficie da capsula. O cheiro e a propriedade de se dissolver no espirito de vinho me dizem, que se póde arranjar no numero das rezinas cheirosas, ou balsamos.

( *Continuar-se-há.* )

*Memória sobre a plantação e fabrico do Urucú.*  
por B\* ,

**M**R. Leblond cultivador em Cayenna, entre outros serviços que prestou á agricultura, deo-se á cultura e fabrico do urucú, do que tirou grande partido; sobre este artigo apresentou as suas observações ao Instituto de França, e sendo encarregado de as examinar Mrs.

Desfontaines , de Jussieu , Cels , e Vauquelin , todos convierão da sua utilidade : á amizade de Mr. Leblond devi a communicação deste seu trabalho ; e he o suco da sua memoria e conversação a este respeito que vou dar ao publico convencido de que pôde ser util ao meu paiz.

## PRIMEIRA PARTE.

### *Cultura do Urucuzeiro.*

**O** Urucuzeiro he a *Bixa Orellana* de Lineo , e da familia das Tilliaceas : floresce em ramilhetes de cor vermelha desmaiada , e ás flores succedem capsulas cobertas de pontas moles , e assás semelhantes ao ouriço das castanhas ; são verdes ao principio , e passáo gradualmente á carmezim , cor que tem quando estão maduras : e conhece-se que o estão , quando apertadas estallão ; he então o momento da colheita , pois que inais tarde abrem-se por si , e as chuvas causão perda da materia colorante.

As lagartas não atacão o urucuzeiro , as chuvas e humidade lhe são favoraveis ; o seu maior inimigo he o grande calor.

Esta arvore he indigena d' America meridional , e entre os tropicos e paizes quentes da mesma ; e huma vez que se suba a quinhentas toezas do nivel do mar , senão encontra ; assim buscar-se-hião em vão em Pamplona ,

Santa Fé, Quito &c. &c. O uso que os Índios fazem do urucú pintando o corpo, deu a idéa de o empregar na tinturaria; a cubiça fez com que o pizassem; macerassem, e fermentassem, para augmentar o pezo, mas a venda lhe não correspondeo, e a diminuição do preço fez esmorecer a cultura, de modo que nas Ilhas do vento ex gr. apenas resta a lembrança de o haverem cultivado. Os habitantes porém da Guyana franceza reduzidos só á cultura das terras que senão inundavão, por necessidade continuarão com o urucú, mas cahio de preço, e a cultura foi desprezada, todavia tornarão-a a abraçar, e se exportarão desde 1790 até 1792 de 237 á 372 milheiro: e finalmente aproveitarão para esta cultura os pantanos esgotados.

Esta planta vem igualmente bem de semente e de estaca, se as primeiras retardão mais a colheita, em contraposição as arvores são melhores; e durão mais, fórmão-se viveiros, e chegando as plantas á altura de 10 polegadas, são boas de transplantar; os viveiros devem ser bem limpos, e renovados para poderem suprir ás faltas da plantação.

Segundo a qualidade da terra he que se deve marcar a distancia das arvores; esta deve ser tal que os ramos se não cruzem afim de que o ar e a luz circulem livremente, e a inflorescência de todos os ramos se facilite; 22 pés he a distancia, que em geral se pôde mar-



car nas boas terras, pois que seus ramos occupão o espaço de 20 pés, nas terras altas e más apenas occupão de 8 á 9 pés. Aos quinze mezes floresce, e seis mezes depois dá a primeira colheita, que se pôde avaliar em 250 libras por quadrado de 50 toezas, e nos 6 mezes seguintes dá ainda 250 libras; no anno seguinte apenas dá 200 libras, e depois murcha e morre. Nas boas terras altas, sobe á 15 pés, e mais alto subiria, se quando chega á 4 ou 5, se decotasse, então ramaria por baixo, o que seria vantajoso. Em taes terras exige a distancia de 18 á 20 pés de planta á planta, e dura de 6 á 8 annos, começando a produzir aos 18 mezes; e cada quadrado chega a dar até 2 mil libras por anno, quando tem dois annos he huma planta completa, mas desde o 5.<sup>o</sup> começa a diminuir de producto. Este porém nas terras baixas he mais vantajoso, e só para o 7.<sup>o</sup> anno he que começa a diminuir; aos 20 mezes dão até 3 mil libras por quadrado, e aos dez annos ainda dão metade.

A plantação d'urucuzeiros deve ser o mais bem alinhada que o terreno permitir, bastava a boa vista para isto se não desprezar, com effeito difficilmente se encontrão arvores mais lindas, ou estejão em flor, ou em fructo, o bello carmesim deste contrasta admiravelmente com o verde claro das folhas; de mais, alinhando as arvores, dá-se com certeza a distancia devida de pé á pé, os trabalhos da limpa

e colheita são mais faceis ; sabe-se que entre duas arvores separadas de 18 á 20 pés são precisas tres pessoas para a largura da rua , e que 33 arvores dão a tarefa ordinaria de cem toezas.

Os urucuzeiros exigem cuidados e limpeza mormente nos dois primeiros annos ; deve-se evitar nas limpas o ferir-lhes as raizes em quanto são novos : convem chegar-lhes terra ao pé , e afastar deste a herva provinda das limpas , por que fermentando o queimaria. He uzo constante derrubar as primeiras flores , a fim de dar a arvore tempo de crescer e fortificar. Se vierão de semente , não se deve deixar senão o pé mais vigorozo , quando tiver chegado a altura de 9 ou 10 polegadas ; he máo o methodo de deixar dois. Deve haver o maior cuidado em substituir , com plantas do viveiro as que morrem. A tarefa de hum negro he de 100 até 120 toezas e huma de largo , segundo a difficuldade do trabalho.

Durante as grandes chuvas a herva crece muito , limpar então á enchada he por a terra em torrões ; convem nessas ocações fazer a limpa com o alfange , ou foice , o que além de abreviar o trabalho , não volvendo a terra , impede as enchorradas de levar-lhes o humus , e sucos necessarios ás plantas ; esta tarefa he de 150 toezas por pessoa. Sendo mui farta de medula esta planta , as parasitas , mormente o Agárico ou Visgo , a perseguem , e he raro que havendo descuido , não esteja perdido hum tabo-

leiro, chegando á idade de 2 annos; he pois de summa importancia extirpa-las. Todavia outro inconveniente há então nas boas terras, e he que a planta vem a ter seiva exuberante, e sendo os ramos nimiamente quebradiços, na limpa das parasitas os negros quebrão muitos, o que augmentando mais o excesso da seiva dá origem a infinidade de rebentões e ramos ladrões, que fazem mal ao producto da arvore. Obvia-se porém este inconveniente com o decote repetido duas vezes por anno, cada hum immediatamente depois de cada colheita. No decote devem-se abater os ramos mal dispostos, aquelles que estão mui proximos huns dos outros, os secos, ou que tem a casca destruida, e mormente os ladrões, que mui bem se distinguem, por serem direitos, ou verticaes, recentes, e mais verdes do que os outros: tirão-se com a mão em quanto novos, ou com a podoa, se estão já fortes: he mister grande cuidado nesta operação, e he bom não faze-la por tarefa.

## SEGUNDA PARTE.

### *Colheita e fabrico do Urucú.*

**O**ito cestos, tendo cada hum capacidade para hum barril de farinha, he a tarefa por dia quando a colheita he abundante, e estando as arvores menos carregadas, então a tarefa he de seis cestos, e de 3 quando o estão ainda me-

nos. 8 destes cestos de urucú descascado devem produzir hum barril de semente: resta depois o rabisco, que se faz por dias.

Grande vigilancia he preciza para que os negros a fim de acabarem cedo a tarefa, não deixem as arvores pouco carregadas, colhão frutos verdes, e quebrem os ramos com seus ganchos: para evitar isto não se consentirão mais de dois negros em cada linha d'arvores, hum á direita outro á esquerda, e que todos marchem do mesmo lado, a fim de que não escapem á vista do feitor. Colhido o urucú, transporta-se para a manufactura, onde se verificão as tarefas.

Descaroça-se o urucú, abrindo-se a capsula; com o polegar, e o index apanha-se a pelicula a que estão pegadas as sementes; e estas facilmente se despeção: as negras e muleques são mais aptos para esta operação, que de ordinario he o passatempo dos serões.

Depois de separadas as sementes, pilão-se, e 17 negros devem dar por dia hum milheiro ou 30 barris, muitos lavradores quizerão empregar moendas, ou cilindros postos horizontalmente para este trabalho, mas, ou fosse falta de precizão na execução das maquinas, ou outra qualquer razão, não alcançarão o fim dezejado, e nem tambem servirão ás mós de moinho, e continuarão com os pilões, trabalho longo e muito pezado. Arranjão-se debaixo de hum alpendre, que tenha agoa perto, coberto de palha e aberto dos lados, as canoas e utensilios ne-

cessarios á manipulação do urucú, e tambem hum pilão, diversas canoas, huma para macerar, outra na qual se depõe o residuo á proporção que se tira do maceradoiro, outra em que se precipita o urucú, e he a maior, devendo ter de 8 a 10 vezes mais capacidade do que o maceradoiro, estabelece-se no mesmo lugar hum forno com caldeira, e são mais precisas varias celhas, cuias, pás, e peneiras. O pilão deve ser de grandeza accomodada ao trabalho, que se tem que fazer, e de madeira rija, e quanto ás chamadas mãos do pilão, são d'ordinario de  $4\frac{1}{2}$  pés de longo, 3 polegadas de diametro, e as duas extremidades bem boleadas. O maceradoiro recebe a semente ao sahir do pilão, dilue-se em agoa, que a cobre a penas, onde fica até ser espremido, e espera-se para esta operação o tempo de chuva, quando os negros não podem ser empregados em outros serviços, vindo assim a estar em maceração muitas vezes até mezes, o que he muito mal entendido. Os negros em roda do maceradoiro, fazem com as mãos bolas de urucú e as lanção nas peneiras, e destas são levadas para a canoa de descarga, onde são cobertas de folhas de bananeira; ficão alguns dias assim até soffrerem hum principio de fermentação, então he de novo pizado, e levado ao maceradoiro, e estas operações, que se repetem 4 a 5 vezes, em lugar de melhorar, damnifica a qualidade do urucú: mas augmenta-lhe o pezo, e o lavrador goza do seu engano.

Não restando mais semente no maceradoiro, a agoa estando em consistencia de massa liquida, he levada á canoa, onde deve precipitar, sendo passada por peneiras finas, que dem passagem á corpos estranhos; as peneiras de pano não são boas, pois que com o raspar para ajudar a passagem, rompem-se. O urucú nesta canoa fica a depor por espaço de 15 dias no Estio, e o dobro, e mesmo mais, no tempo das chuvas.

Depois de precipitado o urucú, leva-se a sua agoa para o maceradoiro, e tem-se notado que ella o precipita em hum terço menos de tempo do que a agoa ordinaria, sem que mesmo se possa suspeitar que seja devido á fermentação que se desenvolve na tina, e que he mais prompta no tempo seco do que no chuvoso e frio. Esta fermentação dá origem a hum acido, que neutraliza o alkali, (1) que abandona o urucú, e o deixa precipitar; ella he retardada, ou accelerada por circumstancias que os lavradores não sabem apreciar, e por mais que digão, não posso convir que a levem ao ponto de putrefacção a que chega: com effeito isso deve deteriorar a qualidade do producto, o que só bastava para obstar á ella, quando não fosse de mais o cheiro insuportavel que se desenvolve, e causa molestias analogas ás que atacão aos limpadores das cloacas.

---

(1) Este alkali foi descoberto por Mr. Vauque lin.

Huma vez precipitado o urucú , póde ser cozido ; e conhece-se pela agoa que tem perdido a sua cor avermelhada. Leva-se pois o urucú para a caldeira , e faz-se evaporar , e á medida que a agoa se consome , lanção-lhe nova , hum ou dous homens continuamente raspão o fundo e lados da caldeira com pás de ferro e cabos de pau ; e acaba a operação logo que se não vê mais a agoa ferver , e que por entre a maça já espessa , escapão apenas algumas bolhas. Tira-se então o fogo e deixa-se arrefecer : esta cocção dá ao urucú huma consistencia , que não tem o que he obtido pela lavagem.

Tendo arrefecido , he posto em caixas de sete á oito polegadas de altura , expõem-se estas caixas ao ar livre , mas á sombra , pois que o sol lhe daria huma cor negra ; nesse estado se deixa sccar até o ponto em que , entrando-se-lhe os dedos , se suspenda huma massa de 15 arrateis pouco mais ou menos. Este he o estado em que os lavradores da Guyana levão o urucú ao mercado , e dentro de cestos bem forrados de folhas , pezando cada cesto 70 arrateis , que he a carga de hum negro.

Para embarricar o urucú , põem-se duas grandes folhas em cruz , e sobre ellas huma maça de 12 libras em fórmula de pão , do diametro da barrica : cobre-se com outras duas folhas , e põem-se assim no fundo da barrica , acamão-se deste modo 3 ou 4 pães sobre os

quaes se applica hum taboa com hum pezo de 50 libras , e do mesmo modo se continua até encher a barrica , que deve pezar de 340 á 360 libras ; isto feito , tapa-se.

Passando o pezo das folhas a mais de 6 por cento , he fraude , mas esta tem hido a ponto até de se acharem mesmo pedras nos barris. Porém a peor das fraudes he deixa-los vazios , e enche-los depois com agoa.

Havião em Cayena pessoas nomeadas pelo Governo para o exame do urucú ; e a prática era tomar hum onça em hum guardanapo , ensopa-lo , e espreme-lo em hum copo até descarregar toda a cor ; pezava-se então o residuo , e se passava de 45 grãos , o urucú podia ser refugado ; e decidião do mordente esfregando-o na unha que ensaboavão , e lavavão depois ; senão deixava marca avermelhada podia ser refugado igualmente. Tal he a pratica seguida na manipulação do urucú , e a descrevi para que melhor se notem os seus defeitos , os quaes passamos a relevar.

Mr. Leblond apresentou o seu trabalho em Pariz á Mrs. Fourcroy e Vauquelin , e das experiencias feitas com sementes levadas de Cayena , desses dous celebres Chimicos nascerão novas luzes , e concluirão que , em vez de pilar o urucú , melhor seria depois de descascado po-lo á macerar até inchar á ponto de poder-se esmagar entre os dedos , para mais facilmente se separar a materia colorante.



Em vez de poupar a agoa, conviria que ella cobrisse a semente na altura de 4 á 5 polegadas a fim de dar ao urucú todo o espaço necessario para melhor separar, e dar mais fluidez para ser peneirado. Os negros farião quarto, e mecherião, e esfregarião as sementes entre as mãos; esta operação continuaria até que por ensaio feito á parte, se conhecesse, ajuntando-se nova agoa, que havia deixado toda a materia colorante. Depois levar-se-hia esta agoa para a tina, aonde deve precipitar, sendo ahi passada pela peneira, e a semente depois de peneirada e lavada repetidas vezes, seria lançada fóra.

Sendo mister desembaraçar as tinas da grande quantidade d'agoa empregada em separar o urucú, e consequentemente faze-lo precipitar, propomos o vinagre (1), acido de que se pôde obter a quantidade que se quizer. Segundo o methodo de Chaptal (2) o vinagre lançado na tina precipitante, antes, ou depois de vazar a

(1) Esta proposição he para accelerar o trabalho, o que se pôde dispensar querendo-se ir mais lentamente.

(2) Processo sumamente facil para o que se pôdem empregar muitos vegetaes taes quaes o arizões, millio, cannas d'assucar, batatas, inhames, quiabos, &c. ajuntando sómente em huma barrica d'agoa, huma porção de sumo de limão ou d'ananás, &c. Vid. Chimica de Chaptal.

agoa carregada de urucú , produziria o effeito desejado.

Conhecer-se-hia que havia acido sufficiente pelo ensaio da mistura em hum copo de vidro ; estando assás faturado , ver-se-hão as parcelas do urucú separadas nadarem ; em caso contrario ajuntar-se-hia mais vinagre ; e estar-se-hia seguro de que todo o urucú precipitaria de hum dia para outro.

Em vez de cuias e baldes , seria melhor varzar a agoa por catimploras , ou por furos praticados em diversas alturas da tina , cujas rolhas se tirarião na altura que a agoa sobrenadasse ao precipitado : o urucú seria então levado á caldeira para evaporar toda a agoa , e não porque tenha necessidade de ser cozido ; ou mesmo poder-se-hia livra-lo de toda a agoa por meio dos coadoiros de pano , como se faz ao anil.

Segundo os melhores tintureiros francezes , ha urucú tal , que precisa ser empregado em 3 partes mais do que o bom para dar a mesma cor. Ora esta perda de materia colorante de hum para tres parece devida á fermentação putrida muito prolongada que soffre , como acontece com o anil , quando fermenta em demazia ; inconveniente á que se obstaria pelo nosso methodo , no qual não ha fermentação alguma , e com effeito o que he preciso he separar a materia colorante da semente , na qual ella se acha formada.

Segundo os Tintureiros o urucú de lavagem dá hum lustro vivissimo ás sedas ; e linda

cor , e para se obter o mesmo com o urucú do commercio , seriam precisas 4 vezes mais ; e que 5 partes de sementes , taes quaes as arvores as produzem , dão pela lavagem ao menos huma parte do urucú sem manipulação alguma , mas vale tambem quatro vezes mais do que o do commercio , e tem a vantagem do menor volume , e exige menos preparos para ser empregado.

Ora , se pelo outro methodo se obtem em urucú metade do pezo das sementes ( o que he sem duvida exagerado ) 5 mil libras de sementes dão 2500 d'urucú ordinario , e pela lavagem , e sem pilar darião mil ; porém estas contendo 4 vezes mais materia colorante , e valendo  $\frac{1}{4}$  vezes mais , temos que muito , mais vantajozo he o extrahir o urucú só pela lavagem.

Vemos do exposto 1.<sup>o</sup> que pelo methodo novo o lavrador , além do grande beneficio , poderia dobrar a sua plantação com o mesmo numero de braços ; que o Mercador tendo hum volume 4 vezes menor ganharia tambem , e que o Tintureiro não seria enganado , e teria menos trabalho empregando esta cor.

Mr. Decurel filho, Tintureiro de Paris assegura que huma libra de urucú do commercio faz o mesmo effeito que 4 onças do preparado como indicamos.

O Ex.<sup>mo</sup> Antonio. de Araujo , que se esmera todo no que pode ser de utilidade á este paiz , em Novembro de 1809 , vindo de Santa Cruz , trouxe huma porção de sementes do uru-

cú, e o seu genio prescrutador da Natureza não descansou sem que debaixo da sua direcção e no seu laboratorio visse José Caetano de Barros fazer ensaios sobre essa produção, dos quaes eis o resultado.

Principiou o processo no dia 6 de Dezembro ás 5 horas da tarde. Pezou 3 onças de urucú pizado, e o lançou em 5 onças de agoa comum, passadas duas oras o liquido tomou a consistencia de pasta hum tanto rija; lançou-lhe mais 5 onças d'agoa: no dia 7 á tarde appareceu na superficie bastante espuma, e cheiro analogo ao do leite pouco fermentado. No dia 9 o mesmo cheiro, e huma crusta fina e branca. No dia 11 nova crusta e cheiro mais forte. Nos dias 12 e 13 desenvolveo-se fetido insupportavel. No dia 14 já não era tanto. No dia 15 passou a agoa para outro vaso, e sobre o bagaço (depois de pizado de novo) lançou nova agoa, e duas horas depois a tirou, e separou, lançando-lhe nova agoa. No dia 17 notou nas 3 superficies pellicula amarelada, e menor cheiro e assim ficou até o dia 22, em que ajuntou as 3 porções d'agoa livre do bagaço, e a levou ao fogo, onde esteve emquanto apparecerão espumas, as quaes tirava á proporção que subião á superficie, evaporou depois estes á fogo brando até o ponto de ficarem em huma massa analogá á do pão, tirou-a do fogo, e lançou-a sobre huma meza, onde ficou em estado de se lhe dar

a forma que se quizesse = o total erão 3 onças.

|                          | onç | oit       | gr |
|--------------------------|-----|-----------|----|
| Pezava a massa . . . . . | 7   | . . . . . | 58 |
| o bagaço 2 . . . . .     | 2   | . . . . . | 8  |
|                          |     |           |    |
|                          | 2   | 7         | 66 |

No mesmo laboratorio trata-se de levar avante os ensaios sobre o urucú, bem como se tem feito sobre outros artigos summamente interessantes como a porcelana, destilação de diferentes licores, &c.

Seria do maior interesse que tão digno desejo de conhecer as produções do mais rico dos paizes se propague, e que não deixemos ignorados, e nos privemos a nós e ao resto do mundo das vantagens e riquezas de que somos possuidores.

---

## HYDROGRAPHIA.

*Methodo, que se seguiu no trabalho Hydrographico da Planta do Porto do Rio de Janeiro, levantada por Ordem do Serenissimo Senhor Infante Almirante General, em o anno de 1810.*

1.º

**A** base das operações foi tomada na face do S. da Ilha do Governador, contando-se da Ponta do Galião para E. té ao Campo de São Bento, onde termina; esta base he de 7200, 09  
d

pez Inglezes, ou 10000 palmos, grandeza a mais satisfatoria para o progresso do trabalho, por quanto os seus extremos com o ponto que immediatamente se offerece a determinar formão hum triangulo equilatero proximamente; a operação da medição foi executada pelo Capitão de Fragata Manoel Ignacio de Sam-Payo, e os mais Officiaes então empregados, com o maior escrupulo, e exactidão, servindo-se para isto de tres instrumentos differentes, a saber a cadeia de 100 pez Inglezes, outra dita de 100 palmos, e o Escantilhão, medida Portugueza de duas braças, os rezultados desta tripla medição forão proximamente os mesmos, sendo porém o medio o que se deduzio da medida pelo escantilhão, o qual se adoptou. Da combinação dos resultados destas differentes medidas, se deduzio mui exactamente a razão do pé Portuguez ao Inglez, o que melhor se vê na Arithmetica de Biot, modernamente traduzida pelo Major do Real Corpo de Engenheiros Francisco Cordeiro da Silva Torres.

## 2.º

Seguia-se aqui o mappa incluzo dos triangulos, que rezolvidos determinarão os differentes Pontos; o qual daremos em outra occasião.

## 3.º

As margens, como se vê na Planta, são de

tres especies distinctas, a saber arenozas, pantanozas, ou pedregozas, as partes tranzitaveis; como praias d'area &c. forão contornadas com a plancheta, orientando-se sempre este instrumento por pontos bem calculados; as outras impraticaveis ao uzo dos instrumentos, que vem a ser os lugares pantanozos, e pedregozos, determinárão-se do modo seguinte. Collocavão-se dois observadores, cada hum com hum theodolito, em dois differentes lugares, que formassem com qualquer ponto, que se tomasse no espaço, cujo contorno se dezejava, hum angulo entre  $60^{\circ}$  e  $120^{\circ}$  (1), ao mesmo tempo outro observador hia axaminar o dito espaço, que se pertendia contornar; e nelle escolhia tantos pontos, quantos fossem precisos para que, unindo-se por meio de humma linha, desse exactamente a configuração do terreno; em cada hum destes pontos escolhidos, fazia hum signal, que era observado por ambos os theodolitos differentemente collocados, ficando pelo cruzamento destas duplas observações determinados os ditos pontos, e pela união delles contornado com humma exacção satis-

d ii

---

(1) Quando se determina hum ponto por meio do cruzamento de observações, deve-se procurar que ellas se não cruzem em angulo muito agudo, ou muito obtuzo, porque em ambos os casos o ponto de contacto das linhas fica muito incerto.

factoria o espaço, que se pertendia. Este methodo concilia a exacção, e a brevidade, pois que repetidas observações, que fiz, a este respeito, me derão a conhecer que, uzando d'elle em 3 horas se contornava o espaço de huma legoa, quando por meio da plancheta no mesmo tempo se não adianta  $\frac{1}{3}$ , por quão habil seja o empregado, occupando aliás o mesmo numero de cooperantes.

As sondas serão analogamente determinadas pelo cruzamento de observações simultaneas, feitas com dois theodolitos differentemente collocados, referirão-se todas ao baixamar d'agoas vivas, para cujo fim se tinha cravado verticalmente n'huma praia huma vara metricamente graduada; durante o trabalho da sonda se observava na dita vara, o gráo de altura d'agoa acima do baixamar, e por este modo se diminuia a cada huma das sondas, a correspondente correção, quando succedia não serem feitas mesmo na crise do baixamar.



*Observações, e Calculos, que derão a conhecer o Estabelecimento do Porto.*

Em o dia 17 de Abril de 1810, marcando o Relogio 11<sup>h</sup> 43' 8'' se observou com o Theodolito a alt. do ☉ 53<sup>o</sup> 8'; Erro do Instr. 1' 30'' subt.

|                           | Angulo Horario           |   |
|---------------------------|--------------------------|---|
| Alt. Obsv. ☉              | 53 <sup>o</sup> 08' 00'' | } Com outra observação semelhante, que se fez neste mesmo dia, se deduzio o erro medio do Relogio 0 <sup>h</sup> 44' 57'' |
| Erro do Instrm. —         | 1 30                     |   |
|                           | <hr/> 53 06 30           |   |
| Sem-di. do ☉              | + 16 00                  |   |
|                           | <hr/> 53 22 30           |   |
| Ref. — Parl.              | 34                       |   |
| A. V. do cen. ☉           | 53 21 56                 |   |
| Dist. Polar.              | 100 22 35                | art. sen. 0,0071623   |
| Lat.                      | 22 54 12                 | ar. sen. 0,0356618  |
| Soma                      | <hr/> 176 38 43          |   |
| $\frac{1}{2}$ Soma        | 88 19 21                 | cos. 8,4665497  |
| $\frac{1}{2}$ Soma — Alt. | 34 54 24                 | sen. 9,7581098  |
|                           |                          | Soma. <hr/> 18,2674956  |
|                           | 7 49 13 $\frac{1}{2}$    | Soma. 9,1337478   |

|                          |          |   |          |
|--------------------------|----------|---|----------|
| Ang. Hor.                | 15 38 26 | = | h ' "    |
|                          |          |   | 1 02 34  |
|                          |          |   | 12 00 00 |
| Hora Verdadeira.         |          |   | 10 57 26 |
| Hora do Relógio.         |          |   | 11 43 08 |
| Adiantamento do Relógio. |          |   | 45 42    |

No mesmo dia 17 se observárão as seguintes alturas correspondentes da maré ás horas marcadas.

|                  | Antes do Preamar | Depois do Preamar      |                         |
|------------------|------------------|------------------------|-------------------------|
|                  | h ' "            | h ' "                  |                         |
| 1. <sup>a</sup>  | 0 40 00          | 4 14 30                |                         |
| 2. <sup>a</sup>  | 0 53 00          | 3 47 50                |                         |
| 3. <sup>a</sup>  | 1 26 30          | 3 33 00                |                         |
| 4. <sup>a</sup>  | 1 50 30          | 3 18 00                |                         |
|                  | h ' " Alt. med.  | h ' "                  |                         |
| 1. <sup>as</sup> | ( 0 40 00 )      | 2 27 15                | D. d. Long. ) 152 45 00 |
|                  | ( 4 14 30 )      | do ☉ a da ☾            | -----                   |
| 2. <sup>as</sup> | ( 0 53 00 )      | 2 20 25                | Correc.                 |
|                  | ( 3 47 50 )      | + 45 00                | -----                   |
| 3. <sup>as</sup> | ( 1 26 30 )      | 2 29 45                | H. da p. ☾ ) 10 21 00   |
|                  | ( 3 33 00 )      | p. mer. inf. )         | -----                   |
|                  |                  | soma.                  | 11 06 00                |
| 4. <sup>as</sup> | ( 1 50 30 )      | 2 34 15                | H. do Preamar.          |
|                  | ( 3 18 00 )      | -----                  | 13 42 58                |
|                  |                  | 9 51 00 Est. d. Porto. | 2 36 58                 |

H. do Preamar }  
 Pelo Relogio. }<sup>2</sup> 27 55  
 Erro do Rel. - o 44 57 Par. horiz. da Lua

H. V. do Preamar. }  
 1 42 58 }  
 o ' ' }  
 oo 57 oo }

Semelhantemente se calculou o Estabelecimento do Porto para os dias 18, 19, 20, e 21 do mesmo mez, cujos resultados forão os seguintes :

|                                 | Abril.                     | h  | '  | "    |      |              |
|---------------------------------|----------------------------|----|----|------|------|--------------|
| Dias em que se fizeram as Obsv. | {                          | 17 | 2  | 36   | 03   | } Estabeles. |
|                                 |                            | 18 | 2  | 39   | 35,5 |              |
|                                 |                            | 19 | 2  | 28   | 26   |              |
|                                 |                            | 20 | 2  | 32   | 41   |              |
|                                 |                            | 21 | 2  | 29   | 45   |              |
|                                 | soma.                      | 12 | 46 | 30,5 |      |              |
|                                 | Estabeles. medio de todos. | 2  | 33 | 18,1 |      |              |

Estas Observações forão feitas na occasião da Lua cheia, que succedeo no dia 19. No dia 3 de Maio, dia da Lua nova se fizeram novos calculos, e se obtiverão os seguintes resultados.

|                                 | Maio  | h | '  | "  |    |                |
|---------------------------------|-------|---|----|----|----|----------------|
| Dias em que se fizeram as Obsv. | {     | 3 | 2  | 28 | 06 | } Estabelesci. |
|                                 |       | 4 | 2  | 38 | 35 |                |
|                                 | soma. | 5 | 06 | 41 |    |                |

|                        |           |
|------------------------|-----------|
| Estabecimento medio.   | 2 33 20,5 |
| D.º pel. Ob. na L. ch. | 2 33 18,1 |
|                        | <hr/>     |
| soma.                  | 5 06 38,6 |
| Estabel. adopt.        | 2 33 19,3 |
|                        | <hr/>     |

|                                      |         |                   |
|--------------------------------------|---------|-------------------|
| Hora observada, e correcta do Preia- | } h ' " | 2 48 26           |
| mar no dia do Plenilunio.            |         |                   |
| Dita no dia do Novilunio             |         | 2 49 06           |
| Rumo a que demora a Lua              |         |                   |
| na occasião do Estabelesci.          |         | 38º 19' 30".NO,SE |

Todas as observações d'Alturas do Sol, forão feitas com os theodolitos nivelados como Quadrantes, com a cautella de se lhes determinar o erro.

As observações da maré forão executadas, cravando verticalmente proximo da praia, huma vara graduada, e observando com a maior attenção sobre a dita vara, as alturas d'agoas correspondentes, antes e depois do Preia mar, e não muito affastadas d'elle; vindo deste modo a ser a hora do preamar observada a media de todas as correspondentes, em tudo conforme ao methodo, que para este fim expõe Mr. Biot no seu moderno tratado de Astronomia Fizica. Estas operações forão executadas em praias muito abrigadas, e assás proximas da Barra, para que o seu rezultado se possa tomar como na mesma Barra, onde a grande oscillação das agoas, parece fazer impraticaveis similhantes observações, muito principalmente

sem os instrumentos proprios para esse fim como tubos de vidro &c.

*N. B.* Por algumas observações, que modernamente tenho feito, vim no conhecimento da alteração que tem acontecido em alguns dos canaes estreitos deste Porto, por exemplo o canal, que vem da ponta do Trem ao morro de S. Bento, tem profundado desde que se levantou a Planta até o presente, dois palmos, ao mesmo tempo que em cima do baixo que limita o dito canal, se encontra menos  $1\frac{1}{2}$  d'agua; por huma serie de observações semelhantes se pôde com muita aproximação calcular o estado dos canaes, e baixios, que os formão daqui a hum certo espaço de tempo, e taes observações serão muito proveitozas, pois por ellas se conheceria o que se devia emprender para accelerar, ou impedir a influencia das correntes, que motivão as mudanças de estado dos ditos canaes, conforme esta mudança fosse, ou não proveitoza á belleza do Porto.

D. J. B.

## M E D I C I N A.

*No anno de 1798 se propoz por Acordo da Camara desta Cidade a varios Medicos, hum Programma que tinha por objecto os quesitos seguintes.*

## P E R G U N T A - S E

1.º **Q**uaes são as molestias Endemicas da Cidade do Rio de Janeiro, e quaes as Epidemicas.

2.º Se he huma das principaes causas das primeiras, e do máo successo das segundas, o clima nimiamente humido e quente.

3.º Se são causas da humidade 1.º a summa baixeza do pavimento da Cidade relativamente ao mar e bahia, que a cerca pelos tres lados de Lest-Sueste, Nordeste, e Nor-Nordeste, de sorte que apenas se eleva do nivel das agoas das marés cheias de 5 a 11 palmos desde as praias até á maior distancia dellas no campo de Santa Anna, distante do mar 700 braças; 2.º a pouca expedição, que tem as agoas das chuvas copiosissimas, principalmente de verão, e enxugadas então quasi só a força do grande calor do sol, mas em muitas partes sempre estagnadas; 3.º a pouca circulação do ar pelas ruas da Cidade e interior dos edificios.

4.º Se são causas do calor 1.º o impedimento, que fazem á entrada dos quotidianos ventos matutinos ou terraes, que sopraõ da parte do Nordeste, Norte, e Noroeste, os morros, que correm de S. Bento até S. Diogo, na direcção de Lest-Nordeste, e á dos vespertinos, ou virações mais fortes que os primeiros, constantes da parte do Sueste, Sul, e Sudoeste, os morros do Castello, Santo Antonio, e Fernando Dias parallellos aos outros, de sorte, que fica a Cidade situada entre as duas cordas dos ditos morros, e inteiramente ao abrigo dos ventos; 2.º a direcção das ruas ao Nordeste e Sudoeste de sorte que todas as casas são banhadas do Sol inteiramente de manhã e de tarde.

5.º Se são causas das mesmas doenças, 1.º as immundicies, que se conservão dentro da Cidade, 2.º as agoas estagnadas nos seus arrabaldes, como em Mataporcos e Catete, pela baixeza do mesmo terreno.

9.º Quanto deverá ser elevado o pavimento da Cidade, e os edificios para remediar aquella humidade, e haver sahida para as immundicies.

7.º Quaes são as outras causas moraes e dieteticas das ditas doenças.

*Resposta, que deu o Doutor Manoel Joaquim Marreiros, aos quesitos precedentes.*

**H**Avendo de tratar-se sobre as doenças de qualquer Paiz; he de necessidade o recorrer ao exame das cousas chamadas não naturaes, para descobrir as causas.

O Rio de Janeiro, situado quasi debaixo do Tropico de Capricornio, e proximo a escapar á Zona Torrida, occupa lugar na extremidade de huma vastissima planicie, que representando o fundo de huma bacia, he circulada por huma cadeia de serras empinadas, mananciaes de copiosissimas agoas, as quaes, apezar de caudalosos rios, que as conduzem ao braço do mar, intromettido em fórma de huma bahia, em muitas partes estagnão, pela pouca inclinação do terreno, todo baixo a respeito do nivel do mar, evaporando-se lentamente por falta do movimento do ar: este degenera da sua pureza impregnado de agoa, hydrogenio, e inflammavel, proveniente dos charcos e da mesma terra em geral, que apresentando a superficie torrada, occulta a superabundante humidade a poucas polegadas de profundidade, dispõe os corpos para as acrimonias particulares, matrizes de erisipelas, impigens, sarnas, edemas chronicos, e da doença vulgarmente chamada Mal de São Lazaro, de febres remittentes ordinariamente nervosas: de innume-



raveis iudisposições de entranhas, principalmente bofe, e figado; do que provém numerosas tísicas, e os vulgarmente denominados tuberculos, que consistem essencialmente em huma obstrucção do figado, interessando por consenso o bofe.

Todas estas enfermidades eu as reputo indemicas, como abaixo responderei, pelas singularidades que as acompanhão, pois em todas mais, ou menos, se pôde mostrar alguma differença a respeito das discripções traçadas segundo as observações feitas em outros Paizes, além de apparecerem em todos os tempos do anno, nos quaes indifferentemente se encontrão as ditas remittentes nervosas, erisipelas, catharros &c.; ainda que tudo mais enfurecido nos mezes quentes e humidos, isto he de Outubro até Março. A respeito do ar, nota-se aqui, que ordinariamente influem muito pouco nas enfermidades as mudanças de estações, porque estas se confundem, e nunca se podem dizer fixamente estabelecidas: existe porém huma continua variação de temperatura athmosphérica, desorte que em poucas horas sobe, e desce o Thermometro oito, ou dez grãos, e não abaixando de sessenta no mais intenso frio: daqui se pôde inferir quanto padecerão os corpos por transpirações repercutidas, espasmos suscitados por huma perpetua mudança de estado, e rotura de equilibrio da economia animal, regulando-nos pela segunda parte do

App: 1.<sup>o</sup> da Secc. 3.<sup>a</sup> de Hip. = „ *Tempes-*  
 „ *tatum anni mutationes potissimum morbos pa-*  
 „ *riunt, et in ipsis anni tempestatibus magnæ*  
 „ *mutationes, aut frigoris, aut caloris, alia-*  
 „ *que pro ratione ad hunc modum.* Esta origem de  
 enfermidades inevitavel só se poderia emendar,  
 ou para melhor dizer só viria a ser illudida,  
 oppondo-se-lhe huma bem acertada educação  
 physica, por meio do qual os corpos della  
 zombassem. A esta causa universal de insalu-  
 bridade se aggregão muitas mais particulares,  
 proprias a aggravar o defeito da athmosphéra,  
 como 1.<sup>a</sup> a direcção de algumas ruas dispostas  
 a estorvar que transitem livremente pelas casas  
 de tarde a viração, e de manhã o terral,  
 unicos correctivos do vicio do ar; 2.<sup>a</sup> a mal  
 entendida construcção de casas com pequena  
 frente, e grande fundo, propria a diminuir  
 os pontos de contracto de ar externo com o  
 interno; e sendo assim 3.<sup>a</sup> o terreno natural-  
 mente humido sobre que assentão as ditas ca-  
 sas, feito de peor condição pelas muitas agoas  
 çujas indiscretamente lançadas nas chamadas  
 areas das casas, ás quaes não obstante serem  
 descobertas, mal chega algum raio do sol per-  
 pendicular, e menos alguma particula do ar  
 livre: 4.<sup>a</sup> o desaceio das praças proveniente  
 dos despejos, cujos effluvios voltão para a Ci-  
 dade envoltos com os ventos, e os podem fa-  
 zer pestiferos: as Igrejas loucamente recheadas  
 de cadaveres por huma indiscreta devoção: a

valla, o cano, a cadeia, os esterquilinos vagos, em fim tantos depositos de immundices que ha bastante motivo a suscitar-se huma interessante questão = a saber, porque da reunião de tantas e tão poderosas causas de corrupção, esta se não levanta em hum gráo eminente? E assim seria a meu ver, se não fosse correcta pela saudavel exalação dos grandes matos vizinhos á Cidade, que são huma officina de ar vital, conforme as recentes observações feitas sobre os vegetaes; donde se deve concluir a importancia da conservação e propagação de arvoredos dentro e nas visinhanças das povoações taes como o Rio de Janeiro.

Não he menos attendivel no exame das enfermidades o artigo da dieta, em que se adoptão erros enormissimos: enfraquecidos os corpos, e arruinados pela influencia do ar viciado, acabão de o ser pelos mal escolhidos alimentos, entre os quaes mostra a experiencia, que he muito nocivo o uso do peixe; facillimo a corromper-se, e das misturas estimulantes, com que pertendem excitar a voracidade, e o appetite desvanecido pela debilidade natural: daqui resulta novo fermento para gerar acrimonias, que unidas á frouxidão predominante, produzem, ou doenças agudas de pessimo character, ou mais ordinariamente desafião a força da vida a promover a sua expulsão por meio de erisipelas, e de todo o

gênero de erupções agudas, ou echronicas conforme a idiocrasia do sujeito. A falta de emprego para numerosos individuos de ambos os sexos, mais principalmente feminino, tambem agrava todas as causas, estragando a constituição phisica, e mórál. Depois deste pequeno numero de previas ponderações, passo a responder em breve ao primeiro quesito.

Que segundo a mais estreita definição de doenças endemicas, não achamos no Rio de Janeiro doença, que se não encontre em outros paizes debaixo de differentes elimas, e diversas temperaturas, muito principalmente nos que se achão em circumstancias iguaes ás deste: mas he certo que algumas enfermidades, vulgares em outras partes, aqui relusem com symptomas particulares no modo da invasão, duração e maneira de terminar, desorte que estas mesmas quasi se podem reputar endemicas em sentido rigoroso, e consistem principalmente em febres remittentes, inchações echronicas, sendo algumas de genero particular, a que eu daria o nome de crescimento vicioso, ou engrossamento sobrenatural de fibras: em ataques de peito, de que provém a tísica rapidissimamente confirmada, concluindo-se os doentes sem que passem pelos estados ordinarios em outros paizes, ou passando-os sempre atropeladamente: em embaraços de Figado promptissimo a occupar-se, e que neste estado, interessando com celeridade o bofe, produz frequen-

temente a doença conhecida pelo Povo com o insignificante nome de tuberculo, quasi sempre irremediavel, sendo aqui perceptivel o intimo consenso das duas entranhas, bofe e figado, pois que os tísicos acabão a sua rapida carreira sempre obstructos do figado, e os tuberculosos tambem perccem em breve espaço com grandes suffocações; e por fim concludo, que as doenças endemicas se confundem com as epidemicas, até as mesmas bexigas, que reinão em todas as estações e quasi nunca cessão. Ao segundo quesito respondo affirmando o que nelle se contém. — Ao Terceiro — Que se verifica quanto nelle se propoem, devendo considerar-se da maior importancia que o centro e as partes adjacentes sejam gradualmente mais elevadas, que as extremidades: rasão porque em muitas partes deverá ser o terreno rebaixado por lhes não competir tanta altura a respeito de outras mais centraes. = Ao quarto satisfaço dizendo que sim a tudo, e só accrescento que, não podendo evitar-se o damno, que provém de ficar a Cidade abafada pelas montanhas destas, comtudo se pôde tirar algum partido fazendo que sejam cobertas de arvoredos, o qual mostra a experiencia quanto ahi prospera. Para se decidir o que toca ao sexto era necessario hum esculpulo nivelamento. Para satisfazer ao septimo, nas ponderações preliminares apontei algumas causas dieteticas, que me parecem mais generi-

**cas.** Sendo inutil a indagação dos males, quando se não applicão os remedios, eu me adianto a propor alguns, os quaes eu faço consistir, pelo que pertence ao Physico, — 1.<sup>o</sup> exteriormente em elevar, e abaixar o terreno nos diversos lugares, como for conveniente para evitar o estagno das agoas: interiormente, em examinar, se as casas se achão com os seus canos desembaraçados para a expedição das agoas da chuva, admoestando os habitantes (vista a impossibilidade de coacção a este respeito) para que não lancem outras impuras nas suas pequenas areas, pelo damno, que lhes resulta de semelhante desatino. 2.<sup>o</sup> Em providenciar ao despejo da Cidade, desorte que se evite a fazer-se ao longo das praias, donde não havendo sahida pela fraca acção da maré em taes sitios se exhala o mais pestifero cheiro, que todos experimentão, e menos nos diversos esterquilinios, que a miseria e indolencia continuamente fabricão. Esta desordem he remediavel por meios dispendiosos, pois seria crueldade empregar a força sem facilitar o recurso. Já tem sido lembrado o arbitrio das barcas, que recebendo os despejos por pontes as mais extensas, que possivel for, na hora da vazante, sejam conduzidas a reboque até fóra da Barra, onde por valvulas se desonerem: este meio he dispendioso, pois requer ao menos a construcção de dez barcas, e de embarcações para o reboque, concertos, pagamentos de dez negros

para o serviço de cada huma com seus Guardiaens: o Publico podia concorrer pagando os proprietarios dos edificios conforme as braças da sua testada: este pezo se suavisaria com outra commodidade imaginavel, a saber, os negros alugados para o serviço das barcas, nas horas vagas dirigidos pelos seus Guardiaens, dever-se-hião empregar em conduzir huma tina de despejo de cada casa indistinctamente nos districtos certos por distribuição: os pobres desta sorte por hum pequeno augmento do aluguel das casas, virião a desfrutar huma commodidade que lhes custa muito mais na roda do anno: os mesmos negros poderião fazer o despejo quotidiano da cadeia, cujo cano devia ser entulhado: da mesma sorte a respeito dos Hospitales. Não deve esquecer a reforma e concerto da valla e cang, desorte que deixem de ser hum deposito infernal de immundicie. Pelo que pertence ao Moral, ganhar-se-hia muito em huma Policia exacta em conservar occupados os individuos de ambos os sexos, acautellando que se não demorem dentro da Cidade numerosas familias, que gemem debaixo da maior indignidade, apinhoadas em pequenas casas, onde comem mal, dormem peor, e respirão pessimamente em huma atmosphera pouco menos que sepulchral, dando-se-lhes destino, que os obrigasse ao trabalho campestre; até as mesmas mulheres ficarião de melhor fortuna, e a Cidade mais descarregada.

## L I T E R A T U R A .

## O D E .

*A' partida de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, de Portugal para o Brazil, feita em Paris aos 5 (a) de Janeiro de 1808, e recitada em presença dos Bons Portuguezes alli existentes*

*Por B. \*\*\**

Novus ab integro sæculorum nascitur ordo.  
*Virg.*

**O** Sceptro dos Bourbons em mãos alheias  
(He certo, oh Póvos, eu deliro ou sonho?)  
**O** Mundo faz tremer, baquear Thronos,  
E Novos Thronos ergue?

Marengo o nome teu lança no olvido,  
Oh Patria dos Catões, Patria dos Fabios,  
E tu, Germania, de teu lustre baixas  
D' Austerlitz nos campos?

No Templo da Memoria, oh Frederico,  
O certamen de Yena ao de Rosbach  
Com que magoa comparas? quanto pejo  
Friedland te cauza, oh Pedro?

---

(a) Dia, em que se annunciou em Paris a partida de S. A. R. e de Sua Augusta Familia.



Batavo creador, Batavo livre,  
A terra, que formaste, a Liberdade  
Deixas roubar, e affoitas vellas tuas  
Amédrenta Neptuno?

Que! D'Hespanha os Leões em ferros gemem?  
Britannico Leopardo, que! . . vacillas?  
Póvos, quem s'opporá da França avara  
A's Aguias destructoras?

Ronca a trombeta o som da guerra; eis partem  
Guerreiros batalhões, oh Lusitania,  
Teus filhos Marte horrendo, sim teus filhos  
Vai-te arrancar do seio:

Os campos tala . . . oh Ceos, sustei seu braço,  
Meus Irmãos afastai ao golpe infausto;  
Oh Ceo, salvai o Principe Adorado,  
A Mãi, a Esposa, os Filhos!!

Omnipotente Deos, se o voto escutas  
Dos humildes mortaes, ampara, ampara  
Dos Portuguezes Reis a Prole Augusta,  
A Prole, que tu amas!!

Do meu Principe o amor onde me arrasta? . .  
Onde . . o amor da Patria? . . como . . eu tremo!  
Sou Portuguez e tremo! . . hum braço invicto  
Portugal não protege?

No Portuguez Monarcha , oh França , encara  
Dos Braganças o Tronco ; vê que os Castros  
Albuquerque , Menezes nunca morrem ;  
Nunca morrem Pachecos.

Os braços , que dois Mundos vassallarão ,  
Erguendo as Nobres , vencedoras Quinas ,  
Para dos Gallos destroçar cohortes  
Só do signal dependem.

O tambor , a trombeta guerra estrugem ,  
Echo ao longe rebomba guerra , guerra ;  
Portuguezes ás Armas , eia ás Armas :  
E ás Armas correm todos :

O antigo brio , os feitos portentozos ,  
As passadas proezas se recordão ;  
D'este os Almeidas , dos Pereiras outro  
O Espirito endeôza :

Da Paz ao ocio o ferro acostumado  
Do Sol os raios já buido insulta ;  
A' vencer ou morrer promptos estamos  
Dizem ; e o imigo tarda.

Eis João Se mostra , e no semblante Augusto  
A Regia Magestade Resplandece ;  
Dos Inclitos Avós o brilho herdado ;  
Toda a Bondade Ostenta ;

O vosso amor, Meus Filhos, reconheço ;  
 Diz, Reconheço o brio Lusitano,  
 Sei que na vossa frente da Victoria  
     Colhera honrozos Loiros ;

Mas da Victoria ao carro segue o lucto,  
 A mais virente palma em sangue he tinta ;  
 Não he Pai de seu Povo, he seu Verdugo  
     O Rei, que Marte adora :

Manda o Decreto, do que os Mundos rege,  
 Que hum novo, hum grande Imperio se levante,  
 Manda que Portuguez seja o Monarcha,  
     E Portuguez o Imperio :

Deos me confia a empreza glorioza,  
 Cumpre seguir seu mando . . orsús as quilhas  
 O Seio de Neptuno despedacem ;  
     O Brazil nos espera.

Levando o Pai, e o Filho Eneas deixa  
 Ilion abrazada ; alheias plagas  
 Vai profugo buscar ; a cara Espoza  
     Por entre as chammas perde :

Mas João, cedendo ao Ceo, partindo nota  
 No Mar, na Terra tremolar as quinas ;  
 São seus os bellos climas, que demanda,  
     Os Povos, que O aguardão :

Seus Parentes, e amigos O acompanhão,  
Ficão alguns, que o Estado Seu defendão;  
A mui Prezada Mãi, a Esposa o Seguem,  
E os muito amados Filhos.

As Tagides gentís c'o eburneo collo  
Parar da veloz nave o curso tentão;  
Mas, oh tristes, . . galerno favoravel  
Infuna as pandas vellas:

Quem ao Ceo levará nosso renome?  
Se nos Deixas, oh Principe . . . (pranteão)  
Mas não . . . com sabias leis do novo Mundo  
Sempre Honrarás o Tejo.

Aos ais das Ninfas, ao arfar das quilhas,  
Arrogante Neptuno alça o Tridente,  
Investe com as Náos, e diz bramando -  
Novos Gamas m'insultão!

Novos Gamas . . . que vejo! . . ah desfaleço . .  
De Portugal os Reis nos meus Estados! . .  
Acabei de reinar . . . eis do destino  
Executado o mando.

Os seus arcanos descortino todos!  
Oh que futuro egregio! . . e que esta gente  
Em menos cabo meu . . . tremei Europa . . .  
Nasce a Gloria d'America;

Do Amazonas ao Prata em toda a pompa  
A Natureza brilha : he lá que a frente  
O novo Imperio alteia , e suas bazes  
São peitos Portuguezes :

D'alma terra a charrua o seio sulca ,  
E a independencia brota : annosos bosques ,  
Que as nuvens topetavão , já nos portos  
Undivagos fluctuão.

Da Europa foragidas as Sciencias ,  
As bellas Artes carinhozo abrigo ,  
Tem junto ao Paternal , ditozo Throno ,  
Que em pago aformozcáo.

Para tão alta empreza o Ceo te escolhe ,  
Oh Mimoso do Ceo , Priucipe Amado ;  
Se a empreza he grande , o premio he sem limites ,  
Dos Ceos o mando cumpre :

Do maior Fasto á par , que á Historia offrece ,  
Aos seculos por vir hade ir teu Nome ;  
Falle em teu Nome a Historia , qual da Fama  
Hoje a Trompa resôa.

*Do Dezbargador Antonio Ribeiro dos Santos  
a Francisco de Borja Garção Stockler.*

O D E.

**N**EM sempre pelos montes  
Vaga em rapido curso a clara Cynthia  
Apoz as bravas feras ;  
O infesto dardo em alvas mãos brandindo.

Nem sempre o fatal arco  
Atéza Apollo Agyieu : Vulcano  
Na abrazada officina  
Nem sempre escudos forja, e peitos d'aço :

Nem sempre o filho cego  
Da formosa Acidalia a guerra accende,  
D'aljava disparando  
Já de odio, já de amor travessa frecha.

Tu nunca dás descanso  
Aos severos estudos : de continuo  
Lidas com Lócke e Newton,  
E a physica e moral Natura sondas.

Porém Socrates sabio  
Não era assim : co'os moços, que ensinava,  
Como se fosse hum delles,  
Corria em ledos jogos prazenteiro.

Panthoides sizudo

Co'os molles sons da Lyra temperava

As cousas mais severas,

Dando tregoa folgada a seus trabalhos:

E Scipião depondo

O grão tédio dos publicos negocios,

As candidas conchinhas

Na recurvada praia procurava.

Deixa por algum tempo

O celeste compasso d'Urania.

Não cures, douto Stockler,

Saber mais do que basta em curta vida.

Dá-te ao prazer das Musas,

Dá-te á Lyra, que está teus sons pedindo;

Ou canta amor, ou feitos

De tanto Luso Heroe na paz, na guerra.

Aquelle, a quem Apollo

Revelou os segredos da harmonia,

Não de austeras Sciencias,

Mas só das Musas, nome eterno espera.

## O D E

*Ao Illustrissimo Antonio Ribeiro dos Santos,  
em resposta á antecedente, por Francisco de  
Borja Garção Stockler.*

**Q**uem, illustre Ribeiro, quando feres  
Com destra-mão a cithara sonora,  
Poderá resistir de teus accentos  
Ao magico prestigio?

Hum vate não es só, que pelas Musas  
Docemente inspirado, ao som da Lyra  
Armonicos conceitos modulando,  
Os homens arrebatas.

Es novo Apollo, que de luz immensa  
A frente coroadada, desferindo  
Do arco invicto abrazadoras setas  
Estro sublime excitas.

Ah! que eu já sinto no gelado seio  
Atear-se de novo a viva chamma,  
Que d'Agueo formoso o raio puro  
N'elle outr'ora accendera.

Flamma divina o espirito allumia:  
Suave sopro de halito celeste  
A cinza afasta, que abafado tinha  
O fatidico lume.



Já sobre as azas nitidas librado,  
 Novo Cisne Dirceo ufano sulco  
 A ignota região, onde fulgentes  
     Immensos Soes scintillão.

Mas ah! que a mente pavida vacilla,  
 Pasma, esmorece: o rumo não acerta,  
 Por onde o vôo audaz aos Ceos dirija,  
     E apar de ti me eleve

Vejo-te, . . . sim . . . he certo: não me engana  
 Fantastica illusão, douto Ribeiro,  
 Acima das estrellas entre os genios,  
     Que a humana raça illustrão.

A tua voz distingo, que sonora  
 Pelo espaço sem termo se diffunde,  
 E nos orbes, que doura o roxo Phebo,  
     Armonica ressôa.

Mas que vale escutar teu doce canto,  
 Ver teu semblante ledó e radioso,  
 Sobre os astros erguido, se me offusca  
     A viva luz, que espalhas?

Mais facil he marcar eterno giro  
 Aos luminosos globos, que tu pizas,  
 Descobrir suas leis, e sujeita-las  
     A calculo preciso.

Ou decompor com transparente prisma  
 Do loiro sol a coma rutilante  
 Nas cores naturaes, com que formosa  
 Iris no ar se ostenta.

Seguir de Newton o attrevido vôo  
 Ousarão novos filhos d'Urania ;  
 E seu rasto trilhando collocar-se  
 Apar d'elle poderão.

Vos, sabio de La Grange, Euler profundo,  
 D' Alembert perspicaz, subtil Bernoulli,  
 Preclaro de Laplace, émulos dignos  
 Sois do immortal Britanno.

Mas o Cisne Beocio abrindo as azas,  
 Tão alto se elevou no claro Olimpo,  
 Que assento singular ainda occupa  
 Junto aos Deoses Supremos.

## ODE PINDARICA.

*Ao grande Affonso de Albuquerque, Governador da India. Por Antonio Diniz da Cruz.*

STROPHE 1.<sup>a</sup>

**A**O trez vezes e quatro triunfante  
De barbaras phalanges,  
Ao gráo terror do Ganges,  
Sobre as ondas do már Leão possante,  
Hoje, celeste lira, levaremos  
O som eterno dos Thebanos hymnos  
Que em deposito temos  
Só para coroar varões divinos;  
D'eterna fama pois o plectro cerque  
O nome grande do inclito Albuquerque.

ANTISTROPHE 1.<sup>a</sup>

Quem mais palmas cortou em campo armado,  
O' Tejo, ás tuas c'roas?  
A' fama, com que voas,  
Quem mais azas lhe deu, quem maior brado?  
Sua terrivel chamejante espada,  
Dos Imperios senhora, e da victoria,  
Deixou eternizada  
Com immensos tropheos a tua gloria:  
Ella faz que inda corras orgulhoso  
De teres dado a lei ao Reino undoso.

## E P O D O 1.º

Em nobre sangue dos Avós guerreiros,  
 Valor não degenera:  
 Pomba imbelle real aguia não gera  
 Nem pavidos cordeiros  
 Na Libia ardente a coroada fera.

## S T R O P H E 2.ª

Do famoso Diniz o bravo alento,  
 Com que campêa ousado,  
 Se vio regenerado  
 De Affonso no magnanimo ardimento,  
 Do grande Vasco a sanguinosa furia,  
 Com que no dia da espantosa guerra,  
 D' Iberia eterna injuria,  
 Cerrados batalhões rompe e aterra,  
 Mostrou seu braço, quando n'alta Goa  
 Nuvem de estragos sobre os Mouros troa.

## A N T I S T R O P H E 2.ª

Tão firme não resiste no alto cume  
 De rustica montanha;  
 Carvalho annoso á sanha  
 De Boreas, que abate-lo em vão presume,  
 Como segando scintillantes louros  
 Dentro no illustre rio o varão forte  
 Rebate os feros Mouros,  
 Da fome vencedor, do tempo, e morte,

Em quanto o mar talando o vento insano,  
Lhe cerra as portas do Indico Oceano.

## E P O D O 2.º

Talvez a grão Cidade ferozmente  
Com sigo blazonava,  
Sem ver que á sua frente o Heroe forjava  
A c'roa d'Oriente,  
De ter quebrado o jugo, que a honrava,

## S T R O P H E 3.ª

Quando nos ares fuzilar alçada,  
Relampago da morte,  
Do Portuguez Mavorte,  
Vio d'improviso a cortadora espada.  
Nuvem, que rasga sobre a calva fronte  
Do frio Erminio o grão furor, que inñamma  
O ensifero Oriente,  
De chuva tanta copia não derrama,  
Como em seus campos o feroz guerreiro  
De sangue espalha lugubre chuveiro.

## A N T I S T R O P H E 3.ª

Mas já tascando os freios de diamante  
Com sonoros nitridos,  
Meus brutos insofridos  
Me incitão á carreira fulgurante.  
Soltemos, Clio, pois as redeas de ouro,  
f

E pelo ermo do Ceo ceruleo espaço,  
 D' Azopo o verde leuro  
 A ornar levemos o triunfante braço,  
 Que aurea victoria na Aurea Chersoneso  
 Os cisnes chama do gentil Permeso.

## E P O D O 3.º

De Thetis Oriental no fundo seio  
 Tu, Malaca opulenta,  
 Do bravo Luso a indomita tormenta  
 Olhas sem receio,  
 Que o distante perigo o orgulho augmenta.

## S T R O P H E 4.ª

„ Se Affonso arando as humidas campinas  
 „ Quizer, ousado e bravo,  
 „ Punir o grande agravo,  
 „ Por mim (dizias) feito ás Lusas Quinas;  
 „ Meu braço dardejando a lança ardente,  
 „ Meu braço, que do horror da morte armado,  
 „ Em campo frente a frente,  
 „ De Sião derribou o augusto fado,  
 „ Lavará em seu sangue o fero ultrage,  
 „ Que o Gama á India fez na grão passage

## A N T I S T R O P H E 4.ª

Inda fallavas, quando o mar fervendo  
 Sob as guerreiras faias,

Conduz ás tuas praias  
 De grão furor armado o Heroe tremendo,  
 Já sobre a fulva arêa, formidavel,  
 A planta imprime, e sopezando a lança,  
 De sangue insaciavel,  
 Contra ti denodado se abalança :  
 De sua ira ante a face, o rosto adusto  
 Da mortal cor te tinge a mão do susto.

## E P O D O 4.º

Em vão intentas no perigo horrivel  
 Escapar á ruina ;  
 Que o raio assolador, que o heroe fulmina,  
 Quanto encontra, terrivel  
 Talha, assola, desfaz, prostra, extermina.

## S T R O P H E 5.ª

Por não ver de seu Sceptro a flor prostrada,  
 Oh! quanto a rouxa aurora  
 O carro seu demora  
 Do Ganges na ribeira prateada !  
 Quantas em fim, guiando o novo dia,  
 Da arrogante cidade no regaço  
 Vio, cheia de agonia,  
 Cruéis mortes vibrar o invicto braço  
 E ao ver o grande estrago, oh quanto, oh quanto  
 O mar enriqueceo de fino pranto !

A N T I S T R O P H E 5.<sup>a</sup>

Se a Lira as immortaes azas battendo  
 Em mil rodeios voa ,  
 E na brilhante c'roa ,  
 Os louros vai sem ordem entretecendo ,  
 Segura rompe o vôo scintilante ,  
 Que o grão vigor das pennas lhe alimenta ,  
 Nume grande e possante ,  
 Que eterna fama dos heroes sustenta :  
 Nume , que só aos sabios resplendece ,  
 E em densa nevoa ao vulgo se escurece .

E P O D O 5.<sup>o</sup>

Sobre as agoas do mar Siciliano  
 Em cem galés ligeiras  
 Soltando ufano as barbaras bandeiras ,  
 O furor Africano  
 Do Lacio escala as prosperas ribeiras .

S T R O P H E 6.<sup>a</sup>

Mas o povo de Marte impaciente  
 Do Punico ardimento ,  
 Com denodado alento  
 Nos reinos entra do humido tridente .  
 Tão seguras as Reaes Aguias Latinas  
 Ao novo voo as pennas sacodirão ,  
 Que as ondas cristallinas  
 Cruzar seus campos com horror as virão .



E o Tibre desde então entrou ufano  
O sceptro a prometter-se do Oceano.

ANTISTROPHE 6.<sup>a</sup>

Africa em tanto, oh quanto audaz nutria  
Soberba confiança!  
Ebria d'esperança,  
Que triunfadoras palmas não cingia!  
Facil a seu valor julga arrogante  
O Romano vencer nas ondas rude:  
Mas em peito constante  
Que prodigios não obra alta virtude!  
Tu, Mila, o viste com horrendo estrago  
Pizar o orgulho da feroz Carthago!

EPODO 6.<sup>o</sup>

Roma, que ás nuvens cheia de vaidade  
Subir vê sua gloria  
Em marmore entalhada a gran memoria  
Consagra á eternidade  
Dos despojos ornada da victoria.

STROPHE 7.<sup>a</sup>

Assim dos filhos seus o nome exalta,  
E nutre, que conhece  
Que aos Ceos o valor cresce,  
Quando seu resplendor o premio esmalta.  
Mas quantos a insultar os bravos ventos

Com mais razão ufana levantára  
 Pomposos monumentos ,  
 Se d'Affonso em seu seio o sol raiara !  
 Quantos pelos tropheos , que a forte espada  
 Em Gerum alcançou da infida armada !

A N T I S T R O P H E 7.<sup>a</sup>

Agua soberba , a quem no campo ethereo  
 O espirito alentado  
 Deo sobre o povo alado  
 Das vagas aves merecido imperio ,  
 De bancas pombas sobre a banda espessa  
 Tão rapida por entre as nuvens turvas  
 Não cahe , não se arremessa ;  
 Brandindo o curvo bico , as garras curvas ,  
 Como entre a immensa armada o Varão forte  
 Frexando o arco , da espantosa morte.

E P O D O 7.<sup>o</sup>

Ao triste aspecto do funesto damno ,  
 Que a terra e o mar cobria ,  
 Depoem Ormuz a barbara ousadia ,  
 E ao jugo Lusitano  
 A cerviz dobra em fim pallida e fria.

S T R O P H E 8.<sup>a</sup>

De novas frechas te arma , oh Lira amada ,  
 E os voos remontando ,

Vamos acompanhando  
 O grande heroe pela triunfante estrada.  
 Canta como primeiro entrou ousado  
 Do Rouxo Mar a indomita garganta,  
 E de seu nome o brado  
 Suez, Meca, Gidá, Medina espanta.  
 Como . . . Mas tua voz treme e desmaia ?  
 Alento cobra, que he distante a praia

A N T I S T R O P H E 8.<sup>a</sup>

Trovão, que brama, e chammas mil arroja,  
 Ardendo o vio Curiate  
 Vio-o a rica Mascate,  
 Brava, Lamo, Orfacão, Queixome, e Hoja.  
 Soar o sabe, que a seus pés prostrado  
 A vida salva, e Calayate astuto,  
 O Persa pharetrado,  
 A quem a guerra off'rece por tributo:  
 Mas, ó divina Lira, o panno feria,  
 Que he o mar infinito, á terra, á terra.

E P O D O 8.<sup>o</sup>

Sublime heroe, em vão Neptuno irado  
 Roubou á tua gloria  
 Os soberbos padrões d'alta victoria,  
 Que meu plectro sagrado  
 Hoje a grava nos bronzes da memoria.

## EPIGRAMMA.

**E**Ssa feliz abelha , que imprudente  
 Tua boca mordeu tão cruelmente ,  
 He digna de perdão , Lilia formosa ,  
 Pois ao vê-la julgou que era huma rosa.

## LIRA INEDITA

*de T. A. Gonzaga , Author da celebre Marilia  
 de Dirceo.*

**T**U , formosa Marilia , já fizeste  
 Com teus olhos ditosas as campinas  
 Do turvo ribeirão , em que nasceste ,  
 Deixa , Marilia , agora  
 Estas lavradas Serras ;  
 Anda affoita romper os grossos mares ;  
 Anda encher de alegria estranhas terras ;  
 Ah ! que por ti suspirão  
 Os meus saudosos lares.

Não corres , como Sappho , sem ventura  
 Em seguimento d'hum cruel ingrato ,  
 Que não cede aos encantos da ternura :  
 Segues hum genio amante ,  
 Que a perder-te morreria.  
 Quebra os grilhões do sangue , vem , ó bella  
 Tu já foste no Sul a minha guia ,  
 Ah ! deves ser no Norte  
 Também a minha estrella.

Verás o Deos Neptuno socegado  
 Aplanar co' o tridente as crespas agoas ;  
 Ficar como dormindo o mar salgado ;  
     Verás , verás da albeta  
     Soprar o brando vento ;  
 Mover-se o leme , desrinzar-se o linho  
 Seguirem os Delfins o movimento ,  
     Que leva na carreira  
     O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando ,  
 Converte em branca espuma as negras ondas ,  
 E as talha , e corta com murmurio brando ;  
     Verás , verás , Marilia ,  
     Da janella dourada ,  
 Que humra comprida estrada representa  
 A lympha cristallina , que pizada  
     Pela proa , que foge ,  
     Em borbotões rebenta.

Brutos peixes verás de corpo immenso  
 Tornar ao torto anzol depois de o terem  
 Pela rasgada boca ao ar suspenso.  
     Os pequenos peixinhos ,  
     Quaes passaros voarem :  
 De toninhas verás o mar coalhado ,  
 Ora surgirem , ora mergulharem ,  
     Fingindo ao longe as ondas ,  
     Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro te apresenta

Hum repucho formado com as agoas ,  
 Que ao ar espalha com robusta venta.  
     Verás em fim , Marilia ,  
     As nuvens levantadas ,  
 Humas de cor azul , ou mais escuras ,  
 Outras da cor de roza , ou prateadas ,  
     Fazerem no horizonte  
     Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo ,  
 Apenas elle vir o teu semblante ,  
 Dará no leme do baixel hum bejo ,  
     Eu lhe direi vaidoso ,  
     Não trago , não , comigo ,  
 Nem pedras de valor , nem montes d'oiro ,  
 Roubei as aureas minas , e consigo  
     Trazer para os teus cofres  
     Este maior thesouro.

*Maximas , Pensamentos , e Reflexões Moraes.*

*Por hum Brasileiro.*

*Quelque decouverte , que l' on ait fait dans le  
payz de l' amour propre , il y reste encore  
bien de terres inconnues*

*De La Rochefoucauld.*

**A** Grada mais ao nosso amor proprio a companhia , que nos diverte , que a Sociedade que nos instrue.

Ordinariamente tratamos com indifferença aquellas pessoas , de quem não esperamos bem , nem receamos mal.

Sobeja-nos tanto a paciencia para tolerar os males alheios , quanto nos falta para suportar os proprios.

Ha huns , que affectão de muito occupados , para que os creão de muito prestimo.

Condemnamos muitas vezes a nossa memoria para justificarmos a nossa conducta.

Os pobres taxão a esmola , quando pedem por emprestimo.

Os annos mudão as nossas opiniões , como alterão a nossa physionomia.

Os homens nos parecerãõ sempre injustos , em quanto o forem as pretenções do nosso amor proprio.

A causticidade dos velhos provem de que

elles reflectem , e ja não gozão ; a amenidade dos moços de que gozão , e não reflectem.

O homem prudente se humilha pela experiencia , como as espigas se curvão por maduras.

A ventura do homem immoral se assemelha a huma bella madrugada , que dá principio a hum dia procelloso e desabrido.

Não damos de ordinario maior extensão á nossa beneficencia , do que julgamos convir ao nosso interesse.

A alegria do pobre , ainda que menos duravel , he sempre mais intensa que a do rico.

He mais facil perdoar os damnos do nosso interesse , que os agravos do nosso amor proprio.

Folgamos com os erros alheios , como se elles justificassem os nossos.

O amor abrandá os Heroes , como o fogo derrete os metaes.

Ha certos passatempos e prazeres illicitos , que censuramos nos outros , mais por inveja do que por virtude.

Somos tão varios nas nossas opiniões , quanto são varias as circumstancias , em que nos achamos.

Os homens de ordinario se humilhão para se elevarem , como as aves se agachão para melhor voarem.

Affectando por hum falso pundonor saber



o que ignoramos , deixamos de aprender o que não sabemos,

Ha homens tão vaidosos da sua sciencia , que presumem que os outros não podem ignorar menos , nem saber mais do que elles.

A Sabedoria humana bem ponderada vale sempre menos do que custa.

Somos enganados mais vezes pelo nosso amor proprio do que pelos homens.

He tão facil o prometter , e tão difficil o cumprir , que ha bem poucas pessoas , que se achem desobrigadas das suas promessas.

Os bens , de que gozamos , sempre exercem menos a nossa razão , do que os males que sofremos.

Desprezamos ordinariamente as opiniões alheias , quando se não conformão com as nossas,

( *Continuar-se-ha* ).

---

Senhor Redactor.

**E**M huma questão grammatical que se moveo em huma Sociedade Litteraria , em que eu me achava , perguntou-se-me o que era *Syllaba*. Respondi na maneira seguinte:

Chama-se *Syllaba* o concurso de qualquer vogal ou *diphthongo* com a sua *figurativa* e consoantes que se seguem até á figurativa de

outra vogal ou diphthongo em huma mesma palavra simples.

Diphthongo chama-se o concurso de huma vogal de meio tom com outra de tom inteiro:

*Exemplos*

Pâe  
Râiva  
Páo  
Pâulo  
Lâcteâ  
Péixe  
Déos }  
Céo }  
Mêu  
Còpiâ  
Sorrio }  
Pròprio }  
Taboâ  
Sóes  
Cóiro  
Aguâ

*Contrastes*

Esvâéce  
Rainha  
Câhôs  
Pâul  
Sopéâ  
Thrêicio  
Endêôsar  
Mêudo  
Copiâ  
Riô  
Apropriô  
Lisbôa  
Côelho  
Dôia  
Pûa

Chama-se *Figurativa* a muda que precede huma vogal, ou só ou com huma liquida.

As mudas ou são simples [ b , c , d , f , ch , g , j , k , m , p , q , s , t , v , x , z ] ; ou compostas [ bs , cs , et , cz , dj , ps , pt , sb , sc , sch , sd , sf , sg , sk ; sp , sm , sn , sq , st . ]

Como estas definições poderão ser uteis ; ou por exactas ou por fazerem despertar em alguem a lembrança de outras melhores , tomo

a liberdade de lhas dirigir, para que lhes queira dar hum lugar no seu Periodico, se julgar que não são indignas dessa honra.

Sou com toda a estimaçáo  
Seu muito attento venerador.

S. P. F.

*Correspondencia.*

**A** Inda que ninguem aborreça mais do que eu a distincção pretendida de paizes, e o insulso brazão de que tão justamente zombava o sabio Luciano, todavia não posso deixar de confeçar que he necessario ser insensivel para não se interessar em dar gloria ao lugar, a que se deve o berço e a educaçáo, e que fórma sempre as mais doces prisões ao nosso coração. Este amor da patria, longe de ser criminoso, he mais hum estimulo que nos incita, segundo o verso de Horacio,

*Lucem redde tuæ, dux bone, patriæ.*

Penetrado destes sentimentos, eu não posso escusar-me ao generoso convite, que me faz hum patricio meu, tão benemerito pelos seus conhecimentos, e pelo emprego que delles faz; para inserir neste periodico huma circumstancia, que de certo não he indifferente á nossa Patria.

A sua Carta o fará melhor sentir, e por isso a transcrevemos.

S.<sup>r</sup> . . .

Em fim tirei do cahos, em que se achava, a Ode, que a v. prometti, e que tenho a honra de enviar; se bem que por si nada valha, da-lhe realce o assumpto que canto; e acho certo picante (e que dezejo mesmo que v. o faça sentir no seu Jornal) em que fosse a Bahia o lugar primeiro, que S. A. R. Honrou com a Sua Presença, e que o primeiro Jornal feito no Rio de Janeiro o seja por hum Bahiano, e que nelle se imprimão versos feitos em Pariz por outro Bahiano, e em memoria do fasto, que mais felicita o Brazil: o acaso, que envolve a Bahia, e seus filhos neste caso, parece-me digno de nota. Para quanto for cooperar para bem da sua empresa, e executar as suas ordens, está prompto. etc.

Rio de Janeiro 21 de Dezembro de 1812.

D. B. B.

Estou bem longe de persuadir-me que esta sincera expansão de hum coração amante da sua patria, offenderá a alguém, ou marcará espirito de parcialidade, nem que a este se attribua a preferencia, que lhe damos, devida á grandeza do sujeito, e não a attenção topica.

## HISTORIA.

*Extracto da viagem, que fez ao sertão de Benguella no anno de 1785 por ordem do Governador e Capitão General do Reino de Angola, o Bacharel Joaquim José da Silva, enviado á aquelle Reino como Naturalista, e depois Secretario do Governo.*

*De Loanda para Benguella.*

**N**O primeiro de Junho, quinto dia de viagem, avistámos o Rio *Quanza*, hum dos mais importantes das Possesões de *Portugal* nesta Costa, assim pelas Mercadorias que por elle se transportão commodamente para *Calumbo*, *Massangano*, *Muxima*, e todos os outros *Presidios*, que estão nas suas margens, como pelas que se espalhão por quasi todo o sertão de *Angolla*, e pelo commercio da *Quissama* e *Li-hôlo*, ferteis em optimos *Escravos*.

He este Rio povoado todo de *Cavallos Marinhos*, de grandeza consideravel, não menos que dos peixes chamados *Mulheres* ( e que disso não tem semelhança alguma, como mostrarei ): nem são menos ferteis as suas margens em todos os fructos deste Continente, e dão-se nellas muito bem alguns da Europa e Brasil. O gado he excellente, se exceptuar-mos o *Vacum*, de que vi muito pouço, e o *Cavallar*, que em nenhuma parte destes Reinos se encontra. Não he contudo desprezivel o risco,

em que se poem as Embarcações á entrada deste Rio, cheio de cachopos, que, principalmente no tempo de *Culema*, ou, o que he o mesmo, quando o mar está mais agitado, tem dado fim a muitas com graves perdas de seus donos.

No septimo dia, pelo fim da tarde, fundamos em *Novo Redondo*, que estará 6 legoas para o S. de *Benguella a Velha*: e adverti que desde o Morro de *Benguella a Velha* até *Novo Redondo*, e ainda por diante, faz a Costa para dentro huma grande Bahia com pouca differença de grossura. E havendo-nos fundeado apartados de terra por se nos acabar a viração: ao dia seguinte nos chegamos para ella com o terral, e nos seguramos a dous ferros.

He o *Novo Redondo* huma terra grossa e alta, e que faz parte da sobredita Bahia; e he alli o mar tão bravo por causa de espriar desde huma boa legoa, que não tem até agora permitido outro modo de desembarque que huma especie de Jangada, a que os da terra chamão *Bimbas*, fabricadas de huma especie de madeiros muito leves, toscos e sem genero algum de lavor, que os negros, atando com cordas huns aos outros, conduzem até onde os esperão as Embarcações pequenas dos Navios, que não podem chegar a terra; mas estas *Bimbas* deixão muitas partes por onde entra a agoa, pela sua má construcção; e as maretas são mui grandes, sempre se molhão os que nellas se embarcão, e se não tomão cautela

cahem muitas vezes ao mar ; sendo por isso mais commodos os transportes de madrugada , que he quando a calema he menor.

O terreno deste Presidio he todo de barro , e bom para *Olarias* , e lhe fica a pequena povoação de brancos em o mais alto d'elle , e emparelhado com outro , em que está fundado o Forte , que he de madeira e terra da mesma qualidade , fabricado ao uso dos negros , mais para o N O. Os naturaes da terra são bem feitos , e vencem , como nas outras partes , soldo os que se empregão nas obras Reaes , e estes são todos Vassallos de dous Sôvas os mais vizinhos e principaes daquelle territorio. O mais vizinho , e que está no mesmo Presidio hum pouco para o S E , chama-se *Quissalla* ; e o outro fica hum pouco para E , e mais para dentro , e chama-se *N. Gunza Acabollo* , ou o *Sôva do Palmar* , o qual chamão assim por hir ter alli hum palmar , que está nas margens de hum Rio ( do mesmo nome deste Sôva a quem pertence ) que se estende pelo espaço de boas 5 legoas ; donde extrahem os seus Vassallos extraordinaria quantidade de azeite para o seu uso domestico e diario. A corrente deste Rio he de E até desembocar no mar pelo caminho de N O , ainda que esta Bahia entra mais pela terra ; fica por isso comprehendido por dous pontos notaveis , que são duas pontas de terra mais altas e grôssas , das quaes huma fica ao S O , e se chama a *Ca-*

*beça da Baléa*, e a outra está ao N  $\frac{1}{4}$  N E. Os negros aqui fabricão as suas casas de barro e madeira, redondas, e as cobrem de folhas de palmeira; não lhe fazem janellas, antes as portas por onde entrão para ellas são tão pequenas e baixas, que hum homem curvando todo o corpo, acha difficuldade em entrar por ellas: o que justamente praticão todos os habitantes deste Continente, cuja architettura ainda não chega a deparar-lhes o modo de fazerem portas, com que se defendão das feras, que muitas vezes fazem nelles preza dentro das suas mesmas casas. Estes de *Novo Redondo* são de bom natural, e de humor alegre; deixão crescer, e concertão os seus cabellos com azeite de palma, e pós de varias cores, que fazem, moendo diversas madeiras, e os entranção, ornando-os de pennas, missangas, e fazendo delles varias figuras, para elles mui vistosas e curiosas, e para nós hediondas: sendo mais insupportavel o cheiro de hum negro destes, e dos de todo o sertão, que o de hum bóde! Quando porém começava eu a tomar mais amplo conhecimento deste paiz, não o consentirão as continuadas febres, proprias deste sertão, que vou ainda hoje padecendo, e são muitas a causa de não fazer mais progressos neste estudo. E depois de causa de oito dias demora neste porto, nos fizemos á véla para *Benguella*, que delle para o sul poderá distar cousa de 24 legoas.



## P O L I T I C A .

*Calculo sobre a perda de dinheiro do Reino, offerecido ao Senhor Rei D. JOAM QUINTO de eterna gloria, por Alexandre de Gusmão, Seu Secretario do Estado, Fielmente copiado do seu original authographo.*

S E N H O R .

**O** Dinheiro he o sangue das Monarchias, e extrahido do corpo dellas, enfraquecem da mesma sorte que acontece aos corpos humanos, quando se lhes tira o sangue. A este modo de fraqueza se vai reduzindo Portugal, pois que tanto se trabalha em extrahir-lhe a moeda, quanto elle caminha para a pobreza, e por consequencia para a ruina.

As causas motoras deste damno tem muitos e diversos principios, mas obrão todas de conformidade para a extracção da moeda do Reino; e como a pouca que nelle entra, não suppre á muita que delle sahe, continuamente se vai empobrecendo com perda irreparavel para seus habitantes, que sentem este damno, sem lhes poder applicar remedio.

Para mostrar as origens das mesmas causas, e como ellas produzem aquelle damno, precisava de huma carta de seguro, que V. M. ma póde conceder; por isso me explicarei de sorte, com bem magoa de meu

oração, que não diga todas as verdades, ainda que não fique completo este meu discurso, contentando-me com fazer-me entender.

Os Povos, Senhor, para viverem em todas as Terras do Reino, necessitão fornecer-se huns aos outros de generos e manufacturas, que todos hão mister para o sustento e trato da vida; o que sempre executão pelo meio sabido do commercio; e como os generos e manufacturas dos Povos, sejam nacionaes ou estrangeiros, não podem expor-se em todas as partes, com a facilidade com que transportão o dinheiro, que igualmente representa os mesmos generos e manufacturas, por isso se estabeleceu a moeda.

Assim pois continúa o commercio, fazendo-se de generos, supprindo-se estes e aquelles com o dinheiro, quando os não ha igualmente de ambas as partes, para fazer-se a balança do commercio, nos generos e manufacturas, de que huns e outros necessitão.

Supprida esta balança com dinheiro, he innegavelmente certo, que se ha de extrahir do Reino, que assim o der, para aquelle ou aquelles que d'elle receberem. Assim nos acontece em Portugal, de que certamente resulta fazermos commercio passivo, que he o peor de todos; porque pagamos sempre com dinheiro a balança dos generos e manufacturas que não temos, e de que muito necessitamos.

Não seria o nosso commercio passivo, se

mettessem no Reino annualmente tanta quantidade de moeda, como d'elle se lhe extrahe, para pagar-mos os generos e manufacturas que neccsitosamos comprar a dinheiro, afim de suprir-mos a referida balança do nosso commercio com os estrangeiros; porque em tal caso, era commercio sem utilidade nem prejuizo, que vinha a ser reciproco, e nem enriquecia, nem empobrecia o Reino.

Assim commerciavamos nos tempos, em que fomos senhores dos generos e manufacturas da Asia, que vinhão pelo Cabo da Boa Esperança; e tambem ha cousa de meio seculo\* para cá, em quanto vinha muito ouro das Minas, e valião os generos da America; mas agora que vem cada vez menos, e os generos abaterão na estimação e valor, pelos que correm no commercio, produzidos em outras Colonias novas, necessariamente havemos de fazer hum commercio, como mostrarei na fórmula seguinte.

Supponha-mos por hum calculo prudente, que neste Reino existem actualmente, circulando em seu commercio, cem milhões em moeda sobre o fundo dos quaes se acredita e abona todo o commercio, que fazemos com os nacionaes e estrangeiros; se deste fundo se tirassem todos os annos dez milhões para suprir-mos a balança do commercio, e mettessemos actualmente no Reino igual quantia, não receberia o Reino perda na massa total da sua

riqueza, pois que existia sempre o mesmo fundo.

Não poderíamos reputar como perda da Caixa nacional aquella moeda, que assim davamos por aquelles generos e manufacturas, se a tinhamos das nossas minas com a mesma facilidade, com que as nações estrangeiras poderão ter os mesmos generos e manufacturas, de que a maior parte se corrompem, e consomem em pouco tempo, e o resto de tudo isto que he fabricado de metaes, tambem chega a consumir-se, posto que prolongue mais a sua duração,

Tambem havião os prejuizos de percer o Reino na povoação a gente, que mandasse occupar nas minas, visto que na America não he propria para as suas administrações e trabalhos, e não bastão sómente os negros da Africa, porque he preciso quem os conduza e obrigue ao trabalho com a economia, isto além da falta de emprego para a gente do Reino, quando a industria está em decadencia dentro no mesmo Reino.

Mas tornando ao forte do discurso; he impossivel supprirmos com a moeda, que entra no Reino, a muita, que sahe para fóra delle; de que resulta evidentemente hir-se diminuindo todos os dias o nosso supposto fundo dos referidos cem milhões. Isto succede assim, porque cada vez vem menos ouro das minas, e se augmenta mais a extracção

do dinheiro do Reino: por isso deixando outras cousas em que não posso fallar, he evidentemente certo, que aquella diminuição do rendimento das minas, e esta maior extracção da moeda, correm de conformidade para a sua pobreza.

Segue-se de todo o referido, que dentro de vinte annos, segundo a mais prudente calculação, ha de perder o Reino a maior parte da moeda que agora possue. Esta conta he infallivel, porque augmenta cada vez mais a sua exportação, o que tudo redundando em perda do considerado e supposto fundo; de que tudo he evidente prova a falta de dinheiro que sentimos na Capital do Reino; porque sendo o nosso commercio passivo, por fazer-mos a maior parte em generos e manufacturas dos estrangeiros, que pagamos a dinheiro; he preciso que este se dispenda e passe pela Capital, em rasão de estar situada junto ao porto geral do nosso commercio com os estrangeiros; e se nesta Capital se experimenta falta de dinheiro, sendo senhora da maior parte d'elle, ainda que seja sómente como commissaria, segue-se por consequencia que he cada vez maior a extracção do mesmo.

E sendo a abundancia, a circulação do mesmo dinheiro, os que dão valor aos generos, diminuindo-se a soma existente da moeda daquelle supposto e calculado fundo, que anda na massa total do Reino, diminue por

esta causa o valor dos generos , de que se segue tambem ser preciso mais dinheiro para supprirmos a balança do nosso commercio.

Isto he indubitavelmente certo , e tão claro como a luz do dia ; porque se a perda do dinheiro , que se extrahê , monta annualmente a quatro milhões de soma , que recebe para o mencionado e supposto fundo de cem milhões ; ninguem pôde negar a diminuição do mesmo fundo , e tambem he certo , que podem calcular em quinhentos mil crusados annuaes a perda que sentimos no rebatimento do valor dos nossos generos , de que vem a chegar a perda a quatro milhões e meio ; e ainda que isto pareça supposto , parece que será muito certo. De tudo vimos a concluir , que sendo o nosso fundo de cem milhões , e continuando o mesmo estado do commercio , com interesse totalmente passivo , para os Povos do nosso Reino , pela perda de quatro milhões e meio annuaes , extrahidos deste mesmo fundo , como não podemos duvidar , parece que vem a acontecer em vinte annos , extinguir-se a maior parte , ou tres partes do ditos cem milhões de fundo , pouco mais ou menos.

E como seja do Ministerio dos Soberanos procurar pela conservação e felicidade dos Povos , que se confiarão no seu governo , supplicão os Portuguezes , fieis Vassallos de V. M. , com a maior submissão e respeito , diante do Real Trono , que V. M. seja servido :

Que se augmente a Nobreza bem entendida.

Que diminua o Luxo, com alguma lei sumptuaria.

Que se aumente a Agricultura, fazendo-se as Estradas, e cortando-se as Ribeiras para navegar e regar.

Que se estabeleção Fabricas, aumentando-se por toda a parte a Industria.

E que finalmente se favoreça o commercio, dentro e fóra do Reino, sem o qual não póde haver Estado rico, poderoso, nem florente.

Desta fórma, Senhor, he que o Reino precisa de Providencias, as quaes V. M. lhe póde applicar pelo meio da Sua Alta Comprehensão e do seu Poder, pois ninguem como V. M. tem os meios para estes fins; já que Deos permittio por Sua incomprehensivel Bondade ( como Protector de todos os Reinos ) que V. M. possua os referidos meios, quaes são, o ser Senhor das minas do ouro, de excellentes terrenos, e fieis Vassallos. Com justa rasão espera o Reino, que V. M. lhe procure quanto mais cedo as felicidades de que elle póde gozar debaixo do seu Poderoso Governo.

V. M. se dignará ponderar tudo com a Sua Alta Comprehensão, e applicar-lhe o remedio, que for servido.

A Real Pessoa de V. M. guarde Deos muito annos, como todos havemos mister.

## TRATADO DE PAZ

*Entre S. M. o Rei da Suecia, e S. M. o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda.*

**E**M nome da Santissima e Indivisivel Trindade. Sua Magestade o Rei da Suecia, e Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda, igualmente animados do desejo de restabelecer as antigas relações de amizade e boa harmonia entre as duas Coroas, e os seus respectivos Estados, nomearão, para este effeito, a saber, Sua Magestade o Rei da Suecia, o *Sieur Laurent*, Barão de Engerstrom etc., e o *Sieur Gustavo*, Barão de Wettersdet, etc, e o Principe Regente, em nome e da parte de Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda, a Edward Thornton, Escudeiro, os quaes Plenipotenciarios, depois de haverem trocado os seus respectivos poderes, constituídos em plena e devida fôrma, concordarão nos seguintes artigos:

Art. I. Haverá entre Suas Magestades o Rei da Suecia, e o Rei dos Estados Unidos da Gran Bretanha e Irlanda, seus herdeiros e Successores, e entre os seus vassallos, Reinos, e Estados respectivamente, huma firme, verdadeira, e inviolavel Paz, e huma sincera e perfeita união, e amizade; de tal sorte que



desde este momento se considera como inteiramente cessante e destruido qualquer motivo de dissensão, que possa haver subsistido entre elles.

II. As relações de Amizade, e Commercio entre os dois paizes serão restabelecidas no mesmo pé, em que estavam no primeiro de Janeiro de 1781; e todos os Tratados e Convenções subsistentes entre os dois Estados n'quella epoca, serão considerados como renovados, e confirmados, e são pelo presente Tratado accordemente renovados e confirmados.

III. Se em resentimento da presente pacificação, e do restabelecimento da boa harmonia entre os dois paizes, qualquer Potencia fizer guerra á Suecia, Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda se obriga a tomar medidas, de mãos dadas com Sua Magestade o Rei da Suecia, para a segurança e independencia dos seus Estados.

IV. O presente tratado será ratificado pelas duas partes contractantes, e as ratificações trocadas dentro de seis semanas, ou mais cedo, se for possivel.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado, e nelle fizemos pregar os nossos sellos.

Dado em Orebro a 18 de Junho de 1812.

( Assignados )  
Barão de Engerstrom,  
Barão de Wotlersdet,  
Edward Thornton.

*Tratado de Amizade, União e Alliança entre a  
Hespanha e a Russia.*

**S**UA Magestade Catholica D. Fernando VII., Rei de Hespanha e das Indias, e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, igualmente animados pelo desejo de restabelecer e fortificar as antigas relações, que tem existido entre Suas Monarchias, nomearão para este effeito; a saber, da parte de S. M. Catholica, e em seu nome a Regencia das Hespanhas, a D. Francisco de Zea Bermudes; e S. M. o Imperador de todas as Russias ao Senhor Conde Nicoláo de Romanzoff, seu Conselheiro do Imperio, etc., os quaes depois de terem trocado seus plenos poderes, e achados em boa e devida fórma, concordarão no seguinte.

Art. I. Haverá entre S. M. Rei da Hespanha e Indias, e S. M. o Imperador de todas as Russias, seus herdeiros e successores, e entre suas Monarchias, não só amizade, mas tambem sincera união e alliança.

II. As duas Altas Potencias contratantes, em consequencia deste ajuste, reservão entenderem-se sem demora sobre as estipulações desta alliança, e concertar entre si tudo o que póde ter connexão com os seus interesses reciprocos, e com a firme intenção em que se achão de fazer huma guerra vigorosa ao Imperador dos Francezes, seu inimigo commum;

e promettem desde já vigiar e concorrer sinceramente para tudo o que póssa ser vantajoso a huma ou outra parte.

III. S. M. Imperador das Russias reconhece por legitimas as Cortes geraes e extraordinarias, reunidas actualmente em Cadis; como tambem a Constituição que estas decretarão e sancionarão.

IV. As relações do Commercio serão restabelecidas desde agora, e favorecidas reciprocamente: com tudo as duas Altas Partes Contratantes procurarão meios de lhe dar maior extensão.

V. O presente tratado será ratificado, e as ratificações serão trocadas em S. Petersburg no termo de tres mezes, contados desde o dia da assignatura, ou antes, se poder ser.

Na fé do que nós abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignámos o presente tratado com o sello das nossas armas. Feito em Welsky-Lonky a 20 de Julho de 1812. — Francisco de Zea Bermudes. — O Conde Nicolao de Romanzoff.

## ESTADO POLITICO DA EUROPA.

**D**epois que a Discordia sacodio o facho fatal, e saltarão por toda a parte faiscas, que tem incendiado, abrazado, e consumido Monarchias inteiras, depois que huma ambição desenfreada não conhece limites aos seus iniquos dezejos; a face do mundo muda quasi diariamente, e o espirito cança em seguir estes terremotos politicos, mais destruidores do que os physicos. O Cometa detestavel que ora se chega a hum, ora a outro globo, sempre deslocando, perturbando sempre, ainda apparece, e os effectos da sua terrivel influencia são bem visiveis. O Leitor o terá sentido muitas vezes, e hoje terá a mortificação de lançar comigo hum breve golpe de vista sobre o estado actual politico das differentes potencias: Começaremos por Portugal, e seguiremos a ordem thorographica. Parece que esta nação era a barreira marcada pela Providencia ás rapinas dos novos Godos. Sacodido huma vez o jugo nos campos de Vimeiro, do sangue dos bravos Portuguezes, que rubricou a sua felicidade, nascerão milhares de soldados, animados do espirito dos antigos Conquistadores da Africa e da Asia, e dos descobridores da America. O Bussaco foi a prova do ensaio, e mostrou aos veteranos de Marengo, que não mentem as paginas da Historia, preñhes de

elogios ao valor e aos talentos guerreiros dos Portuguezes, desde o tempo da antiga Lusitania. Huma serie de victorias, hum tecido de prudentes combinações, huma cadêa de planos acertados, scellarão a nossa independencia, e nos poserão em estado de acodir-mos aos nossos visinhos opprimidos com o pezo d'aquelles iniquos invasores. Elles nos chamarão, qual outr'ora ao bravo Affonso, e a Scena do Salado se renovou em Albuera, Barroza, Salamanca, Burgos, e em quasi todos os lugares da Hespanha. O melhor dos Marechaes prova a disciplina e a intrepidez das tropas, que se reputavão bisonhas, e o soldado Portuguez apparece em toda a sua gloria. Abafarei as ternas expansões do meu coração, que de bom grado se espriava em recordar aquelles versos do nosso insigne Poeta,

Quão doce he o louvor e ajusta gloria  
Dos proprios feitos quando são soados!

Hum Governo providente, activo, recto, todo cmbebido no desempenho da ardua empreza, em que a nação está interessada, executando fiel e zeloso as Sabias Ordens de S. A. R., a illustre co-operação da nossa antiga alliada, e a nobre divisa dos Portuguezas. = Vencer ou morrer, = abonão as minhas esperanças de que os Godos, não só purguem a Hespanha da sua presença, mas

não achando segurança nos Pyreneos, tremão de ver no seu proprio paiz as devastadoras calamidades, que elles trouxerão á Peninsula, afora aquellas desenvolturas, aquelles horriveis attentados, parto da sua barbaridade, e ferocidade.

A liberdade, desprendendo as molas do patriotismo, vemos cada vez novas provas de entusiasmo, e de acisado arrojo. O espirito dos Romanos se propaga, e a nação conta chefes experimentados, depositos das suas esperanças. Mina, Ballesteros, Cruz e outros muitos, assustão as divisões Francezas, e em frequentes acções os tem combatido, e destruggido. Unidos aos corpos Portuguezes e Inglezes, elles se tem mostrado rivaes e companheiros. Está reservado nos arcanos da Providencia o termo de tantas fadigas, mas folga o entendimento de ver Cadis, empenho do ardiloso Soult, abandonada, Sevilha, sua Praça d'armas, desamparada, Astorga, e muitas outras praças restituidas, a Capital da Hespanha recebendo as leis promulgadas em nome do seu verdadeiro Monarca, e entre as mais vivas demonstrações de jubilo applaudindo ao momento, em que as suas algemas se quebrarão, e o seu horizonte ficou desabafado da negra nuvem, que o encobria, Valhadolid, Salamanca, outras muitas Cidades, despejadas d'aquelles barbaros, que marcarão cada instante da sua residencia por hum novo insulto, hum

mais feio attentado. Não está porventura longe o momento, que deve ser o ultimo da oppressão. E em quanto anciosamente o esperamos, vejamos o fóco de tantas explosões horrendas; corramos os olhos pela França.

Pezadas contribuições, duros impostos sobre povo, que não goza as commodidades do Commercio exterior, que dá alma e vigor ao interior, a agricultura enferma, e falta de braços, as mãis vendo arrancar do seio os filhos para nunca mais os verem, casas desertas, familias desamparadas, e os males inevitaveis em huma guerra, e guerra de conquista, são cores bem négras, mas que eu não carregó de sobra; traço apenas hum esboço. Os homens, as riquezas, os recursos, toda a França, está fóra da França, como tão eloquentemente dizia Sertorio em Corneille.

*Rome n'est plus dans Rome, elle est toute ou je suis.*

Se juntarmos a isto a sensação assustadora, que haverão feito na França as perdas repetidas na Peninsula, e no Norte, conhecidas por todos apezar do extravagante Decreto de Seu Imperador, que só fia do Monitor as suas noticias, não seremos exagerados em dizer que falta apenas o impulso para aquella horrivel oscillação, á qual se seguirá o descanço daquelle desgraçado Paiz. Ainda mais huma batalha, outra derrota mais, ou ainda mesmo huma victoria; e se o brio de não receber cadêas, se o nobre sentimento de preferir a morte á

escravidão, não entibiar, que ha de ser do Imperador dos Francezes?

Embora em Pariz os espectaculos, e divertimentos intentem adormentar a propria miseria, este opio applicado com esperteza pelo seu Despota pode faze-los por momentos insensíveis, mas não podem curar os seus dizeres. São perfumes e aromas, que embalsamão hum atmosfera corrupta, e empregnada de matores miasmas.

A Allemanha, que hum dia antes parecia hum Cidade guarnecida de fortes torres, a Allemanha, escola militar da nobreza de toda a Europa, a Allemanha, patria dos Schaumbergs, dos Laudons, e dos Dauns, he hoje escrava! O tyranno dividio os Principes para melhor destrui-los! Creou novos Thronos. Os soberbos circulos do Imperio virão novas coroas pezarem sobre cabeças fracas, e ineptas. Westphalia, Baviera, e Wirtemberg, são colonias da França, presididas pelos satellites, que girão de continuo em torno d'aquelle Despota, que a seu sabor os eclipsa, ou lhes empresta hum luz baça e ephemera. A Prussia deixou de existir, hum Rei dethronizado entrega o Governo a hum Ministro, sempre Secretario de Bonaparte, que lhe prostituiu o nome do grande Sully, applicando-o, não ao amigo do seu Rei, mas do seu Usurpador. Os seus soldados estão á disposição deste; levados ou arrastados ao Norte, morrem victimas da



ambição, para escaparem á dor de verem prezos os seus parentes, confiscados os seus bens, proscritos os seus nomes. Barbaridade inaudita! O systema da escravidão, que tanto se tem combatido neste seculo, reina despoticamente em paizes civilisados! Singular contradição do espirito humano!

A Austria, murchos os seus louros, abatidas as suas Aguias, concede ao Corso usurpador huma Princesa, e com ella o direito de dispor de suas desnaturalizadas tropas, indignas do nome, que as cerca. Ella se esquece dos motivos politicos, que a fazião considerar como inimiga da França, e abriga no seu seio o aspide, que a morde e devora.

Não mencionarei os estados mais pequenos. Incapazes de arrostar por si sós o Despota do Continente, divididas em facções, elles não figurão senão na lista dos escravos de Bonaparte.

Este Imperador havia combinado ha longo tempo a conquista da Russia. Elle não fazia misterio de seus intentos e preparativos: no anno de 1806 seu proprio Irmão o declarou na Bahia com esta expressão romanesca - Se meu Irmão tornar a calçar as botas, não as descalça senão em Petersburg. - Era preciso porém hum pretexto. Quando faltão elles á ambição? A partilha da Polonia, tocava o coração *muito justo e muito sensivel* de Bonaparte. Os seus sentimentos philantropicos

erão muito offendidos pela sujeição involuntaria de huma Nação, elle quer, não restituila á liberdade, mas arrancando á Russia huma porção, entrega-la nas mãos de hum novo Despota, da familia, e da servidão Napoleonica; em quanto as outras ficão na sua mesma situação. Humanidade semelhante á aquella tantas vezes manifesta no Coração mais barbaro!

Por mais que politicamente se examine o motivo da guerra da Russia, a imaginação mais atilada tropeça a cada passo. Não he possível acertar com outra causa, salvo a ambição. Mas he huma singularidade bem notavel e bem honrosa para a Russia, que aquella nação, que combinada fez sempre estereis esforços, na celebre campanha da Italia, debaixo do immortal Swarow, batteu constantemente os Francezes, e modernamente tem gloriosamente resistido ao maior empenho do flagello da Europa. Eu confecho que nunca li sem admiração os esforços verdadeiramente prodigiosos, que huma nação, quasi surprehendida, tem feito para se livrar de hum mal, que rebentou primeiro que ameaçasse: a posteridade fará justiça aos sentimentos patrioticos e generosos desta bellicosa nação, pugnando affincadamente pela sua independencia.

A Suecia tem procedido de huma maneira a mais equivocada. Os Politicos mais sagazes se vêm perplexos ao pronunciar sobre os seus sentimentos. Amigo da Russia, parece apromp-

tar huma expedição , a qual jámais se effectua. Procrastinando successivamente , o seu auxilio tem sido nullo , nenhum damno tem causado aos Francezes. Seria bem de presumir que elle aguarda a decisão da grande contenda do Norte , para tomar o partido , donde possa colher interesse. A conferencia com o Imperador da Russia nada andiantou apparentemente , e o systema de Bernadotte persiste. O Tratado com a Inglaterra parece huma prova , que fixa a opinião, Mas eu tenho visto tantas vezes Tratados capciosos , e muito mais depois que o Tiranno do Continente fez hum jogo das cousas mais sagradas até alli , que me parece muito acertado , desconfiar ainda no meio de tantas promessas ;

*Timeo Danaos , etiam dona ferentes.*

Quando me recordo de que este General foi elevado por Bonaparte ao throno , quando meditava invadir a Russia , e lhe preparava portanto hum inimigo poderoso , eu creio ter assás motivos de duvidar qual he o seu intento. Todavia he temerario arriscar conjecturas em materia tão delicada , sobre a qual se tem successivamente desdito os periodicos mais acreditados. Eu aponto simplicis reflexões em falta de factos decisivos , dos quaes só depende a minha opinião.

A Dinamarca faz preparativos extraordinarios

rios, em tanto que recusa unir-se aos Inglezes e Suecos. Qual deve ser pois o seu partido? Alistar-se entre os Escravos de Bonaparte? A sua ilha pode receber todo o damno da parte dos Inglezes, a Norwega facilmente será conquista da Suecia. Declarar-se contra aquelle Despota? Cessará de possuir o Holstein, Oldenburg, e outros territorios na Allemanha, e talvez a esperança da Pomerania. O que se manifesta bem he que a Suecia e a Dinamarca se observão mutuamente: parece que os occupão interesses oppostos.

A Turquia com grandes preparativos assusta a Austria, e por ventura medita hum golpe: continua as suas negociações com a Russia sobre os limites na Asia. Os Francezes entretanto não se esquecem de semear a zizania, que n'aquelle paiz tanto produz, mas os seus esforços parecem inuteis. A Porta se recêa sempre da Austria, e como descançará, quando a vê ligada a hum Monarca poderoso, cuja ambição desmedida excede á do Macedonio?

Tal o esboço da Europa, que ligeiramente traçamos. O tempo nos falta (e não sobrão as forças) para correremos os olhos pelas outras potencias do mundo, e vemos as revoluções, que nellas tem gerado o espirito de vertigem, que da Europa se estendeu a todo o Orbe. Funesto contágio quasi não ha paiz que tenha poupado! O meu espirito descança quando, lançando os olhos ao Brazil, vejo abraçadas

a justiça e a paz , respeito as Sciencias estendendo o seu imperio , e reconheço que nascem para este vastissimo continente os tempos de Saturno.

---

*Obras publicadas no Rio de Janeiro no presente mez de Janeiro.*

**T**ratado Elementar de Mechanica por Mr. Francœur , por Ordem de S. A. R. , traduzido em Portuguez , e augmentado de doutrinas extrahidas das Obras de Prony , Bossut , Marie , &c. : para uso dos Alumnos da Real Academia Militar desta Corte ; por José Saturnino da Costa Pereira , Cavalheiro na Ordem de Christo , Bacharel Formado em Mathematica , Capitão do Real Corpo de Engenheiros , e Lente do 3.º anno da mesma Academia. 4.ª Parte , Hydrodynamica.

O merecimento da Mechanica de Francœur he geralmente reconhecido , e huma Traducção desta obra he huma grande acquisição para nós , Porém o Traductor a fez ainda mais recomendavel , ajuntando á aquelles principios quanto julgou conveniente extrahir das Obras de melhor nota , como as que aponta no titulo , e de outras , que não menciona , entre as quaes tem o primeiro lugar a Mechanica Celeste de Laplace. Desta sorte preparou aos seus Discipulo hum Compendio rico de conhecimentos , e

muito proporcionado á duração do anno lectivo, como o tem já mostrado a experiencia.

Tratado Elementar de Physica por R.—J. Hauy, traduzido para uso da Academia Militar.

Pronunciar o nome do Author he fazer o elogio da Obra. Por isso foi escolhida para o ensino da mencionada Academia. Nós nos li-sonjeamos de ver quasi diariamente apparecerem novas Obras, quer traduzidas, quer compiladas para uso dos Alumnos, vindo desta arte a propagar-se mais facilmente as luzes, e fngirem diante dellas os males, que a ignorancia produz. Este fim encheu o Tratado, acodindo opportunamente com as suas fadigas a dar ao prelo aquella excellente Obra, que elle deve explicar aos seus Alumnos no presente anno.

---

## C O M M E R C I O.

*Mappa das Embarcações Portuguezas que entrarão em Gibraltar no anno de 1811, e suas importações, e exportações, extrahido de Documentos Officiaes.*

## P O R T U G A L.

| Portos. | N. de Emb. | Generos importados. | Ditos exportados. |
|---------|------------|---------------------|-------------------|
| Lisboa  | 31.        | tabaco, mel,        | vinho, agoarden-  |

|                       |   |   |
|-----------------------|---|---|
|                       | açúcar, algodão, campecho, cacao, manteiga, chocolate, sal, aduelas, madeira; tijolo, taboado, salsa. | te, arroz, esparto, farinha, azeite, bacalhau.  |
| Porto                 | 3. taboado, algodão.  | farinha, azeite, oleo, agoardente, vinho, milho.  |
| Figueira              | 3. taboado, louça, sebola.  | vinho.  |
| S. Mart. <sup>o</sup> | 2. madeira.   | azeite, e vinho.  |
| Caminha               | 1. taboado, sebola.   |   |
| Cezimbra              | 2. lastro   | bois para Cadis.  |
| Setubal               | 5. madeira, fruta, sal, e sebola.   | sal, vinho, e agoardente.   |
| Ericeira              | 39. madeira, pipas.   | vinho e azeite, milho, ferro, trigo.  |
| Aveiro                | 1. taboado  | vinho, azeite.  |
| Algarve               | 203. pescado, fruta, sal, lenha, telha, tijolo, gorpelhas, madeira, pipas, bezeros.                   | bacalhao, enxofre, cera, amendoa, farinha, arroz, biscouto, ferro, linho, vinho, vinagre, trigo, milho, papel, esparto, taboado, azeite, vaqueta. |

## H E S P A N H A.

| Portos.      | Emb. | Importações.                                   | Exportações.   |
|--------------|------|--|--|
| Cadis        | 16.  | esteiras, capachos, chá, lenha, tabaco, cidra, | arroz, farinha, biscouto, farinha de pao, azeite, vinho, |
| Algeciras    | 2.   | azeite, sabão, vinho.                          | azeite.  |
| Ilha de Lião | 1.   | lastro   |  |
| Iviça        | 1.   | vinho  | a mesma carga.   |
| Maiorca      | 1.   | vinho  | a mesma carga.   |

Portos  
da Costa

|          |     |  |  |
|----------|-----|--|--|
| d'Africa | 14. | fruta, carneiros, sabão, cera, goma, pipas, bois, couros, tijolo, e telha, | ferro, caffè, pimenta, assucar, vinho. |
|----------|-----|--|--|

## Ilha da

|          |    |                                |         |
|----------|----|--------------------------------|---------|
| Madeira. | 2. | vinho, manteiga, ganga, e chá. | lastro. |
|----------|----|--------------------------------|---------|

## B R A Z I L.

|       |     |                               |
|-------|-----|-------------------------------|
| Bahia | 19. | tabaco, couros, vinho, roupa, |
|-------|-----|-------------------------------|



sola , assucar , tabaco , azeite ,  
mel , tabaco de sola , sal , papel ,  
rolo e em pó , alhos.  
algodão , cebo ,  
pao amarello.

N. B. Hum dos precedentes foi do Rio de Janeiro carregar á Bahia.

*Resumo dos navios entrados.*

1 navio ; 7 galeras ; 17 bergantins ; 2 sumacas ; 4 escunas ; 26 hiates : 150 cahiques ; 3 barcas ; 75 rascas ; 8 faluchos ; 26 calões ; 20 lanchas ; 9 botes. Total 348.



## I N D I C E.

|              |        |
|--------------|--------|
| Introducção. | pag. 1 |
|--------------|--------|

## A R T E S.

|  |    |
|--|----|
| <i>Memoria sobre o emprego do assucar combinado com a polvora.</i> | 9  |
| <i>Novo modo de refinar o assucar.</i>                             | 10 |

## A G R I C U L T U R A .

|  |    |
|--|----|
| <i>Memória sobre a cultura do Algodoeiro.</i>        | 22 |
| <i>Memoria sobre a plantação e fabrico do Urucú.</i> | 34 |

## H Y D R O G R A P H I A .

|   |    |
|---|----|
| <i>Methodo, que se seguiu no trabalho Hydrografico da Planta do Porto do Rio de Janeiro, no unno de 1810.</i> | 49 |
|---|----|

## M E D I C I N A .

|   |    |
|---|----|
| <i>Proposta da Camara desta Cidade sobre as doenças endemicas e epidemicas, e meios de remedia-las,</i> | 58 |
| <i>Resposta do Doutor Manoel Joaquim Marreiros.</i>   | 60 |

## L I T T E R A T U R A .

|  |    |
|--|----|
| <i>Ode á partida de S. A. R., de Portugal para o Brazil, por B *</i> | 68 |
| <i>Ode do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos.</i>                        | 74 |

|   |     |
|---|-----|
| <i>Resposta de Francisco de Borjão Garçã</i>                      |     |
| <i>Stockler.</i>  | 76  |
| <i>Ode de Diniz a Affonso de Albuquerque.</i>                     | 79  |
| <i>Epigramma do mesmo Author.</i>                                 | 88  |
| <i>Lira inedita de Gonzaga.</i>                                   | ib. |
| <i>Maximas pensamentos e reflexões moraes por hum Brasileiro.</i> | 91  |
| <i>Questão Grammatical sobre as Syllabas por S. P. F.</i>         | 92  |
| <i>Correspondencia.</i>   | 95  |

## HISTORIA.

|   |    |
|---|----|
| <i>Extracto da viagem, que fez ao Sertão de Benguela o Bach. Joaquim José da Silva.</i> | 97 |
|---|----|

## POLITICA.

|  |     |
|--|-----|
| <i>Calculo sobre a perda do dinheiro do Reino, por Alexandre de Gusmão.</i>        | 101 |
| <i>Tratado de Paz entre S. M. o Rei da Suecia, e S. M. o Rei da Gran Bretanha.</i> | 108 |
| <i>Tratado de Amizade, União, e Alliança entre a Hespanha e a Russia.</i>          | 110 |
| <i>Estado Politico da Europa.</i>  | 112 |
| <i>Obras publicadas nesta Corte no mez de Janeiro.</i>                             | 121 |

## COMMERCIO.

|  |     |
|--|-----|
| <i>Mappa das embarcações Portuguezas, que entrarão em Gibraltar em 1811, suas importações, exportações, etc.</i> | 123 |
|--|-----|

**O PATRIOTA,**  
**JORNAL LITTERARIO, POLITICO,**  
**MERCANTIL, &c.**

D O  
**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente ,  
Que a minha terra amei , e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 2.º  
**FEVEREIRO.**

---

  
**RIO DE JANEIRO.**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**  
1813.  
*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,  
na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na  
mesma Loja se faz a subscrição a 4000 reis  
por semestre.*





## M A T H E M A T I C A .

## P R O B L E M A .

*Entre todos os Solidos de igual superficie, achar o que tem o maximo volume.*

**S**ejão  $x, y, z$  as tres coordenadas de hum ponto, tomado na superficie do Solido, referidas a tres planos perpendiculares entre si: por este ponto, e por outro infinitamente proximo, concebão-se dous planos parallellos entre si, e no plano dos  $x, z$ : façãose cortar estes dous planos por tres outros parallellos entre si ao plano dos  $y, z$ , e infinitamente proximos, e passe o primeiro destes pelo ponto, cujas coordenadas são  $x, y, z$ .

Se chamar-mos  $x', y', z'$ ;  $x'', y'', z''$ ; as coordenadas consecutivas, resultarão, suppondo o corpo cortado pelo plano dos  $x, y$ , tres parallelepipedos elementares, de que serão expressões

$$z dx dy, z' dx' dy', z'' dx'' dy'';$$

ou, por causa dos planos parallellos ao dos  $x, z$ ,  
 $z dx dy, z' dx' dy', z'' dx'' dy''$ .

Se forem  $ds, ds', ds''$ , os elementos consecutivos da curva, que resulta das intersecções de hum dos planos parallellos ao dos  $x, z$ ;  $d\sigma,$

$d\sigma'$ ,  $d\sigma''$ , os que resultão das intersecções, dos planos paralelos ao dos  $y$ ,  $z$ ;  $dsd\sigma$ ,  $ds'd\sigma'$ ,  $ds''d\sigma''$ , serão as porções da superfície do solido, que fexão os paralelepipedos  $zdx dy$ ,  $z'dx'dy$ ,  $z''dx''dy$ ; ou, por causa dos planos paralelos ao plano dos  $x$ ,  $z$ ,

$$dsd\sigma, ds'd\sigma', ds''d\sigma''.$$

Isto posto, fazendo variar estes elementos solidos parallelamente no plano do  $x$ ,  $y$ , e dentro dos limites  $dx + dx' + dx''$ , e  $dy$ ; teremos pela condição de *maximo*

$$\delta(zdx dy + z'dx'dy + z''dx''dy) = 0 :$$

a condição de ser a superfície constante dá

$$\delta(ds d\sigma + ds' d\sigma' + ds'' d\sigma'') = 0 :$$

finalmente, os limites da variação no sentido dos  $x$ , dão

$$\delta(dx + dx' + dx'') = 0.$$

Estas equações, pelas considerações feitas tornão

$$\begin{aligned} z\delta dx + z'\delta dx' + z''\delta dx'' &= 0, \\ \delta ds + \delta ds' + \delta ds'' &= 0, \\ \delta dx + \delta dx' + \delta dx'' &= 0, \end{aligned}$$

que, por abreviar, escreveremos deste modo,  $\Sigma z\delta dx = 0$ ,  $\Sigma \delta ds = 0$ ,  $\Sigma \delta dx = 0$ .

Sendo  $ds^2 = dx^2 + dz^2$ , teremos

$$\delta ds = \frac{dx}{ds} \delta dx = r \delta dx, \text{ pondo } \frac{dx}{ds} = r; \text{ as tres}$$

equações serão



$$\Sigma z \int dx = 0 \dots (1)$$

$$\Sigma r \int dx = 0 \dots (2)$$

$$\Sigma \int dx = 0 \dots (3)$$

o coefficiente de  $\int dx''$  em (3) he 1, e em (1) he  $z''$ ; logo multiplicando (1) por  $z''$ , (1) por 1, diminuindo huma equação da outra teremos

$$z'' \Sigma \int dx - \Sigma z \int dx = 0 \dots (4),$$

resultado, em que o coefficiente de  $\int dx''$  deve ser identicamente nullo.

O coefficiente de  $\int dx''$  em (2) he  $r''$ , e em (3) he (1), e operando semelhantemente, será

$$r'' \Sigma \int dx - \Sigma r \int dx = 0 \dots (5).$$

he logo nullo o coefficiente de  $\int dx''$  nas equações (4) e (5). O termo  $\int dx'$  está em (4), multiplicado por  $z'' - z' = dz'$ ; e em (5) por  $r'' - r' = dr'$ ; logo, multiplicando (4) por  $dr'$ , (5) por  $dz'$ , e fazendo a subtracção, teremos

$$\begin{aligned} & dr'(z'' \Sigma \int dx - \Sigma z \int dx) \\ & - dz'(r'' \Sigma \int dx - \Sigma r \int dx) = 0: \end{aligned}$$

equação, em que são nulos os coefficientes de  $\int dx''$ , e  $\int dx'$ ; e em que por consequencia tambem deve ser o de  $\int dx$ ; virá pois

$$dr'(z'' - z) - dz'(r'' - r) = 0,$$

ou

$$dr'(dz' + dz) - dz'(dr' + dr) = 0;$$

e reduzindo

$$dr'dz - dz'dr = 0,$$

e

$$\frac{dr'}{dz'} - \frac{dr}{dz} = 0$$

isto he

$$d\left(\frac{dr}{dz}\right) = 0.$$

Esta equação dará, pela integração, a figura do solido, que buscamos: e temos successivamente

$$\frac{dr}{dz} = a, \quad r = az + b;$$

sendo  $a$ , e  $b$  duas constantes arbitrarías.

Repondo o valor de  $r$ , depois de haver quadrado a ultima equação, será

$$\frac{dx^2}{dx^2 + dz^2} = (az + b)^2,$$

e

$dx^2 [1 - (az + b)^2] = dz^2 (az + b)^2$ ,  
donde se tira

$$dx = \frac{dz(az + b)}{\sqrt{[1 - (az + b)^2]}}$$

cujo integral he

$$x + c = \frac{1}{a} [1 - (az + b)^2]^{\frac{1}{2}},$$

e finalmente

$$(x + c')^2 = a'^2 - (z + b')^2;$$

equação, que pertence ao circulo; e mostra que qualquer secção feita parallelamente ao plano dos  $x, z$  he hum circulo; e como a posição deste plano he arbitraria, segue-se que qualquer secção feita no corpo he circulo; e por consequencia he este corpo huma esfera.

Se procurassemos entre todos os solidos de igual volume, aquelle que tem a maxima superficie, fazendo considerações em tudo analogas ao caso, que acabamos de tratar, seriamos conduzidos ás mesmas equações (1), (2), (3), e em consequencia, tambem o solido, que goza desta ultima propriedade, he a Esfera.

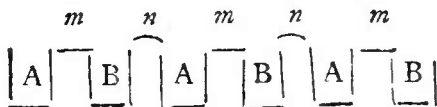
*José Saturnino da Costa Pereira.*

## C H I M I C A.

*Extracto de duas Cartas de M. Schweigger a  
J. C. Delamethrie, sobre o Galvanismo.*

*Do Jornal de Physica.*

**D**Ezejeveis huma miuda descripção do meu apparatus para produzir galvanismo por meio do fogo. A minha bateria he composta de hum conductor solido, e hum liquido.



A e B são dois pequenos vasos de cobre, prezos alternadamente pelas ataduras *m* humidecidas com agoa salgada, e pelos arames de latão *n*. Estes vasos estão todos cheios de acido sulfurico fraco. Haverá certo numero delles; eu emprego quatorze, e cada hum descança em huma tripeça.

Debaixo de cada vaso A, ponho huma candêa accessa, em quanto os vasos B estão frios, ou por si mesmo, ou pondo-os em hum banho refrigerante.

Quando os vasos A contém acido sulfurico fraco, e são aquecidos pela luz, obrão como o zinco nas batarias ordinarias, desenvolve-se o galvanismo, oxydão-se as extremi-

dades dos arames de metal ; e ha hum desenvolvimento de gaz ; mas apenas se tirão , ou apagam as luzes , cessão os effeitos galvanicos. Logo he o calor , quem põe em acção o fluido galvanico.

O arame de metal , que serve para communicação entre os vasos , não deve ser de platina , nem de ouro , mas de chumbo , ou cobre.

Esta bateria produz os mesmos effeitos , que a de *Volta*.

Eu construi outra bateria com vidro e louça , da mesma sorte que Wilkinson construiu a sua de madeira ; porém esta supporta somente o calor da agua fervendo.

Este novo methodo de produzir galvanismo pelo fogo nos dá novos meios de proseguir experiencias galvanicas. Até agora empregava-se só o methodo humido ; e hoje se póde usar do methodo seco.

O galvanismo parece ter grande influencia sobre os sulfatos metallicos.

Na sua segunda Carta M. Scheweiger continua assim :

A minha bateria será principalmente destinada para temperaturas mais elevadas do que a da agua fervendo.

Consegui combinar enxofre com os metaes por hum processo galvanico , como havião indicado as experiencias do engenhoso M. Jaeger , que oxyda os metaes com huma cha-

pa de zinco polido, e papel molhado. Já disse que estas experiencias confirmarão a minha conclusão, mas era ainda necessario repeti-las. Com effeito repeti-as; e para vossa satisfação vos communicarei as suas particularidades.

A primeira, e mais perfeita experiencia, he aquella, em que eu ajunto por meio de algum grude, que não seja conductor de electricidade, huma bacia de cobre, e outra de ferro, cada huma das quaes tenha as extremidades levantadas só por tres lados, de maneira que as duas bacias pareçam hum só vaso. Eu puz estes vasos sobre carvões accesos, e lancei sobre elles algum enxofre, que se derreteu, e inflamou de quando em quando. Durante este tempo preendi aos musculos e nervos de huma rã, preparada para este intento, compridos arames de latão, que eu soldei ás duas bacias. Ao principio percebi só duas convulsões, nas quaes não me fiei. Todavia tive a satisfação de perceber, quando acabou a experiencia, que toda a bacia de ferro estava transformada em hum sulfato tão perfeito, que o mesmo pó, que resultava daquelles sulfatos, não era attrahido pelo iman, que sustenta 18 a 20 libras. Estas peças tomarão hum polido bonito, e pelo contacto do zinco se tornarão tão notaveis excitadores da acção galvanica, que excederão a prata, mas cederão a preferencia ao carvão oxygenado (*thermo-oxydado*).

Não pude conseguir, aquecendo simplesmente chapas de ferro com enxofre, hum ferro sulphurado, igualmente perfeito, e em pedaços de conveniente grandeza para as baterias galvânicas.

Eu repeti estas experiencias ha pouco, da maneira seguinte. Fiz cortar algumas pequenas chapas, de perto de quatro pollegadas quadradas, de huma chapa de ferro estanhado, e poli-las por hum lado até apparecer o ferro. Fiz estas chapas dobradas, ajuntando-as com grude, em hum pequeno vaso de barro cozido. Aqueci primeiro este vaso sobre o fogo, e então puz minio nos espaços entre as chapas; e porque não tinha porção bastante, enchi-as de sulfato de antimónio, (fallo de sulfato de antimónio não preparado) e augmentei o fogo até derreter o sulfato. Prendi alguns arames de latão aos nervos e musculos de huma rã *acordada do sono do inverno*, e por consequencia mais pronta a excitar. Puz hum destes arames polares em huma infusão de sulfato metallico a hum dos polos da bateria, e a outra foi posta em contacto com o outro polo. Então observei convulsões fortissimas.

Desta arte temos baterias galvânicas construidas sem agoa; e não será difficil faze-las mais perfectas.

*Methodo imaginado, e praticado no Laboratorio Chimico do Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo, nesta Cidade do Rio de Janeiro, para a extracção do Oleo de Mamona. ( Ricinus communis, Lin. )*

**A**S utilidades do oleo de mamona, tanto em Medicina, como em uso domestico, são geralmente conhecidas: o modo de o extrahir, que se pratica no Brazil, he vicioso, principalmente por dois motivos; o primeiro porque costumão sujeitar a mamona á torrefacção, que atacando a parte mucilaginosa produz hum pessimo cheiro, e gosto empireumatico; isto prova a impureza do oleo, e daqui se ha de seguir alguma alteracção na sua qualidade primitiva; o segundo he por lhe não tirarem a epiderme, a qual ficando carbonizada contribue para a impureza, além de ser reconhecido que nella existe virtude emetica. Para se evitarem tão graves inconvenientes, executou José Caetano de Barros no sobredito Laboratorio o processo seguinte, que nós publicamos com muito prazer para instrucção do publico sobre este interessante objecto.

Pizou-se huma porção de mamona, depois de descascada e limpa da epiderme, e desta massa bem pizada se tomarão duas libras; o liquido, que della resultou pela expressão, se guardou em huma manga de vidro; este li-



quido não era outra cousa senão huma porção de oleo combinado com mucilagem na parte inferior, e outra menos inquinada na parte superior, lançou-se a massa, em doze libras d'agoa; fez-se-lhe fogo brando, augmentando-o depois pouco e pouco até a ebullicão, e agitando-se sempre o liquido; coou-se com huma forte expressão da massa, na qual se deitarão depois tres libras d'agoa fervente, o que se juntou ao primeiro liquido já exprimido: lembrou que a fermentação era o unico meio que havia para destruir a parte mucilaginoza sem destruir a virtude purgante. Estava a decocção no estado de emulção; passadas cinco horas, pouco mais ou menos, notou-se que principiava a fermentação, isto he, hum pequeno movimento no liquido, e se hia amontoando na superficie huma massa flocosa, discorrendo-se que esta não seria senão o oleo, que por mais leve procurava a parte superior, o que talvez obstasse á fermentação, por se oppor ao contacto do ar, mudou-se tudo para hum vaso de folha de flandes, que tinha huma grande superficie; no dia seguinte continuou a fermentação já mais sensivel, exhalando hum cheiro saponaceo; no terceiro e quarto dia notou-se o mesmo; e no quinto já não havia movimento sensivel, e se desenvolvia hum cheiro putrido muito forte e desagradavel; via-se na superficie abundante oleo, já livre de mucilagem, porém ainda parte delle estava em fôrma de espuma

flôscosa; foi-se passando para hum funil todo o liquido, e deste modo se separou o mais puro existente na parte superior do impuro na inferior: julgando-se que pondo outra vez este ultimo no mesmo vazo de lata se poderia obter puro pela acção, que obrasse o liquido fermentado, se deixou no mesmo vazo pelo decurso de oito dias, no fim dos quaes vendo que existia sem mudança se resolveo a po-lo ao fogo, e por este meio se obteve o oleo livre do corpo, com que se achava combinado; este passou a ter huma côr alambreada, e com cheiro empireumatico; o primeiro, como não soffreo acção do fogo, ficou quasi inodoro e de côr verde.

Esta operação, que pôde ainda ser executada com mais economia, produzirá mais cincoenta por cento, pouco mais ou menos em pezo d'oleo, e deve-se usar da prensa para a expressão, e com facilidade se achará meio de limpar com muita presteza da epiderme a mamona; cuidando-se sempre em a colher em tempo conveniente, e no estado de maturação. O oleo da primeira sorte, que tem resultado deste methodo, foi applicado com aprovação, e bom effeito, por alguns Medicos desta Cidade, evitando aos doentes o cheiro e gosto nauscativo proveniente de epireuma: o da segunda sorte pôde servir para uso commum.

*Noções sobre a cultura, e fabrico do Anil, e  
Análize desta matéria colorante, e do  
Pastel, publicadas por B.\*\*\**

PRIMEIRA PARTE.

*Cultura do Anil.*

**O** Anil ou Indigo fecula precipitada, reduzida a massa solida, seca, leve, quebradiça, de côr azul carregado, de grande uso na Tinturaria, Pintura, lavagem, e outros trabalhos de diversas manufacturas, he produzida pela planta chamada Anil, Indigo-Fera da familia das Leguminosas.

Ha muitas especies de Anil, Mr. de Cossigny (1) faz menção de 14 na Ilha de França, e Mr. Brulley (2) de 20, outros authores igualmente fallão de grande numero d'ellas (3) e as descrevem: nós porém, deixando descripções botanicas aqui fóra do seu lugar, reservando-as para hum maior trabalho, que sobre esta materia temos feito, (4) dize-

---

(1) Ensaio sobre a fabricação do Anil, 1 vol. in 4.<sup>o</sup>, impresso na Ilha de França. Obra de Mr. de Cossigny.

(2) Memoria de Mr. Brulley, impressa nas do Lyceo das Artes de Paris.

(3) Vid. o Parfait Indigotier &c.

(4) Traduzimos, e quanto coube nas

mos, que o Indigo-fera he indigena d'America, e que se cultiva com vantagem no Continente d'America Meridional, nas Antilhas, Ilha de França, Bengalla, Tava, Guatimala,

---

nossas forças, enriquecemos das observações e experiencias, que depois apparecerão, a Obra de Mr. de Cossigny sobre o Anil, e em quanto a não publicamos aconselhamo-la aos Fabricantes, que a poderem haver, e para que tenham do seu merecimento alguma idéa transcrevemos aqui a carta, que a seu respeito me escreveo o Autor. =

*Paris 27 de Agosto de 1808,*

**O** Vosso ardente dezejo de ser util á vossa Patria, meu caro B.\*\*\*, me transporta aos meus annos de vigor: procurei o = *Essai sur la fabrique de l'indigo* = e apenas ha em Paris disponivel o que trouxe comigo da Ilha de França, onde o imprimi, eu vo-lo offereço. Quanto a seu merecimento, vossas luzes o descobrirão, se o houver, e não quadra a seu autor o pronunciar á esse respeito; só digo que a Academia Real das Sciencias de Paris, á vista da conta dada por Mrs: Macquer e Lemonnier lhe deu a sua approvação em 1781: Que a Sociedade Literaria das Artes de Batavia, segundo a relação feita por Mr. Hooyman, a aprovou tambem no mesmo anno. A

sendo estes ultimos os mais estimados na Europa. (5)

Para que a sementeira seja boa devem-se colher as sementes do anil antes da perfeita madureza, de outro modo são de difficil germinação, e he vantajoso, antes de semea-las, po-las em agoa por algumas horas, e procurar que a sementeira se faça, quando a terra estiver regada de chuvas.

b

---

Sociedade Asiatica de Calcutta, em attenção á obra, honrou seu autor com o titulo de seu membro; Em Calcutta se imprimio em Inglez o seu extracto, que foi reimpresso depois em Londres. A companhia Ingleza das Indias Orientaes confessou dever em grande parte á esta obra o complemento dos dezejos, que tinha de multiplicar o fabrico do anil em Bengala, no Bahar, e Agra.

Assim creio fazer hum mimo ao Brazil (onde o anil he tão mal fabricado) fazendo-lhe chegar esta obra pela mão daquelle, que se fez cargo de colher, e levar-lhe quanto lhe pôde ser de utilidade. Feliz o vosso Paiz, se ha nos vossos compatriotas huma porção do patriotismo que . . . &c. &c. &c.

Vosso . . . *C. de Cossigny.*

(5) Mr. de Pons diz que o anil da Terra-Firme he o mais rico e melhor, e que basta piza-lo, e deixa-lo infundir em agoa para se obter a melhor fecula.

A sementeira em raios, ou sulcos pouco profundos, he o que lhe quadra, consome-se he verdade, muita semente, mas fica-se bem pago, e toda a abundancia de sementes empregada he necessaria, pois que muita parte d'ellas aborta.

Para brevidade deste trabalho imaginou-se huma especie d'ancinho, ou grade (6), que traça ao mesmo tempo diversos regos, e Mr. de Cossigny, addicionou á esta machina hum semeador, o que abrevia ainda mais o trabalho em questão.

A terra compacta lhe convém tão pouco quanto vem bem em terra solta, razão porque se não devem poupar as lavras nas destinadas para esta plantação; as terras velhas bem lavradas, e estrumadas dão excellente anil.

Além das lavras, e estrumes, esta planta pede limpas, regas e outros cuidados; assim pois deve-se-lhe dar huma lavra a cada corte, excepto quando a terra estando muito seca, se não esperarem chuvas.

As urinas, e as cinzas, são os estrumes, que mais lhe quadrão, por isso os Indios fazem pastar rebanhos de carneiros no terreno, que deve ser semeado d'anil.

Quando foi queimado, ou crestado por qualquer cauza, atacado pelos insectos, ou derribado por furações, &c., cumpre para di-

---

(6) Vid. Art. de l'Ingotier por Mr. de B. R.

minuir a perda, corta-lo logo, e que seja na altura de duas á tres polegadas da terra; e se estiver já adiantada em idade, de modo que prometa alguma fecula, bom será trabalha-la.

Tres cortes por anno he o ordinario na Ilha de França; e Cossigny me assegurou que alli plantando em sua fazenda o Anil dito Franco, as suas socas durarão tres annos, e que aos 22 mezes de germinado já lhe havia dado sete cortes. Em todos os casos cumpre para reanimar a sua vegetação, cortar as socas o mais rente da terra possivel: sem esta precaução, muitos pés morrem, e muitos dos que resistem, crescem lentamente, e dão folhas escaças, e pobres de fecula.

O Anil quer calor e huma pouca de humidade. As grandes chuvas e trovoadas lhe são nocivas. Germina em todas as quadras, com tanto que seja regado; sou pois de parecer que as sementeiras se fação em Março ou Abril ao cahir d'alguma chuva, então ha menos calor he verdade, mas ha librinhas, que continuão nos mezes de Junho e Julho, e se bem que a planta vai crescendo lentamente, no mez de Setembro se pôde fazer o primeiro corte, e estando então a planta vigorosa pôde resistir ás grandes trovoadas, e chuvas de Dezembro, Janeiro &c. e pôde-se fazer o segundo corte em Novembro, ou principios de Dezembro, ficando o terceiro para o tempo dos maiores calores.

A esterilidade do solo, a influencia da estação, os cortes prematuros ou tardios, o esgotamento de forças occasionado por muitos cortes, a velhice das astes, são as principaes causas para o pouco producto da fecula.

## SEGUNDA PARTE.

### *Fabrico do Anil.*

**S**Aber-se-ha com admiração sem duvida, que havendo hum Seculo que se fabrica o anil, a sua manipulação consiste ainda em aproximações tão incertas, que o melhor fabricante erra, ou perde 10, 15, e 20 tintas de 100, que entrepheende; ora se o proprietario, seguindo hum processo certo, estivesse seguro de não perder o fructo de seus trabalhos e despesas, todos ganharião, elle, as artes, as manufacturas, e o Commercio: neste caso nos poem os trabalhos de varios Colonos distinctos, mormente Mr. Nazon, a quem sabias observações e longa experiencia ensinarão o meio de não perder huma só tina de quantas se empreendem nas fabricas de anil.

Para se obter esta materia colorante, corta-se a planta, quando está madura. O corte prematuro, ou tardio, causa pouco producto. O momento favoravel he o em que a planta está carregada de flores, e algumas já em fructo, que a maior parte das folhas se achem



no seu maior crescimento, e que esfregadas nas mãos dem certa especie de estalo, que lhe he proprio, bem como que desenvolva esse cheiro, que repugna, e cuja actividade he relativa ao estado de madureza. O signal, que guia aos Indios, he o amarelecer das folhas inferiores, que então cahem. He para admirar a perplexidade, ou inadvertencia de quantos authores tenho lido á este respeito. Mr. de Beauvais Raseau (7) diz que, o momento favoravel he quando a planta chega a tres pés d'alto, signal que nada val; e ajunta que então a flor lança cheiro notavel; e lembra mais o estalo das folhas, como fica dito; Mr. Monnereau diz ainda menos.

A foice he o instrumento, que se emprega nos cortes, e bom será que estes se fação ás 7 horas da manhã, ou ás 5 da tarde no Estio, e ás 8 da manhã e ás 4 da tarde no Inverno. Carrega-se a ceifa em cestos, e limpa-se bem da terra e mais corpos, que a inquinão; tira-se o mais, que se pôde, de linho, e põe-se no maceradouro, de modo que não fique muito calcada, nem mui froxa, e que a agoa lhe sobre-nade na altura de polegada, á polegada e meia.

O maceradouro he hum tanque de alvenaria, que tem commummente 12 pés, e que se deve fazer muito mais largo, do que profundo: para que a maceraçáo chegue ao pon-

---

(7) Arte de l'Indigotier.

to devido são precisos 15, 30, e mesmo 36 horas, mais ou menos, segundo a temperatura da athmosphera, a qualidade da planta, a natureza do solo, que a produzio, e da agoa, em que se macera.

Huma das maiores difficuldades deste fabrico, he o conhecer-se o gráo de fermentação, em que se deve parar. Entre todos os indicios, que se tem julgado decidirem este ponto, desprezando a maior parte d'elles como insufficientes, diremos os em que mais confiamos: o primeiro he quando as espumas, que se havião levantado, começam a abaixar, e tomão huma côr azul misturada de cobre, este sinal anuncia que o ponto não está longe, todavia he ás vezes enganador. Outro consiste em receber pela torneira huma pouca d'agoa da tina, em huma taça de prata, observar se a fecula tende a precipitar-se; e mais seguro ainda he observar com cuidado se, durante 5 ou 6 minutos, se fórma huma areola ou circulo de fecula nos lados da taça, e se este de verde ao principio passa depois á azul. Em quanto a maceração não está no ponto desejado, esse circulo difficilmente se desprende, mas por fim precipita-se, e concentra no fundo da taça, buscando sempre o centro, a agoa he limpida então, e corada d'amarelo. Os olhos observadores do fabricante, e a ajuda destes indicios reunidos dão certeza.

Mas como a maceração ou fermentação

não he simultanea em todas as partes da tina ou cuva, convém fazer os exames com a agoa do fundo, do meio, e da superficie, e ter-se em vista 1.<sup>o</sup> que val mais pecar por falta do que por excesso de fermentação, 2.<sup>o</sup> que conforme he a qualidade da herva, e influencia do tempo, assim mais rapidos são os grãos de fermentação, pedindo as hervas mais pobres de fecula huma fermentação menos adiantada do que as outras.

De experiencias reiteradas Mr. de Cosigny concluiu que para se fazer a fermentação igual em todas as partes da tina, o melhor era lançar-se no fundo huma dissolução alkalina, ou sumo de limão, e na parte superior huma porção d'agoa d'anil, que se julgasse em bom ponto de fermentação, e cobrir o maceradoiro com esteirões, afim de manter huma temperatura sempre igual.

Chegado o anil ao gráo conveniente de fermentação, passa-se a agoa para outro tanque, ou tina, colocada abaixo da primeira, e esta he o chamado batedeiro por servir de bater-se n'ella a agoa ainda carregada de fecula.

Deve-se antes agitar o liquido do que batelo, para que a fecula se separe melhor, esta operação, que costumão fazer a braços, recomenda hum sarilho com longas pás atravessadas em fôrma de cruz, o qual movido pela manivela, fará o effeito dezejado.

O excesso no bater enegrece o anil,

misturando de novo a fecula com a agoa da qual se não separa mais, e então, em vez d'anil, tem-se huma agoa turva: o bater pouco diminue o producto. Para parar-se pois com ella convenientemente, cumpre examinar o seu effeito; toma-se de tempos a tempos huma porção do extracto, e lançado em hum vazo de porcelana, ou prata, vendo-se que o precipitado he prompto, e a agoa clara, deve-se cessar de bater.

Reconhecido que a fecula está sufficiente-mente reunida, passa-se a agoa para terceira tina mais pequena, tendo deixado repouzar a fecula azul-indigo, que se precipita no fundo, por espaço de 7 a 8 horas, vazando-se o liquido carregado da fecula azul-celeste, que se não separa; a côr do liquido então he relativa á porção, que contém de fecula azul-celeste, he verde-azeitona, quando aquella abunda, amarelada quando a porção he pequena.

Se a batedura não reúne o grão do anil, o extracto com novas hervas soffrerá segunda fermentação, e bater-se-há de novo, mas então devem-se fazer estas operações com a tina coberta, e as duas fermentações não serão levadas tanto ávante, como o he de ordinario. Convém que antes de carregar o tanque de alvenaria com as folhas, dois dias antes se tenha enchido d'agoa, afim de que não embeba, e diminuindo a agoa, causa inconveniente á operação.

Pecando a operação por excesso, ou falta de fermentação, ou batedura, Mr. de Cossigny lança-lhe hum precipitante, e assenta que o melhor he huma dissolução de cinzas com cal, e decocção de folhas de uva de rato, ou tronco de bananeira, ou mesmo d'assucar, ou ferrugem de chaminé. E para o anil que sahe de côr desmaiada, aviva esta, lançando-lhe huma porção de acido mineral qualquer, diluido em bastante agoa; e lava depois a fecula em agoa pura e quente: o acido sulfurico he o que aviva mais a cor do anil. Assim, querendo-se aproveitar o anil de má côr, repetir-se-hão as lavagens em agoa quente, passando-o deste para agoa acidula, e feito isto duas vezes, dar-se-lhe-ha outra lavagem em huma dissolução alkalina, e em fim outra em agoa fervendo.

Depois da operação da batedura, segue-se a da filtração, para a qual logo que a fecula está deposta ou precipitada, esgota-se a agoa e tira-se o deposito com promptidão, pondo-se em sacos de pano grosso, deixa-se então esgotar a parte aquosa, lança-se depois a fecula sobre mezas, ou tableiros para secar; e lavão-se os sacos em huma celha para aproveitar o anil, que lhes ficou pegado.

Amaça-se o anil nos tableiros, ou secadoiros, afim de mais facilmente secar, e tornar a massa mais compacta e espessa, corta-se em quadradinhos, espalha-se no tableiro, e seca-se á sombra, o que apezar de ser mais

longo, he melhor do que ao sol, que he mais prompto. Desta operação depende muito a friabilidade e fragilidade do anil. Se se emprega a estufa, he preciso alimentar durante a noite hum calor de 40 á 45 grãos do therinometro de Reaumur, diminuindo-o durante o dia, e arejando-o de tempos á tempos.

Logo que o anil está seco, he posto em caixas para correr no commercio, e como insectos he que o atacão, bom será esfregar as caixas com enxofre, alho, ou assafetida.

Tive occasião de trabalhar sobre folhas secas d'anil, empregando as precauções acima referidas, e do que vi, e me affiançou Mr. de Cossigny, velho colono da Ilha de França, a quem devi a mais sincera amizade, e muitos favores, o testemunho dos colonos com quem buscava sempre tratar nas minhas viagens, assegurão o bom exito deste fabrico, seguindo-se o nosso methodo; e melhor ainda fallão em seu abono mais de 1500 tanques, ou tinas, assim trabalhadas nas differentes partes da Ilha de S. Domingos; outro grande numero dellas fabricado em a Ilha de França; &c.

Resulta igualmente das experiencias e observações, que por este methodo cada terço *d'arpent*, ou seiscentos e sessenta e oito pés, pouco mais ou menos, de terreno cultivado em bom anil dará (deduzidas as despezas) hum lucro de 160 mil reis, mas sendo o anil máo então póde até mesmo perder o fabricante, e

com effeito nenhuma mercadoria soffre maiores differenças de preço : o anil do Brazil, por exemplo, apresenta huma differença de 200 á 400 por cento em menos, em concorrência com o da America Hespanhola, &c.

A grande differença nos preços induz á fraude, e Mr. Puegh de Ruão mostrou as diferentes substancias, com que he falsificado; os Mercadores chegam até a refundir o anil na Europa, e illudem as provas, juntando-lhes gomas, rezinas, esphalto amido, carvão de terra, e outras substancias bituminosas, que na prova pela combustão deixão em residuo hum carvão, bem como a fecula pura.

Seja-me licito lamentar a decadencia ou inteira aniquilação das nossas fabricas d'anil : em quanto os Francezes se esforçao em arremedar nas suas manufacturas e tinturarias o anil com a fecula de outras plantas, vendo-se privados de Colonias e de commercio do exterior, nós abandonamos a planta, que produz o anil em maior abundancia e melhor, a tal ponto que já se não vem fabricas desse genero, que havião nas Capitancias de Pernambuco &c., e mormente na do Rio de Janeiro.

Se da diminuição do preço no mercado vem a sua quêda, não he esse o caminho, que se segue, mas sim o de trabalhar afim de rivalizar com os outros; não he perdendo-se o animo que se vem a cabo das emprezas: embora a França, e os Paizes por ella tiranizados,

busquem imitar com o suco das uvas, com a beterrave &c. o assucar da canna, esta planta he a que dá em mór porção o assucar, e, não podendo ser cultivada nos climas frios, ha de sempre o assucar ser hum genero privativo dos climas quentes. Embora com diversos amargos tentem imitar o caffè, não he caffè o que tomão, e esta producção nunca ha de ser dos seus paizes, o mesmo digo da quina, &c. e em fim do Anil.

*Processo empregado em Java (8).*

**C**ortado o anil, he posto em pequenos molhos, e lava-se para limpa-lo da terra e mais substancias estranhas. São depois levados á vazos de cobre contendo 6 á 7 canadas d'agoa; ferve-se tudo em fornos como os de cozinha; tomando a agoa côr esverdinhada, he lançada em vazos de barro, que podem conter de 60 á 70 canadas, bate-se até que se fórme escuma na superficie, e esta pareça azulada, deixa-se então precipitar, tira-se a fecula, e seca-se. O anil sahe excellente, mas se a Companhia o fizesse fabricar sem ser por *corvéa*, ou trabalho sem salario, as despesas hirião a seis vezes mais, do que o preço da mercadoria.

---

(8) Dado por Mr. Le Chenault, botânico da expedição do Capitão Baudin.



*Processo dos Indios.*

**O**S Indios secão a planta ao sol , batem-a , depois separão as folhas , e metem-as em jarras bem tapadas , expõe-as de novo ao sol , reduzem-as a pó , e guardão-o. Este depois he lançado em vasos com agoa , e ao cabo de 3 horas o liquido deve apparecer verde na superficie , e o pó cor de cobre. Mechem tudo , filtrão , e deixão depor , ajuntão-a com a da primeira jarra , lanção nova agoa , mechem durante duas horas , coão de novo , e repetem isto tres vezes , deitão depois o sedimento fora ; e por espaço de tres dias batem duas horas de noite , e duas de dia , o extracto contido nas jarras.

Para conhecerem o grão de batedura lanção huma porção do extracto em dissolução de greda ; ficando a côr verde , continuão a bater , se negra ou azul , parão , ajuntão a dita dissolução ao extracto , e 3 ou 4 horas depois esvazião a jarra : estendem a fecula , que se precipitou , em pannos bem tezos ; e quando o anil se separa facilmente amaçã-o em tigelas , e por fim , sobre hum chão de terra batida poem huma camada d'arêa ou cinza , estendem-lhe sobre hum panno , espalhão-lhe o anil em bolos , e desde que na sua superficie apparece huma substancia esbranquiçada , que anuncia secura , he exposto durante 36 ou 48 horas á sômbra , e depois ao sol : outros o

secção em panno estendido sobre grades de pão posto sobre fogo mui lento.

Outros methodos differentes de fabricar o anil existem, mas achamos escuzado amontoa-los, quando demos o que nos parece preferivel a todos os que conhecemos.

### TERCEIRA PARTE.

#### *Natureza do Anil e do Pastel.*

**P**Arece que o anil existe em varios vegetaes, (9) e que da falta de exame depende o não haver-se encontrado. Se está no suco expremido, expor-se-ha este ao ar, durante alguns dias, e evaporar-se-ha em huma capsula de porcelana, apparecerá hum depozito azul ou esverdinhado, e este lançado em hum corpo quente, assegurará a sua existencia, exalando logo hum fumo purpurio; ou dissolvendo-

---

(9) A galeiga officinalis, segundo Lineo, dá hum bello azul; a scabiosa Suecisa, da qual na Suecia se extrae huma fecula azul tratando-a como o Pastel. He de presumir que os vegetaes, que dão verde, solidos ou fixos, segundo o testemunho de muitos viajantes, contenhão além do anil huma materia colorante amarella, que se fixa, ao mesmo tempo que elle, sobre os pannos. — *Vid. Encycloepedia art. Pastel.*

se em acido sulfurico concentrado, ver-se-ha se o azul he permanente.

Se o anil está misturado com fecula verde, como no pastel, será preciso esgotar o vegetal pela agoa, e trata-lo depois pelo alcohol fervendo, estas primeiras lixivias conterão só fecula verde e pouco anil, as seguintes conterão mais anil, a juntar-se-lhe ha alcohol, expor-se-ha a hum calor brando: assim se dissolverá toda a fecula verde, e o anil ficará no fundo do vaso.

O anil he huma das substancias mais uteis, e mais vezes empregada na tinturia: as suas propriedades, como principio colorante, crão ha muito tempo conhecidas (10) mas faltava ser examinada com aquella escrupuloza attenção, que he dada á chimica moderna: faltavão sobre o estado da parte colorante do anil noções exa-

(10) Foi pelo meio do seculo XVI que se empregou o anil nas tinturarias da Europa, e parece que os Hollandezes forão os primeiros, que della se servirão: com tudo os Gregos e Romanos o conhecerão, se Bancroft merece credito; segundo o qual a substancia que Plinio chama Indicum, e que foi trazida da India, não pôde ser senão o anil: tinham-o porém no tempo deste Naturalista, por huma exsudação ou escumas de certas cannas misturadas com o limo da terra; e Dioscorides o tomou por huma pedra.

etas, bem como a explicação de hum phenomeno, que se apresenta, quando he exposta ao fogo, que se bem tivesse merecido a attenção da chimica, e em particular de Mr. Vauquelin, só ultimamente Mr. Chevreuil, debaixo das vistas daquelle celebre Mestre, e no seu laboratorio em París, explicou a causa do phenomeno.

O objecto das experiencias feitas por Mr. Chevreuil era conhecer a causa do bello fumo perpureo, que ao calor se desenvolve do anil; tentou-se portanto a analyse daquelle substancia; eis a marcha, que se seguiu:

A destilação do anil a hum calor graduado deo:

- 1.º Agua, contendo carbonato d'amoniac.
- 2.º Enxofre, unido provavelmente ao hydrogeneo oleoso.
- 3.º Hum oleo espesso misturado com carbonato d'amoniac.
- 4.º Sulfuro-hydrogenado, e prussiato de amoniac.

5.º Huma substancia purpurea crystallizada em pequenos cristaes, formando penacho na parte superior da retorta.

6.º Hum carvão volumoso azotado, que deo prussiato, sendo calcinado com a potasse.

7.º Gazes que se desprezarão.

A' esta primeira operação succedeo a analyse pela via humida, tratando-se o anil successivamente pelo alcohol, pela agua, e pelo

alcohol, e aquecido com o acido muriatico fraco, &c. eis o resultado.

|                          |   |                        |
|--------------------------|---|------------------------|
| Pela agua                | { Amoniaço<br>Anil desoxidado<br>Materia verde<br>Extractivo amarelado<br>Goma }                        | 12                     |
| Pelo alcohol             | { Materia verde<br>Resina vermelha<br>Anil }  | 30                     |
| Pelo acido<br>muriatico. | { Resina vermelha<br>Carbonatico de cal<br>Oxide vermelha de ferro<br>Alumina<br>Silicia<br>Anil puro } | 6<br>2<br>2<br>3<br>45 |
|                          |   | <hr/> 100              |

O anil empregado era de Guatimala, e o especifico, por isso mesmo que talvez não haja substancia, que varie tanto na sua composição quanto esta: e devemos-nos tambem ligar mais á quantidade do que á qualidade de cada producto. Mr. Chevreuil notou que em geral todo o anil, que contém mais amoniaco, contém maior quantidade de indigo ao minimo d'oxidação, e mais materia verde do que os

outros; e que foi o anil de Java que apresentou esta substancia no seu maior estado de pureza. A materia verde não he anil, comporta-se bem differentemente com os alkalis, acidos, e alcohol; mas huma substancia com a qual parece ter analogia: he esta materia verde, que espontaneamente se desenvolve no interior de certos lenhos, e que os côra de hum azul esverdeado: huma e outra se desenvolvem nos alkalis e se precipitão em flocos verdes pelos acidos; ambas communicão côr púrpurea ao alcohol, mas neste caso observa-se que a agoa turva hum tanto a dissolução da materia verde do lenho, o que anuncia que he pouco ou nada solúvel n'ella.

Os corpos estranhos, que acompanhão o anil, e que a analize separou, sendo expostos ao calor não dão fumo púrpureo, o qual se desenvolve com tanta maior intensidade quanto o anil he mais puro.

O fumo púrpureo será o resultado de huma decomposição do anil pelo fogo? Não, a experiencia mostra que he o mesmo anil; que se volatiliza sem decomposição; porque a materia púrpurea cristalizada em penachos obtida pela distillação do anil, e que não he senão o fumo púrpureo condensado em cristaes, he este ultimo no estado puro, como reconhecer-se pôde suguitando esta materia á acção do acido sulfúrico concentrado, e lançando-a sobre hum corpo quente, no primeiro caso se dissolve no aci-

do, e lhe dá hum excellente azul; no segundo volatiliza-se de novo em fumo purpureo. He portanto evidente que o anil he volatil e susceptivel de crystalizar, que se crystaliza pelas vias seca e humida; que, sendo puro, he purpureo e não azul, e que quanto mais unidas são as moleculas, tanto mais intensa he a côr, e que se lhe dá a sua côr primitiva, triturando-o com corpos brancos, taes quaes a alumina, goma, ou amido &c., não he o anil a substancia azul unica, que condensadas as suas moleculas pareça purpurea, o azul de Prussico ex. gr. ( que não contém grande quantidade d'alumina ) apresenta esse aspecto.

Cumpra observar que a acção do calor opera bem differentemente no anil; se he exposto immediatamente em pequena porção á calor vivo, volatiliza-se quasi sem deixar residuo, mas se se aquece brandamente em retorta, hum porção se decompõe, e outra se volatiliza sem decomposição.

Ve-se pois que o processo para purificar o anil he fundado em serem as materias estranhas, que o acompanhão, susceptiveis de decompor-se á huma temperatura mais baixa do que a precisa para separar os elementos deste composto, e que se reconhece que o anil he puro pela côr azul, que dá ao alcohol, quando he fervido com elle.

Não creio que o anil purificado dê aos estofos mais bella côr. do que o do commer-

ció; porque, o que se faz quando se tingem he dissolver o anil nos alkalis desoxigenando-o, e precipitando-se depois sobre o pano, tornando-lhe a dar o oxigenio, que havia perdido: ora nesta operação o anil não he verdadeiramente purificado, as materias, que o acompanhão, não tendo o poder de separa-lo dos alkalis, absorvendo o oxigenio, ficão em dissolução, e supondo mesmo que o anil levasse com si-go algumas materias estranhas, he provavel que a simples lavagem podesse livrar os panos dellas.

Mas não levemos muito avante este raciocinio, pois que delle poder-se-hia seguir que para a tinturaria todo o anil he igualmente bom, o que a pratica desmente. Donde vem pois as differenças, que se observão empregando-se especies diversas de anil? julgo, a pesar da falta de experiencias, pode-lo attribuir á duas causas, ou duas conjecturas: 1. he devida á quantidade de materias estranhas relativamente á do anil (11), e não á sua natu-

---

(11) A variação, que se observã na quantidade de materias, estranhas unidas de ordinario ao anil, he devida em geral á fraude, que se comete no commercio, ou no fabrico. Sabe-se hoje que os Anileiros introduzem sempre materias heterogeneas na preparação do anil, e que os Mercadores misturão as diversas especies de anil, tudo por causa da grande desproporção dos preços.



reza como corpo colorante susceptivel de unir-se ao tecido com a côr azul: 2. ao anil no seu minimo, porque parece ter escapado á oxidação; no trabalho empregado jámais pôde formar huma tão bella côr com os pannos como o que foi saturado de oxigenio.

As experiencias sobre o Anil levarão Mr. Chevreuil a fazer outras sobre o Pastel. Esta substancia he conhecida desde a mais alta antiguidade (12), e antes do Anil fazia as suas vezes nas operações da Tinturaria, conhecido debaixo de muitos nomes, como ex. gr. Guede, Vociede, Isatis, &c.

O Processo o mais geralmente seguido na sua preparação consiste em esmagar ou moer a planta em hum moinho, como os de azeite, depois de a haver bem lavado. Logo que está reduzida á pasta, põe-se em monte, em sitio coberto, e bem arejado, onde se deixa fermentar por espaço de doze, ou quinze dias, havendo o cuidado de tapar a pasta, reunindo as fendas, que se formão, sem essa precaução, entrarião insectos, e estragarião a substancia. Depois de haver fermentado sufficiente-

---

(12) Os Gregos o chamarão Isatis, os Gallos, e os Germanos chamavão-o Glastum, que queria dizer vidro, de donde veio depois o termo vitrum impregado por Cezar e Pomponio Melas para designar esta planta. Plinio o chamou Glastum.

mente ; dá-se-lhe a forma de bôlos oblongos, e secos podem ser empregados na tinturaria ; vale mais porém emprega-los só ao cabo de alguns annos, pois que o Pastel de boa qualidade, augmenta de força no espaço de 8, e mesmo 10 annos.

Na Alemanha fabricou-se o Pastel por hum processo analogo ao porque se fabrica o anil : esta operação não offerencia outra vantagem mais do que despojar o Pastel das partes lenhozas, e da arêa : ganhar-se-hia em adoptá-la, pois que, segundo a analyse de Mr. Chevreuil, estas materias entrão na composição do Pastel em mais de metade ; augmentar-se-hião, he verdade, as despezas da mão d'obra, mas o Pastel tambem augmentaria de preço em razão da vantagem, que o consumidor tiraria, recebendo debaixo do mesmo volume huma quantidade de materia colorante aomenos dupla, além do que sendo o Pastel purificado a mesma substancia que o anil, poderia provavelmente marchar a pár, ou entrar em concorrência com elle. (13)

(13) Aqui não he o Chimico que falta, mas o Francez, que toma o tom, com que seu Governo illude á Nação, fazendo-a crer que do seu terreno póde extrahir quanto a natureza espalhou pela terra, como convidando, na dependencia em que pôs aos Povos, as relações que trazem consigo as trocas mutuas dos ge-

O Pastel, que servio nestas experienciãs, tinha sido preparado segundo o methodo ordinario. Tinha hum cheiro decidido de tabaco, e dissolvido notavão-se fragmentos de folhas, partes lenhozas e arêa.

*Pela distillação deu :*

1.º Agoa, que se tornava vermelha pelo tornesol, e que parecia dever a sua acidez á huma pequena quantidade de vinagre.

2.º Enxofre dissolvido em hum oleo.

3.º Carbonato d'ammoniaco, e hum atomo de prussiato.

4.º Oleo amarello, que se torna concreto, e escurece ao ar, com o cheiro de materias animaes destiladas.

5.º Carvão volumozo, que deu huma cinza assás alkalina.

6.º Gazes, que se desprezarão.

---

neros. Estou que o Pastel póde imitar ao anil, mas logo que as fabricas entrão em concorrência cahem as do Pastel sendo o anil mais rico de fecula e melhor.

Analizadas pela via humida cêm partes de  
Pastel deirão :

|              |   |      |
|--------------|---|------|
|              | { Enxofre<br>Acido acetozo<br>Extractivo<br>Gomma<br>Materia vegeto-animal<br>Sulfato de cal<br>Ferro<br>Nitrato de potassa<br>Muriato de potassa<br>Acetato de potassa<br>Acetato d'amoniacó | } 34 |
| Pela água    |   |      |
|              |   |      |
|              |   |      |
|              |   |      |
|              |   |      |
|              |   |      |
|              |   |      |
|              | { Cera<br>Indigo ao máximo<br>Indigo ao mínimo<br>Fecula verde.<br>Materias lenhozas<br>Aréa.   | } 55 |
| Pelo Alcohol |   |      |
|              |   |      |
|              |   |      |
|              |   |      |

Digno de nota he que no curso desta analyse o Pastel tratado pelo alcohol deu indigo ou anil em pequenas palhetas purpureas, pequenos grãos brancos, que se pegarão ao fundo da retorta, e flocos da mesma natureza, que ficarão suspensos no liquido: este filtrado, virão-se os flocos tomar cor azul desde que

sofrerão o contacto do ar : os pequenos grãos brancos cristalinos , que tinham ficado no fundo da retorta , corarão-se ao sol , apparecerão cristalizados , e reflectirão a cor purpurea brilhante do indigo sublimado.

O anil ou indigo está todo formado no Pastel pelo que vemos , pois que parece impossivel que a manipulação produzisse a materia colorante , o que com ella se poderia produzir seria o acido acetico , o ammoniaco , e sobre-oxidação do indigo , e para tirar toda a duvida fez-se a analize do Pastel seco , o qual havia só perdido a sua agoa de vegetação.

A agoa roubou-lhe o extractivo , a goma , a materia vegeto-animal , enxofre , sulfato de cal , e os acetatos de potassa , e amoniaco , e o muriato de potassa. Esta lavagem deferia da do Pastel do commercio em conter maior quantidade de muriato de potassa , e d'alkali livre volatil ; o que restabelecia a cor azul do tornesol , avermelhada por hum acido ; não continha nitro.

O alcohol extrahio da planta esgotada pela agoa , cera , indigo ao maximo , e fecula verde.

O residuo ; que era lenhoso deu huma cinza hum tanto alkalina , composta de phosphato , de carbonato de cal , de magnesia , e silicia. Esta analize prova que o anil está todo formado no Pastel , e todo formado no indigo-fera , e está no seu minimo d'oxidação. Quando se moe a folha do anil , diz Mr. Berthollet

(14) o seu suco toma logo ao ar huma cor azul esverdinhada. Se depois de o haver moido, se extrahe o suco por infuzão, deixando esta dissolução ao ar, ella se turva, e precipita-se huma fecula azul esverdinhada, que conserva este matís, ou gradação verde, apezar das lavagens repetidas, e longa exposição ao ar.

*Concluzão.*

**D**Os factos precedentes concluimos:

1.<sup>o</sup> Que o anil está todo formado nos vegetaes, e está no seu minimo d'oxidação, ao menos pela maior parte; porque não he impossivel que haja huma porção saturada d'oxigenio: pertence á experiencias ultteriores o decidirem.

2.<sup>o</sup> Que o trabalho em grande, pelo qual se faz passar o anil ( indigo-fera ), tem por fim separar o anil ou indigo das substancias com as quaes está unido, combinando-o com o oxigenio.

3.<sup>o</sup> Que o anil deve ser caracterizado assim: composto immediato dos vegetaes; branco no seu minimo d'oxidação, e não corando então de azul o acido sulfurico: purpureo no seu maximo d'oxidação e corando então de azul o acido sulfurico: susceptivel de cristalizar em agulhas: volatil e que derrama hum fumo purpureo ao calor.

---

(14) Elementos de Tinturaria tom. 2.<sup>o</sup> pag. 41, segunda edição.

4.º E em fim, que he do nosso interesse fazer renascer as plantações e fabricas do anil, e po-las em tal pé que o nosso possa sustentar a concorrência no mercado, livrándo-nos da vergonha e do desprezo, em que se tem quantos generos sahem das nossas fabricas Brasileiras, o que he tanto mais facil, quanto peço, não na qualidade da materia primeira, mas dos mal entendidos e peor executados processos, e que felizmente sobre cada hum d'elles ha muitos escritos, que cada dia se hirão vulgarizando, e desarreigando a má rotina; as luzes espalhão-se no mundo para todos, cumpre aproveitá-las.

---

*Memoria sobre o Algodoeiro continuada do N.º 1.º pag. 34.*

## C A P I T U L O II.

### *Da Descripção do Algodoeiro.*

**D**Epois de ter escripto a historia da antiguidade do algodoeiro, do seu uso, e da importancia da sua cultura, segue-se para a boa ordem, a descripção systemática do seu genero, das suas especies, e das suas variedades.

#### *Descripção.*

|        |       |              |
|--------|-------|--------------|
| Classe | - - - | Monadelphia. |
| Ordem  | - - - | Polyandria.  |
| Genero | - - - | Possypium.   |

**Cal.** Periancio, duplicado : o exterior he maior monophilo, partido em tres partes, e estas laciniadas. O interior he monophilo mais pequeno de feitio de huma chicara.

**Corol.** Cinco petalas, que pouco se abrem.

**Estm.** Filamentos muitos, curtos, nascidos da

**Corola** com antheras em fórma de rins.

**Pestil.** Ovado, acuminao.

**Pericarp.** Ovado-acuminao (15) com tres re-  
gos ou quatro, que notáo o numero das valvu-  
las ou loculamentos ; o calix interior rodêa  
a baze do fruto.

**Sem.** Muitas envolvidas em lã.

### *Especies.*

- I. Herbaceo      Gossyp. as folhas de cinco lo-  
bos, o caule herbaceo.
- II. Barbádense      Gossyp. as folhas de tres lo-  
bos, na parte inferior com  
tres glandulas.
- III. Arboreo      Gossyp. as folhas palmadas

---

(15) Observ. O pericarpo do algodoeiro da Asia he inteiramente redondo ou esferico; o da America ao contrario he sempre ovado-acuminao; pelo que não se deve notar como erro o dizer *Lineo Gener. plant.* que o pericarpo do algodoeiro he redondo, porque a fructificaço, que foi objecto da sua analyze, era da Asia.



com os lobos lanceolados, o caule fruticoso.

#### IV. Hirsuto

Gossyp. as folhas 3-5 lóbadas, agudas, o caule muito ramoso.

#### Variedades.

**E**stas são as quatro especies distinctas e conhecidas; mas ha muitas variedades, que tem provindo, segundo creio, do clima, da differença do terreno, e da cultura.

I. Ha o *algodoeiro bravo*, que os Francezes chamão *Cotonier morron*, *xilon sylvestre*; elle cresce da mesma altura do domestico ou do manso: as suas folhas são trilobadas, as flores são inteiramente como as do algodoeiro manso, com a differença sómente de serem pequenas; o fructo tambem he mais pequeno; a lã curta e aspera; as sementes pequenas e muito adherentes.

II. Algodoeiro bravo com folhas de cinco lobos, as sementes mui desunidas e separadas humas das outras.

III. *Algodão macaco*, que os Francezes chamão; verdadeiro algodoeiro de Sião, *cotonier de Sián franc*, *xilon sativum* filo croceo: os galhos são prostrados, a lã he de côr de ganga, e ainda mais fechada, macia e fina; estimada para certas obras pela sua côr natural.

IV. Ha outra variedade de algodoeiro

bravo, com o fruto maior, e a lã da mesma cor de ganga: tanto esta, como a variedade chamada de *macaco*, não póde servir para xitas, nem outras obras, que levem tinta; porque esta cor parda he tão adherente, que resiste á operação do branquecimento, e nem acceita outra cor artificial, sem se lhe tirar aquella natural.

V. *Algodoeiro da India*, este he o nome que neste paiz dão ao algodoeiro, que vou descrever agora: elle tem a mesma fórma do algodoeiro manso arboreo, com as folhas sómente hum tanto pilosas, mais macias ao tocar a planta, os fructos e flores mais pequenos; as sementes pouco adherentes; a lã muito fina, muito macia, e preferida ao outro para se fiar, o fio he mais fino, mais delicado; serve no paiz só para fiar linhas; deste não cultiváo para o commercio, e sómente para o gasto do paiz.

VI. *Algodão de Maranhão*, assim o chamão aqui; mas talvez que em Maranhão o não haja; a sua arvore he algum tanto maior do que o algodoeiro ordinario, as folhas maiores, mais bem nutridas, o capucho maior duas vezes que o outro; as sementes são até o numero 17 em cada capucho, ao mesmo tempo que as do algodoeiro ordinario são só 7; a lã he mais rendosa, de sorte que 3 arrobas deste algodão em caroço, rendem huma de lã; sendo necessarias 4 arrobas do ordinario para dar huma de lã: o anno passado de 1796. he que

se principiou a cultivar este algodão , e ainda ha muito pouco.

VII. A que os Naturalistas Francezes chamão *Contonier blanc de Sian*, differe muito pouco do que nós chamamos algodão da India, a unica differença consiste nas sementes; porque este as tem desunidas, e aquelle as tem muito adherentes.

Outras variedades podia contar; mas as suas differenças são tão tenues, que quasi não merecem distincção: a cor das flores, amarellas, brancas, &c. não deve caracterisar variedades, nem especies em vegetal algum, mormente no algodoeiro, pois que as deste são amarellas no primeiro dia que abrem, no segundo mudão a cor para vermelho, e vai fechando cada vez mais a cor até cahir.

### Habitação.

**O** Paiz proprio do algodoeiro he debaixo dos tropicos, ou nas partes mais vezinhas. A Asia foi onde primeiro se fez uso desta planta, e tanto lá como na America, ella cresce naturalmente, sem a minima cultura: logo ella he natural destes dous paizes.

Inuteis serão sempre os projectos de alguns Europeos, de naturalizarem esta planta no seu paiz: Rosier supõe ser possivel cultivar-se vantajosamente esta planta na Provença e Languedoc; mas quanto se engana elle,

e' outros da mesma opinião ! La só vi cultivar nos jardins o algodoeiro herbaceo , e apenas frutificava , vinha o inverno , e o destruía totalmente , e ás vezes nem chegava a sazonar o seu fructo ; e nem jámais elle poderá servir ahí senão para satisfazer á curiosidade dos Botanicos. A natureza concedeu a cada paiz , ou a cada clima , seus privilegios exclusivos , e que sempre gozarão a pezar de todo o esforço da arte.

Os que pensão que esta planta se póde naturalizar em Europa , bem se podião desenganar , se lessem a Memoria de Mr. Quatremere , lida na Academia das Sciencias de Paris : nella faz ver o seu author , que pela differença dos climas degenera pouco a pouco , passando do estado de arvore elevada ao de herva rasteira , e de frutifera a infrutifera. Elle diz , e na verdade se verifica , que esta degeneração tem lugar tanto na Asia , como na America , caminhando do Meiodia ao Septentrião. No antigo mundo degenera á proporção que se caminha de Sião para Surrate , Agra , Alexandria , Acre , Chypre , Smirna , Tessalonica. No novo mundo observa-se a mesma differença , caminhando de Maranhão , Cayenna , Surinão , Carthagena , Martinica , Guadalupe , S. Domingos , Carolina , &c. Em quanto a mim , até posso affirmar que o de Maranhão já degenera muito do de Paranambuco.

## C A P I T U L O III.

*Da terra mais propria, ou mais conveniente para a cultura dos algodoeiros.*

**F**Altão as chuvas, murchão as plantas e não medrão; principia-se a desbotar o tapete verde, que cobre a nudez da terra: chove, reverdece tudo, vigora-se a vegetação, crescem as plantas. Nas margens dos rios sempre estão verdes, e alegres; ha muitas que vegetão excellentemente só com agoa, como são as bulbosas, chegando a brotar fructos; o que claramente tem mostrado as bellas experiencias, que fizerão muitos sabios Fisicos (16); os mesmos nos tem mostrado, que a terra nada contribue por si ao nutrimento dos vegetaes, isto he, que a terra nada dava de sua propria substancia; e de tal modo tem produzido as suas provas, fundadas nas experiencias, que não deixão lugar de duvida.

Poder-se-ha por ventura, partindo destes principios, affirmar, que havendo agoa, toda a terra he propria e apta igualmente para a vegetação de qualquer planta que seja? Não poderemos certamente tirar esta consequencia, sem hirmos contra a observação quotidiana; porque vemos que tal terra nutre e cria excellentemente huma planta, e que mata e en-

d

---

(16) Duhamel, Galvi, Wan-hel-mont &c.

fraquece outra; o velame v. g. *Broteria purgans* (17), as mangabeiras e outras, não podem vegetar bem na terra de vargem, propria para canas de assucar, *Sucarum officinarum*: ha plantas habitadoras das praias, ou maritimas, como flor de cristal *Salsoda kali*, a escamonea *Convolvulus scamonea*, o Pancraccio *Panacratium maritimum*. Outras são proprias da agoa doce, como a herva cavalinha *Equisetum*, os golfoens *Nymphæa alba*, e *lutea* &c. Outras de terras areentas, como as piteiras, *Agave Americana*, os coqueiros *Cocus nucifera*, e em geral as plantas carnosas. Outras de terras argilosas, como a cana de assucar, *Sucarum officinarum*; outras de terras calcareas, como a alfavaca de cobra, *Parietaria*, e em geral as plantas nitrosas, que contém nitro; outras finalmente das terras marnosas.

A rasão deste phenomeno só pôde conhecer o Quimico, que indaga as propriedades dos corpos por meio de analyses e syntheses. He certo que as unicas substancias, que entrão no nutrimento da planta, são a agoa e o ar (18), mas he necessario quem distribua

---

(17) Esta he huma planta cuja raiz he purgativa, e que não tendo sido descripta por Lineo, a descrevi, e lhe dei o nome generico do meu amigo o illustre Botanico Felis Avellar Brotero.

(18) A agoa sendo absorvida, e entrando

estes nutrimentos aos vegetaes ; para esse fim destinou a natureza a mesma terra ; pelo que

d ii

---

no corpo do vegetal , decompõem-se em *hydrogeneo* e *oxigeneo* ; e o ar sendo do mesmo modo absorvido , e circulado nos seus vasos , he igualmente decomposto em *oxigeneo azoto* , ou *base do gaz mefitico* , e em *acido carbonico* , o qual ainda he composto de *oxigeneo* , *carbonio* e *calorico*. Estes quatro principios unicamente elaborados , e combinados diversamente , conforme as diferentes qualidades de vasos , que compoem o vegetal , formão todas quantas substancias produz o reino vegetal , como oleos , resinas , gomas , balsamos , mucilagens , emulções ou leite dos vegetaes , partes colorantes , feculas , amidos , carvão , assucar , acidos vegetaes , saes neutros ; e eu penso que até os mesmos metaes , e o enxofre , que se achão nas plantas , não devem ser senão compostos de alguns destes principios ; pelo que acho possivel , não só a transmutação , como tambem a factura dos metaes ; se os Quimicos tivessem seguido exactamente a marcha da natureza nesta operação , terião sem duvida achado esta pedra philosophal ; mas nem tem atinado com a verdadeira vereda , que guia a esta descoberta tão importante , e talvez mesmo que nunca atinem ; pois póde ser que seja esta huma das cousas , que a natureza tenha encerradas no seu Sacratio para jámais serem vistas.

ella serve não só de alicerce para a planta se ter em pé, mas tambem de dispenseira, permitta-se-me esta expressão: he evidente, que sendo de differentes naturezas as terras, ou, servindo-me da mesma metaphora, sendo de differentes naturezas as dispenseiras, humas serão mais liberaes que outras na distribuição do mantimento, ou nutrimento dos vegetaes; na verdade, huma indagação hum tanto mais profunda sobre as propriedades das terras, nos póde fazer ver esta verdade: a terra areenta tem a propriedade de deixar passar a travez dos seus poros toda a agoa, que lhe cahe em cima com a maior facilidade; a argilosa pelo contrario a retém tenazmente em si, e não a demitte senão pouco a pouco; logo nas terras areentas só vegetarão bem todas aquellas plantas, que não tiverem necessidade de muita agoa para viverem; na argilosa porém só poderão viver e nutrir-se bem, as que necessitarem de muita agoa para vegetarem, e he evidente, que aquelles vegetaes, que viverem bem nas terras areentas, morrerão nas argilosas, ou ao menos minorem de vigor, e *vice versa*.

Por este modo tão simples obriga a natureza os vegetaes a habitarem em diversos lugares, sem poderem mudar as suas habitações proprias, e consignadas debaixo de pena de morte em si, ou na sua descendencia.

Não se exemptão desta lei geral os Algodoeiros, que em razão de vegetal, devem



ter a sua habitação destinada pela natureza; esta he a que me proponho assignar fundado na experiencia.

Lendo as Obras dos Naturalistas, que fálão do Algodoeiro, vejo que se enganárão a respeito do terreno mais apto para a melhor producção deste genero de planta tão importante; e meditando profundamente na causa disto, não posso deixar de suppor que escreverão por noticias de viajantes, e homens que não tratão *ex professo* desta cultura.

Todos, que tenho lido, dizem, que o Algodoeiro produz melhor nos terrenos arenosos e aridos, e que não durão mais de tres annos; ao mesmo tempo, que nem a terra arenosa convem ao Algodoeiro, nem a sua idade deve limitar-se só a tres annos. Se na Ilha de S. Domingos, e outras paragens sitas na mesma latitude, o Algodoeiro não chega á idade mais avançada, ou he por ser plantado em terreno improprio, tal como o arenoso, ou porque a inclemencia do Clima lhe encurta a vida. Nesta Provincia de Parana mbuc, onde cultivo este genero, ha veia de terra em que o Algodoeiro vive 10 12 annos, e mais, frutificando sempre com o maior proveito do agricultor: eu os tenho desta idade pouco mais ou menos. Não conheço paiz algum, onde o Algodão chegue a estes annos: logo a qualidade deste terreno deve-se considerar como a mais propria para esta cultura. Tenho obser-

vado, que as partes, que melhor produzem o Algodoeiro, constão de huma mistura de barro (argila), e terra arenosa, a qual sem esta mistura nunca convem á vegetação do Algodoeiro: alguns agricultores escolhem a terra de barro (argila) vermelho, mas esta côr não deve servir de signal certo para julgar da sua bondade; pois que a côr vermelha he devida a hum pouco de *óxido vermelho* de ferro; o essencial he, que predomine o barro, ou argila, seja esta colorada ou não.

Distinguem-se tres qualidades de terreno, em que se costuma plantar Algodoeiros. 1.<sup>o</sup> *Vargem*, 2.<sup>o</sup> *Catinga*; 3.<sup>o</sup> *Arisco*. Chamão vargem as planicies, que bordão os rios, e ribeiros; logra tambem o nome de vargem, hum planicie sem lombo algum, ainda que não seja retalhada de rio; mas as primeiras são com razão preferiveis a estas pela sua melhor producção. Catinga, em todo o rigor do termo, entende-se por hum terreno cheio ou cuberto de huma especie de *Cassia*, não descripta ainda por Lineo, a que eu tenho dado o nome de *moscata*; mas, *lato modo*, tambem se chama catinga hum terreno cuberto de outro qualquer arbusto baixo, como he o marmeleiro, velame *Braterea velame*, e tem-se generalisado tanto este nome, que até chamão hoje catinga em algumas partes, tudo o que não he vargem, inda que seja cuberto de mata virgem: as catingas desta natureza

são preferíveis á todas as outras para a cultura do Algodão, e pouco inferiores ás vargens; mas catinga de marmeleiro (19), e as outras, só servem aos que não tem outra qualidade de terreno, em que plantem; porque, os Algodoeiros plantados ahí, não costumão produzir mais de tres annos, e ainda assim não pagão dignamente os disvelos do agricultor.

Arisco, como o nome o está indicando, chamão aquelle terreno quasi inteiramente arenoso, ou seja coberto de mato, ou calvo; este dos tres he o peor.

Em tudo he preferida a vargem, porque além de outras bondades, conserva a frescura por muito tempo, ainda depois de acabadas as chuvas, qualidade que não tem os outros terrenos; porque os altos, ainda que sejam de barro, dessecão logo, por serem mais açoutados dos ventos, e porque as agoas de pressa se escoão: os ariscos, porque sendo de terra arenosa, deixão filtrar-se a agoa á travez dos seus póros sem o minimo embaraço, e recebem com a maior facilidade o calor dos raios do sol.

Com tudo, he util aos que cultivão com fabrica grande, plantarem nos altos e nas vargens; porque os Algodoeiros plantados no alto, chegão ao ponto de sua maturação pri-

(19) Esta planta tambem he huma especie de *Broterea*, a que os Europeos chamão *mar-meleiro*, pela apparencia de sua folha.

meiro que os da vargem, cujo fructo he sempre mais tardio, em razão da frescura do mesmo terreno, e por isso tem o agricultor tempo de o colher, em quanto este se poem no estado de madureza.

*Continuar se-há*

## M E D I C I N A.

*Resposta que deu o Doutor Bernardino Antonio Gomes ao Programma da Camara desta Cidade, que vem no N.º 1.º pag. 58.*

1.º **S**Egundo a observação de quasi dous annos, que conto de residencia no Rio de Janeiro, tenho por molestias endemicas desta Cidade, Sarna, Herisipellas, Empigens, Boubas, Morféa, Elephantiasis, Formigueiro, o Bicho dos pés, E lemas de pernas, Hydrocele, Sarcoccele, Lombrigas, Ernias, Leuchorrea, Dymhorrea, Hemorroides, Dispepsia, Varios affectos convulsivos, Hepatites, e differentes sortes de febres intermittentes e remittentes.

Não se observa no Rio de Janeiro o que na Costa d'Africa chamão carneiradas, isto he, certas molestias epidemicas, que graçaõ regularmente em certos tempos do anno, mas as febres intermittentes, e remittentes, aliás en-

êmicas , frequentemente se encontram assaz epidemias , principalmente na estação chuvosa , ou de Verão. Demais vê-se aqui , como em todas as partes do mundo , epidemias esporádicas , ou extraordinarias , tal foi a das Bexigas podres do anno passado , que foi fatal a milhares de Crianças. Também me persuado que as revoluções , ou affecções paralíticas reinão ás vezes aqui epidemicamente : no mesmo anno passado , antes da epidemia bexigosa , houverão muitas destas molestias. Do que acabo de referir , e da raridade com que aqui se encontram doenças verdadeiramente inflammatorias , creio poder asseverar em geral , que as molestias tanto endêmicas , como epidemias desta Cidade , são doenças de atonia , e que por consequencia se deve classar na ordem das suas causas tudo o que tende a enervar a constituição física dos habitantes , e a produzir os miasmas , que hoje se reconhecem por causas das febres intermitentes e remittentes , e em geral das epidemias.

2.<sup>o</sup> Segue-se daqui que o clima quente e humido desta Cidade deve considerar-se como huma das principaes causas das mencionadas molestias : nada he mais capaz de enervar a constituição humana , e nada favorece mais a putrefacção das substancias animaes e vegetaes , e em consequencia a origem dos miasmas referidos.

3.<sup>o</sup> Segue-se mais que se devem ter por

causas , ainda que mais remotas , as que fazem a humidade do clima.

Logo devemos contar entre ellas , 1.º e principalmente a pouca elevação de 5 a 11 palmos do pavimento da Cidade sobre o nível das agoas do mar , isto só bastava para fazer o ar humido : em tão pouca profundidade o calor do-Sol extrahe da agoa , e faz subir á athmosfera , huma grande copia de vapores , como mostrão sobejamente as Observações de *Pringle nos Paizes-baixos* : 2.º A planicie da Cidade : he tambem visivel , que desta sorte não ha escoante , ou esgoto , para as agoas da chuva , e que portanto tem estas de secar-se maiormente pela evaporação que exala o Sol : 3.º A proximidade dos morros mencionados na consulta : estes dão escoante ás agoas da chuva para se hirem accumular no plano da Cidade : estes absorvem muita humidade , a qual pelo tempo adiante calando-os , vem manifestar-se junto á baze , tornando humidas mesmo em tempo seco as habitações visinhas , como manifestamente se vê na rua da Ajuda e casas proximas ao Castello ; este ultimo defende o accesso dos ventos , que dispersarião os vapores , que eleva o Sol , e concorrerião muito para secar as agoas : 4.º Os lugares da Cidade e suburbios apaulados ou alagadiços ; estes são hum manancial perene de vapores , e , o que ainda he peor de miasmas febrigeros. 5.º O calor absoluto , ou o que mostra o Thermome-

tro no Rio de Janeiro , não he tão grande como parece , pois commummente não passa muito de 80° no Thermometro de Farenheit nos grandes calores do Verão : he todavia maior do que se observa em outros Paizes de menos Latitude : este excesso de calor , a desagradavel sensação , que produz , e os seus perniciosos effeitos , provém da estagnação do ar ; e esta he produzida pelas duas series de morros parallelos e contiguos á Cidade , que a privão pela sua posição em grande parte do refrigerio e beneficas influencias dos ventos , que aqui reinão quotidianamente : e eis-aqui novamente os morros sendo a causa das molestias da Cidade por concorrerem para o calor do clima : destes porém o mais nocivo he o do Castello , porque he o que obsta mais à viração do mar , vento o mais constante , o mais tortê e o mais saudavel : 6.º Além das causas Topograficas mencionadas ha outras menos notaveis , mas não menos perniciosas.

Taes são : 1.º A immudicie : esta não só he damnosa , corrompendo immediatamente o ar , mas porque serve de fermento para aprobece-rem as substancias incorruptas. Quanto não he de temer esta causa em hum paiz quente e humido , sendo ella tão extensa ? Quasi toda a praia desta Cidade da banda da bahia , he por falta de caes extremamente immunda : huma semelhante immudicie he , segundo observa *Lind* , a causa das doencas de muitos dos pai-

zes quentes : as ruas da Valla, e Cano são ingratas aos passageiros pelo vapor, que exhalão, e as suas casas dão huma bem pouco grata habitação pela copia de importunos mosquitos, indício certo, segundo nota o mesmo *Lind*, da deterioridade do ar : consta-me que n'hum anno, que se alimparão os aqueductos destas ruas houve apoz da abertura huma terrivel epidemia : ha muitos lugares na Cidade de despejo publico ; que são outros tantos focos de vapores veneficos : taes são os principios das ladeiras do Castello, da banda da Ajuda, e da rua de S. José, junto aos arcos da Carioca, entre a rua da Ajuda e a da Carioca, junto a S. Francisco de Paula, e valla do campo da Lampadoza &c. Não se deve aqui postergar a immundicie domestica originada da escravatura ; todos querem ter muitos escravos, e ás vezes em huma bem pequena casa, onde mal cabe a familia do Senhor ; ha familias de escravos, que portanto vivem amontoados n'hum pequeno quarto ou loja : qual será o ar destes pequenos aposentos respirado por muitas pessoas por natureza, e condição immundas ? 2.º As agoas estagnadas e lugares alagadiços : hoje todos concordão a froxo, que estes são em todo o mundo o manancial das febres intermittentes e remittentes. Ora no Rio de Janeiro, apesar do muito que se tem melhorado o Paiz, ainda subsistem no interior e suburbios, muitos lugares desta natureza, taes são o espaço, que fica entre Mata-Caval-



los, Campo da Lampadoza; junto ao jogo da Bolla, Mangal de S. Diogo &c. &c. 3.º O grande numero de casas abarracadas ou terreas: nestas o ar he menos ventilado, mais humido, e mais doentio, como fazem ver as Observações de *Pringle* nos Paizes-Baixos.

7.º Do que acabo de ponderar emana por consequencia, que quanto mais elevado fosse, ou se tornasse o pavimento da Cidade e dos edificios, sendo o mais o mesmo, tanto mais seco e mais saudavel seria o ar. Não seria bem facil este melhoramento ordenando a Camara que todos os edificios, que se reedificassem, ou construissem de novo, tivessem o pavimento dous ou tres palmos superior ao da Cidade, e que se demolisse parte de hum e de outro morro?

8.º Fôra as causas ponderadas, que modificando o ar cooperão para as doenças do Rio, creio divisar tambem algumas na mesma dieta, e costumes de seus habitantes. Eu não posso deixar tambem de olhar como causa remota de alguma das doenças do Rio o nimio uso de certos alimentos do Paiz, que tornão inertes as primeiras vias, enchendo-as de muita saburra muccoza, taes são as Bananas, o Aipim, os Carás, as differentes especies de Batatas, as differentes Farinhas de Mandioca, o Arroz, as differentes sortes de Fejão &c.; o Matte, e o Chá, hoje tão familiares aos do Rio de Janeiro, he tão danoso, como o de-

veria ser em hum Paiz quente e humido huma bebida aquosa, e tepida: a carne seca, e peixe seco, principal alimento dos pretos, deixará de concorrer para as molestias cutaneas, que são triviaes entre elles? A quietação extrema, a que se dá principalmente as mulheres desta Cidade, he summamente conducente para as suas molestias; o exercicio he depois do alimento o principal esteio da saude, e da qui vem que, tudo o mais igual, os que fazem mais exercicio são os que gozão melhor saude; mas nem a razão, nem o exemplo tem sido bastantes para se determinarem a resistir á lisongeira inercia, que induz o clima, que tem fortificado o habito, e que he cevada pelos commodos da vida, que lhes grangeia o suor dos escravos. A prostituição, consequencia inflectivel do ocio e da riquiza adquirida sem trabalho, e fomentada pelo exemplo familiar dos escravos, que quasi não conhecem outra lei, que os estimulos da Natureza, a prostituição, digo, que he maior no Brazil, que na Europa, damnifica incomparavelmente mais a saude na quelle Paiz que neste. Os excessos, que na Europa mal merecerião este nome, enervão no Rio de Janeiro de huma fórma mais peremptoria: se a isto acrescentar, que o mal venereo he trivialmente o fructo do commercio amoroso, e que no Rio adquire frequentemente hum character escrofuloso ou escorbutoico, quanto não he de esperar desta causa sobre

a origem e máo exito das molestias do Paiz ; Não deve tambem ser omitido entre as causas de debilidade , e em consequencia das doenças do Rio o uso geral e quotidiano dos banhos tepidos : que haverá mais opposto á hygienne em hum Paiz , onde ha tantas causas de langor , como tenho mostrado , onde a transpiração por effeito da froxidão dos vasos exhalantes he profusa sobre maneira , e onde o calor incita e procura n'agoa fria o seu antidoto ? Eu não produzirei em prova alguns factos particulares observados nesta Cidade : remetto os que hesitarem para os sadios pescadores , que com o trabalho e o frio se eximem das doenças do Paiz ; e citarei *James Sims* , que exercia a Medicina n'hum Paiz alagadiço , onde as Eresipellas erão epidemicas todos os annos : nota este Author que o banho frio era hum dos meios mais efficazes de precaver as reincidencias desta molestia.

Rio de Janeiro 2 de Janeiro de 1799

*Bernardino Antonio Gomes , Medico da Armada.*

## L I T E R A T U R A .

## E P I C E D I O .

*A' Morte da Illustrissima e Excellentissima  
D. Henriqueta Julia de Menezes , Duqueza de  
Alagoas , Offerecido em Paris ao Illustrissimo e  
Excellentissimo Marquez de Marialva seu Ir-  
mão. Por B.\*\*\**

Qu'elle obscure indigence echappe à ses bienfaits?  
Dieu seul n'ignore pas les heureux qu'elle a faits.  
*DeLille l'hom. des champs.*

**E**Ntre os homensilhado triste geme  
O virtuoso; em quanto o máo s'engolfa  
Nos dotes da fortuna.

Mil mortes cada dia a Parca entorna  
Na taça da indigencia, e ao Justo a entrega  
Que trago á trago a esgota.

Onde habitas, ó Paz, prazer escasso  
Se ao homem se apresenta, traz com sigo  
O anti-gosto da dor.

Tu, que as esferas pelo espaço moves,  
Do Mundo Eterno Artifice; os humanos  
Só para a dor formaste?

Do bem mais do que assomos não veremos?  
Compõe a essencia nossa o mal, em sorte  
O pranto só nos coube?

Fraudolento Sofista, que inventaste  
Hum nada eterno, encara ao desgraçado  
E o que lhes dás responde!

Eia c'ò teu sistema o vicio atêa,  
Do bem goza arremedos, goza em quanto  
Não te somes no olvido.

De quê valem da terra váos fantasmas?  
Passão, qual fumo, com a morte, e o Justo  
Da gloria a palma empunha.!

Alma eterna dos mundos, Deos Eterno,  
Será vicio a virtude? para o crime  
Na terra dons espalhas?

Não, não, mais puros bens aos bons aguardão  
E tormentos aos máos, Deos justiceiro  
Compensa, pune hum dia.

Ficais em deploravel orfandade,  
Vós, da miseria victimas, se o Justo  
O mundo desampara.

Qual Iris, da bonança precursora,  
O nauta alegre, ao misero consola  
Co'a mão, e face amiga.

O Ceo compadecido ao desditozo  
Manda benigna mão, mas invejoza  
Logo lha rouba a morte :

Qual candida açucena, que embalsama  
O ar vizinho, e em breve murcha pende,  
Deixando-nos saudades.

D'alma pura ciozo o Cco parece :  
Qual relampago bilha, e vai juntar-se  
Da luz na eterea fonte.

Do Eterno emanação, cumpre que volva  
Ao Eterno, que deixe a prizão terrea,  
D'ella indigna morada.

Imagens da bondade, Entes Celestes,  
Tambem sofreis? tambem derramais pranto,  
Em quanto honraes a terra?

Pára exemplo dos bons, e dar em rosto  
Aos máos, dos Ceos baixastes, dissabores  
De vós fugir devião.

Que! tambem choras, Henriqueta? e as dores  
Teu coração magoão, sanctuario  
Da Divinal bondade!

Viste acabar os Pais, de Lysia ornato,  
E o mimo de Hymineo, do Espozo efigie  
No-tumulo precoce:

Barbara Cloto , que ! não vacillaste ?  
Ah ! só de tal pensar , o espirito froxo  
Sinto , e o animo cahe.

Como ! a honra dos Lusos , das Sciencias  
Dos Sabios o honrador , teu digno Espozo ,  
A Parca não respeita ?

Tu , que do mundo as luzes ajuntando ,  
Em Lysia as derramaste (1) , lá do Empirio  
Os Luzos esclarece :

Com a virtuosa Esposa , Lysia , em lucto ,  
Pedem-te aos Ceos ; por ti chorão do mundo  
O Pobre , o Sabio , o Justo.

Secai devido pranto á Mãe-sentida ,  
Vós , ó filhas mimosas , confortai-a ,  
Religião Sagrada.

Hum nome illustre acções illustres pede ,  
Pezo he que ao fraco opprime ; Herculeos hombros  
Sustenta-lo só pôdem.

Dos teus , mui digna filha , Esposa digna ,  
No Templó da Memoria , a gloria augmentão  
Tuas puras virtudes.

Grandes da terra , se em vós pôde o exemplo ,  
N'ella o modello tendes da grandeza ,  
Imitai-a , ou correi-vos.

Em preço tem os títulos, riquezas,  
Só porque meio são de pôr emenda  
Aos erros da Fortuna.

Se no Grande a virtude he mais brilhante,  
O vício mais se afêa: o mundo inteiro  
Suas aççoens contempla.

Quando ao Ceo não devesseis mais que o vulgo,  
Mais deveis á Nação, pois seus costumes,  
Mudando os vossos, mudão.

Mas he bella a grandeza em peito nobre:  
Quantos podeis poupar males, ó Grandes!  
Henriqueta vos diga.

Da Divina virtude mostra o encanto,  
Faze que por si mesma seja honrada,  
Amada, quanto a amaste.

Que no fazer o bem, o bem se encontra,  
Diz-nos o coração, diz-nos o gosto,  
O premio, que tiramos.

Das feras o aspecto terroriza,  
E ha quem te encare, ó crime! horrído monstro,  
Quem te siga, e não trema?

O crime combatei, e aos criminosos  
C'o facho da razão, se podeis tanto,  
Lhes dissipai as trevas.



Sirva o conselho, senão basta o exemplo!  
Mas o que vejo!.. Lusitania!.. Hydras  
Da Discordia, em teu seio! (2)

Triste Henriqueta, novos ais derramas!  
Iniquo! quaes serão os teus tormentos,  
Se o justo sofre tanto!...

Eis a Patria, nadando em fogo, em sangue,  
Busca os seus, e do mar o immenso espaço  
Para sempre a separa.

O espirito succumbe á dor tamanha,  
Resistir já não pôde, e perto a morte  
Palido véo desdobra.

Ergue a foice fatal, encara-a... e treme,  
Suspense o golpe... pela vez primeira  
Sente humidos os olhos.

Tres vezes tenta, vezes tres recúa...  
Ah! do cruel Destino irrevocaveis  
São os duros decretos.

Já do seu rosto lindo as rosas murchão,  
Nos labios roxos o surrizo esfria,  
Os membros já fraqueião.

„ Queridas filhas, diz, não vos deslumbrem  
Nunca da terra os bens, cresção com vosco  
As candidas virtudes;

„ Lembre-vos vossa Mãi . . . Irmãs queridas . .  
Do mais doce hymeneo , gratos penhores  
Ao vosso amor confio :

„ N'ellas com vosco viverei . . . Espozoz ! . .  
Espera . . . já c'o a tua vai minha alma  
Para sempre juntar-se . . .

„ E tu , que o meu suspiro derradeiro  
Devias recolher , tu , que os meus olhos  
A' luz cerrar devias . . .

„ Onde estás ! . . onde estás ! . . que fado adverso ,  
Ceoz ! quem mo rouba ! . . quem de mim tão longe ,  
Amigo , Irmão , te esconde ! . . (3)

„ E hei de acabar sem ve-lo ? . . Deoz piedoso ! . . ,  
Já co' a nevca da morte os olhos baços  
Volve aos Ceos resignada .

Vai do Celeste corpo a alma Celeste ,  
Os vinculos rompendo brandamente ,  
Qual os raios de Febo ,

Pouco a pouco o horizonte desdoirando ,  
A abobada celeste á lua cede  
Em tarde amena , e clara .

Morte ! . . de ferrea mão cahe ferreo golpe ,  
Sóbe o espirito aos Ceos , aos Ceos já chega ,  
Sua primeira patria .

Vinde, vinde quebrar sobre o meu peito  
Sentidos ais, lamentos pezarosos,  
Vinde, clama o Infeliz.

Grandezas, honras, titulos, embora  
Acabasseis, no feretro devieis,  
Tarde ou cedo, sumir-vos.

Belleza, alma dos olhos e do peito,  
Por dura lei do fado tambem pagas  
Teu óbolo á Charonte!

Murche a belleza ainda em flor cortada,  
Caia a grandeza! mas, ó Parca, espera,  
A virtude respeita.

Deixa a Mãi do infeliz! ah! se lha roubas,  
Na terra o que lhe resta? .. da miseria,  
Que mão póde arrança-lo?

Quem ha de as proprias roupas despojando,  
Vestir ao nú? quem ha de ao orfãozinho  
Dar caricias de Mãi?

Da viuvez as lagrimas quem sabe,  
Lagrimas dando, serenar, quem ha de  
Meiga os ais abafar-lhes? (4)

E vós, a quem a doença, e longos annos  
Tolhido os membros tem, quebrado as forças,  
Restos de humana fôrma; (5)

Esse Anjo caridozo, que a existencia  
Aligeirar-vos no recinto vosso  
Vinha, mais não vereis;

Santa Religião, quem teus altares  
Com tão freventes preces, puros votos,  
Fatigará devota?

Quem? .. mas debalde ao Ceo preces erguemos!..  
As suas cinzas banhe terno pranto,  
Que pranto só nos resta.

Magoada Lysia, triste luto veste,  
Orfã te deixa a sorte, echo saudosa  
Do infeliz os quexumes.

Desdobra pelos concavos rochedos,  
Henriqueta? Henriqueta? ... o ar repete,  
Geme, aonde Henriqueta? ...

Vós que a belleza, ó Tagides? confunde  
Co' as Filhas suas, hoje nos pezares,  
No pranto confundi-vos.

Ressoa, ó Lira! lugubres endeixas,  
Mas não, celestes hymnos entoemos;  
A virtude não morre.

Sómente dons caducos termo encontrão,  
Parte do Eterno, a mente bem fazeja,  
He qual o Todo eterna.

De lóuvor escudado há de o seu nome  
Passar de idade á idade, em quanto a terra  
Pizarem desgraçados.

N O T A S.

(1) O Excellentissimo Duque d'Alafões voltando de suas viagens fundou a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

(2) Allude-se á perfida entrada dos Francezes em Lisboa, e memoravel partida de S. A. R. para o Brazil.

(3) O Excellentissimo Marquez se achava em Paris mandado, como Embaixador Extraordinario, por S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.

(4) A' reconhecida piedade da Excellentissima Duqueza d'Alafões nenhuma acção de caridade era penosa, e o que aqui se annuncia são factos.

(5) A Excellentissima Duqueza d'Alafões sustentava hum hospital de velhas incuraveis, e n'elle com suas proprias mãos hia exercer extremos de sua piedade.

*Ao Illustrissimo Francisco de Borja Garção  
Stockler, depois de ter lido, e admirado as suas  
Poesias: pelo Dezembargador Antonio Ribeiro  
dos Santos.*

**O**U tu pertendas nos Olympios campos,  
Transpondo a meta na carreira ousada,  
Correr parelhas com o Eolio vate  
Em lyricas fadigas:

Ou já folgues co' a cithara doirada,  
Qual o Teio cantor, brandos prazeres  
Da Natureza e de Amor louvar, e as graças  
Da candida Dione:

As nove Irmãs do Pataréo Apollo  
Tantos brios te inspirão, no teu canto,  
Que atraz deixás co' os sons harmoniosos  
Os Argolicos cysnes:

Em teus versos gentis, divinos versos  
Com maior energia os rasgos sólta  
Huma alma nobre, hum coração sensível,  
A rica fantasia.

Teu estro he mais sublime: a vós mais doce:  
O sorriso de Venus he mais grato:  
Amor he mais pudico: são mais bellas,  
Mais meigas as tres graças.

## D I T H Y R A M B O.

*Quo me , Bacche , rapis , tui  
Plenum? quæ nemora , aut quos agor in specus ,  
Velox mente novâ ?*

Hor. L. 3. Od. 19.

**B**Acho imberbe , Baccho ardente ,  
Porta-sono , prazer e alegria ,  
De nocturnos festejos o guia ,  
Que refrescas , aqueces a gente ,  
Frio e quente :  
D'esse cume peregrino ,  
Que ao teu nome he consagrado ,  
Solta hum rio arrebatado ,  
Espumoso ,  
E cheiroso  
De purpureo ou branco vinho ,  
Onde beba os teus furores ,  
E qual o trovão ,  
Que os montes abala ,  
Quando a nuvem prenhe  
Rasgando-se estala ,  
Cante a Arcadia , e seus Pastores  
D'este dia altos louvores.  
D'Aganippe assaz na fonte  
Já molhado tenho a boca :  
Agoa pura  
Não provoca  
A cantar ,  
A bailar

E a saltar ,  
 Como a lucida tintura  
 D'essa planta , que enroscada ,  
 Trazes na mitrada  
 Cornigera frente.

Eia , eia , que o monte  
 De vinho se enche , se inunda , e se alaga,  
 Licor almo , e generoso !  
 Rubim puro , ambar desfeito !  
 Com que gloria , com que gozo ,  
 Em ti banho a boca e peito !

Athés , Hyés ,  
 Hyés , Athés.

Viva , viva o dia

De tanta alegria.

Oh ! se eu podera

Em boca e lingoas

Todo tornarme ,

Só por fartar-me

Deste elixir !

Então , Dioneu ,

Na tenaz hera ,

Ou na Idumea

Cedro odoroso

Teu gordo vulto

Lavrara , erguera.

E por mais realçar os teus adornos

Na soberba ara

Os brancos cornos

Em puro ofir

Eu te curvara.



Doce elixir ,  
 Que as almas purgas  
 De espectros tristes ;  
 Que triste gera  
**A pallida** , e voraz melancolia ,  
 Vem neste dia  
 Dobrar da Arcadia  
 A pura alegria.  
**Oh !** suave dia , dia venturoso ,  
 Em que o teu mimoso  
 Coridão nasceo ,  
 Oh ! grão Bassareu  
 Athés , Hyés ,  
 Hyés , Athés  
 Viva , viva o dia  
 De tanta alegria .  
 Dia , que os saltantes ,  
 E capri-barbudos ,  
 Corni-pedes satyros  
 Co' as ebrifestantes  
 Lascivas Bassarides ,  
 De prazer saltando ,  
**Pelas montanhas alegres cantarão ;**  
 E de quando em quando  
 Gritando ,  
 Bramando ,  
 Assim repetião  
 Saboé , Arcadia ,  
 Arcadia , Evohé !  
**Já o teu Coridão nascido he !**  
 E que bella se derrama

D'alegria ardente chamma  
Do Erimantho nas florestas !  
Pelas bocas das cavernas  
Em ecchos festivos sonoros respondem  
Os montes soberbos de Arcadia famosa.  
Aos golpes , que os ferem ,  
De liras suaves ,  
De timpanos graves ,  
De sistros agudos ,  
De crotalos duros.  
Ah ! sim , caros pastores  
Brilhe , brilhe a alegria ,  
C'roemo-nos de flores.  
Cantemos suavemente o grande dia  
Que á Arcadia nos traz tanta alegria.  
Dia que trouxe  
Rosado ao mundo  
O bom Coridão ,  
Coridão , que jucundo  
As antigas ,  
Esquecidas ,  
Mascaras carcomidas  
Animoso tomando ,  
E entre o hirsuto capri-saltante coro  
As vozes levantando ,  
O triste e feio bando  
Dos multiformes vicios  
Fez da Arcadia fugir com seus convicios.  
Evohé , Saboé ,  
Saboé , Evohé.  
Viva , ó pastores , viva o grande dia ,

Que com sigo nos traz tanta alegria.

Eia , eia , pastores ,  
 Cantemos , bebamos ,  
 Bebamos , cantemos ,  
 Tão ditoso dia.

Com' esta ambrozia  
 Ledos festejemos

Atés , Hyés ,  
 Hyés , Atés ,  
 Viva , viva o dia  
 De tanta alegria.

Eis-me já nos nocturnos misterios  
 De corimbo , e flores coroados.  
 Nas mãos cerrando as grossas serpentes,  
 Eia já deixo dos troncos pendentes

As imagens sagradas ,  
 E entre os copos de vinho espumando ,  
 Vou , Coridão , seguro saltando ,  
 Em teu louvor os odres untados  
 Sobre os prados hervosos deitados.

Evohé , Saboé ,  
 Saboé , Evohé !

Viva , ó Pastores , viva o grande dia ,  
 Que com sigo nos traz tanta alegria.  
 Ah ! venha hum capro lascivo , malvado ,  
 Ao altar pelos cornos puxado ,  
 E expie o sangue seu fervido , e quente ,  
 Quantas já estragou vides co' o dente.

Thyrse-potente Yaccho ,  
 Se a victima te he grata ,  
 Que humilde te offereço ,

Ah ! por ella te peço ,  
 Que jucundo , grato , placido  
 Risonho , meigo , e lepido ,  
 Com o teu licor tepido  
 Doce , e não acido ,  
 Nos conserves ao Menalo  
     Em Coridão  
     O seu brazão ,  
 Que de louros croado ,  
 Que cheio de alegria  
 Nascer mil vezes veja tão bom dia .

*Diniz.*

## O D E

*Anacreontica.*

**T**Urva a chuva as claras fontes ,  
 Que risonhas murmuravão ,  
     E os ribeiros  
 Escumando cahem dos montes ,  
 As campinas alagando ,  
 Que pouco antes lisonjeiros  
 De mil flores esmaltavão ,  
 Frescos zefiros voando .

Brama o Noto , e enfurecido ,  
 Grossas chuvas envolvendo ,  
     Em seu seio  
 Nos esconde o Sol luzido .

Com estranha ligeireza ,  
 Rompe a noite , e o manto feio  
 Sobre os campos estendendo ,  
 Cobre os peitos de tristeza.

Bella Eralia , em quanto irado  
 Brama o pólo , o Ceo troveja  
 Nistyleu ,  
 E de Chypre o Deos vendado  
 No teu peito e peito meu ,  
 Da sua ira nos proteja ,  
 Torne o tempo alegre e brando.

Entre as taças , que derramão  
 Hum suave e vivo fogo ,  
 Os amores  
 Ardem mais , e mais se inflammão :  
 Ao enxame dos desejos ,  
 Dos desejos brincadores ,  
 Livre o campo deixão logo :  
 Brandas iras , falsos pejos.

Eia pois , não te demores ,  
 Vem , Eralia , entre meus braços :  
 N'elles croe  
 O prazer nossos amores.  
 Reine o gosto e alegria ,  
 Pois ou vente , ou chova , ou troe ,  
 Entre tão suaves laços  
 He rosado sempre o dia.

*Diniz.*

*Soneto de Claudio Manoel da Costa.*

**N**ão vêz, Lise, brincar esse menino  
 Com aquella avezinha? Estende o braço;  
 Deixa-a fugir; mas apertando o laço,  
 A condemna outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura eu imagino  
 Tens minha liberdade; mas ao passo,  
 Que cuido que estou livre do embaraço,  
 Então me prende mais meu desatino.

Em hum continuo giro o pensamento  
 Tanto a precipitar-me se encaminha,  
 Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ancia minha,  
 Se me faltasse a mim o entendimento,  
 Como falta a razão a essa avezinha.

*Continuação das Maximas, Pensamentos, e Reflexoens Moraes, por hum Brazileiro.*

The proper study of mankind is man.  
*Pope's Essay on Man.*

**Q**ueixão-se muitos de pouco dinheiro, outros de pouca fortuna, alguns de pouca memoria, nenhum de pouco juizo.

O hospede acanhado he hum dobrado incommodo para quem o hospeda.

Arguimos a vaidade alheia porque offende a nossa propria.

Nada agrava mais a pobreza do que a mania de querer parecer rico.

Custa menos ao nosso amor proprio calumniar a fortuna do que accusar a nossa má conducta.

O nosso amor proprio se exalta mais na solidão e no retiro: a Sociedade o reprime pelas contradicoens, que lhe oppõe, e pelas batalhas, que lhe apresenta.

Em os nossos revezes queremos antes passar por infelices do que por imprudentes, ou inhabeis.

Agrada-nos o homem sincero, porque nos poupa o trabalho de o estudarmos para conhece-lo.

O prazer da vingança he semelhante á alguns fructos, cuja polpa he doce na superficie, e azeda junto ao caroço.

A nossa imaginação gera fantasmas, que nos espantão em toda a nossa vida.

A intriga he hum labirinto, em que de ordinario se perde o proprio author.

Quando não podemos gozar a satisfação da vingança, perdoamos as offensas por merecer ao menos os louvores da virtude.

Perdoamos mais vezes aos nossos inimigos por fraqueza que por virtude.

Muitos se queixão da fortuna, que só se deverião queixar de si propios.

Somos todos invejosos com a differença sómente do mais, ou menos.

Admiramo-nos do que he raro e singular, tanto no mal, como no bem.

O homem mau nunca he geralmente aborrecido de todos, porque necessariamente faz bem a alguns.

A conducta do avarento faz presumir que elle não ciê na Providencia de Deus, nem confia na caridade dos homens.

O amor criou o Universo, que pelo amor se perpetúa.

O nosso amor proprio he muitas vezes contrario aos nossos interesses.

Ha rasgos de virtude, que provocão lagrimas de admiração; esta he tanto maior, quanto supponmos maiores os esforços e sacrificios, que custarão ás pessoas, que os produzirão.

O homem, que não he indulgente com os outros, ainda se não conhece a si proprio.



Ha pessoas moralmente sabias a seu pezar: as terriveis liçoens de huma experiencia dolorosa, as fizeram taes.

Podemos perdoar affoitamente aos nossos inimigos na certeza de que os seus mesmos vicios ou defeitos nos hão de vingar.

O lisonjeiro conta sempre com a abonação do nosso amor proprio.

Ha homens, que de repente crescem e avultão, como os cogumelos, pela corrupção.

O mentiroso só tem sobre o homem veridico a vantagem da invenção.

A lisonja, por maior que seja, acha sempre lugar na capacidade do nosso amor proprio.

O luxo, assim como o fogo, tanto brilha, quanto consome.

Dezemos que prosperem as pessoas, de cuja prosperidade esperamos participar por algum modo, e receamos a elevação daquelles, cujas intençoens não nos são favoraveis.

Ha muitos homens reputados infelizes na nossa opinião, que todavia são felizes ao seu modo, e segundo as suas ideas.

Enganamo-nos ordinariamente sobre a intensidade dos bens, que esperamos, como sobre a violencia dos males, que tememos.

As esperanças, quando se frustrão, aggravão mais os nossos infortunios.

A obstinação nas disputas he quasi sempre o effeito do nosso amor proprio: julgamo-nos humilhados, se nos confessamos convencidos.

( Continuar-se-ha )

*Viagem ao Serião de Benguella, continuada  
do N.º 1.º pag. 100.*

**P**arti de *Benguella* para *Calundo*, sitio distante da Cidade  $\frac{1}{2}$  legoa, e que fica em hum teso pouço para E da mesma, onde me abarraquei pela noite do mesmo dia.

Parti de *Calundo* em huma segunda feira do mez de Ago-to, marchando pelo Rumo de S S E até ás visinhanças do *N Dombe*, chamado pequeno, e que faz parte da Região do *N Dombe Grande*, ou *N Dombe de Quinzamba*, deixámos á mão esquerda hum grande cabeço de huma Serra, que nesta Provincia he a mais notavel, ficando-nos hum pouco ao S.; e havendo-a rodeado, chegando-nos mais para o S., atravessámos por este mesmo Rumo algumas montanhas de rochedos e saibro, tomámos outra vez o S S E até chegarmos a hum sitio, que está nas margens do N. do Rio *Maribombo*, nas fraídas de huma montanha, que chamão das *Bimbas*, e tem o sobredito sitio o mesmo nome, e ahi pernoitámos.

Ao dia seguinte ainda com escuro, subimos esta alta montanha e outras mais, quasi sempre pelo Rumo do S. e S O, até que descendo por huma dellas, fomos pelo fim da tarde alojar-nos na margem oriental do Rio *Cucucua*, que he o mesmo *Maribombo*, que quando vai cheio desemboca sempre hum pouco

a N. N. O. de *Benguella*; ainda que quasi sempre muda de lugar. Mas quando he verão, nem huma gota de agoa se lhe vê, senão em algumas partes do *Dombe* por diante; e fazem os viajantes caminho por elle, apezar da immensa quantidade de arêa, que embaraça o andar, enterrando-se profundamente os pés. Não deixa com tudo neste tempo de dar agoa aos viajantes, que tirão das pequenas covas, feitas no seu leito com as mesmas mãos, agoa sufficiente para o que he necessario, deliciosissima: o que acontece com a maior parte dos rios deste Continente, que no verão sêcáo notavelmente. E assim tambem que os habitantes de *Benguella* bebem pela maior parte de *Cacimbas*, ou poços, que procurão praticar nas visinhanças do leito do *Marimbombo*, e outros cavando mesmo as suas arêas, tem por mais pura a agoa, que dellas recolhem. Em quanto ás duas Provincias, que fazem a Nação dos *Mundombes*, e que chamão *Dombe* ou *N. Dombe*, (pronunciando como elles), estão situadas nas visinhanças do mar, e se estendem não menos que de hum pouco ainda ao N. de *Benguella*, até á Regencia de *A'villa*, comprehendendo por isso algumas 54 legoas de N. a S., isto he desde o Rio *Catumbela* até a *Angra do Negro*, bem conhecida pelos mareantes: ficando-lhe do Poente o mar, do Oriente os *Muquilengues*, ou *Quilengues*, e do S. a Regencia de *A'villa*, como direi ao

depois. Mas nem só os *Mundombes* occupão este espaço de terreno, porque quanto vai de *Avoilla* ou *Cabo Negro*, até o Rio, que chamão nos mappas os *Geógraphos* de *S. Francisco*; toda esta parte he occupada por hum povo muito barbaro, e perseguidor dos seus visinhos, chamado os *Muquandos*, que vivem vagabundos, do gado, que roubão aos *Muquillengues* e *Mundombes*, de carne humana, e das pilhagens, que fazem nos navios e navegantes, que naufragão naquella brava Costa, e são tambem anthropofagos. Porém o *N Dombe* pequeno, e que dissemos ficar ao N. do grande, comprehende *Benguella*, e do mesmo modo que o grande, ou da *Quinzamba*, he avassallado a *S. Magestade*. Os Sôvas mais principaes do pequeno *N Dombe* são o *Mulundo*, e *Peringue*.

Havendo pernoitado neste Rio *Cutucutu*; tive no dia seguinte, e em mais dous que alli nos demoramos, o gosto de ver maravilhosa variedade de *Granites*, *Porphyrios*, *Pedra Porco*, e outras pedras deste mesmo genero, em grandes rochedos, que estão pelo meio deste rio; das quaes muitas são descidas das montanhas visinhas, e que lhe estão sobranceiras.

Partimos na sexta feira, atravessando neste dia, e nos seguintes, estas e outras montanhas, mais altas duas vezes que as de *Cintra* e *Serra da Estrella* em *Portugal*; não me sendo possível nem demorar-me, nem recolher

pôr estes incultos sertões nenhuma das óptimas plantas e exquisitos animaes, que povoão em immenso numero aquellas Serras; onde encontrava a cada passo tropas tão grandes de *Zebbras*, como se encontram nos campos do Brasil as boiadas.

Neste ultimo dia (sabado) descansámos ao meio dia perto de hum braço de hum rio, que rega os *Quilengues*, do qual ao depois fallarei. E dahi a pouco encontrámos o rio que os nossos chamão de *Jangalla*, e os negros *Meyàya Jàya*, até que no domingo descansámos em huma das margens deste mesmo; marchando quasi sempre para o S.

Ao dia seguinte (segunda feira) subimos huma serra pelo mesmo rumo, cheia toda de grandes pedras, que estão em fórma de degrãos atravessadas no caminho, e muito ingreme; a qual terá de extensão huma legoa. Subida esta, e havendo descido hum quasi nada, descansámos em hum *Quicanzo*, ou pequena povoação do Sôva *Jangalla*. Estes *Quicanzos* não são outra cousa mais que hum curral de boiada, quadrado ou circular, cercado todo de pequenas choças, que fazem a habitação dos vassallos de qualquer Sôva; e estes são *Macótas* e outra gente ordinaria, á que preside hum *Quessêngo* ou *Capitão Tendalla*, e todos pastores: e como taes guardão os gados nos ditos cêrcos, para poderem com maior facilidade acudir ao gado, no caso de ser atacado

por alguma fera ou ladrões, como costumão fazer huns aos outros todos os povos deste Continente. E são alguns destes tão destros nesta parte, que roubão ás vezes curraes inteiros, sem se lhe poder dar remedio; para o que se portão do modo seguinte. Nas horas em que estão seguros de que serão menos sentidos, batem repentinamente o gado; e se são sentidos, ainda podem perder parte da preza, e então se retirão, não sem algum destroço, que com as armas fazem nos da povoação. Mas se são sentidos estando já o gado fóra do curral, ou tendo-o já perto do mato, he impossivel então dar-se-lhe remedio; porque tocão huns taes apitos, e dão humas taes vozes, que determinão o gado a correr para elles com a maior velocidade, e a todo o galope.

Aqui não deixou de fazer-me especie o empenho com que hum lobo, havendo-lhe tirado das garras os negros da minha comitiva, hum bezerro, o tornou com tudo a levar para o mato, com a mesma infelicidade que primeiro; pois os meus *Quimbares* lho sacarão segunda vez, havendo-o perseguido com as suas armas; mas a tempo que já não puderão defender a vida ao pobre bezerro, que acharão já com os intestinos fóra, que fazem o primeiro e mais exquisito bocado destas feras.

*Do Quicanzo Grande do Sôva Jangalla a Quilengues.*

**P**Osemo-nos em marcha na quinta feira seguinte, até que, havendo feito cousa de boa legoa e meia, chegámos ao primeiro *Quicanzo* de *Quilumata*, outro *Sovado*, que fazem distar de *Jangalla* seis legoas, pelo Rumo quasi de O e de O N O, onde havendo descansado até depois do meio dia: tomámos o caminho de *Quilumata* pelo Rumo do S., e pelo meio da tarde nos abarracámos no *Quicanzo* do *Sôva*.

Neste *Quicanzo* nos demorámos hum dia, precedido por huma das noites mais trabalhosas, que tenho passado; sendo tal a confiança com que hum *Leão* andou nas visinhanças da minha barraca, que nos parecia estar a todo o instante sobre ella; o que durou até pela manhã, em que havendo atacado hum dos curraes de gado da *Libata*, ferindo hum boi, foi presentido e affugentado pelos negros, que acodirão todos a ataca-lo.

E tendo no dia seguinte passado algumas *Libatas* deste mesmo *Sôva*, chegamos a *Lumbimbi*, outro *Sôvado*; e porque desd'aqui até *Quilengues* me não aconteeo ter lugar para exame de cousa alguma, assim pela necessaria pressa da marcha, como por outras causas não menores, e da minha falta de saude; acabarei esta minha primeira jornada por este

Sertão com dizer: que todos estes caminhos são fertil mina para a Historia Natural, não só pela diversidade de plantas e arvores, de que remetto e recolhi algumas, ou a maior parte, como pela de bellos rochedos e rios; dignos de serem conhecidos pela mais exacta Topographia, até á Povoação de *Quilengues*, de que darei agora noticia.

Chamão ordinariamente *Muquilengues*, não aos que habitão a terra de *Quilengues*; mas sim aos que estão na sua visinhança. E assim dão este nome aos de *Quilimata*, *Jangalla*, *Lumbimbi*, e *Socovalla*. Destes, *Quilumata* e *Lumbimbi* são do governo de *Benguella*; *Jangalla*, que fica entre o *Miroa* e *Sapa*; pertence com estes á jurisdicção de *Caconda*; *Socovalla* á de *Quilengues*. Pelo que pertence porém a este nome de *Quilengues*: conta-se que huma mulher principal e rica do *Humbe*, vendo-se senhora de muito gado, e não tendo na propria terra bastante campo, nem pastos sufficientes para elle, descera do *Humbe*; e fora caminho do Poente a *panguessar*, isto he, procurar lugar apto para a sua criação, e que hindo ter ao lugar, que chamamos *Quilengues*, se contentara dos excellentes campos, que por elle se estendem por dilatado espaço, e que alli se estabelecera com os da sua companhia e jurisdicção; provavelmente com a permissão do grande *Sôva* e *Sovétas* de *Socovalla*, a quem pertencem as terras de *Quilen-*



*gues*, cujo nome lhe foi imposto por ser o mesmo, que tem a Provincia, que habitara a povoadora no *Humbe*.

Os limites, que tem os *Quilengues* ( com differença de *Muquilengues* ) são ; pelo N e N O, *Jangalla* e *Quilumata* ; pelo Sul, *Socovalla* e *Bembes*. De E, termina com a jurisdicção de *Caconda*, ficando da parte do Poente, hum pouco para o N., *Lumbimbi*. Governa esta terra hum Capitão Mór pago por S. M. Donde vem a ser *Lumbimbi* o *Sovado*, que está mais perto de *Quilengues* pela parte do N.

Bebem os *Quilengues* em hum rio, que rega esta terra, e atravessa quasi de S E a N O, com o nome de *Quibenge*: nasce nos montes, que dividem os *Bembes* dos *Quilengues*, passa ao *Lumbimbi*, onde toma este nome, e vai entrar no rio *Coborôro*, nas terras de *Quilumata*, e vai desaguar no mar pelo N *Dombe Grande*, ou da *Quinzamba*. De caminho farei notar, que este *Coborôro*, he o mesmo rio de *S. Francisco*, se attendermos aos mappas; mas *Gregorio José Mendes*, pratico nestas terras, diz que o *Cobororo*, he rio diverso do de *S. Francisco*, ainda que o não prova, como pouco entendido nestas materias. Eu sou da primeira opinião, visto que os da terra tem por averiguado que o rio *Coborôro* nasce em *Caconda-Velha*, e he o mesmo que se passa, hindo de *Quilumata* para *Jangalla* pelo Rumo de E.

Cheguei pois a *Quilengues* em meio de Setembro do anno de 1785, com vinte dias de viagem. E porque neste sitio nos demorámos até Novembro, tive tempo de notar, perguntar, e saber muitas cousas pertencentes á Religião, Governo, Costumes, e Ritos destes barbaros, que em parte não deixão de ter alguma cousa de curioso, pela extravagancia, que mettem em quasi todos estes objectos nas suas Sociedades.

## R E L I G I ã O.

**P**elo que pertence ao conhecimento da Divindade, creem em geral estes homens em hum Ente, que tudo governa e póde, a quem chamão *Succo N-Jambi*, por corrupção do nome *N-Zambi* dos *Angorenses* seus visinhos: nem daqui passão a mais discursos sobre o seu *Succo*, nem d'elle se lembrão mais que para os seus juramentos, e então usão com mais frequencia da palavra *N-Jambi*, preferindo-a simplesmente sem accréscentar outra. Daqui vem, isto he, do pouco conhecimento da Divindade, causado de seu curto entendimento, que elles não tem nem Templo, nem Altar, nem outro algum culto publico de Deos: pois estas nações só se governão por superstição e fantasias, dando os menos entendidos credito ás palavras e gestos, com que os enganão os sagazes *Zambuladores*, ou

*adivinbadores*, que consultão nas suas duvidas; e os mais espertos, servindo-se delles para seus fins, como ao depois direi, ainda que bem certos e informados pela propria experiencia do character, sciencia divinatória, e costumes dos seus *Zambuladores*. Em quanto ao conhecimento da vida eterna, não me consta que esta pobre gente tenha outro, que não seja o que tem os irracionaes.

E tornando ao *Zambulador*, esta he huma das personagens mais importantes das suas sociedades, de modo que nada se faz entre elles sem o seu conselho, attribuindo-lhe maravilhoso poder, já para descobrir delinquentes e outras cousas que ignorão, já para lhes dar bom tempo e estação para as novidades da lavoura, e já para fazer aquelle que lhe apraz, segundo lhes parece, impenetravel ao ferro e outros instrumentos mortiferos, &c. E como os que se applicão a estes exercicios, desfrutão ordinariamente grandes commodidades e emolumentos entre elles, são tantos os que exercitão o mesmo, como bem se deixa ver: e o que he de admirar he, que temendo, e abominando esta gente aos que chamão feiticeiros, de cujo conhecimento são incumbidos os *Zambuladores*, não abominão com tudo a estes, que na occupação e funções das suas obrigações, são igualmente perniciosos barbaros.

## G O V E R N O .

O Sôva tem o supremo poder, e assim decide e dispõe das vidas e liberdade de seus vassallos, á que chamão *Mona* ou *Filhos*, á sua vontade, ou matando-os por suas proprias mãos, ou mandando-o fazer. O *Quessongo Grande* ou *Mor* tem o segundo lugar no governo do povo, e este he sobre os outros *Quessongs*, dos queres tem cada hum a seu cargo huma das *Libatas*, são os *Interpretes* ou *Tendalus*, assistem ás embaixadas, dão as respostas dos Sôvas, e lhes repetem a materia das embaixadas. E ainda que elles neste sentido são a segunda pessoa, isto não tira que hajão nestes Estados personagens, não só mais respeitadas, mas com influxo sobre os negocios mais importantes. Taes são os *Quindures* ou *Fidalgos*, que tambem são chamados *Macotas*. Estes são, ou descendentes de antigos *Sôvas*, ou forão seus *Caley*, ou escravos mais antigos no *Lombe* ou *Côrte*, e que ficarão por isso gozando das mesmas honras.

Aos *Quindures* pertence a eleição dos novos Sôvas, e a consulta sobre as revoluções, que succedem no Estado, e como a taes os consulta o *Sova*, que aliás trata a estes com summa delicadeza, pendendo ordinariamente a sua vida do amor ou aborrecimento, que estes lhe tem. E assim acontece frequentemente, que toda a vez que hum Sôva não governa

não paladar destes, ou não procede bem ao seu modo, não tem duvida nenhuma em tirar-lhe a vida, para lhe fazerem succeder outro mais do seu gosto. E daqui he que o Sôva para sua conservação, ou deixa fazer a estes o que lhes parece, deixando-se governar por elles, ou introduz no *Lombe* quantidade de parentes seus para guardas da sua vida, com as honras e exercicio de *Quindures*.

Os *Caley* ou *Carej* são aquelles, que se empregão no serviço particular do Sôva: estes ou são escravos seus, comprados ou havidos em guerra, ou são tirados do povo para estas funcções. Entre elles o principal, goza de maiores distincções, e assiste continuamente ao lado do Sôva, como seu confidente; e assim elle he o unico que sabe os passos do Sôva; avisando a concubina, de que elle deve usar em cada huma das noites, dando-lhe parte dos que lhe querem fallar em qualquer negociação, e dando a estes as repostas do Sôva.

Logo que o Sôva toma posse do Estado, manda buscar para sua *Nana*, ou mulher principal, a que mais lhe agrada, ou de outro Sovado, ou do proprio, ou conservando a que tinha quando era particular. Esta goza de todas as honras do Sôva, e governa o Estado em auzencia deste. Além da *Nana*, entretem o Sôva quantas mulheres lhe parece, as quaes se tratão com distincções; com esta differença com tudo da *Nana*, que esta não a

póde-lançar de si o Sôva, nem priva-la do lugar de *Nana*, podendo mudar as outras, e substitui-las, no caso de desgostar-se dellas, ou de commetterem infidelidade.

Daqui vem, que ainda commettendo a *Nana* adulterio, sem o consentimento do Sôva, elle a não póde castigar, mas sim ao adúltero, do modo que lhe parece, ou sequestrando-lhe simplesmente os bens, ou tirando-lhe com elles a vida, ou liberdade, vendendo-o. Digo contra o consentimento do Sôva; porque chega a tanto a barbaridade desta gente, que he reputada melhor mulher aquella que mais enriquece ao Sôva ou marido, por meio da prostituição, e que sabe captar adúlteros mais ricos, e fazer assim maiores os lucros, dos maridos, sem exceptuar os mesmos brancos que se achão em sertões, a onde não chega a jurisdição de *Cabo*, ou Capitão Mor algum Portuguez.

*Continuar-se-há*

## A R T E S.

*Memoria sobre hum Alambique existente no Laboratorio do Excellentissimo Antonio de Araujo, que contém as invenções mais modernas praticadas na Escossia, e ao qual se fizeram algumas adições para a sua perfeição por G. M.*

**S**ÃO notorias as fadigas, que os Escossezes empregarão para o melhoramento de distillações, e tem sido objecto de geral admiração as vantagens, que alcançarão, tanto no que respeita á bondade das agoas ardentes, como á economia de as fabricar. Em consequencia de repetidas representações dos distilladores de Londres, que allegavão não poderem competir em barateza das agoas ardentes com os distilladores de Escossia; o Governo Britannico as onerou com successivos e fortes direitos na entrada daquella Capital; mas, á proporção que os direitos se augmentarão, os Escossezes taes descobertas fizeram para a economia, e taes melhoramentos executarão nos seus alambiques, que conservarão sempre a superioridade nesta manufactura.

O Brazil he hum dos Paizes onde se pôde tirar immensa utilidade, com o uso destes novos alambiques. Como já existe hum no Rio de Janeiro, observarão ocularmente algumas pessoas peritas, as vantagens que delle

resultão : as mais importantes são a melhor qualidade das agoas ardentes sem máo cheiro, nem sabor de empyreuma ; a rapidez das distillaçoens, a qual he superior ao que pôdem distillar, em igual espaço de tempo, dous dos maiores alambiques antigos ; donde se segue a economia de tempo, de máo de obra, e de combustíveis.

Devo dizer, que durante a minha residencia em Londres, tive a honra de receber huma carta do Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo, em data de 11 de Outubro de 1810, encarregando-me de mandar construir hum destes alambiques, vulgarmente chamados Escocesses. Eu lho remetti, e vindo para esta Cidade, o colloquei por sua insinuação no seu Laboratorio Chimico, completando o maquinismo, que não tinha vindo de Londres, e fazendo alguns melhoramentos additionaes, que me parecerão conducentes á facilidade e perfeição das distillações. Satisfazendo agora ás patrioticas vistas do Redactor deste Jornal, lhe offereço a seguinte descripção do alambique, com os desenhos, que fiz para se gravarem, e se facilitar a intelligencia do maquinismo. O petipé he de pés Inglezes, e o alambique calculado para conter dezoito a vinte almudes de liquido para se distillar.

ACDB ( *fig. I.* ) he o corpo do alambique, de huma fórma achatada, e o fundo algum tanto concavo, e feito de chapa de co-



bre, mais espessa do que até agora se usava, a fim de evitar a perda de calorico produzida pelo contacto do ar exterior, e por esta mesma razão se revestio o dito corpo do alambique, até a altura possivel, de parede de tijolo. EFG representa o capitel, cuja fórmula se verá melhor na ( *fig. II.* ). I he hum carrete dentado de ferro, que põe em rotação a roda H do mesmo metal, a qual he quatro vezes menor em diametro, assim como em numero de dentes, do que a roda H, e portanto, quatro revoluções deste carrete, são iguaes a huma revolução da dita roda. Daqui resulta huma rotação suave no resto do maquinismo, que existe dentro do alambique. A roda H he encaixada no eixo perpendicular de ferro L, ao qual estão unidas as peças 1, 2, 4, 4, fixas em C na parte inferior do eixo; esta cruzeta tem a mesma curvatura que o fundo do alambique, e he pouco menor em diametro; mas na extremidade 5 he emendada, para se desatarraxar o pedaço até 4, e poder caber a cruzeta pela abertura do corpo do alambique, quando por algum motivo se quizer tirar fóra d'elle. Na parte inferior desta cruzeta ha humas cadeas suspensas com ganchos, e por meio dos parafusos 3, 3, 3, 3, 3, 3, se conservão sempre em certa altura, de maneira que tocão levemente no fundo do alambique.

Posto o maquinismo em rotação, as cadeas, agitando continuamente o liquido, não

deixão precipitar e demorar-se no fundo as matérias crassas ; evitando por este modo a sua carbonisação , ou torrefação , donde provém nas agoas ardentes o pessimo gosto , e cheiro empyreumatico. Outra vantagem resulta deste movimento , e vem a ser , as successivas superficies , que apresenta o liquido , o que accelera a evaporação da sua parte espirituosa : 2 ( *fig. II.* ) , he hum leque , composto em forma de ventilador , e de 8 folhas de cobre ; unido ao mesmo eixo , e feito de maneira que na circumferencia das ditas folhas haja huma inclinação , que forme com o eixo hum angulo menor de  $45^{\circ}$  , e assim deixão aberturas entre elles para o vapor se escapar.

Posto o leque em rotação , seguem-se dous efeitos muito uteis ; o 1.<sup>o</sup> consiste em se evitar a rapida sobida do liquido para o capitel , causada por excessiva ebullição ; porque o movimento do leque destroe as bolhas da fervura , e o 2.<sup>o</sup> consiste em que o mesmo movimento impelle os vapores para sahirem mais depressa pela bicha , onde o refrigerante os condensa acelerando muito a sahida da agoa ardente.

He preciso recommendar á pessoa que manipular o carrete I. , que dê a rotação ao maquinismo para a parte da inclinação das folhas do leque ; pois sendo movido para a parte contraria , retardaria algum tanto a operação , e facilitaria subir a ebullição. Ao proprietario do alambique , ou a quem seus poderes tiver

competer advertir ao manipulador o lado, para onde hade voltar sempre a manivela. A razão deste effeito he a mesma a que succede no parafuso de Archimedes, que movido para hum lado, eleva a agoa, e movido para o outro, cessa de a elevar.

1 ( *fig. II.* ) he hum recipiente que neste alambique appliquei, para ter certeza de não cahir no liquido, que se destilla, alguma pinga de cebo, ou de outra materia oleosa, que existe na buxa N, como depois se dirá: o que pôde succeder ao apertar a buxa, ou quando se concerta ou ponha de novo: qualquer porção daquella materia communicaria máo gosto ou máo cheiro ao espirito.

Neste alambique introduzi tambem hum manometro *u v*, o qual recomendo que tenha hum braço comprido, que entra no liquido do alambique, e outro exterior da fórma que se vê na figura; he feito este manometro de hum tubo de ferro caldeado, no qual deito 1 L.  $\frac{1}{2}$  de mercurio, e dentro ponho sobre a superficie do mesmo mercurio, huma escala dividida em pollegadas, a qual me mostra nas suas divisões, a força do calorico dentro do alambique; porque a expansão do mercurio faz subir a escala no tubo exterior. Na mesma escala marco com hum riscó bem claro o gráo de calorico, que pouco mais ou menos deve constantemente haver no alambique; logo que a escala sóbe

mais do que he preciso, se modera o fogo pelo modo facil, que se explicará na continuação desta memoria.

$x$  he huma valvula muito exacta, que neste alambique igualmente appliquei, e serve para o encher por ella, poupando-se o grande trabalho de levantar o capitel a cada alambicada; esta valvula fecha-se por meio do peso  $z$ , e he da mesma construcção das valvulas de segurança, de que se usa nos engenhos de vapor,

$q$  (*fig. I.*) he o manipulo, feito de maneira, que o manipulador pôde leva-lo quasi em toda a roda do alambique; e de donde quer que se postar, movendo a manivela, porá em rotaçáo o carrete I. Este está unido a huma peça, que he movel por meio da cruzeta  $r$ , que se denomina gônzo universal. Nas fabricas de distilação, onde houver agoa superior, se pôde mover com ella; por meio de huma pequena roda, todo este maquinismo, poupando-se a occupação de individuo. O dito carrete anda em duas chumaceiras de metal  $s, s$ , moveis na carreta  $t$ , a qual está fixa na meza de ferro  $n, n$ .

A roda  $H$  tem a sua rotaçáo e suspensáo sobre a chumaceira de metal  $m$  (*fig. I*), a qual he atarrachada, e ajustada por hum e outro lado, com quatro parafusos, que são moveis na meza de ferro  $n, n$ , para que o eixo fique sempre no centro da buxa  $N$ ; ain-

da mesmo quando esta se houver de fazer de novo. A buxa he feita de cordagem, e estôpa molhada em cebo derretido, ou em outra materia oleosa. A cordagem deve ser bem apertada contra o eixo dentro de huma caixa de metal, e igualmente apertadas, por huma tampa atarraxada na mesma caixa, para não deixar sahir o vapor.

*p, p, o, o, o, o*, são varões de ferro pregados ao capitel *E F G* para segurarem a meza *n, n*, por meio de parafusos: *M* torneira para despejar os residuos da distillação.

*Continuar-se-há*

---

### *Correspondencia.*

**E**Sperar-se-hia talvez que este artigo fosse muito extenso, todavia elle será muito breve. Tenho recebido algumas cartas anonymas, e outras de nomes suppostos; nem a humas, nem outras, me cansarei em responder. Eu o farei, quando apparecerem em seus verdadeiros nomes. Como porém algumas destas acompanhavão manuscriptos, affianço que elles serão inseridos nos numeros seguintes, não o tendo até agora sido por falta de lugar. Nos mesmos numeros serão igualmente transcritos, dois escritos dignos da attenção publica, hum, que

me remetteu da Bahia o meu amigo Fr. Archangelo de Ancona, e outro que de S. Catharina me enviou o patriótico Silvestre José dos Passos. Ambos tratão de objectos assás interessantes, e por tanto não os omittirei, quando me for possível. Espero que outros muitos não se escusem a hum trabalho, de que provém tanto interesse ao Publico, fornecendo-me outras obras, que elles sabem tão completamente compor.

---

*Politica.*

**N**O N.º precedente fiz depender o exito da campanha da constancia dos belligerantes contra o Usurpador do Continente, o successo justificou as minhas conjecturas; e eu tẽho já tido a satisfação de annunciar ao Publico a completa derrota dos Francezes, segundo a sua propria confição. Mallograrão-se os projectos da ambição, e a causa justa triumphou. Destroçados, fugitivos, preza do inverno, da fome, e de todos os incommodos, que a estação pôde fornecer, os Francezes já não fallão em Austerlitz, confeição a seu pezar a sua perda, e o seu Omnipotente só na fuga encontra a segurança.

A Peninsula entretanto offerece hum espectáculo de valor e da constancia, que enche

de glória as tropas alliadas. Sendo estereis os esforços contra Burgos, já pelo rigor do inverno, já pelo esforço com que foi defendido, ou ainda ( como querem os eloquentes Lord Wellesley e M. Canning ) por falta de necessarios auxilios ao Duque da Victoria ; unidos em huma massa muito consideravel, e superior ( em numero, mas não em valor ), os exercitos inimigos intentarão roubar ao vencedor de Aripiles a gloria, que tão brãosamente alli ganhara. Mas o genio extraordinario, a singular prudencia do nosso Fabio *Pará ser van a brãveza com que qenhão*. Huma acertada retirada, sempre a coberto de divisões muito superiores, a feliz e opportuna junção com o excellente Hill, a escolha de posições, o valor, com que se disputarão postos, pontos, &c., o sangue frio verdadeiramente admiravel, com que o Illustre Chefe dispõe prudentemente os seus planos entre eminentes perigos, todas estas qualidades não sómente salvarão o exercito alliado, mas offerecendo aos inimigos hum muro de aço nos peitos leaes dos Portuguezes, obrigarão a dispersarem-se, sem haver obtido outro resultado mais do que as perdas, que soffrerão em frequentes e renhidas acções. Se Lord Wellington ( como diz seu Illustre Irmão ) nunca he para mais admirar do que, quando cercado de difficuldades, tendo a decidir entre arriscados extremos ; e apertado por forças muito superiores tem triumphado de todos os obstaculos e desenvol-

vido as suas eminentes qualidades; eu creio que he nesta epoca, que o seu nome ganha huma celebridade, que não póde ser atacada por algum espirito invejoso. E em quanto espero ulteriores noticias das suas excellentes combinações, ponho fim ás minhas imparciaes reflexões.

---

*Obras publicadas nesta Corte no corrente mez  
de Fevereiro.*

„ **O** Merecimento das Mulheres, por Mr. de Gouvé, traduzido por B.\* „

He huma pequena peça, na qual o Poeta pertende vingar o bello sexo das accusações de Juvenal e de Despreaux. Com huma ligeireza Franceza toca levemente os argumentos, que lhe parecem mais accomodados, e algumas vezes recorre a huma comparação, que nada prova. Sem hum pincel, como o dos dois Poetas que elle quiz combater, fez hum presente á melhor metade do homem, como elle diz, proprio do objecto. O Traductor, bem conhecido por suas luzes, e a quem este Jornal lie particularmente obrigado, empregou versos armoniosos e suaves; accrescentou alguns seus, e neste pequeno trabalho apparece a mão do Mestre.

„ „ Reflexões militares sobre as campanhas dos Francezes em Portugal por João de Sou-



zã Pacheco Leitão , Official do Corpo de Engenheiros. ,,

Esta Obra he dividida em duas partes ; a primeira , a que dá o nome de Memoria Topographica , descreve as principaes operaçoens estrategicas , de que he susceptivel o Reino de Portugal relativamente ao seu ataque e defeza ; a segunda he a Analyse da campanha de Massena em Portugal nos annos de 1810, e 1811.

Na primeira parte o Author prova que ,, a difficuldade que sempre houve de conquistar Portugal não provinha , nem de extraordinario valor de seus habitantes , comparado com o dos aggressores , igualmente aguerridos (o que presume a multidão , que ignora os segredos da guerra , e dahi vem o que se chama fanfarronada dominante da nação , pag. 3. ) , nem meramente das faltas dos Generaes , que atacavão , mas sim de circumstancias locaes &c. ,,

Para provar esta these *strategicamente* , considera as tres linhas de operaçoens , do Alentejo , da Beira , e das Provincias do Norte ; avulta os embarços , que em cada huma dellas encontraria o aggressor , e as manôbras que teria a fazer o defensor. Depois destas reflexoens geraes , passa para a campanha actual , e começa por esta pergunta ,, he bêm escolhido o ataque , e bêm proporcionada a defeza ? eu digo (acode ellè) que ambas as cousas estão em proporção. ,, Conclue esta par-

te, apostrophando aos Portuguezes, a fim de anima-los pelo conhecimento das forças naturaes.

A Analyse da Campanha de Massena he fundada nos principios expostos na 1.<sup>a</sup> parte. O Author protesta ,, empregar huma critica exacta e severa sobre o espirito dos acontecimentos, notando talvez erros, onde se dá louvor, e substituindo louvor, onde se notão erros: sem perdoar nem a hum nem a outro partido as suas faltas ,, &c.

Elle previne huma fortissima objecção contra o juizo feito a sangue frio, no silencio do Gabinete, e em muitos centos de legoas de distancia; elle conhece muito bem que *Tempelhof* e *Lloyd* erão officiaes dos exercitos, que combatterão em Leuthen, e que como taes não só forão testemunhas, mas tiveram parte n'aquella celebre batalha, e por isso emprega a prolepse seguinte ,, He verdade que para ajuizar rigorosamente dos acontecimentos he necessario estar ao facto de todos os accidentes tanto fisicos, como moraes, e ainda mesmo politicos, que directa ou indirectamente influem para resultados, que nos parecem sobrenaturaes: porém, se deduzirmos as causas pelos effeitos, não poderemos deixar de convir ,, &c.

Seguem-se importantes reflexoens sobre os exercitos inimigos e alliados, dignas da grande nomeada, que o Author conserva entre os

militares mais instruidos : elle desenvolve huma riqueza de conhecimentos estrategicos, fructo de huma seria e longa applicação.

Confesso a insufficiencia de meus conhecimentos para decidir de hum objecto tão grande em si mesmo, e tão delicado em suas consequencias, e para não ser julgado delirante, como o velho Parmenião, deixo aos modernos Annibaes o justo apreço de tão estrondosas façanhas.

*Estado da atmosphera no mez de Fevereiro.*

## B A R O M E T R O .

*Dia Pol. Vint Milh.**Dia Pol. vint. Milh.*

|    |    |    |    |    |    |    |    |
|----|----|----|----|----|----|----|----|
| 1  | 29 | 18 | 44 | 14 | 29 | 17 | 34 |
| 2  | 29 | 18 | 42 | 15 | 29 | 18 | 29 |
| 3  | 29 | 18 | .6 | 16 | 29 | 18 | 10 |
| 4  | 29 | 18 | 38 | 17 | 29 | 17 | 10 |
| 5  | 29 | 18 | 44 | 18 | 29 | 17 | 16 |
| 6  | 29 | 18 | .4 | 19 | 29 | 17 | 12 |
| 7  | 29 | 18 | 24 | 20 | 20 | 17 | 12 |
| 8  | 29 | 19 | .6 | 21 | 29 | 17 | 10 |
| 9  | 29 | 18 | 34 | 22 | 29 | 18 | .. |
| 10 | 29 | 18 | 20 | 23 | 29 | 16 | 30 |
| 11 | 29 | 17 | 36 | 24 | 29 | 17 | 10 |
| 12 | 29 | 17 | 36 | 25 | 29 | 17 | 12 |
| 13 | 29 | 17 | 26 |    |    |    |    |

## T H E R M O M E T R O .

*Dias Graos Tempo**Dias Graos Tempo*

|   |    |                             |
|---|----|-----------------------------|
| 1 | 79 | humido ,<br>trovoada chuva. |
| 2 | 80 | medio                       |
| 3 | 81 | claro                       |
| 4 | 81 | dito                        |
| 5 | 79 | humido                      |
| 6 | 77 | denso                       |

|    |    |          |
|----|----|----------|
| 7  | 80 | trovoada |
| 8  | 82 | chuvoso  |
| 9  | 82 | dito     |
| 10 | 78 | dito     |
| 11 | 76 | dito     |
| 12 | 76 | dito     |
| 13 | 81 | claro    |

*Dias Grãos Tempo*

|    |                  |          |
|----|------------------|----------|
| 14 | 80               | trovoada |
| 15 | 80               | chuvoso  |
| 16 | 77               | dito     |
| 17 | 77 $\frac{1}{2}$ | dito     |
| 18 | 79               | denso    |
| 19 | 79               | dito     |
| 20 | 80 $\frac{1}{2}$ | claro    |

*Diãs Grãos Tempo*

|    |    |                          |
|----|----|--------------------------|
| 21 | 82 | dito                     |
| 22 | 80 | dito                     |
| 23 | 81 | dito                     |
| 24 | 84 | dito                     |
| 25 | 84 | denso trovoada, e chuva. |

## I N D I C E.

## M A T H E M A T I C A

- Entre todos os Solidos de igual superficie ,  
achar o que tem o maximo volume. Por  
José Saturnino da Costa Pereira. pag.* 3

## C H I M I C A

- Extracto de duas Cartas de Mr. Scheweiger a J. C. Delamethrie , sobre o Galvanismo.* 8
- Methodo imaginado , e praticado no Laboratorio Chimico do Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo , nesta Cidade do Rio de Janeiro , para a extracção do Oleo de Mamona. ( Ricinus communis , Lin. )* 12

## A G R I C U L T U R A .

- Noções sobre a cultura , e fabrico do Anil , e Analize desta materia colorante , e do Pastel , publicadas por B.\*\*\** 15
- Memoria sobre o Algodoeiro continuada do N.º 1.º pag. 34.* 43

## M E D I C I N A .

- Resposta , que deu o Doutor Bernardino*

*Antonio Gomes ao Programa da Camara desta Cidade, que vem no N.º 1.º pag. 58.*

56

## L I T T E R A T U R A .

- Epicedio á morte da Illustrissima e Excellentissima Duqueza de Alagoas, por B.\** 64  
*Ode do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos.* 74  
*Dithyrambo de Diniz.* 75  
*Ode Anacreontica do mesmo.* 80  
*Soneto de Claudio Manoel da Costa.* 82  
*Máximas, Pensamentos etc., de hum Brasileiro.* 83

## H I S T O R I A .

- Continuação da Viagem ao Sertão de Benguella.* 86

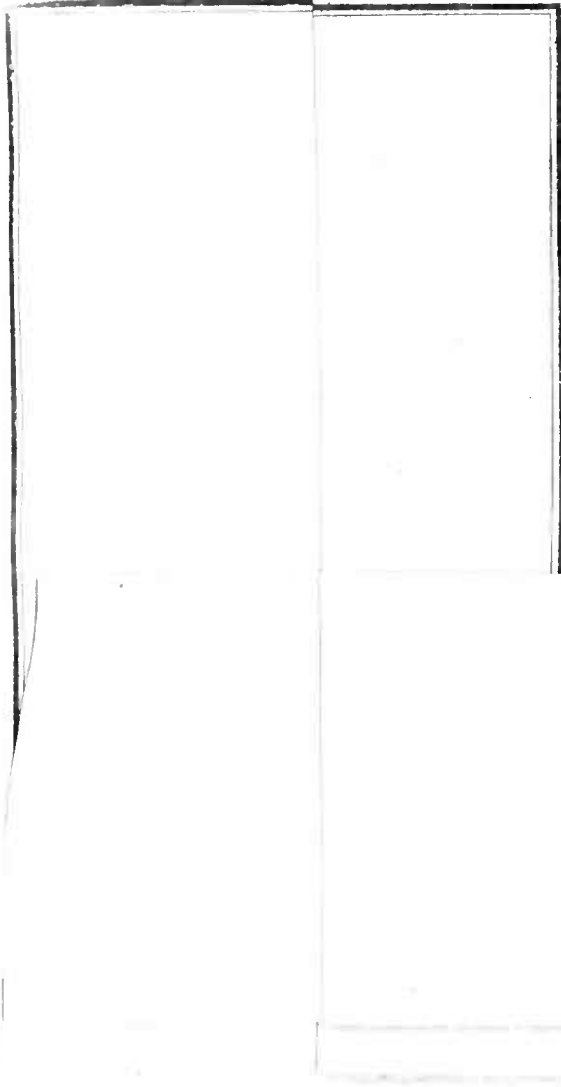
## A R T E S .

- Memoria sobre hum Alambique existente no Laboratorio do Excellentissimo Antonio de Araujo, que contém as invenções mais modernas praticadas na Escossia, e ao qual se fizeram algumas addições para a sua perfeição por G. M.* 99

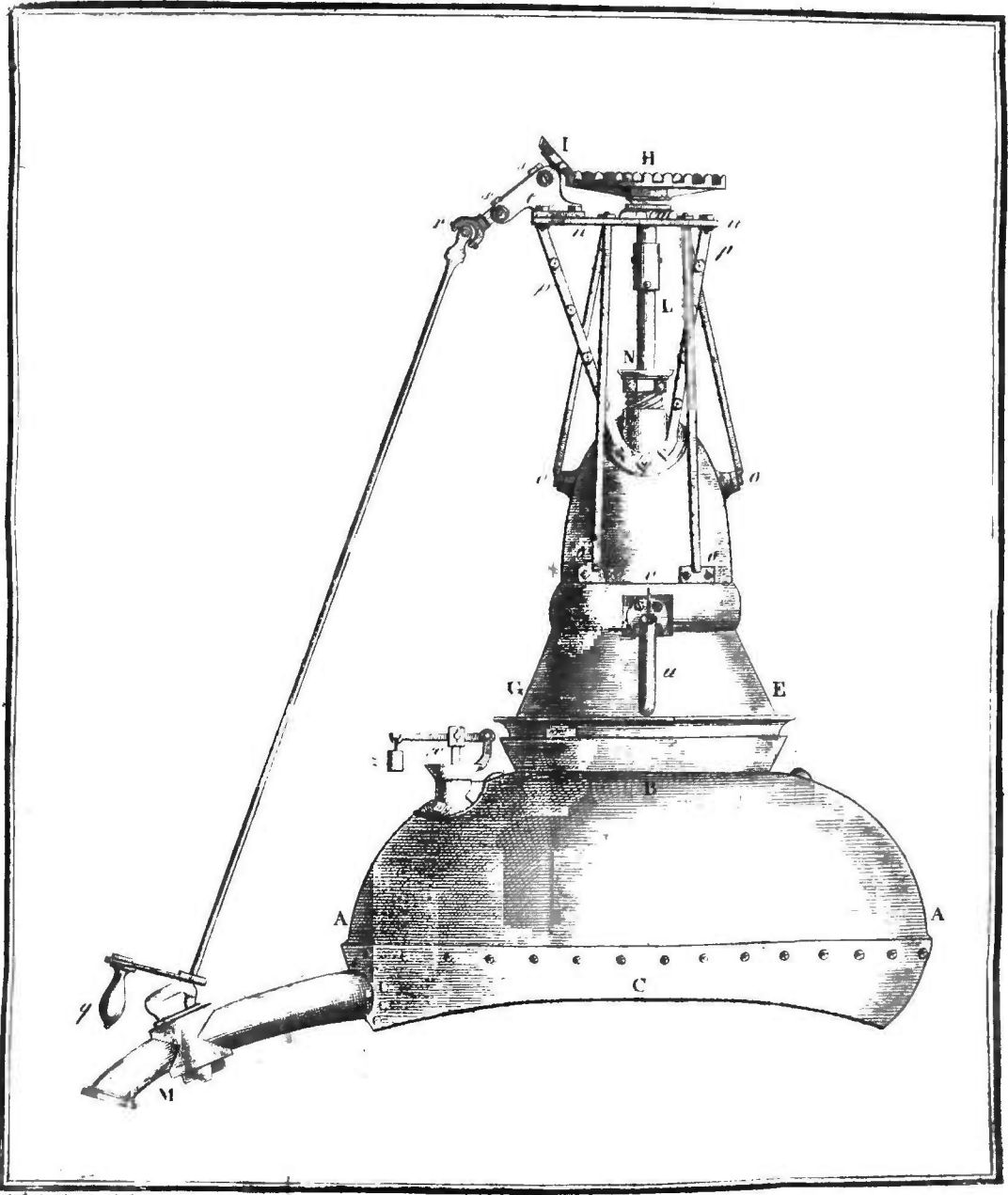
- 
- Correspondencia.* 105  
*Politica.* 106  
*Obras publicadas nesta Corte.* 108  
*Estado da athmosfera no mez de Fevereiro.* 112











J. P. de Meuzen del.



O PATRIOTA,  
JORNAL LITTERARIO,  
POLITICO, MERCANTIL, &c.  
D O  
RIO DE JANEIRO.

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ameí, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 3.º  
MARÇO.

---



RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.  
1813.  
*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,  
na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na  
mesma Loja se faz a subscrição a 4000 reis  
por semestre.*





## M E D I C I N A.

*Resposta, que ao Programma da Camara annunciado no N.º 1.º pag. 58., deu o Doutor Antonio Joaquim de Medeiros.*

**E**U bem sei que as molestias não respeitão a idade, ao sexo, e ao lugar da habitação; para qualquer parte, que o homem vá, ali o hão de cercar mil enfermidades até encontrar a morte,

*Optima quæque dies miseris mortalibus ævi  
Prima fugit: subeunt morbi, tristisque senectus,  
Et labor, et duræ rapit inclementia mortis.*

Virgilio.

Porem não he o mesmo habitar huma Cidade sujeita a enfermidades endemicas e a frequentes epidemicas, por causa da sua situação graphica, e má construcção dos edificios, que viver em huma Cidade bem organizada, ventilada dos ventos, e sem immundicia no interior. Os habitantes daquella, além de viverem huma idade menos avançada, são pela maior parte valetudinarios, pelo contrario os moradores desta são mais sadios, e robustos, e mais vividouros. As Cidades, que nós temos no interior do Paiz, confirmão esta minha asserção. Em S. Paulo, em Marianna, e Villa Rica encontra-se hum maior numero de ve-

lhos , que no Rio de Janeiro ; e os filhos de serra acima são mais sadios e robustos que os nacionaes desta terra.

Qual será pois a causa de huma tão grande differença ? Por ventura esta novidade depende das agoas , como vulgarmente se pensa ? Ou he devida a outras causas mais particulares , e susceptiveis de remediar-se com o auxilio de huma mão poderosa ? Este Programa he justamente o que faz o objecto desta memoria. Para não confundir as idéas , e proceder com ordem e clareza , eu hirei respondendo positivamente aos pontos da Proposta da Camara , marcando com numeros á margem para maior brevidade.

I.º As molestias , que mais vulgarmente costumão accontecer aos habitantes do Rio de Janeiro , e que por isso se chamão endemicas , são , as Erisipellas , as doenças de pelle , as Obstruçoens do Fígado , em que , quasi sempre , interessa o Pulmão , conhecidas no Paiz debaixo do nome de Tuberculos ; e finalmente as affecçoens Hemorroidaes. As Erisipellas , a ninguem , nem mesmo aos recém-nascidos , como eu tenho observado , poupão. Rarissimas são as pessoas desta Cidade , que não soffrão insultos erisipellatosos ; e por isso os naturaes do Paiz já não reputão enfermidade a Erisipella. Curão-se com os seus remedios domesticos sem o auxilio da arte : tão vulgar se tem feito esta doença ! Mas a falta de



methodo curativo, e a pouca regularidade e dieta, que os enfermos tem nos seus insultos, derão origem a outra molestia, que ainda se faz mais sensivel aos que habitão este recinto da Cidade: fallo das inchãoens das pernas e dos testiculos. He no Rio de Janeiro, que eu, não sem grande magoa dos meus compatriotas, vim observar até que ponto se pôde distender o tecido cellular pela frouxidão das partes.

Ve-se logo que a Erisipella no Paiz he por todos os titulos temivel, tanto porque frequentes vezes termina pela gangrena e morte, como eu muitas vezes rapidamente tenho observado, como porque, quasi sempre deixa deformidades nas partes affectadas. As molestias de pelle hoje são tão vulgares no Paiz, que com razão podemos affirmar, que são endemicas. As sarnas, as empingens, o escorbuto, e mesmo a elephantiasis, raras vezes se deixão de encontrar nas casas de familias do Rio de Janeiro; principalmente as mulheres são mais sujeitas a affectar-se de enfermidades cutaneas e do escorbuto.

Os tuberculos do Paiz roubão muita gente no Rio de Janeiro. Pôde asseverar-se que a terça parte do Povo perece de tuberculo. Eu tenho observado na minha pratica, que quando entrão a reluzir symptomas de liquido extravasado na cavidade do peito, os enfermos moxrem a pezar de se pôrem em pra-

tica os mais heroicos medicamentos, que os celebres praticos apontão nos seus Annaes de Medicina.

As affecçoens hemorroidaes fazem hum grande estrago entre os habitantes do Rio de Janeiro. Os extraordinarios symptómas, que eu encontrava nos Practicos, quando estava na Universidade, sempre me parecerão fabulosos, em quanto mais de perto não os vim observar.

Não sei, que influencia tem o ar, ou os alimentos sobre os vasos hemorroidaes, que ainda os meninos experimentão o mal, que as hemorroidas causão na economia animal.

2.º Ao certo não se pôdem determinar as molestias, que nas diversas estações do anno, e nos differentes annos reinão no Paiz. Os grandes praticos do Norte ficarião confundidos, se viessem ao Rio de Janeiro. Não sómente encontrarião invertidas as estações, e os morbos estacionarios, como acharião enfermidades extravagantes. Se eu não me visse obrigado a limitar o meu discurso ás perguntas, que o Senado pede, era boa occasião para eu traçar huma larga memoria sobre as diversas enfermidades, e o seu methodo curativo, que durante o meu exercicio Medico tenho observado nesta Capitania. Este trabalho ficará, para quando eu tiver mais practica e mais commodidade. Agora, não devendo aberrar do meu objecto, direi sómente, que no Outomno, e Verão reinão as febres biliosas, as disente-

rias, e as bexigas. No Inverno e Primavera as defluxões, as febres catharraes, as hemoptizes, os rheumatismos e os estupores. Nas crianças appareceo o anno passado a cacoluxe, ou tosse convulsiva, pela primeira vez, desconhecida até agora no Brazil.

3.<sup>o</sup> A principal causa das molestias endemicas, e dos máos successos das epidemicas, sem duvida provém da influencia do clima sobre os nossos corpos. *Hypocrates* nos seus aphorismos, secção 3.<sup>a</sup>, já conheceo isto mesmo, quando nos patentea as diversas, e gravissimas enfermidades, que nascem das differentes combinaçoens da atmosphaera. O Rio de Janeiro, huma das mais bellas Cidades da America Portugueza, e ainda de Portugal, tanto pela sua população, como pelo extraordinario commercio e riqueza, que maneja, se faz inhabitavel pelo pestifero ar, que respira o miseravel Povo, humido, e quente. Ainda em os mezes de Inverno, nunca o ar he frio e secco, antes sempre humido. Os antigos lembrarão-se de dizer que as molestias endemicas do Rio de Janeiro erão devidas á agoa, que se bebe, o que he falso, pelas posteriores experiencias, que no tempo do Vice-Rey Vasconcellos se fizerão debaixo da direcção dos mais habeis Philosophos e Medicos.

Quaes serão pois as causas da humidade e da depravação do ar? São muitas, e as principaes vem annunciadas neste mesmo progra-

ma, ao qual eu me refiro. 1.<sup>o</sup> A summa baixaza do pavimento da Cidade relativamente á superficie do mar, que a cerca pelos tres lados de Lest-Sueste, Nordeste, e Nor-Nordeste. 2.<sup>o</sup> A pouca expedição, que tem as agoas da chuva extraordinarias no Estio, e enxugadas então á força do excessivo calor do Sol, mas em muitas partes da Cidade estagnadas, principalmente desde huma rua, chamada a Valla, para o Campo de Santa Anna. 3.<sup>o</sup> Finalmente a pouca circulação do ar pelos edificios e ruas da Cidade muito estreitas relativamente ao grande comprimento, que tem do mar para o campo, onde terminão: são as mais attendiveis causas da humidade e depravação do ar.

4.<sup>o</sup> Pelas experiencias Physicas sabemos, que, quando não ha circulação e expedição no ar, de maneira, que este não se renove por meio do ingresso de outro ar mais puro, e menos phlogisticado, ha de haver calor. Logo o embarço, que fazem á entrada dos quotidianos ventos maritimos ou terraes, que soprão da parte do Nordeste, Norte, e Noroeste, os seis morros, que correm de São Bento até S. Diogo, na direcção de Lest-Nordeste, e á dos vespertinos; ou viraçoens, mais fortes que os primeiros, constantes da parte do Sueste, Sul, e Sudoeste, os morros do Castello, S. Antonio, e Fernando Dias parallellos aos primeiros de sorte, que fica a

Cidade sepultada entre montes, e ao abrigo dos ventos, juntamente com a direcção das ruas, que além de serem muito estreitas e compridas, o Sol penetra os edificios de manhã, e á tarde, fazem a Cidade pouco arejada dos ventos, abafadiça, endemica, epidemica, e incapaz de se poder viver nella. Está em problema, qual das Cidades he mais doentia, se o Rio de Janeiro, ou Angola. Muitos, que viverão nesta sempre sadios, vierão acabar os seus dias miseravelmente no Rio de Janeiro, cheios de mil enfermidades chronicas. A estas urgentissimas causas ainda accresce, 1.º a immundicia, que se encontra no interior da Cidade. 2.º As agoas estagnadas, que apodrecendo pelo grande calor exhalão os mais pestiferos vapores. Sómente os efluvios, que dimanão das agoas enxarcadas, que perennemente existem dentro da Cidade, os vapores, que lanção as immundicia amontoadas nos Largos, e Praças, e o grande fedor, que vem de huma grande Valla, que se abriu para dar escoante ás agoas, mas que serve para despejo dos moradores circumvisinhos, bastarião para fazer o Rio de Janeiro endemico, quanto mais concorrendo outra causa mais poderosa, que as primeiras. O ar humido e quente, que combinando-se com os effluvios das immundicias fica mais alterado, mais corrupto, mais degenerado, e mais capaz de produzir enfermidades.

Os Frades procurarão sitios mais elevados para fundar os seus Conventos. Os Jesuitas no morro mais arejado, e mais prejudicial á Cidade denominado o morro do Castello, ahi fizerão a sua habitação. Os Frades de Santo Antonio situarão-se em outro monte, que não he menos nocivo, que o primeiro. Os Monges Benedictinos fundarão o seu Mosteiro sobre outro morro parallelo ao do Castello, que não he tão prejudicial á Cidade como os dois primeiros. Os Carmelitas, não sei porque destino, ficarão em hum lugar plano e mais ao abrigo das viraçoens. Entretanto não se esquecerão do sitio mais bello, que tem a Cidade para construírem o seu Convento. Ficão em hum grande largo, junto ao Palacio. Por isso naquella Sociedade de homens não se observão tantas enfermidades chronicas, e vivem huma idade mais dilatada.

5.º As causas moraes e dieteticas influem assás para as molestias de Paiz. Os Antigos affirmão que as thísicas, hoje tão frequentes no Rio de Janeiro, rarissimas vezes se observavão, assim como as doenças de pelle. Ora, se nós cavarmos mais no fundo a origem destas enfermidades, acharemos, que quasi todas são complicadas com o vicio venereo. A opulencia desta respeitavel Cidade fez introduzir o luxo, e o luxo a depravação dos costumes, de maneira que dentro da Cidade não faltão casas publicas, onde a mocidade vai es-

tragar a sua saúde, e corromper os costumes de huma boa educação, contrahindo novas enfermidades, e dando causas para outras tantas.

Accresce a vida sedentaria e debochada dos habitantes do Paiz: as mulheres vivem encarceradas dentro em caza, e não fazem o minimo exercicio. (a) Os homens, ainda os Europeos ficão preguiçosos, assim que se estabelecem nesta terra. Bem se vê logo, que o vicio celtico, os continuados deboches de comidas e bebidas, a que são muito entregues os habitantes do Paiz, e a vida frouxa sem algum exercicio, juntamente com as outras causas acima ponderadas, por certo hão de causar tantas enfermidades chronicas, que reinão nesta Cidade.

6.<sup>o</sup> Sobre os meios de obstar a estas causas. Huma das molestias endemicas, que quan-

(a) Devemos dizer em abono da verdade, que grande parte das causas, tanto phisicas, como moraes, que este e os outros Medicos tem apontado, como origem das doencas do Rio de Janeiro, se tem desvanecido depois que esta Cidade tem a honra de ser a Corte do Nosso Augusto Soberano, e com muita especialidade as causas moraes; e se temos inserido neste Periodico estes tres pareceres, tem sido para mostrar o acerto das providencias, que se tem dado, e fomentar a esperança de que ellas consigão emendar os erros de huma situação morbifica. *Redactor.*

do reina no Paiz, rouba ao Estado milhares de habitantes he sem duvida a das bexigas. Quasi sempre se communica pelo contagio dos escravos recém trazidos da Africa. O anno passado foi o virus varioloso tão pestifero, que apesar das mais sabias vigilancias dos grandes Medicos, que temos nesta terra, e manejado o seu tratamento, segundo prescrevem os maiores practicos nas epidemias de bexigas, morrerão, fazendo o calculo muito favoravel, dois terços dos enfermõs variolosos. E quanto não perdeo o Estado, não sómente com a diminuição da População, como da Agricultura? . . . He para lamentar a fadiga de hum pobre lavrador, que á custa de seu suor ajunta huma avultada somma de dinheiro, com que compra hum escravo para o ajudar, e passados dias o vê expirar de bexigas, por dolo e malicia do vendedor, que o enganou, dizendo, quando o ajustou, que já as tivera em pequeno na sua terra. Hum Hospital de Inoculação estabelecido com o mesmo regulamento, que o de Lisboa, que, além das pessoas inoculadas, fossem tambem os escravos obrigados com pena de serem confiscados, para a Fazenda Real os que dolosamente fossem vendidos antes da Inoculação, seria o meio mais seguro de se poupar ao Estado tantos milhares de habitantes, que morrem de bexigas. Quanto ás molestias endemicas, sómente a Mão Poderosa da Nossa Augusta Soberana,



poderia de huma vez arrancar as principaes causas das entermidades endemicas do Rio de Janeiro. O calor, e humidade da atmosphaera

- 1.º Ordenando, que se arrazasse o morro do Castello, e o de Santo Antonio, ficando por muita equidade sómente intacto o lugar do Convento. Por este meio se entulharião os charcos, e lugares baixos, que ficão da rua da Valla, para o Campo de S. Domingos, e o ar circularia mais facilmente pelo interior da Cidade, não havendo mais aquelles dois obstaculos, dando aos Habitantes mais bella viração, para equilibrar o excessivo calor, que faz nos mezes do Estio. Bem vejo, que se lançava por terra o Hospital Militar e alguns outros edificios insignificantes; porém Sua Magestade podia supprir esta falta, servindo se para accommodar a sua Tropa de hum soberbo Hospital, que a vaidade dos Irmãos Confrades de S. Antonio fez levantar para estar vasio e sem doentes. Talvez a nossa Imperante ficasse mais bem servida por ficar este hospital mais ao abrigo dos ventos, e mais perto da agoa e do açougue.
- 2.º Mandando, que se intime ao Povo por parte do Senado, que ninguem para o futuro construa cazas, sem que o engenheiro, que a Camara tiver convidado, tenha examinado o risco, e regulado a altura do pavimento.
- 3.º Que se consinta haver no interior da Cidade mais praças espasosas para que o ar mais facilmente se torne

dephlogisticado, e ventile pelas ruas; e que estas á proporção sejam mais largas.

He preciso que da parte dos Almotaceis haja huma grande vigilancia, para que dentro da Cidade não consintão imundicias, principalmente nas praças publicas e nos lugares, que ainda se achão devolutos sem cazas, onde os moradores visinhos fazem a diaria limpeza. 5.<sup>o</sup> He da primeira necessidade, que se dem as ultimas providencias, para se seccar, não sómente as agoas da chuva, que se achão reprezadas dentro da Cidade, e sem expedição para o mar, como as agoas estagnadas pelas grandes marés nos arrabaldes da Cidade. Por quanto, não sómente resultaria ao Povo a destruição de huma causa constante e poderosa das enfermidades do Paiz, como diz o grande Cullen a respeito dos lugares pantanosos, fermento de febres podres e intermittentes; senão que aproveitaria mais esse terreno inculto e sem valia, quer para as casas, quer para a lavoura: o Povo vai crescendo consideravelmente, e entretanto não tem a Cidade lugar para onde se estenda, que não seja pantanoso. Hum particular não pôde com as despezas de huma propriedade de casas levantadas nestes sitios pelo grande atterro, que precisa fazer, o que não aconteceria, se o Publico, cujas forças são demasiadamente superiores ás dos particulares, tivesse de antemão feito enxugar, e aterrar

todos estes lugares. 6.º He da primeira importancia que o Senado desta Cidade tenha o maior cuidado sobre o gado que se mata. He impossivel, que multiplicados animaes prezos dentro de hum pequeno curral, expostos ao grande calor do Sol, privados inteiramente de comer e beber por espaço de sete dias, que no fim deste tempo não estejam quasi damnados. Por isso os habitantes fogem á carne, que não pôde deixar de ser nociva á saude pelas razoens acima expendidas: procurão remediar este mal, alimentando-se do peixe, que ainda he mais prejudicial, não sómente pelo excessivo uso, que fazem d'elle, como porque em geral a comida do peixe predispõe aos que uzão d'elle, para serem atacados de enfermidades cutaneas e do escorbuto, segundo a opinião dos melhores Practicos. Hum pasto destinado para o gado, que se houvesse de matar aquelle mez, d'onde viessem diariamente para o curral do Açougue as cabeças, que servissem para o consumo do Povo, era a melhor providencia, que a Camara podia dar; para haver boa vaca no Rio de Janeiro, e talvez para livrar aos habitantes de algumas febres, que se gerão da carne inficionada, que se compra nos açougues publicos da Cidade. A empreza parecerá ardua, e difficultosa, porém nada he impossivel aos homens, principalmente quando são conduzidos por conselho sabio e prudente.

Rio de Janeiro 3 de Dezembro de 1798.

## B O T A N I C A.

**A** Chando-me prisioneiro de Guerra na Ilha de França em 1808, tratei de negociar, e effectuei, com aquelle Governo o meu resgate, e o de todos os nossos compatriotas, ao numero de duzentos, que alli tambem se achavão na mesma desgraça, prospectando ao mesmo tempo roubar áquella Colonia, para enriquecer este Estado, parte das preciosidades, com as quaes Mrs. de Poivre, e Menonville, em 1770, tanto a tinhão illustrado: o projecto foi temerario, vistas as circumstancias em que me achava, e o resultado o mais feliz, pois que consegui substrahir do Jardim Real hum grande numero de arvores de especiaría, e de sementes exóticas, não sem muito trabalho, risco, e despezas, porém quando se trata de prosperar a Patria, preenchendo os Augustos, Magnanimos, e Providentes Sentimentos do Melhor dos Principes, tudo se arrosta.

Em Julho de 1809 entrei nesta Capital, e dei parte a S. A. R. da minha aquisição, e me foi ordenado, por Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, que as distribuisse dando huma porção á Real Junta do Commercio, e o restante ao Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General Carlos Antonio Nacion. A Real Junta do

Commercio, por Carta de 28 de Julho de 1812, me fez a honra de mandar participar que em Sessão de 9 de Setembro de 1809 tinha deliberado se me conferisse huma medalha de ouro em testemunho do meu zelo, e Patriotismo, acompanhada de huma Carta, em que no Real Nome do Principe Regente Nosso Senhor se me agradecesse hum tão importante serviço. E desejando eu saber o estado, e o progresso actual da minha aquisição, pedi ao sobredito Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General me mandasse passar huma attestação do constante, o qual me fez a honra de mandar a relação, que junta remetto, e ignoro o estado das que entreguei á disposição da Real Junta do Commercio, como tambem o de algumas, que dei aos Illustrissimos e Excellentissimos Conde dos Arcos, e defunto Conde d'Anadia, ao Intendente da Marinha, e ao Doutor Arruda.

Tenho toda a certeza que V. não pôde deixar de dar hum distincto lugar no seu Periodico á mencionada relação, omittindo-lhe as lisonjeiras expressoens, que a meu respeito expende o habil Author della, e incansavel Cultor das referidas Plantas.

Tambem julgo dever participar-lhe, para que conste, que pedindo eu ao meu particular amigo Rafael Bottado de Almeida, Senador de Macáo, me remetteste as sementes dos arbustos do Cha, elle me mandou o anno pro-

ximo passado hum grande numero dellas, as quaes distribuí, dando-as ao referido Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General, ao Deputado da Real Junta do Commercio José Caetano Gomes, e a varios particulares; e, vi os dias passados em casa do Doutor Jacinto José da Silva Quintão tres pequenos arbustos provenientes das ditas sementes, que promettem prosperar, e ignoro se existem mais alguns em outra parte.

Devo de justiça mencionar o quanto contribuirão para o bom exito de huma tão interessante aquisição para este Estado, as diligencias, segredo, e dinheiros do referido Rafael Bottado de Almeida, de Francisco João da Graça, Religiozo da 3.<sup>a</sup> Ordem, e de Antonio José de Figueiredo, Cirurgião de embarque; os nomes destes tres bons Portuguezes são dignos de passarem á posteridade, não só pelo expellido, mas por outros muitos factos Patrioticos por elles praticados naquella Colonia durante a nossa prizão.

He com toda a consideração seu affectuoso e muito obrigado amigo

Rio de Janeiro em 4 de Março de 1813.

*Luiz d'Abreu.*

**T**Endo mandado informar sobre o requerimento incluso, do Chefe de Divisão Luiz de Abreu, o meu Ajudante e Vice-Inspector da Real Fabrica da polvora, João Gomes da Silveira, o mesmo me mandou a relação, que aqui vai junta, com a qual inteiramente me conformo. Rio de Janeiro em 20 de Agosto de 1812. — Carlos Antonio Napion.

*Relação das Plantas exóticas e de especia-  
rias, cultivadas no Real Jardim da Lagoa de  
Freitas, e transportadas da Ilha de França,  
pelo Chefe de Divisão Luiz d'Abreu.*

- 4 *Moscadeiras.* Myristica Officinalis, Lin. —  
Existem duas, que crescem vigorosamente, e atingem já quasi a altura de hum homem: apresentam huma ligeira differença no habito externo da folhagem, talvez porque sejam de diverso sexo, o que seria muito a desejar para a sua fecundidade.
- 4 *Camphoreiras.* Laurus Camphora. Lin. —  
Salvarão-se duas, que tem crescido prodigiosamente, e tem já dezoito palmos de altura, e mais de vinte e cinco de roda. Tem-se prestado facilmente ao processo da mergulhia, pelo qual já ha mais de anno se separou huma linda arvoreta, que cresce vigorosissima; e agora espero

separar huma numerosa quantidade, já bem arraigadas. Daqui se vê a facilidade da sua propagação independentemente de sementes. Parece que estão no seu clima natalicio.

- 4 *Abacates*. *Laurus Persia*, Lin. — Salvarão-se tres, que estão muito frondosas, e de altura de dezeseis a dezoito palmos. Desta ha já doze mergulhias em estado de se separarem.
- 2 *Litchis*. *Euphoria Litchi*, Lin. — Vierão debaixo deste nome dous pequenos troncos, dos quaes sómente hum vingou: conheceu-se não ser o Litchi; mas ficou incognito até que floreceu, e reconheci ser o Mamei das Antilhas, *Mamea Americana* de Lin., a que os Francezes chamão Abricot de S. Domingos. Está carregado de flores e fructos; e ha trez mergulhias em estado de se separarem.
- 2 *Mangueiras*. Os dous pequenos troncos, que chegarão com este nome, ambos vingarão, mas ainda não florecerão, e delles hum tem alguma analogia com as Mangueiras; mas quando o seja, certamente he especie differente da ordinaria. He maravilhosa a facilidade, com que se arraigão as mergulhias, das quaes ha bastantes neste individuo. O outro he planta diversa, e parece ser huma especie de *Annona*, a que os Francezes chamão Co-



- rosal ; cujo fructo diz-se ser muito superior á fructa de Conde.
- 4 *Cravos da India.* Caryophyllus aromaticus, Lin — Salvarão-se apenas dous, que crescem lentamente. He planta extremamente delicada, e parece que o clima lhe he pouco favoravel ; pois que das sementes que chegarão, e huma numerosa quantidade de plantas, que desta remessa se repartirão para diferentes partes, nada existe senão os dous, que se salvarão á custa de desvelos, e canceiras indiziveis.
- 3 *Caneleiras.* Laurus Cinnamomum, Lin. — Existe huma linda arvoreta, já de altura de hum homem.
- 10 *Toranjeiras.* Citrus Decumana, Lin. — Existem todas, e mais algumas que nascerão ao depois, e ao todo são 18.
- Semente de Sagú, Saboeiras, Arvore de pão, Areca.* Destas nenhuma nasceu, á excepção de huma formosa arvoreta de dezeseis palmos de alto, e huma mergulhia já arraigada. Está incognita por não ter florecido. Igualmente de outras quatro sementes, que me parecerão do genero Spondias —, existem quatro arvores, já de dezeseis a vinte palmos de alto ; não florecerão, e por tanto não se conhecem.
- Arvore de Carvão.* Das sementes que se semeárão existem 170 pés ; dos quaes huma grande parte já deu flores e fructos, e

por elles púde conhecer, que he a *Mimososa Especiosa* de Lin. -, que os Francezes, pelo seu prompto crescimento, e elegancia do seu porte, verdor e persistencia da sua folhagem, cultiváo na Ilha de França para ornamento dos jardins, e bordadura das álas; e dos ramos que decotáo annualmente, fazem o carvão para a polvora, que alli fabricáo; e lhe dão o nome de *Bois noir*. - As abelhas devoráo ávidamente a casca dos troncos, dos quaes corre huma copiosa quantidade de goma, que ellas recolhem igualmente.

Tal he o numero, qualidade, e estado em que se acháo as plantas que couberáo em partilha ao jardim deste estabelecimento; e ignoro o destino de huma boa porção desta collecção, que se distribuiu para differentes partes. Quanto ás que aqui se acháo, o seu crescimento progressivo, e multiplicação já bem avançada por mergulhias, e ao depois por sementes, seguraráo para sempre ao Estado do Brazil a possessão desta preciosa aquisição, conquistada sobre a vigilancia dos Francezes, pelo denodado zelo e patriotismo de hum prisioneiro Portuguez. O atrevimento de huma tal empresa, e em semelhantes circumstancias, constituem a *Luiz d'Abreu* benemerito da Patria; e o seu nome, rival ou superior na gloria aos *Poivres*, e *Menonvilles*, passará á posteridade, eternisado na duração des-

tas especies, que primeiro introduzira, e que perpetuadas pela successão de seus individuos, serão hum dia outros tantos monumentos, que conservarão indelevel a memoria deste feito, verdadeiramente digno da antiga gloria, valor e patriotismo Portuguez. Lagoa de Freitas 30 de Julho de 1812.

*João Gomes da Silveira Mendonça.*

---

*Memoria sobre a abertura de huma estrada de comunicação, entre a Capitania de Santa Catharina e a Villa de Lagens, e estabelecimento de huma Freguezia no Sertão da terra firme da mesma Capitania. Por Silvestre José dos Passos.*

**H**A muito tempo que me acompanhão ardentes desejos de fallar sobre hum objecto, que muito me lisongêa; e o não tenho feito, receando alguma mal entendida emulação, filha do egoismo, que he mais pernicioso no Corpo da Nação, do que a maligna epidemia; agora porém estimulado pelo convite do Redactor deste periodico, no seu prospecto, pondo de parte os meus escrupulos, tratarei succintamente o meu interessante assumpto, o qual se reduz a huma exposição sincera

e verdadeira dos meios de fazer prosperar esta importante Colonia, e consequentemente o interesse do Estado.

São passados 24 annos que o Sertão da terra firme foi penetrado com huma estrada, a communicar-se com a Villa de Lagens, em cuja abertura dispendeu esta Camara 24 mil cruzados; e como daqui se originasse hum ramo de commercio entre esta Colonia e aquella Villa, tentou o Governador, que então era desta Capitania, José Pereira Pinto, estabelecer duas Freguezias; a I. no local denominado Quilombo-grande, e a II. na varzea e margem do rio Garcia.

A tempo que elle Governador tinha traçado o seu plano para a criação daquellas freguezias, e arranjo de seus habitantes, foi deposto do Governo; e por tanto se estagnou inteiramente aquelle ramo, e a communicação com aquella Villa, ficando a importante estrada inutil, em breve extincta, e aquella despesa infructifera.

Vendo-me eu opprimido com o pezo da minha familia, tomei o expediente de comprar certa porção de terra naquella estrada, e sitio, onde se tinha projectado a primeira freguezia, e ahi me acho estabelecido, cultivando mandioca, arrós, e outros generos; criando gados em pastos agricultados, e abrindo nova estrada á minha custa, até aos primeiros moradores, que me ficão na sahida da

freguezia de S. José, para onde faço as minhas conducções, sem arrimo nem auxilio algum, mais que a minha industria e fracas forças. Ommittindo os avantajados passos, que hei dado em bem dos meus semelhantes, e proveito do Estado, direi sómente, que pretendendo animar a agricultura, e reduzir alguns habitadores para a minha vizinhança, cheguei a ponto, afim de suavisar-lhes esta habitação, de fazer conduzir para aqui alguns peixes de agoa doce, os quaes tem propagado em algumas pequenas lagôas; e neste rio denominado Moruhí. Porém nada disto tem bastado para se animarem, por lhes faltar o pasto espiritual, e muito mais os desalenta a falta da estrada, por onde lhes vinhão muitos meios para a sua manutenção; como fossem as transacções, que fazião com os tropeiros, dando a estes os seus effeitos pelo equivalente de seus gados, &c. Ora, sendo de summa importancia a povoação do Continente, já se vê de quanta utilidade será a reabertura da estrada, e creação de huma freguezia. Intimamente convencido desta verdade, eu me abalanço a apontar os suaves e economicos meios, porque se podem conseguir estes dous interessantes fins.

Entre a Villa de Lagens, e a freguezia de S. José desta Capitania, ha huma distancia de 32 legoas, sendo as que vão da dita freguezia á Guarda, que se abandonou, denomi-

nada do Trombudo. Destas 16 legoas, são 7, que vão da mesma freguezia ao rio Garcia, cujo terreno está todo concedido por sesmarias; porém só cultivadas  $3\frac{1}{2}$  legoas, que vão do meu estabelecimento até à dita freguezia; e 9 de terreno devoluto, que se segue do rio Garcia até ao Trombudo; e aqui faz esta Capitania o seu limite com a de S. Paulo. Para a reabertura destas 9 legoas de estrada, será pois necessario:

1.º Quarenta homens de serviço, que podem ser 10 escravos do contracto das balêas, 10 soldados dos addicionados às madeiras do Almirantado, e 20 do Corpo das Ordenanças.

2.º Que o Arinazem Real supra com 20 fouches, 20 machados, 15 enxadas, e 5 marmitas.

3.º Que a Real Fazenda assista com 120 alqueires de farinha, 10 ditos de feijão, e 4 ditos de sal; 8 medidas de agoa ardente, 25 novilhos tirados das Estancias Reaes do Rio Grande, cartuxame embalado para 20 armas, e 500\$ reis de ajuda de custo para o Official encarregado desta diligencia.

Esta modica despeza será em breve recuperada com excesso, pelo imposto sobre o gado vacum e cavallar, que passar pelo registro, que se deve estabelecer; o qual, a exemplo dos mais, principiando por huma arrematação de pouca monta, virá pelo decurso dos tempos a chegar a grande rendimento.

Para a creação da primeira freguezia he preciso:

1.º Que de cada huma das freguezias, Villa do Desterro, Necessidades, Lagôa, Ribeirão, Enseada de Brito, S. José, e S. Miguel, se tirem 5. casas, (além dos casaes Hespanhoes, que por aqui se achão mendigando sem arrimo) dos mais necessitados de terrenos para a cultura; e que além destes se consintão todos os mais, que voluntariamente se quizerem alli estabelecer; prodigando-se em favor de todos, as Graças, e Magnanima Beneficencia de S. A. R., como seja, concedendo-se-lhes hum privilegio, que exima seus filhos da praça até a idade de vinte annos.

2.º Que S. A. R. conceda terrenos mais avantajados áquelles, que mais se distinguirem na lavoura.

3.º Que sejam distribuidas pelos novos habitantes as terras, que se achão concedidas, e não cultivadas por omissão e negligencia; e que estes colonos sejam igualmente assistidos de remedios para seus curativos, por tempo de hum anno.

4.º Que se construa a Igreja para o Culto Divino, de páo a pique, e coberta de palha, para os primeiros preludios, á exemplo das princiras, que nesta Colonia se edificarão por ordem Regia; (ainda que neste lugar fiz eu telha para cobrir as casas da minha vivenda), e que os Sagrados Vasos e

Ornamentos se tirem das Parochias acima ditas, sem que para isso se faça a menor despeza, na conformidade do plano do Governador José Pereira Pinto.

5.<sup>o</sup> Que o Parocho seja pago pela Real Fazenda, cuja despeza será compensada pelos dizimos dos novos habitantes.

Para indicar agora outras vantagens, que resultão do restabelecimento daquella estrada, he necessario, que eu dê ao mesmo tempo huma idéa succinta de alguns campos e particularidades deste Sertão. Nelle se achão os campos chamados da Boa-Vista, aonde (tendo nisto pouca parte a industria) se crião mil rezes. Na visinhança destes campos houve huma Guarda desta Capitania, a qual foi por tres vezes atacada pelos Indios Bugres, e depois abandonada. Esta Guarda foi collocada no desembocadouro de hum desfiladeiro, que descobrirão bons e veteranos Sertanejos, tão escabroso e profundo, que as suas ingremes bordas, ou paredoens, excedem a mais de 50 covados de altura; o qual só pôde ser penetrado por aquelle portão, fecho segurissimo daquella estrada. Ao Sul deste campo fica outro denominado os Pinheirinhos, aonde se crião 500 rezes; e outro que chamão o Bom retiro, onde se crião algumas mil. Este campo, que fica proximo á Guarda do Trombudo, he de Francisco Antonio Fernandes, desta Ilha, o qual estando ahi principiando estabele-



cimento e criação de gados, forão seus trabalhos inutilizados pelos Bugres. Além destes, ha outros campos, que ficão a S O do rio Cubatão, que me affirmão terem 2 ou 3 legoas de extensão. Destes e outros campos podem descer tropas de gado, com 4, 6, e 8 dias de viagem, para suprir as faltas, que actualmente se experimentão de gados vindos do Rio Grande.

Neste Sertão ha o cravo da India, de que remetto folhas e fruto; o qual se se cultivasse, poderia vir a ser hum interessante artigo de commercio. Igualmente se encontra nelle, outro genero, que aqui corre a 800 reis o alqueire, vindo de Parnaguá, á que os naturaes do paiz chamão Mate ou Congonha, e que em Monte Video, e Buenos Ayres se reputa a 5 e 6 mil reis a arroba.

Ha tambem neste Sertão algumas agoas, cuja analyse seria muito para desejar, e talvez de bastante utilidade: tal he a que eu observei em hum corrego na varzea dos Pinheiros, pela sua particularidade de morna; como tambem huns olhos ou nascentes, que sei de boa parte haver nas margens do rio Cubatão; donde mana agoa em hum tal grão de calor, que não pôde suportar-se por muito tempo hum pé mergulhado no borbotão.

Finalmente, he de summa importancia o restabelecimento da estrada, para se penetrar este riquissimo Sertão, e fazer nelle exames

metallurgicos, e outras muitas indagações; com ella se obvião tambem as incursões e insultos dos Bugres, sendo certo, que só depois do seu abandono foi por elles debatida aquella Guarda, e acomettidos alguns habitantes do rio Tubarão, perecendo alguns ás mãos destes barbaros, e servindo estes factos de atterrar e affugentar outros Colonos. Ha poucos mezes, que nas vizinhanças de Hetapacoroja apparecerão estes Indios, e forão victimas da sua brutal crueldade hum homem, duas mulheres, e dous meninos.

Não posso deixar em silencio o abuso em que estão algumas pessoas, que imaginão não será util o restabelecimento da estrada, por ficar Missões tão proximo a Lagens, que com tres dias de viagem se avança aos primeiros povos; eu não duvido dessa pouca distancia; mas me persuado, que este mesmo motivo concorre para a sua reabertura; por quanto, de mutuamente se communicarem as povoações, lhe resultão innegaveis interesses.

He tambem esta estrada de muita importancia em tempo de guerra, pela necessidade que a Ilha tem da apoio da terra firme, sem o qual não poderá manter-se; como succedeo quando ella foi invadida pelos Hespanhoes. A defensão desta estrada já vimos ser mui facil, pelo seguro fecho de portão da Boa-Vista.

Esta Capitania não poderá prosperar, em

quanto se não ministrarem os soccorros necessários, e distribuirem, segundo a Mente do Soberano, os terrenos concedidos, e não cultivados, ao grande numero de lavradores, que aqui se achão entretenidos, com 10, 20, e menos braças de terreno, e outros sem hum só palmo; e alguns carregados de filhos; nascendo os vicios e a discordia por effeitos da oppressão, em que vivem. Eu me não alargo a outros objectos, para que não pareça excessivo, deixando-os para serem tratados por outros mais noticiosos; e só me fica o pesar de me faltarem os termos proprios, e huma enunciação eloquente; porém eu não exijo mais do que a gloria de Patriota, e do Redactor as instrucções de que necessito; ficando elle na certeza; de que me não dispensarei de ser util ao Estado em occasião opportuna.

*Silvestre José dos Passos.*

*Memoria sobre as novas fomalhas para cozer o assucar com o bagaço, inventadas pelo Doutor Manoel Jacinto de Almeida. Por Fr. Archangelo de Ancona, Missionario Apostolico.*

**H**A já quatro annos, que alguns Senhores de Engenho principiárão a fazer uso das chamadas Novas Fornalhas, para o fabrico do assucar, inventadas pelo benemerito Dr. Manoel Jacinto de Almeida, existente na Villa da Caxoeira, que depois de quatorze annos de improbo trabalho, e continuadas experiencias, feitas por elle mesmo em o seu Engenho, perdendo nesse extenso decurso de tempo quasi todas as safras, conseguiu finalmente aperfeiçoa-las, produzindo o intentado effeito, que he fazer ferver as caldeiras com a simples chamma do bagaço secco da mesma cana, com grande utilidade dos fabricantes de assucar. Não me consta porém, que a huma invenção como esta de incalculavel vantagem para todo o Brazil, tenha havido até agora quem fizesse, com a publica impressão, o elogio devido, e com a incontrastavel razão da experiencia afervorasse, e estimulasse em geral os Senhores de Engenho, á aproveitarem-se de huma utilidade tão grande. Mas, por lastima e infelicidade, he tal a ignorancia e a obstinação da maior parte delles, que

habituaados a viver nas treyas mais espessas, ainda quando o sol está no seu zenith, fechão de proposito os olhos, para continuarem a gozar da triste escuridão em que nascerão. Sim, muitos, com grave injuria da rasão, dizem em ar Catonico e decisivo: „ Que já „ em outros tempos se tentárão inventos se- „ melhantes; que estas innovaçoes são pe- „ tas, e que nunca provárão bem; que por „ tanto elles querem continuar a fabricar o „ assucar como aprenderão: „ e com isto dão já por impossivel todo o augmento de perfei- ção, e melhoramento de qualquer machina. Outros porém, que eu julgo ainda mais ce- gos, convencidos pelo facto, sendo testemu- nhas do bom effeito, que produzião as novas fornalhas, tendo hido de proposito vê-las na- quelles Engenhos, que actualmente se servião dellas, resolverão-se a manda-las fazer; co- mo porém tiverão a desgraça de não conse- guirem o bom effeito desejado, mandarão lo- go desmancha-las, e tornarão á antiga roti- na, attribuindo erradamente a defeito essencial das fornalhas, o que era tão sómente defeito de construcção. Que miseria! Nem ao menos são capazes de fazer este obvio raciocinio: se o defeito he essencialmente inherente á in- venção das fornalhas, cntão em parte nenhu- ma produzirão ellas o effeito promettido: mas, vendo-se que em varios Engenhos produzem constantemente de quatro annos a esta parte,

o effeito desejado , segue-se , que a falta he dos executores , e não das fornalhas.

Ao contrario , os que tiverão a sorte de ficarem as suas fornalhas bem fabricadas , são taes e tantas as vantagens , que utilisão por seu meio , que nunca cessão de prodigalisar com enthusiasmada alegria , os maiores elogios e agradecimentos , ao inventor dellas. Hum destes , que he o Ex-Corregedor Francisco Vicente Vianna , diz publicamente a todos : Que com estas novas fornalhas , que mandou fazer nos seus Engenhos , ganha , feitas as contas , seis a sete mil cruzados em cada anno ; pois tal era a despesa , que se via obrigado a fazer em cada safra , para cozinhar o assucar com lenhas. Ora , nos tempos presentes , em que os assucares estão em huma baixa tão grande por falta de extracção , a diminuição de seis a sete mil cruzados , he já hum grande ganho , e á vista disto , os que teimosa e ignorantemente não querem servir-se dellas , não mostrão a mais irracional contumacia ?

As utilidades pois das ditas fornalhas , que eu presenciei pessoalmente em hum Engenho , são as seguintes.

1.<sup>a</sup> Fervem-se as caldeiras com o simples bagaço da cana , e isto no tempo breve de duas horas ; emquanto com as fornalhas antigas , se precisava de seis e sete horas , não obstante a grande quantidade de lenhas grossas. Esta promptidão e brevidade , he causa de

muitas vezes descançarem os addidos ao fabrico, e estarem as fornalhas apagadas; por não chegar o Engenho a supprir com a calda necessaria e continuada.

2.<sup>a</sup> Menor despesa e precisão de escravos; podendo ser dispensados, ou mais utilmente empregados na lavoura, aquelles que todo o anno devião ser empregados nos córtes das lenhas nas matas.

3.<sup>a</sup> Necessidade nenhuma de bois pelo que respeita á conducção das lenhas. Isto produz grande lucro, pela multidão que destes animaes morria nas ditas conducçoens, em rasão dos máos caminhos.

4.<sup>a</sup> Ficar livre da não pequena despesa dos carros para a conducção das mesmas lenhas, em que tanto se quebravão e perdião.

5.<sup>a</sup> Passar sem a despesa das muitas ferramentas necessarias para os cortes.

6.<sup>a</sup> A cessação do salario de hum feitor, destinado á dirigir os negros applicados nos cortes.

7.<sup>a</sup> Ser sufficiente hum só negro para lançar o bagaço dentro da fornalha; em quanto nas antigas se precisava de tres ou quatro para empurrarem e introduzirem na fornalha os grossos troncos.

8.<sup>a</sup> Não ficar sujeito o dito escravo ás molestias plethoricas, que de ordinario adquirem, os que estão empregados na manutenção do fogo de grandes fornalhas, e a razão

he , porque , ficando o conductor do ar poucas polegadas no interior da boca da fornalha , segue-se , que quando se esteja mesmo encostado a esta boca , se sentirá mais depressa fresco do que calor , e nas fornalhas antigas devia-se estar mui longe dellas , pelo grande abafamento , que produzião no ambiente exterior.

Estas são as principaes utilidades das novas fornalhas ; mas , além destas , o mesmo Doutor Manoel Jacinto fez outros inventos , para diminuir e suavisar o trabalho dos fabricantes. Taes são :

1.º Purgar o assucar sem precisão da chamada Adagoada , que requeria não pouco tempo e trabalho , pois com o çumo de qualquer qualidade de hervas do campo , com tanto porém que sejam mucilaginosas , fica o assucar muito bem purgado.

2.º Bater horizontalmente o assucar depois de fervido. Para isso ideou elle hum cilindro , armado de quatro raios planos do comprimento , pouco mais ou menos , de quatro palmos sobre hum de largura , os quaes sahem em proporcionada distancia do centro do mesmo cilindro. Este está colocado sobre dois eixos polares , com hum manipulo fora de hum dellas ; e fazendo-se girar o cilindro horizontalmente , os quatro raios , ou espatulas , que fórmão os batedores , reduzem o assucar ao ponto preciso com o seu movimento



circular. Este trabalho pôde ser executado até por hum rapaz de quatorze ou quinze annos. Ao contrario, com o uso antigo, havia mister de hum negro bem robusto, para poder levantar o colherão de cobre, e deixar cahir a calda de alto; o que prejudicava muito ao peito do trabalhador.

3.<sup>o</sup> Inventou de mais duas pequenas taboas, que postas verticalmente aos lados, direito e esquerdo, das moendas, por onde se espalhão as canas já fracturadas, mas que devem novamente passar pela moagem, a fim de serem bem espremidas, servem' então de reparo para que se não espalhem; e ao mesmo tempo, com outra taboinha empurrando para dentro das moendas as ditas canas fracturadas, livra deste modo os trabalhadores de as impellirem com as mãos; o que frequentemente produzia o effeito lastimoso de ficar algum delles com as mãos e braços esmagados entre as moendas, de que vinhão a morrer, ou pelo menos a serem amputados.

Eis de quanto são devedores os fabricantes de assucar a este tão benemerito inventor, o qual continúa a fazer novas experiencias para novas descobertas. Mas, além destas utilidades, que eu chamo immediatas ao invento, seguem-se agora outras, que chama-rei mediatas, e que vem a ser:

1.<sup>a</sup> Que visto cozinhar-se o assucar com o bagaço da cana, aquelles Senhores de En-

genho, que por falta de matas são obrigados a comprar as lenhas precisas, ficão agora livres dessa grande despesa.

2.<sup>a</sup> Que todos aquelles Engenhos, que ha já annos, não fazião assucar, porque, não tendo já matas, e estando longe das praias, se lhes impossibilitava até o comprar lenhas, pódem agora fazer novamente as suas plantaçoens, e reassumir o fabrico do assucar.

Este esboço, espero que será mui util ao povo Braziliense. Mas sobre tudo, deveria o Ministerio afervorar e estimular os homens de talento, a applicarem-se constantemente em beneficio do publico, premiando e remunerando o verdadeiro merecimento. Por isso disse sabiamente o erudito traductor das Obras Politicas e Economicas de *Edmund Burke* no seu Prefacio: „ Que a remuneração que „ se usa conceder a todos os eminentes ser- „ vidores do Estado, he huma das principaes „ causas de se criarem em Inglaterra tantos „ homens de saber prodigioso, e de espirito „ duplicado dos Aristides, Fabricios, e Cin- „ cinnatos, que tem honrado a Especie. „

*Memoria sobre o Algodoeiro contiuada  
do N.º 2.º pag. 43.*

## C A P I T U L O IV.

*Do clima, ou temperie do ar mais convenien-  
te á vegetação do Algodoeiro.*

**A**S regras, que até aqui tenho dado a respeito das qualidades do terreno, de nada aproveitarião, se não ajuntassemos tambem algumas reflexões sobre o clima, isto he, sobre a temperie da athmosfera mais conveniente á cultura da nossa planta; pois que, se se plantarem Algodoeiros nas qualidades de terras, que no Cap. antecedente indiquei por melhores, sendo o clima ou temperie do ar desconvenientes, não póde dar lucro avultado.

Neste Paiz não se distinguem, como na Europa, as quatro Estações constantes, apenas se marcão duas, verão, e inverno. Chamão verão áquelle tempo, em que não chove, e inverno áquelle em que as chuvas são mais abundantes, ainda que não haja frio algum: mas além disto, eu distingo dous climas bem differentes, por causa da construcção fisica da superficie do terreno. Onde a superficie do terreno he cheia de multiplicadas serras, quer seja beira mar, ou não, ali as chuvas são mais abundantes, principião mais cedo, acabão mais tarde, o ar he quente e humido, vêem-se

alagadiços, paues, rios perenes, fontes abundantissimas, e isto pelas rasões físicas, que os Fisicos explicão: desta natureza he toda a borda do mar, principiando do Rio-Grande do Norte para o Sul da Paraíba, Goiana; Recife, Alagoas, Bahia, &c. Em toda esta extensão com largura de 10, 16, e 20 legoas, observa-se constantemente este clima chuvoso e humido; do mesmo modo do Siará para o Norte, e ainda no interior dos Sertões, onde o cordão da serra chamada Bruburema se multiplica, e encapela os seus inumeraveis cabeços, tal he *Ibiapába*, *Cariri-Novo*, e todo o *Pikauhi*; porque a tal serra da Bruburema, que considero como espinhaço da terra de toda a Capitania de Paranamuc fórma hum cordão de muitos centos de legoas sem interrupção alguma: este clima que até aqui tenho descripto, chamão agreste.

Onde não ha esta multiplicidade de serras e os campos são mais espaçosos, as chuvas não são tantas, a temperie do ar he seca e quente, chamão mimoso. Este he o clima mais conveniente para a plantação do Algodoeiro; ahi cresce bem, produz abundantemente, com tanto que se escolha a terra, que inculquei por melhor no Cap. antecedente, ahi finalmente, dura o Algodoeiro 10, 12, 14, e mais annos, havendo cuidado de o cultivar e tratar como adiante indicarei.

Não acontece assim no clima quente e

humido, que acima descrevi, a que chamão agreste; ahí os Algodoeiros adquirem huma constituição plethorica, crescem bem frondosos, as folhas mui grandes, de hum verde escuro, enchendo o agricultor pouco experto de esperanças vans; porque não corresponde ó fructo ao trabalho da cultura; por mais cuidados e desvelos, com que se tratem, já-mais chegão a tocar aquella idade dos que se plantão em mimoso.

## C A P I T U L O V.

*Da melhor maneira de plantar os Algodoeiros*

**D**Epois de bem limpo o terreno, que se intenta encher de algodeiros, operação que se faz neste paiz desde Setembro até fins de Novembro, segue-se planta-los: desta primeira operação já depende a futura felicidade do agricultor, pois que a distancia, em que fica o Algodoeiro hum do outro, influe sobre maneira na vegetação.

Não precisa ter grandes instrucções da Fisica dos vegetaes, para vir no conhecimento desta verdade; basta não fechar os olhos aos phenomenos, que a Natureza nos mostra á cada passo. Se cahem sobre a terra muitas sementes de qualquer vegetal amontoadas, ou apinhadas, e chegão a nascer; crescem sempre fanadas; porque o terreno, que apenas se-

ria sufficiente para nutrir huma só planta, se emprega em fazer vegetar muitas ao mesmo tempo; além de que o ar, que tambem serve por si, e pela agoa e humidade, que consigo traz em dissolução, não póde circular livremente entre ellas.

Se a Natureza não tivesse prevenido esta desordem, brevemente se teria acabado a continuação da producção dos entes vegetativos. Ainda digo mais: que não duraria mais de tres vidas, logo depois da sua criação pelo Ente Supremo: porque, chegando os fructos ao ponto de sua maturação, e cahindo as sementes amontoadas ao pé da arvore, que as produzio, nascríão sim, mas como não são dotadas de livre movimento para poderem, bem como os animacs, hir ao longe procurar o seu nutrimento, depressa morreríão; porque de huma parte o pouco nutrimento, que o pequeno espaço de terra subministrasse a tantos, da outra parte a sombra da mesma mãe e delles mesmos, deveríão forçosamente apressar-lhes a morte. Para obviar pois este inconveniente; que meios não buscaria a Sabia Natureza? Aninhou as sementes de huns em polpa doce e saborosa, para que os animaes obrigados pela fome e aliciados pela gula, as tirassem do lugar do seu nascimento, e comendo por diversas partes a polpa, espalhassem ao mesmo tempo, ou semeassem a sua semente; a outras dotou de membranas

lateraes como as do til ( *Tilia* Lin. ), para com ellas poderem voar ; a outras finalmente armou de farpas ( *bidens* ), e &c. , para que pegando-se aos animaes que passassem, fossem depois cahir por diversas partes.

Pois se a Natureza tem proeurado todos estes meios para semear e plantar em convenientes distancias as plantas ; porque rasão havemos desprezar os dictames, que ella mesma nos está dando ? Quanto se engana o agricultor preguiçoso, que, querendo aproveitar melhor o seu suor, planta maior numero de vegetaes ; ou de Algodoeiros no terreno que alimpa, pensando, que quanto mais plantar mais colherá ! He verdade que, em quanto as plantas são pequenas, tem vigor e vegetão livremente, lisongeando a esperanza do agricultor ; mas apenas comecção a fiar mais frondosas, e espalhar seus ramos mais ao longe, tomando maior campo, huma á outra mutuamente se offendem ; o seu tronco, faltando-lhe as circumstancias sobreditas, fica delgado sem substancia, e o seu fructo por consequencia deve ser pouco, correspondendo á mãi que o produz, como tambem deve ser de má qualidade. Além destes danos palpaveis ainda á quem não experimentou, causa a plantação de Algodoeiros muito juntos outro muito maior damno, que he o de se não poder colher esse mesmo máo fructo ; porque, engrazando-se os ramos dos Algodoeiros huns com

os outros, obriga á pessoa, que o colhe, a andar curvado por baixo, cuja posição extraordinaria, além de fatigar, faz com que não sejam vistas as capsulas (maçans), que se achão sobre o seu teçume, o que causa huma grande perda. Eu já vi abandonarem Algodoeiros carregados de fructos, não se atrevendo a continuarem a colheita, por terem sido plantados muito juntos.

Se pelo contrario he plantado demasiadamente largo hum do outro, perde-se boa parte do terreno, que se preparou; o que tambem he perda consideravel para o agricultor. Para evitar pois estes dous inconvenientes, he necessario, que elle attenda á qualidade da terra, que cultiva; porque vegetando melhor os Algodoeiros em humas do que em outras, deve por consequencia variar a distancia, em que se planta. Eu tenho verificado, que nas vargens do lugar, em que cultivo os meus Algodoeiros, a distancia mais proporcionada he de 14 pés hum do outro; nas catingas de mata 8; nos ariscos, e nos lugares de agreste de 6 pés ou huma toeza, e que além disto, a melhor ordem, em que se pôde plantar he em quinçunce; pois que além de formosear o Algodoeal, o feitor com poco trabalho põe debaixo da vista os escravos, que colhem, e que mondão: a mesma monda fica mais facil, sem fallar ainda em outras utilidades menores, que, disto resultão.



Não posso deixar de fallar em hum abuso muito prejudicial, que se tem introduzido entre alguns agricultores de Algodões, e he o seguinte. Alguns agricultores conhecendo que o plantar os Algodoeiros muito distantes era prejudicial, porque se perdia o trabalho da preparação de huma boa parte do terreno; e que ao mesmo tempo havia igual ou maior prejuizo em planta-los muito juntos, pensarão que remediavão estes dous inconvenientes, e que ao mesmo tempo redundava em grande proveito seu, plantando os Algodoeiros no 1.º anno muito juntos, para no 2.º arrancar hum fileira intermedia, tendo-lhe primeiramente collido o fructo, para assim ficar mais campo aos que restão: eu tambem estive persuadido da vantagem deste methodo, porcm repetidas experiencias me tem feito notar que o seu crescimento sempre he acaanhado, maiormente devendo-se-lhe plantar pelos intervallos, legumes, como feijões, milho, e até mesmo mandioca; o que tudo deve plantar o agricultor do Algodão para fartura de sua casa, e nem estas plantações lhe damnificão o seu Algodual; porque em pouco tempo se colhem: e ficão os Algodoeiros desfogados; mas isto deve entender-se sendo os Algodoeiros plantados na proporcionada distancia, que acima referí.

O unico instrumento agronomico que deve servir na plantação dos Algodoeiros he a

enchada, e quatro pessoas armadas deste instrumento, bastão para plantar o maior campo de Algodão; eu tenho simplesmente com este numero, em poucos dias, plantado o campo, que preparárão 50 trabalhadores em hum mez; e nem deve consentir maior numero quem não quizer introduzir ahi a confuzão e a desordem. Deve-se principiar por infincar estacas distantes, humas defronte das outras, naquella direcção que se quizer ás ruas dos Algodoeiros: de huma estaca á outra se estenda huma corda bastantemente comprida, e hajão tantas quantas são as enchadas; depois de estarem assim as cordas estendidas, devem principiar os das enchadas a abrirem as suas covas, que não devem ser mais profundas do que quatro pollegadas, hindo caminhando todos na direcção das cordas, cada hum guiando-se pela sua que escolheo; logo sobre os seus passos devem seguir outros tantos plantadores, ou semeadores, com huma vasilha, ou escodella, na mão cheia de semente de Algodoeiro, e á proporção que os das enchadas forem abrindo as covas, estes devem hir deitando os caroços, e cobrindo de terra com o pé, só quanta baste para cobrir sufficientemente; quando os das enchadas tiverem chegado ao fim das suas cordas que os guiavão, devem parar, e largando nesse lugar os seus instrumentos, devem voltar para traz, para arrancar cada huma estaca onde principiárão, e leva-la com a ponta da

corda que nella estava amarrada , para diante na mesma direcção em que vierão , e depois de pôrem as cordas na ordem e modo em que estavão , tornarão aos seus instrumentos , e continuarão o seu trabalho com este mesmo methodo : quem mette nos buracos a semente , commummente são negras , por isso he que mando sempre , aos que andão com as ençadas , mudar as estacas , porque estes são negros , por isso mais ligeiros que aquellas , qualidade que se requer , para este serviço não padecer demasiada demora. Muitos refusão plantar o seu Algodal por corda , do modo que tenho dito , por não empregarem huns minutos de mais na mudança das estacas ; mas eu tenho calculado que esta demora , no espaço do trabalho de oito dias , vem a redundar em hum dia demais. Ha agricultores , que por isso refusão este methodo de plantar , porém estes são do numero daquelles , que por evitarem hum pequeno incómodo presente , se privão de tantos bens futuros ; funestos effeitos da prigiça , maior causa do descommodo e da pobreza da vida.

Muitas pessoas costumão plantar os seus roçados , ainda antes de chover alguns dias ; quando a chuva não tarda mais de quinze dias he bom , porque nasce a semente quasi no mesmo dia , e vão as plantas crescendo iguaes , o que não acontece quando se planta com chuva , ou estando já a terra molhada ; o Al-

godoeiro gasta commummente de 6, 8 até 10 dias em nascer. Quando se planta em roçados novos, ou de mato virgem, e este tem sido bem queimado, não tem de ordinario necessidade da primeira monda; porque quando muito nasce huma especie de *convolvulus*, chamada vulgarmente *getirana*, a qual se deve arrancar á mão; porque a enchada muitas vezes não faz senão cortar rente da terra, o que não impede, que da raiz nasça nova vergon-tea, que estendendo depois por cima dos novos Algodoeiros, lhes dá tão apertados garrotes, que chegão a quebrar os galhos, deitando muitas vezes o mesmo tronco sobre a terra; e quando não ha este estrago, he para fazer ainda outro damno maior, que he, cobri-los com o seu folhiço, e priva-los das benignas influencias da luz e da atmosfera, vindo finalmente a morrer abafados deste herva inimiga; pelo que deve o agricultor pôr o maior cuidado em extirpar esta ruim casta dos seus roçados, logo desde que os planta, e quando encontre algum Algodoeiro já abafado com a *getirana*, deve procurar onde nasce o tronco para o arrancar, porque assim secão os galhos e folhas, ficando o Algodoeiro livre.

( Continuar-se-há )

*Continuação da Viagem ao Sertão de Benguella ;  
continuada do N.º 2.º pag. 86.*

## RITOS, E COSTUMES.

**H**Um dos principaes ritos, de que usão estes Sôvas versa com os *Zambuladores*, não só consultando-os sobre as suas duvidas particulares, mas sobre as que interessão o Estado. E assim, quando hum Sôva tem de fazer a guerra a algum outro povo, tem huma especie de *Zambuladores*, pelos quaes são as suas armas e os seus vassallos benzidos ( para me explicar deste modo ); usando de certas palavras, cruces e sinaes, com diversas tintas, e saltos por cima do corpo, com cujas superstições se ficão reputando impenetraveis a toda a arma offensiva, e por consequencia, certos da retirada com vida, que elles ao depois, e sem a menor vergonha, cuidão em segurar com huma fugida mais apressada e veloz, que a dos cervos perseguidos pelo caçador.

Logo que morre Sôva, muitos dias antes que saiba o povo da sua morte, o tem os *Quindures* e mais principaes do *Lombe*, pendurado pelo pescoço com huma leve cordinha, até que ella rebente, ou caia o corpo no chão corrupto, e então passão a pentear-lhe a cabeça, e orna-la dos melhores adereços, que o Sôva possuia, e á vista desta sabe então o po-

vo da morte do Sôva. E com a mesma cabeça vão ter com aquelle, que foi eleito para lhe succeder no Estado, cuja eleição foi toda dos *Quindures*, e celebrada por todo o tempo, que passou desde o falecimento do Sôva, até que este foi patenteado ao povo, que se affirma da verdade á vista da cabeça do Sôva. E por esta mesma razão he que conduzem a cabeça tambem ao eleito, para lhe constar que o Sôva he morto, e a eleição legal. Donde se vê, que sendo a eleição ao arbitrio dos *Quindures*, não he sujeita á successão de parente algum, salvo se este he hum homem, cujo procedimento he approved pelo povo, e se distingue do resto: o que ordinariamente se observa nos irmãos do Sôva morto, ou do seu antecessor, os quaes tem sempre o primeiro lugar como *Quindures*, que participão do sangue do Sôva; dos quaes muitos não tendo exercicio no *Lombe*, são levados de pastores e pobres lavradores ao lugar supremo. Em quanto ás qualidades, porque ordinariamente distinguem estes, nada pela maior parte agrada mais aos *Quindures*, que hum humor, que possa facilmente ser governado por elles, e incapaz de lhes hir á mão nos seus procedimentos.

Daqui he, que os filhos do Sôva não tem direito algum ao Sôvado, e são ainda excluidos do *Lombe*, vivendo como qualquer miseravel em vida abjecta, guardando gado, etc., cujo estado não deixa de lhes ser mais favor

ravel, portando-se de modo que não dem o mais leve indicio de que aspirão ao Governo, o que lhes não custaria menos que a vida ou a liberdade; ainda que esta sempre a tragão arriscada, sendo livre ao Sôva vender os filhos, como a qualquer dos seus outros vassallos.

Eleito novo imperante, he trazido para o *Songo* ou *Senzalla*, onde o conservão occulto, até que se acabem os funeraes do Sôva fallecido, cuja função chamão *Intambi*, e que passa deste modo:

Depois de prantearem a sua morte, o que fazem pelo modo mais horrivel e barbaro, pegão na cabeça, e a guardão em huma especie de cesto, a que chamão *Gonga*, e deste modo a conservão, com as cabeças dos Sôvas passados, com toda a veneração, em huma casa, que por isso dá algum indicio de templo, que não tem estes barbaros; pois a estas casas he que concorrem os Sôvas e povo nas grandes afflicções, invocando os *Indelles* ou espiritos dos defuntos Sôvas: e estes *Indelles* pensão elles que tem influxo em todas as suas cousas, juntamente com o *Succo*, como ao depois direi. O corpo porém do Sôva vai a enterrar metido em o couro de hum boi, que o Sôva em sua vida mais estimasse, de cor negra e não de outra. E como já então está o corpo sem flexibilidade, o vão quebrando com algum páo ou ferro, para o reduzirem a menor volume; e o cozerem dentro do couro de boi; e assim

vai a enterrar, com insupportavel alarido, e tiros de espingardas; que por toda a parte vão disparando, até que he enterrado em huma sepultura, apar dos outros Sôvas seus antecessores, em lugar dedicado a este fim; que he huma cerca de páos dentro do *Lombe* ou Paço, que não deixa por isso de ser habitado.

Passão depois a celebrar o que mais propriamente chamão *Intambi*, que consiste em se ajuntarem todos os parentes do morto, em huma casa, accompanhando-os o resto do povo, e alli carpirem a sua ausencia com horriveis brados, com os quaes vão misturando mil louvores do defunto, dizendo que tivera muitas mulheres, muitos filhos, que era liberal, que tinha muito gado, e outras extravagancias deste jaêz. Sobre isto bebem os *Alos* ou *N-Burungas* e *Hellas*, que são duas especies de vinho, que, além de outros, fabricão e usão, muitas vezes á custa do juizo que perdem, sem exceptuar a chamada *geribita*, pela qual darão a vida se lha pedirem: nem se esquecem de hir comendo do gado, que para esta função trouxerão os parentes do morto, esmerando-se cada hum por se avantajarem na quantidade de cabeças que podem, as quaes, com as que matão pertencentes ao mesmo, querem elles sirvão de prova da riqueza e abundancia do morto, e do brio e amor dos seus parentes; o que pertendem conste a todo o tempo deixando sobre a sua sepultura, dispostos em



hum monte, os cornos das rezes mortas, de cujo numero querem que todos collijão a sua grandeza.

A solemnidade da posse do novo Sôva, succede a estas funcções, que deixo referidas, com não menores barbaridades; entre as quaes tem para mim não pouca extravagancia a cerimonia, por meio da qual este toma hum nome, porque deve ser tratado depois de Sôva, além do que d'antes tinha. Junto todo o *Lombe* adiante do Sôva, e todo o povo, de modo que aquelle possa ser visto de todos, pega o mesmo Sôva em hum apito, e dá hum assobio para se lhe dar attenção; havida a qual, profere hum nome, como o que lhe deve ficar: o povo desaprova este nome, dizendo em altas vozes: *Obori!* ou *Puan!* que quer dizer não. Repete isto mesmo e com o mesmo successo; até que havendo tocado terceira vez o apito, e proferido terceiro nome, he este approvado pelo povo, e applaudido com palmadas, assobios, e grita horriavel. Acabado isto, cuida o Sôva em viver como tal; e vem a ser lizongeadado e governado pelos seus, se quizer viver, sendo tal o excesso da lizonja, que nada diz, nem faz o Sôva, ainda nas suas acções mais ordinarias, que não seja pelos circumstantes recebido com o seu *Bá!* palavra de approvação: do mesmo modo, quando o Sôva espirra ou cospe, dão os circumstantes estalos com os dedos, a que

nões chamamos castanhetas, e o cuspo he recebido em hum vaso, para ser enterrado á noite com toda a cautella, para que os seus inimigos, se os tem, não lancem mão d'elle a fim de lhe fazerem feitiços.

Eisaqui pelo que pertence á coroação do Sôva e seu funeral; e antes que trate do enterramento e morte dos particulares, he preciso dar previamente noticia de algumas opiniões, que vogão entre esta gente, e entre tantas Nações inteiras.

Tem elles que nada succede neste mundo, que não seja por impulso dos *Indelles* ou *Sandes*, que são as almas dos seus defuntos; ou por maleficio dos feiticeiros, attribuindo a causas sobrenaturaes e necessarias os actos de mera liberdade. O seguinte prova, e explica bem o sobredito.

Logo que morre hum particular qualquer, depois de lhe fazerem o seu *Intambi*, os parentes, conforme as suas posses, passam a averiguar quem foi a causa da morte daquelle parente, como tambem he estilo no *Loango*, e em outras partes desta corte: para o que, vão estes a consultar sobre a duvida o *Quizambula*, ou *Zambulador*, mas a outra terra distante, para ter a sua resposta todo o criterio de verdadeira; repetindo esta mesma diligencia em outras partes de jurisdicção alheia, havendo-se já a este tempo segurado daquelle, que, ou suspeitão, ou fingem suspeitar que

foi o assassino ; e isto , ainda que o parente houvesse fallecido de qualquer enfermidade ; queda , ou ferida na guerra , ou verdadeiramente assassinado ; porque entre estes barbaros , todo o bem que lhes succede , lhes vem dos seus *Sandes* amigos ; e todo o mal , ou dos seus *Sandes* inimigos , em cujo caso pagão os parentes dos *Sandes* contrarios , ou dos feiticeiros , e então o paga algum , que reputão se-lo , e o *Quizambula* dá por tal.

Conhecido por este modo o aggressor , levão-no á presença do *Sôva* , pedindo em altas vozes justiça , na qual procede o *Sôva* , primeiramente mandando da sua parte *zambular* sobre o caso , enviando gente sua a hum só *Quizambula* ; e logo com a confirmação deste , absolvendo , ou entregando o misero réo aos parentes do morto , para o matarem ou sequestrarem , ficando os seus bens repartidos entre os auctores daquelle caso , sem exceptuar a venda , que fazem da mesma pessoa do réo. E se alguma vez acontece deixarem-no em liberdade , valendo-lhe o ser velho e de nenhum valor , he para viver o misero sempre banido , e temido em todas as partes como feiticeiro. E desta tramoia se serve hum *Sôva* , para lançar mão dos bens de qualquer rico , ou da pessoa de qualquer , suspeita sobre o Estado ; e daqui talvez he que procede o pouco amor ás riquezas entre esta pobre gente , em hum tal governo , e sujei-

tos a humas bábaras leis, que conduzem qualquer particular a perder a vida, liberdade e bens, sem lhe aproveitar para escapar a este triste destino a mais exacta observancia do justo e do licito. Ainda não pára aqui a barbaridade sobre este ponto.

Se os parentes de hum morto por qualquer modo, ou na paz ou na guerra, se descuidão das pias diligencias, que temos referidas; não tardão os seus Manes, ou *Sandes*, em os advertir e reprehender asperamente, porque deixão viver em paz o matador; o que fazem pela maior parte, por meio de horriveis sonhos, com que os incommodão, ameaçando-os nelles: e no caso de ser tambem morto o assassino, sem o castigo do seu delicto, vem por elle a paga-lo algum dos seus parentes, descobrindo os mesmos *Sandes* do morto, quem o tirara desta vida; e muitas vezes he hum particular accusado de hum homicidio cometido em outrem pelos *Sandes* da sua geração, e paga por elles, porque foi convencido deste *Mucano* (ou causa, pleito, crime, &c.,) pelas advinhaçoens dos *Quizambulas*.

O *Mucano* ou crime do adulterio, acarreta a quem he delle convencido, huma condemnação sobre seus bens, na quantia arbitraria ao offendido; o que chamão, fallando do réo, pagar o *Cóy*, e com relação ao offendido, comer o *Cóy*; e isto quando aquelle he senhor

de bens, porque de outro modo, paga com a liberdade, ficando escravo do seu contrario. Mas em geral, este trabalho acontece mais vezes a homens, que tem com que; assim por diligencia das adúlteras e seus maridos, como porque hum pobre faz mais por conservar a arriscada liberdade, como o unico bem, que possue. Daqui vem, que reputão por feliz aquelle, que tem mulher muito desejada, como certo meio de enriquecer o marido.

Nesta mesma pena incorrem os que fazem algum insulto a outrem; ao que chamão vulgarmente *fazer quituchi*, ou commetter hum *quituchi* ou *Imbu*; ainda que esta palavra propriamente, significa a pena, ou condemnação procedida deste *mucano*.

Não he menos extravagante o que praticão entre si dous Sôvas, quando em alguma parte se chegão a avistar pela primeira vez; como por exemplo, no nosso campo, aonde são obrigados a concorrer todos os que são avassalados a Portugal. Portão-se deste modo. — Comprão huma vaca e a conduzem para o campo visinho ás suas casas ou *Ingulos*; e tendo nella mão alguns dos seus, partem ao mesmo tempo cada hum, para onde está segura a rêz, levando cada hum diante de si o seu *Quessôngo*; os quaes ao mesmo tempo a ferem com as suas *zagayas*, e se retirão logo para dar lugar aos Sôvas de saltarem de partes oppostas até tres vezes por cima da rêz, e

fazendo ao mesmo tempo cada hum com a sua machadinha varios gestos de quem pelega ; depois do que se retirão ambos para as suas habitaçoens respectivas , sem com tudo se fallarem até o dia seguinte , em que se visitão e contrahem amizade , se lhes parece , sendo-lhes vedado o poderem communicar-se sem esta cerimonia. Em quanto á rêz , cada hum fica com a sua metade , para a comer com os seus. O contrario desta pratica he entre elles huma terrivel *Quicólla* , *Quigira* , ou azár , prenúncio de infelicidades. Finalmente , para acabar com o que pertence a esta barbara cerimonia , direi : Que em lugar desta rêz , sacrificião muitos hum homem , que deve ser dos inimigos communs de ambos os Sôvas , e aprisionado para fazerem delle o mesmo que da rêz , com a execranda differença de lhe cortarem e guardarem para as suas superstiçoens aquellas partes , que o pudor e a honestidade mandão esconder ; suppondo-as excellentes antidotos contra a violencia das armas , por isso que forão de inimigo. Aqui se achão acampados em serviço deste exercito dous Sôvas , que não se fallão por aggravos , ou porque nunca se avistárão , esperando que lhes venha ás mãos algum captivo dos inimigos , para o sacrificarem á sua amizade. Mas se , depois de estarem dous entre si differentes , vem a fazer as pazes , basta a cerimonia da morte de huma rêz. Seria porém enfadonho a qualquer , abraçar nos limites

destes apontamentos tudo quanto há que dizer sobre este objecto; além de que basta dizer; que qualquer, que tiver sabido bem o que he superstição, e o que he fanatismo; e o excesso a que podem levar o homem ignorante estas duas pestes do espirito humano, poderá abarcar com a imaginação, quão enfermos vivem estes miseros, se os considerar em grão supremo empestados destes dous infernaes miasmas.

## G U E R R A.

**D**Esta matéria só tocaremos, no modo, com que se portão os exercitos desta gente, manei-  
ra de dar e receber as suas batalhas, e das  
armas de que usão.

Em geral não tem estes povos o minimo  
côhecimento da disciplina militar: os seus  
corpos de guerra não tem ordem alguma, nem  
regularidade as suas batalhas. Attacão tumultuosa-  
mente, e quando achão maior resistencia, fo-  
gem como selvagens, mais velozes que as  
côrsas, para o que logo dão as costas ao  
inimigo. Para fugirem, lanção fóra de si tudo  
quanto lhes pôde servir do menor embaraço;  
sem exceptuar os proprios arcos e flechas,  
nem ainda a pequena pelle, com que defendem  
a modestia. Eu vi alguns em seguimento de  
veados e outros animaes, emparelhar com  
elles, e por essa razão não poderem arremes-

sar-lhes os seus porrinhos, de que usão para offenderem, e defenderem-se do inimigo. E são tão destros nesta arma, que della se servem muitas vezes para fazerem fugir as mais temiveis feras, e ainda para colherem os fructos de altissimas arvores e palmeiras.

Não tem estas Naçoens lei alguma de guerra, que dê o menor indicio de policia: nem costumão entre si guardar aquella immunnidade, que entre as outras Naçoens polidas se guarda ás pessoas dos Embaixadores; antes os que são incumbidos desta funcção, vão sempre arriscados a lhes tirarem as vidas, sendo o menos infeliz, aquelle que torna para o seu Sôva com as orelhas e o nariz cortados; signal certo de rompimento entre os dous respectivos potentados. Por essa razão talvez he que usão os Sôvas, que mandão huma Embaixada, enviar mais que hum dos vassallos, para terem noticia do triste destino, que tiverão as suas negociaçoens.

Em fim, concluirei a minha digressão, reflectindo, que a maior parte desta gente he antropofaga, e que dos captivos na guerra tirão as victimas, que sacrificão á gula e á superstição.



## L I T T E R A T U R A .

## O D E .

**Q**ue sinto , ó Deozes , que tranporte he este?  
 Arde-me o coração dentro do peito ,  
 Hum subito furor me ataca a mente ;  
     Ferve o sangue nas vêas ;  
     Mil contrarias idéas  
 Me assaltão de tropel ! . . . Razão sagrada ,  
 Onde estás , ó Razão ? . . não vales nada .

Ah ! Rinaldi , Rinaldi ! os meus transportes ;  
 Minha ternura . . . amor . . Eu desvario ! , .  
 Adeos , ó Liberdade , adeos , Prazeres ,  
     Já para vós não vivo ,  
     O Coração cativo ,  
 Que entre ferros me pôs Rinaldi bella ,  
 Nada quer , nada sente a não ser ella .

Crimine embora o mundo maldizente  
 A excessiva paixão , que me allucina ,  
 A par de ti o mundo , que me importa ?  
     Rinaldi he só quem vejo :  
     O que sente o dezejo  
 He só que os Ceos Sagrados me não dessem  
 Mil corações , que em seu amor ardessem .

Hum vezuvio de amor me sobe ao rosto,  
E em pranto pelos olhos me rebenta . . .

Correi, lagrimas ternas: desafogue

O incendio concentrado:

Nenhum mortal ouzado

Mo intente suffocar . . . Quem póde tanto? . . .

Choro por ti, Rinaldi, he doce o pranto.

Ainda te vejo; a solta Fantazia

Sobre a scena, que illustras, te retrata.

Ceo, o teu Chefe de Obra não he este? . . .

Venus do mar sahindo

Mostrou rosto tão lindo? . . .

Esperas criar inda igual belleza?

Não; que o molde quebrou-o a natureza.

Não podes tanto; as forças esgotaste.

Que são Venus, e as Graças a par della?

Deozes, morrei de amor, Deozas, servi-a,

Descei do sacro assento;

No estrellado apozeno

Seja Rinaldi a Summa Divindade . . .

Não sou blasfemo; Amor mo persuade.

Lá move os pés, os coraçoes calcando.

Que airoso talhe! Que mimosos gestos!

Soltas as loiras ondeadas tranças . . .

Rinaldi, espera, espera,

Hum pouco a luz modera

D'esses dois soes de amor, dos olhos bellos,

Se ver não queres arder tudo em zelos.

Que almas de gelo, coraçãoes de rocha  
Poderão resistir-te, ó Ninfa bella? . . .

Não, o Ceo não te fez para este ultraje:

Do mundo em qualquer parte

Todos hão de adorar-te:

Nascestes para d'elles ser Senhora:

He divida, que paga quem te adora.

Venturoso mortal, tu que soubeste  
Grangear de Rinaldi o amor e os mimos,  
Quem não terá inveja á tua sorte?

Ditoso entre os seus braços,

Entre apertados laços,

As glorias destructando . . . Amor, piedade,  
Se a posse roubas, rouba-me a vontade.

Não, mortal, tu não sabes; não conheces  
O valor do Thesoiro, que possues.

Bastoens, Coroas, Scetros, não são nada.

Vir-te hão inda ao sentido

Os bens, que tens perdido?

Só c'o a mão de Rinaldi, que alcançaste,

De quanto Amor dar pôde em posse entraste.

Amigos, Patria, Pais, tudo te esqueça.

De Rinadi hum sorriso vale tudo . . .

Que valerão, ó Ceos, os seus favores? . . .

Alguem duvidaria

Passar a Zona fria,

Hir na Libya habitar terra mesquinha,

Podendo-se dizer, Rinaldi he minha?

Pais insensíveis, que immolais hum Filho  
 Nas áras do capricho, sem mais crime  
 Que o doce crime, a que ninguem fugira,  
     Deixai o orgulho insano;  
     Mostrai hum peito humano;  
 Se tendes o perdão por desacerto  
 Vêde Rinaldi, e o perdão vosso he certo.

E tu, Deoza das Graças, que outro nome  
 Não he proprio de ti, bella Rinaldi,  
 Que has de fazer dos coraçoes, que roubas?  
     Nenhum faças ditozo:  
     Ama só teu Esposo:  
 Que a amares outro . . . horriveis pensamentos!  
 São menores, Inferno, os teus tormentos.

## D Y T H I R A M B O.

**E**IS o sombrio, gelado inverno,  
 Com as mãos ambas das grossas nuvens  
     Fero dardeja,  
     Troveja,  
     Chammeja:  
 E Aquilão rigido  
 O corpo rorido,  
 Ajaezado de negras plumas,  
 Do pólo frigido  
 Guiando hum turbido  
 Esquadrão horrido  
 De ventos rispido,

Attaca, fere, derriba, estronca  
Os freixos, os juncos, as canas, os cedros.

Coridão, Coridão amigo,

Ah! contra elle busquemos abrigo.

Mas já te vejo, confuso, attonito,

Sordido, pallido, tímido, lugubre,

A hirsuta cabeça coçando,

Perguntar-me com mil extremos,

Onde, Elpino, encontra-lo podemos?

Mackdowel experto,

Que no lenho concavo,

Vai rasgando impavido

Entre as ondas humidas

As campanhas tumidas

Do inconstante pelago,

Mostrar-to bem pôde,

Pastor engraçado:

Pois nasceo na frigida,

Soberba, belligera,

Insula Britannica,

Da qual he indigena

O bom ponche rubido,

O ponche illustre, de alambres liquidos

Orvalho odorifero,

Que os gelos, que os ventos, que as nuvens,

Enveste, derrota, derriba, affugenta.

Ah! quantas vezes o povo orgulhoso

D'Eolo fero bramando horroroso,

Em rijas brizas sobre elle desfeito

Das negras vergas roubar-lhe intentou

O panno, que aos sopros fia dos zefiros!

Ah! quantas vezes do Reino espumante  
Erguidas serras rolando arrogante

Do baixel fulminante

O costado

Espalmado

Lhe descoze com ellas!

Assustão-se os nautas, e a rouca celeuma

A's estrellas voa:

De tristes gemidos

O ar se povoa:

Porém elle impavido

Huma taça empunha deste almo licor,

E com ella dos ventos amansa o furor.

Eia pois, amigo,

Conforta-te, alegra-te,

E na meza optima,

Aonde cercado

De Febo, e das Musas,

Com a grande cithara

Do Cisne da Apulia,

Quando a doce voz levantas

O Parnaso todo encantas,

Com podim e ponche

Esta noite espera-me,

E me verás lepido

Com o copo gravido

Do bom licor tepido,

Afrontar impavido

Os furores do inverno engelhado.

*Diniz.*

## ODE ANACREONTICA.

**S**Uave avezinha,  
 Que d'Egle formosa  
 Arrojas ditosa  
 No pé o grilhão ;  
 Também , como tu ,  
 Eu sou seu cativo ,  
 E como tu , vivo  
 Na sua prisão .

Mas ah ! quão diff'rentes  
 Nos fez a ventura !  
 Egle te procura  
 Com extremos mil ;  
 E a mim , que a procuro  
 Rendido e constante ,  
 Esconde arrogante  
 Seu rosto gentil .

De teu terno canto  
 De longe chamada ,  
 Vem leda , apressada  
 A ouvir tua voz .  
 E deste meu peito  
 Aos ternos gemidos  
 Lhes cerra os ouvidos ,  
 E foge veloz .

No seio te affaga ,  
Te dá carinhosa  
Mil beijos gostosa ,  
Mais doces que o mel.

E a mim , que a procuro ,  
Com baldões me trata ,  
Offende e maltrata  
Esta alma fiel.

Ella te agradece  
O teu doce canto ,  
Mas eu de meu pranto  
Não hei galardão.

Suave avezinha ,  
Pois és tão ditoza ,  
Ah ! canta gostosa  
Na doce prisão.

*Diniz.*



*Discurso sobre a Traducção.*

**T**enho tantas vezes apparecido ao Publico em qualidade de Traductor, e como tal sido exposto a censuras muitas vezes indiscretas, que julgo hoje do meu dever tratar das Traducções. Existe nesta Corte hum testemunha muito respeitavel da nota de *muito fiel*, que hum Sabio pôz á minha primeira traducção. Elle fez o meu elogio, quando intentou condemnar-me. Em algumas occasioens depois disto tenho feito algumas reflexoens sobre este objecto; ao que hum escritor moderno chama *Sermoens, que de nada servem*. Não querendo responder pessoalmente, desprezarei sarcasmos insulsos, e caminharei directamente ao meu alvo.

Chamo traducção *a copia, que se faz em hum lingua, de hum discurso, já pronunciado em outra*. Esta definição, que pertence a *M. Beauzée*, me parece exacta, e comprehende o germen do que tenho que dizer neste discurso.

1.º Ella mostra que se deve conhecer muito bem *hum lingua e outra*, e a materia do discurso pronunciado: 2.º o rigor com que se devem trasladar pensamentos, imagens, figuras, e até palavras.

1.º Quem duvidará que, para bem traduzir, não basta conhecer simplesmente as

Grammaticas das linguas, mas he necessario não deixar escapar a menor das suas bellezas, hum só idiotismo, huma só frase? Como se poderá aliás fazer huma copia perfeita e fiel? Esta circumstancia arrasta com sigo difficuldades consideraveis. As trazes de huma lingua não podem muitas vezes passar a outra, e cumpre substitui-las por outras equivalentes, por exemplo, huma methaphora por outra. Os genios das linguas, differentes como os semblantes das naçoens, não soffrem sempre huma simples substituição de palavras; he necessario escrever, como escrevêra o A. na lingua em que se traduz, e daqui vem huma infinidade de erros de linguagem. O que vulgarmente se chamão synonymos fórma outra difficuldade. Duas palavras desta denominação indicão pontos de vista ou accepçoens diversas, e não se poderá jámais tomar huma pela outra. Alguns Authores, aliás de merecimento, mas poucos cuidadosos da lingua materna, tem cahido neste defeito. Se eu qui esse aponta-los, largo campo se me offerecia, mas falta ainda á nossa lingua o Diccionario de Synonimos, e as minhas distincçoens parecerião arbitrarías. Todo o mundo conhece que a falta deste conhecimento fez dizer a hum estrangeiro em *Paris*, *boyaux* em vez de *entrailles*, e que affectando ignorar esta delicadeza o celebre Marquez de *Galli* chamou ao General *Masseua*, *l'Enfant pourri de la victoire* em vez

*de l'Enfant gaté*, o que desafiou a colera daquelle Marechal.

Mas que direi eu, quando vejo que se arrojão a este trabalho muitos até sem o conhecimento da Grammatica da lingua materna? .. Em lugar do serio e laborioso estudo das linguas, tomão o arido empenho de pôr ás cegas palavras por palavras, ainda que a sua união não tenha lugar em vulgar? .. Porém eu accuso talvez os meus defeitos indirectamente.

Como porém cada arte, cada sciencia, e em geral cada objecto, tem seus termos proprios, quem poderá bem traduzir sem conhecimento do assumpto da Obra? Quem, por exemplo, em Geometria traduzisse *droite*, ou *right* &c. por *direita*, haveria bem traduzido? Eis-ahi por tanto o que faria quem não tivesse algumas luzes da Geometria. Todos os dias lemos frases improprias geradas pela substituição de palavras soltas, que ligadas e prezas no discurso, nada dizem intelligivel. O leitor me poupará os exemplos, que achará a cada passo.

Destas consideraçõens nascem já bastantes difficuldades a este genero de escrita, e tambem não pequeno merecimento a quem o desempenhar dignamente. Huma traducção não he mais do que huma traducção, dizem alguns presumidos litteratos. He huma proposição evidente: todas as cousas não são mais do que são. Logo aquella definição negativa de huma

tradução nada quer dizer, isto se chama vontade de produzir *inania verba*.

He necessario perceber bem o sentido do A., conhecer a energia da linguagem que elle emprega, e trasladar o seu pensamento, sem detrimento da expressão, quanto o permittir a analogia das duas linguas, como vou provar.

Alguns, aterrados talvez com as difficuldades, que ficão ponderadas, imaginarão que era mais facil illudi-las, que vence-las; e portanto arrogarão a si a liberdade de vestirem de outras galas o retrato, que copião, quero dizer, pensão que huma vez trasladado o pensamento do Author, não importa que sejam outras as expressoens, e até diversa a combinação; não se lembrando que ficava desta arte perdida a fidelidade da copia, além de ser bem difficil empregar outras palavras sem detrimento do sentido. Para appoiarem este systema, filho da prigiça, se acolhem aos dois bem sabidos textos de Cicero e de Horacio. Analisemos pois estas passagens, e mostremos que estes grandes Mestres dizem o contrario do que elles pensão.

A passagem de Cicero he a seguinte ,,  
*Nec converti, ut Interpres, sed ut orator; sententiis iisdem, et earum formis tanquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis: in quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed omnium verborum, vim que servavi; non et me ànnumerare lectori putavi, sed tan-*

*tanquam appendere.* ,, Eu não trasladei (as Oraçoens de *Demosthenes* e de *Eschines*), como Traductor, sim como orador; com os mesmos pensamentos, e com expressoens accomodadas ao genio da nossa lingua; nas quaes não julguei necessario pôr palavra por palavra, mas conservei o genero e força de todas ellas; porque não julguei dever dar conta ao leitor do numero das palavras, mas como do pezo.

Nestas palavras se encerrão (a meu ver) todos os preceitos da traducção, *ut interpretes*: 1.º deve trasladar os pensamentos *sententiis iisdem*, empregar os mesmos tropos *figuris*, e até as mesmas palavras *verbis*. Se Cicero se affastou destes preceitos, he porque não foi hum Traductor, mas hum Orador *ut Orator*. Se parecer a alguém arbitraria esta explicação, outros muitos lugares o provão evidentemente. *Totidem fere verbis interpretatus sum* ( De fin. XXX. , 100 ) *fungar interpretis munere, ne quis me fingere putet* ( Tusc. ); *expressa ad verbum duxi*, &c. Em todos elles se vê recommendada huma escrupulosa fidelidade com as mesmas palavras, sem querer compôr, trasladando verbalmente.

Desvanece-se por tanto, ou antes condemna Cicero a liberdade, que se tem arrogado muitos traductores, fiados nesta passagem, ou na outra de Horacio ainda mais conhecida — *Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres*. He para notar que escritores, — aliás de muito

merecimento, tenham entendido por esta passagem que não devem ser fieis as Traducções. Candido Luzitano, litterato de grande nome, seguindo a Dacier, Sanadon, e outros Commentadores, he deste parecer. Outros porém, não menos instruidos, e por ventura mais sensatos, consultão o sentido obvio e litteral do Poeta.

Horacio não falla neste lugar da Traducção, mas sim da imitação: suppoem que o Poeta se propoem tratar hum assumpto já conhecido - *Publica materies privati juris erit* &c. v. 131., e então seria ridiculo roubar ao A., que primeiro a tratou, todos os pensamentos já conhecidos e trilhados - *Nec circa vilem* &c., empregar as mesmas palavras *verbum verbo*, &c. como faria hum fiel traductor. Tão longe está o acisado critico de condemnar as traducções fieis, que jámais separa estas duas qualidades. *Desprez* entendeo bem esta passagem, exprimindo-a nestes termos, *nec verbum verbo explicare studeas, ut fidelis interpres*. E ella he tão decisiva, que he necessario fechar os olhos á luz para não entende-la.

He muito facil allegar exemplos. Virgilio tira muitos episodios, e comparações de Homero, e Camoens de Virgilio; mas longe de se cingirem ás expressoens dos originaes, os aformoseão ainda mais. Os Commentadores se tem cansado em indicar estas imitações, em Virgilio por exemplo a descida aos Infernos,

o escudo de Eneas, e outras muitas, são antes melhoradas que extrahidas; em Camoens o immortal episodio de Castro, a falla de Bacco, a comparação das formigas, e outras immensas bellezas são (para me expressar assim) refinaçoens do Epico Latino. Para que he fallar de Milton, e de Tasso? Se estes grandes genios, o 1.<sup>o</sup> imitador do Grego, e o 2.<sup>o</sup> do Latino, houvessem traduzido os seus modelos, seriam tão condemnaveis, como o Traductor, que quizesse adiantar-se ao Original.

Horacio não he menos fecunda fonte de imitação. Os nossos Ferreira e Sá aproveitarão com muita felicidade as suas sentenças, e a philosophia, que respira nos seus versos, quasi exclusivamente: o immortal Garção herdou o seu genio sublime nas suas Odes &c. Boileau, e Pope entre os estrangeiros, e todos os Poetas de bom senso, são imitadores, *non ut fidus interpretes*. Será talvez mais difficil traduzi-lo fielmente! Se Ovidio vive entre nós por huma Traducção, que he obra prima a meu ver, he porque alcançou a paciencia e erudição de hum dos maiores litteratos do nosso tempo. Eu admiro a Eneida de Barreto, mas não me atrevera a chamar-lhe Traducção. No mesmo caso, porém creio que com desigual merecimento, se acha a Jerusalem Libertada de Tasso, traduzida por Jacinto Freire de Andrade.

Não he meu intento condemnar os trabalhos destes dois distintos litteratos, ambos

classicos da nossa lingua. Eu faço infinitamente mais apreço das suas obras do que da traducção de hum Poeta em proza, por mais escrupulosa e fiel que ella seja. Os encantos da Poesia não podem copiar-se em huma lingua, que lhe he estranha. Para continuar com a minha comparação, o colorido do quadro perde-se, quando se traslada em proza huma peça; passará o esboço, e nada mais. He por isso que eu creio que a traducção de hum Poeta não se deve fazer como Traductor, mas como Poeta, cingindo-se quanto for possivel ao texto, mas sem perder de vista o rithmo, que faz huma parte essencial do seu original. D'aqui se seguiria que só hum Poeta traduziria outro. Embora. Se devemos dar credito ao nosso excellente *Filinto Elysio*, só hum Poeta he capaz de sentir as bellezas e o fino, para assim dizer, de outro; e porque, segundo Pope, *Quem o sente melhor, melhor o exprime*, este monopolio litterario não teria o inconveniente dos mercantis. A fidelidade se deve limitar nestes casos ás sentenças, e aos tropos e figuras, *sententiis et figuris*, e quanto ás palavras seguir-se o sentimento do celebre Huet, *quantum fieri possit*, como logo direi.

Para concluir este objecto, citarei as expressoens do illustre Huet no seu excellente *Tratado de Interpretatione*.

*Optimum ergo illum esse dico interpretandi modum, cum auctoris sententiæ primum, deinde*



*ipsis etiam, si ita fert utriusque linguæ facultas, verbis arctissime adhæret interpres, et nativum postremo auctoris characterem, quoad ejus fieri potest, adumbrat; idque unum studet, ut nulla eum detractatione imminutum, nullo additamento auctum, sed integrum, sui que omni ex parte simillimum, perquam fideliter exhibeat. . .*

*Universe ergo verbum de verbo exprimendum, et vocum etiam collocationem retinendam esse pronuncio, modo per linguæ, quâ utitur interpres, facultatem liceat.*

*Hoc itaque generale scitum esto, quod in omni interpretatione versatur, verbum verbo, si fieri possit, referendum esse, nec vocum ordinem temere deserendum.*

Esta clausula *si fieri possit* parece constituir huma das grandes difficuldades das traducçoens. He necessario conhecer exactamente o genio das duas linguas, possuir magistralmente a lingoa para que se traduz, para saber se corresponde huma expressão a outra, e quando isto não acontece, o que se deve substituir. Isto requer demais muito gosto, adquirido pela aturada lição dos classicos, e este será sempre hum escolho para quem aprende a lingua pelo commercio familiar de pessoas pouco instruidas, ou ainda muito ignorantes.

Aquelles, que tem arrogado a authoridade de traduzirem livremente, sem duvida contarão responder victoriosamente a esta Memo-

ria, que a pequena extensão deste periodico me obriga a limitar a este ligeiro esboço. Todavia ella me parece sufficiente não só para guiar os novos Traductores em execução da sua penosa tarefa, mas até para mostrar que o escarneo, que se faz de huma Traducção bem feita, nasce talvez da impossibilidade de fazer outro tanto.

*Mes écrits sont mauvais, les tiens valent-ils mieux?*

Boileau.

*Continuação das Maximas, Reflexoens, e Pensamentos Moraes de hum Brasileiro.*

The writing in aphorisms hath many excellent virtues, whereto the writing in method doth not approach.

Bacon.

**H**Um homem virtuoso e moral sem principios e sentimentos religiosos seria hum phenomeno singular. Pretendem alguns que os ha, como outros que existe a Phenix.

Os homens nos parecerião mais justos, ou menos injustos, se não exigissemos delles mais do que pôdem, ou devem dar-nos.

Ha homens, que se tornão importunos, dezejando laboriosamente parecer cortezes.

Como a luz em huma masmorra faz visivel todo o seu horror, assim a sabedoria

manifesta ao homem todos os defeitos é imperfeições da sua natureza.

A prudencia he o resultado da consciencia da nossa fraqueza : he hum receio reflexionado dos males futuros pela experiencia dos males preteritos.

He mais facil cumprir certos deveres , que buscar razoens para nos justificar-nos de o não ter feito.

Ordinariamente nos fingimos distrahdos , quando nos não convem parecer attentos.

Ha mais homens devotos , que virtuozos , porque custa menos a ser devoto , que virtuozo.

Os louvores , que damos , são amigos que grangeamos.

Muitos se abstem por acanhados do que outros fazem por virtuosos.

Os vicios e paixoens de huns homens são os elementos da ventura de outros.

Somos em geral demasiadamente prontos para a censura , e demasiadamente tardos para o louvor : o nosso amor proprio parece exaltar-se com a censura , que fazemos , e humilhar-se com o louvor , que damos.

O tempo , que não existe , he geralmente o que mais nos atormenta , ou nos recreia.

A maior dor nas dores , que soffremos , he conhecer que as merecemos.

Quasi sempre attribuímos revezes á fortuna , e bem raras vezes aos nossos desacertos.

Abstenhamo-nos de sondar profundamente o coração dos homens, senão queremos despreza-los, ou aborrece-los.

Ha pessoas, que ganhão muito em ser lidas, e perdem tudo em ser tratadas: escrevem com estudo, e vivem sem elle.

Naturalmente nos alegamos com a morte dos avarentos, como se fomos seus herdeiros, ou legatarios.

Capitulamos quasi sempre com os nossos males, quando os não podemos evitar ou remover.

Nunca perdemos de vista o nosso interesse, ainda mesmo quando nos confessamos desinteressados.

Louvamos encarecidamente o estado, sciencia, ou arte, que professamos, para justificarmos a nossa escolha, e honrarmos a nossa pessoa.

Querendo prevenir males, de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gozando menos do presente do que do futuro.

Ha pessoas tão malignas, que sentem mais o bem alheio do que os males proprios.

Reflectindo cada hum sobre si mesmo, acha sempre com que humilhar o seu amor proprio, e com que satisfaze-lo e consola-lo.

Se fossemos sinceros em dizer o que sentimos e pensamos huns dos outros, em declarar os motivos e fins das nossas acçoens,

seríamos reciprocamente odiosos, e não poderíamos viver em Sociedade.

O Imperio da moda he tão soberano, que a mesma sabedoria se vê forçada a obedecer ás suas leis, apesar da instabilidade da sua legislação.

Quando moços, contamos tantos amigos, quantos conhecidos, porém quando maduros pela experiencia, não achamos hum homem, de cuja probidade femos a execução do nosso testamento.

A censura para não offender deve ser temperada com o louvor: a doçura deste suaviza a acrimonia daquella.

De ordinario fingimos desprezar o que não podemos conseguir.

A razão do homem he como a luz do perylampo, intermittente, e irregular.

---

## P O L I T I C A .

*Na Corte Carlton-House, 29 de Dezembro de 1812, estando S. A. R. o Principe Regente em Conselho.*

**S**Endo conveniente prevenir as duvidas ácerca da continuação e effeitos da Ordem do Conselho de 19 de Agosto de 1807, relativa aos navios com bandeira de Mecklemburg,

Oldemburg, Papenburg, e Kniphausen, e da Ordem do Conselho de 25 de Novembro de 1807, relativa aos navios e cargas pertencentes á Prussia e á Lubec; appraz a Sua Alteza Real o Principe Regente, em nome e da parte do Rei, e por parecer do Conselho Privado de S. M. ordenar e declarar, e aqui se ordena e declara que as ditas duas Ordens de Conselho com as respectivas datas de 19 de Agosto de 1807, e 25 de Novembro de 1807, serão consideradas como nullas e de nenhum effeito; bem entendido com tudo que a presente Ordem não será de maneira alguma interpretada como affectando alguma questão pendente perante os Tribunaes relativamente a huma ou outra das ditas Ordens; sobre prezas feitas anteriormente á presente Ordem, que as ditas questões serão julgadas, como se a presente Ordem de Declaração não houvesse sido promulgada.

É os Muito *Honorables* Lords Commissarios da Thesouraria de S. M.; os Principaes Secretarios de Estado de S. M.; os Lords Commissarios do Almirantado, bem como o Juiz do Supremo Conselho do Almirantado, e os Juizes do Conselho do Vice-Almirantado, tomarão as medidas necessarias para este effeito, no que lhes pertencer respectivamente.

*Chetwynd.*

Na Sessão da Camara dos Communs de 7 de Dezembro, em que se tratou de pre-

miar e remunerar o Marquez de Wellington, havendo Lord Castlereagh feito hum eloquente Discurso sobre os singulares merecimentos deste illustre Chefe, e *Sir F. Burdett* (segundo o costume) empenhado as suas forças em oppor-se á moção, Mr. Protheroe, Membro novo da Camara, fez hum breve Discurso, repetido entre applausos, e elogiado muito particularmente por Mr. Canning, que em summa he o seguinte:

Mr. Protheroe (a primeira vez que fallou na Camara) disse que elle não seguiria o Nobre Lord (Castlereagh) nem o Hon. Baronet (Burdett) nas suas exposições militares; mas não podia deixar de dizer que julgava o Hon. Baronet réo de indiscrição em haver culpado falsamente o Marquez de Wellington: fez hum ataque onde não havia brecha. Se o Hon. Baronet houvesse considerado o assumpto com mais deliberação, teria visto que pôde haver huma ardida avançada sem temeridade, e huma acertada retirada sem desdoiro. Elle pensava que a Camara annuiria de bom grado á Mensagem do Principe Regente: Ainda convinhão honras posthumas, e ainda se tributavão ao grande Lord Nelson, como hum estímulo para as acçoens navaes: mas com quanto maior satisfação seriamos nós repassados, se vissemos o Nelson do exercito, o homem, cujo nome, semelhante a aquelle, virá a ser o commum appellido de hum he-

roe, vivendo entre nós, e recolhendo as honras devidas a seus serviços, na munificencia, admiração e affecto dos seus compatriotas? Elle esperava que nenhuma má vontade se metteria a murmurar daquella munificencia, nem a diminuir aquelle admirador affecto. O Hon. Baronet fallou da miseria do paiz. Elle mesmo tinha larga occasião de conhece-la, sentia-a profundamente, e dezejava com toda a ancia allivia-la, tanto quanto aquelles que mais se espraivão em lamenta-la: todavia elle pensava, ácerca daquellas miserias, que havia tempo para fallar dellas, e tempo para callar. E elle estava certo que os interesses commerciaes da Patria seriam insultados, se a sua mingoa se antepozesse como hum obstaculo á presente remuneração. A economia, assim publica, como particular, era huma virtude necessaria e distincta, sem embargo ella não podia ser nem mais nobre, nem mais util, do que a generosidade opportuna.

Depois do geral applauso, Mr. Canning accrescentou que elle coincidia particularmente com o que havia dito hum novo Membro (Mr. Protheroe), que mostrou pela profundidade das suas observaçoens a acquisição, que nelle havia ganhado o novo Parlamento. Este excellente Orador accrescenta algumas reflexoens sobre a differença de sentimentos da Inglaterra, tanto á cerca de sua segurança, como das proczas militares antes de Lord Wellington



começar a sua carreira na Peninsula. „ A Patria nunca entreteve a esperança de lançar os Francezes além do Tejo, ou do Douro. Não se tratava de defender o Tejo, mas o Tamisa. Fortificar nossas costas, e inundar o paiz, julgámos nós então como medidas militares para firmar a nossa segurança. Quão differente he agora a scena! As honras e recompensas conferidas a Lord Wellington, não sómente serão a remuneração devida em gratidão e justiça aos seus eminentes serviços, mas animarão as esperanças aos outros valentes Officiaes, que se estão formando sob os seus auspicios, e debaixo das suas vistas; e dos quaes a Patria pôde esperar huma constante successão de distinctos Generaes. Se dever expirar a sua brilhante carreira, elles seguirão as suas pégadas, e como elles poderão briosamente aspirar á aquellas honras, e recompensas, com as quaes huma Patria agrade-cida renumere distinctos serviços.

---

*Tratado de Paz entre a Inglaterra e a Russia.*

**E**M nome da Santissima e Indivisivel Trindade, S. Magestade o Imperador de todas as Russias, e S. M. El-Rei do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, igualmente animados do desejo de restabelecer as antigas relações de

amizade, e boa intelligencia, entre os dous Reinos respectivos, nomearão para este effeito, como seus Ministros Plenipotenciarios, a saber; S. Magestade o Imperador de todas as Russias, ao Senhor Pedro Suchtelen, Chefe da repartição da Engenharia, General, Membro do Conselho d'Estado, &c., e ao Senhor Paulo, Barão de Nicolai, Gentil-homem da Camara, &c.; e S. Alteza Real o Principe Regente em nome de S. Magestade El-Rei do Reino-Unido da Gran-Bretanha e d'Irlanda, Edwardo Thornton, Escudeiro, Plenipotenciario de S. Magestade Britanica junto ao Rei de Suecia.

Os ditos Plenipotenciarios, depois de haverem trocado seus planos poderes respectivos, em boa e devida fórma, convierão nos artigos seguintes:

I. Haverá entre S. Magestade o Imperador de todas as Russias, e S. Magestade El-Rei do Reino-Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, seus herdeiros e successores, entre seus Reinos e Vassallos respectivos, huma paz solida, verdadeira, e inviolavel, e huma sincera, e perfeita união e amizade, de sorte que deste momento em diante, cessarão todos os motivos de desavenças, que podem ter existido entre elles.

II. As relações de amizade, e de commercio entre os dous paizes, serão restabelecidas de parte a parte, sobre o pé das Naçoens mais favorecidas.

III. Se acaso, resentindo-se do actual restabelecimento de paz e boa intelligencia entre os dous paizes, alguma, e qualquer Potencia, fizer a guerra á S. Magestade Imperial, ou á S. Magestade Britanica, os dous Soberanos contratantes obraráõ em apoio hum do outro, para a conservação e segurança de seus respectivos Reinos.

IV. As duas altas Partes Contratantes reservão a si de se entenderem, e fazerem, logo que for possivel os ajustes convenientes á cerca de tudo quanto pôde dizer respeito aos seus interesses fortuitos, assim politicos como commerciaes.

V. O presente Tratado será ratificado pelas duas altas Partes contratantes, e as ratificaçoens seráõ trocadas no espaço de seis semanas, ou antes, se for possivel.

Em testemunho do que, nós temos assignado, e assignamos o presente, em virtude dos nossos plenos poderes, e lhe havemos applicado os nossos sinetes.

Feito em Orebro a 18 de Julho de 1812.

( Assignados ) *Suchtelen.*

*Paulo Barão de Nicolai.*

*Edward Thornton.*

Depois de haver sufficientemente examinado os artigos do presente Tratado de paz, nós o temos approvado, e por estas presentes o con-

firmamos , e ratificamos solemnemente em todas as suas partes ; promettendo da nossa parte Imperial , por nós , e por nossos successores , d'observar e executar inviolavelmente tudo quanto se acha mencionado e referido no dito Tratado de paz.

Em testemunho do que nós temos assignado por nossa mão esta ratificação Imperial , e lhe havemos feito applicar o Sello do nosso Imperio.

( Assignado ) *Alexandre.*

( Referendado ) *O Conde Romanzow.*

---

## S I C I L I A.

*Artigos estabelecidos em Parlamento , e apresentados ao Soberano para sua sanção.*

Art. I. **A** Religião unica será a Catholica , Apostolica , Romana , com inteira exclusão de qualquer outra ; o Rei professará a mesma , e se algum tempo professar qualquer outra , será *ipso facto* deposto do throno. — *Placet Regis Magistati.*

II. O poder Legislativo residirá exclusivamente no Parlamento. As leis terão vigor depois de sancionadas por Sua Magestade. Todos os tributos , &c. , impostos , de qualquer natureza , serão fixados pelo Parlamento só ; e deverão tambem ser sancionados por Sua Ma-

gestade. A forma será *veto*, ou *placet*, tendo o Rei em seu poder admitti-los, ou engeita-los sem qual ficção.—*Placet Regis Magestati.*

III. O poder Executivo residirá na pessoa do Rei.—*Placet Regis Magestati.*

IV. O poder judiciario será distincto e independente dos poderes Executivo e Legislativo, e administrado por hum corpo de Juizes e Magistrados. Estes serão processados, punidos, e depostos dos seus lugares por sentença da Camara dos Pares, depois de haver passado pela Camara dos Communs, como determina a Constituição da Gran-Bretanha, e se explicará amplamente no artigo da Magistratura.—*Placet Regis Magestati.*

V. A pessoa do Rei será sempre sagrada e inviolavel.—*Placet Regis Magestati.*

VI. Os Ministros do Rei e outras pessoas empregadas no Governo, serão sujeitas ao exame, e syndicatura do Parlamento; e pelo mesmo serão accusados, processados, e condemnados, ainda que sejão Reos de lesa Constituição, e da observancia das Leis, ou de alguns outros altos crimes, no exercicio de suas funções.—*Placet Regis Magestati.*

VII. O Parlamento será composto de duas Camaras, huma que se chamará os Communs ou Representantes do Povo, assim proprietarios como vassallos, sob as condiçoens e formas, que estebeleer o Parlamento, nos seus subsequentes actos sobre este artigo; a outra se-

rá chamada os Pares , será composta de todos os actuaes ecclesiasticos , e seus successores , e dos presentes possuidores de fundos , que tem agora assento e voto nos ramos ecclesiastico e militar , igualmente de outros , que daqui em diante forem nomeados por Sua Magestade , segundo as condiçoens e limitaçoens , que o Parlamento ha de fixar no artigo , em que se explicar este ponto. — *Placet Regis Magestati.*

VIII. Os Baroens terão , como Pares , hum só voto individualmente , deixando a multiplicidade de votos relativamente ao numero de sua população. O Chanceller do Reino apresentará huma lista dos actuaes Baroens , e Ecclesiasticos para ser inserida nos actos do Parlamento. — *Placet Regis Magestati.*

IX. O Rei gozará da prerogativa de convocar , prorogar , ou dissolver o Parlamento , segundo as fórmãs e instituiçoens , que depois se estabelecerem. Todavia Sua Magestade será obrigado a convoca-lo todos os annos. — *Placet Regis Magestati.*

X. A nação , havendo de fixar os subsidios necessarios ao Estado , considerará do seu dever positivo fixar pela lista civil as sommas necessarias ao esplendor , independencia , e manutenção do Seu Augusto Soberano e Real Familia , com a mais generosa extensão , que permittir o actual estado das finanças do Reino , em consequencia da qual disposiçãõ , a nação tomará sobre si o manejo e administração dos

fundos nacionaes, incluidos todos aquelles, que até agora tem sido considerados como direitos fiscaes, e rendas de terras, que serão pagas ao Ministro da Fazenda, para os fins estabelecidos pelo Parlamento. Quanto ás pessoas, systema, e meios, porque os ditos fundos devem ser cobrados e dispostos, fica para fixar-se na explicação deste artigo. — *Vetat Regia Magestas.*

XI. Nenhum Siciliano será prezo, desterrado, e castigado de outra sorte, ou perturbado na posse dos seus direitos, ou propriedade, senão em conformidade do novoCodigo de Leis, que o Parlamento estabelecer, e por meio, ordens, e sentenças dos Magistrados ordinarios, naquellas formas, e com aquellas cautelas para a publica segurança, que o Parlamento assignar. Os Pares gozarão das mesmas fórmás judiciaes da Inglaterra, como depois se explicará. — *Placet Regis Magestati.*

XII. Com aquelle desinteresse, que a classe militar tem sempre mostrado, votou e concluiu — e o Parlamento estabeleceu — que será abolido o systema Feudal, e todas as terras serão possuidas na Sicilia como *allodiaes*, ou estados livres, conservando todavia a ordem de successão nas respectivas familias, que actualmentemente as possuem. Cessará igualmente a jurisdicção dos Baroens, e portanto os Baroens serão isentos de todos os onus, que até agora estavam sujeitos pelos ditos direitos feudaes. Abo-

lir-se-hão também as Investiduras, Relevos (*Rilevi*), Fintas á Coroa (*devoluzioni al Fisco*); e todos os outros onus quaesquer inherentes ao systema feudal, conservando com tudo cada familia os seus titulos e honras. — *Placet Regis Magestati.*

XIII. Concordão similhantemente em estabelecer que os direitos chamados *Angarici* (privilegios e isenções de alcavalas) serão abolidos, logo que a comunidade em geral, ou individual, sujeita a elles, indemnisar os actuaes proprietarios; calculando o capital, ou no embolço de vinte annos do producto da taxa existente no periodo da liquidação; ou em falta disto, avaliando-o pelos livros das respectivas freguezias; bem entendido que os possuidores de terras de qualquer natureza, conservarão o mesmo poder e os mesmos direitos como dantes, em quanto respeita á cobrança de dividas, ou rendas, e isto da mesma maneira e fórma, com que até agora os tem gozado. ( Sua Magestade reserva para si dar a Sua Real sanção ao artigo acima, quando houver recebido a necessaria informação a seu respeito. )

XIV. A Classe militar accorda igualmente á suggestão dos Communs, que todas as propostas relativas a subsidios, procedão exclusivamente da Camara dos Communs, e alli se concluão, e d'alli passem á dos Pares, onde sómente se approvarão, ou regeitarão, sem a menor alteração. Determina-se também que todas



as propostas respectivas a artigos de legislação e qualquer outro assumpto qualquer, se poderão mover em qualquer das Camaras indifferentemente, deixando á outra o poder de engeita-la. — *Placet Regis Magestati.*

XV. Quanto aos outros principios, e disposições da sobredita constituição Ingleza, o Parlamento declarará quaes se hão de admitir, quaes engeitar, e quaes modificar, segundo a differença de circumstancias das duas nações. Pelo que declara que de bom grado receberá quaesquer projectos que os seus Membros fizerem para a conveniente applicação da Constituição Ingleza ao Reino da Sicilia, a fim de escolher o que julgarem mais accommodado á gloria de Sua Magestade, e á felicidade do povo Siciliano. ( Sua Magestade, quando lhe forem apresentados estes artigos, determinará quaes merecem a sua Real sanctão.)

---

*Os seguintes são os principaes dos 16 artigos do Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Sublime Porta.*

Art. IV. **C**onforme o primeiro artigo dos Preliminares, concorda-se que o rio Pruth desde a sua entrada na Moldavia, até a sua

união com o Danubio, e a margem esquerda do Danubio, desde essa união até á foz do Kili, e d'alli até o mar, formem os limites dos dois Imperios; sendo a foz do dito rio de uso commun. As pequenas ilhas, que antes da guerra erão deshabitadas, que jazem perto da margem esquerda do Danubio, ficarão inhabitadas; nem se poderá levantar fortificação alguma nas ditas ilhas.

Pela outra parte, a Porta Ottomana deixa á Russia todas as Provincias, Fortalezas Cidades, etc., que ficão sobre a margem esquerda do Pruth; e o meio canal deste rio será o limite entre os dois Imperios. As embarcações mercantis de ambas as nações poderão navegar toda a corrente do Danubio; mas os navios de guerra Russos não passarão da entrada do Pruth.

V. S. I. M. Russa, restitue á Porta Ottomana o territorio de Moldavia, na margem direita do Pruth, bem como a Vallachia maior e a menor. Os habitantès destas Provincias serão livres de todas as contribuições por espaço de dois annos, e estas se fixarão conforme os actuaes impostos da Moldavia.

VI. Os limites da parte da Asia se fixarão perfeitamente; como estava antes do rompimento da guerra.

XI. As tropas Russianas deixarão as Provincias, Fortalezas, e Cidades restituídas dentro de tres mezes da ratificação do Tratado.

e até expirar aquelle termo, serão como até aqui suppridas de todo o necessario.

XII. As duas Altas Potencias Contratantes promettem guardar os Tratados de Commercio em vigor.

XIII. A Porta Ottomana promette a sua mediação com a Potencia Persa para a restauração da Paz com a Russia.

XIV. Os actos de hostilidade, que se fizerem depois da ratificação, se considerarão como nullos.

XV. e XVI. Dizem respeito á ratificação deste Tratado de Paz.

---

## S T A T I S T I C A.

*Noticia da População, Commercio, e Agricultura da Capitania de Goyaz.*

**E**sta Capitania contém 14 julgados, que são Villa-boa, Crixaz, Pilar, Trahiras, Meia Ponte, S. Luzia, S. Cruz, Desemboque, Cavalcante, S. Felis, Arraias, Conceição, Natividade, Carmo.

O primeiro he a capital; os setes seguintes são chamados do Sul, e os outros

do Norte. A repartição do Sul comprehendia, em 1808, 9350 fogos, e a do Norte 3172.

A sua população era a seguinte

|                     | <i>Branços.</i> |             | <i>Mulatos.</i> |             |
|---------------------|-----------------|-------------|-----------------|-------------|
|                     | Hom.            | Mulh.       | Hom.            | Mulh.       |
| Villa e termo       | 610             | 609         | 1208            | 1603        |
| Os 7 julgados do S. | 2328            | 2367        | 3837            | 4116        |
| Ditos do N.         | 570             | 466         | 2323            | 2365        |
| <b>Soma</b>         | <b>3508</b>     | <b>3442</b> | <b>7368</b>     | <b>8084</b> |

|                     | <i>Pretos.</i> |             | <i>Cativos.</i> |             |
|---------------------|----------------|-------------|-----------------|-------------|
|                     | Hom.           | Mulh.       | Hom.            | Mulh.       |
| Villa e termo       | 413            | 599         | 2637            | 1795        |
| Os 7 julgados do S. | 1649           | 2409        | 6237            | 3982        |
| Ditos do N.         | 1146           | 1720        | 3220            | 2156        |
| <b>Soma</b>         | <b>3208</b>    | <b>4728</b> | <b>12094</b>    | <b>7933</b> |

|                 | <i>Livres</i> | <i>Escravos</i> | <i>Total</i>  |
|-----------------|---------------|-----------------|---------------|
| Villa e termo   | 5042          | 4432            | 9474          |
| Julgados do Sul | 16706         | 10219           | 26925         |
| Ditos do N.     | 8590          | 5376            | 13966         |
| <b>Soma</b>     | <b>30338</b>  | <b>20027</b>    | <b>50365.</b> |

No anno de 1809 se acha exactamente o mesmo numero de brancos e 20:057 escravos.

## C O M M E R C I O.

*Importação.*

|                   |                        |
|-------------------|------------------------|
| 133               | Almudes de Vinho       |
| 2696              | Peças de pano de linho |
| 1359              | Ditas de lan           |
| 3396              | Peças de algodão       |
| 1289              | Covados de Seda        |
| 77                | ar. de polvora         |
| 166 $\frac{1}{2}$ | ar. de Chumbo          |
| 4153              | alqueires de sal       |
| 189               | ar. de ferro           |
| 113               | ditas de aço           |
| 163               | Resmas de papel        |
| 30                | ar. de bacalhau        |
| 31                | caixas de louça        |
| 804               | peças de ferragem      |
| 2648              | chapeos                |
| 49                | escravos               |
| 1327              | bestas                 |

Valor em dinheiro

137:109 $\phi$ 414*Praças.*

|                     |                   |
|---------------------|-------------------|
| Rio de Janeiro      | 51:679 $\phi$ 091 |
| Bahia               | 46:545 $\phi$ 369 |
| S. Paulo            | 26:550 $\phi$ 797 |
| Pará                | 10:326 $\phi$ 100 |
| Rio de S. Francisco | 2:008 $\phi$ 057  |

## A G R I C U L T U R A.

*Tabella Estatistica remettida ao Conselho Ultramarino em 1806.*

| <i>Gêneros</i>  | <i>Quantidades</i> | <i>Valor total</i> |
|-----------------|--------------------|--------------------|
| Algodão         | 3874 ar.           | 2:957\$000         |
| Assucar         | 6099               | 11:999\$400        |
| Fumo            | 1800               | 3:130\$800         |
| Couros          | 11622              | 4:070\$700         |
| Caffé           | 212 ar.            | 528\$000           |
| Tanados         | 1654               | 1:320\$000         |
| Trigo           | 214 al.            | 1:027\$200         |
| Agoa ardente    | 1575 alm.          | 3:981\$600         |
| Gado            | 15358              | 33:288\$900        |
| Marmeladas      | 200 ar.            | 960\$000           |
| Carnes de porco | 3332 ar.           | 5:979\$600         |
| Arroz           | 5068 alq.          | 3:955\$200         |
| Oiro de lavras  | 87:290 oit.        | 104:748\$000       |
| Soma            |                    | 177:946\$400       |

*O Governo de S. Catharina comprehende nove districtos, a saber.*

**V**illa do Desterro, Ribeirão, Freguezia da Lagoa, N. S. das Necessidades, S Miguel, S. José, Enseada e Garupapa, Laguna e Villa Nova, Rio de S. Francisco.

A sua população em 1810 era

| <i>Branços</i> |       | <i>Mulatos e Pretos</i> |       | <i>Escravos.</i> |       |
|----------------|-------|-------------------------|-------|------------------|-------|
| Hom.           | Mulh. | Hom.                    | Mulh. | Hom.             | Mulh. |
| 11173          | 12507 | 293                     | 358   | 4633             | 2570  |

Total da população 30339.

## N A V E G A Ç Ã O.

Entrarão, 1 Galera, 28 Bergantins, 60 Sumacas, 2 Penques, 26 Lanchas, 8 Hyates. — Soma 126.

Sahirão, 1 Galera, 29 Berg., 56 Sum., 2 Penq. 24 Lan., 8 Hy. — Soma 118

*Produçõens da Ilha de S. Catharina, comprehendendo as Villas de Laguna e Rio de São Francisco, seu consummo, e exportação em 1810.*

| <i>Generos</i> | <i>Produc.</i>    | <i>Cons.</i>      | <i>Export.</i>   |
|----------------|-------------------|-------------------|------------------|
| Farinha        | 243659 alq.       | 172172            | 71487            |
| Fejão          | 12212             | 5340              | 6872             |
| Milho          | 5643              | 3941              | 1702             |
| Favas          | 129               | 84                | 45               |
| Trigo          | 3613              | 1820              | 1793             |
| Cevada         | 27                | 16 $\frac{1}{2}$  | 10 $\frac{1}{2}$ |
| Mendobim       | 488 $\frac{1}{2}$ | 248 $\frac{1}{2}$ | 240              |
| Melado         | 8115 med.         | 708               | 7407             |

| <i>Generos</i>         | <i>Produc.</i>    | <i>Cons.</i>    | <i>Export.</i> |
|------------------------|-------------------|-----------------|----------------|
| Gravatá                | 165 ar.           | 36              | 129            |
| Peixe salgado          | 5245              | 1079            | 4166           |
| Dito                   | 11953 milh.       | 6914            | 5039           |
| Betes de Imbé gr.      | 233 duz.          | 12              | 221            |
| Ditas pequenas         | 341 $\frac{1}{2}$ | 3 $\frac{1}{2}$ | 338            |
| Sebolas                | 113741 rest.      | 4529            | 109212         |
| Alhos                  | 14946             | 5292            | 9654           |
| Avaliação da Produccão |                   | 299954          | cruzados       |
| Consumo                |                   | 170680          |                |
| Exportação             |                   | 129274          |                |

*Noticias Estatisticas acerca da Capitania de S. Paulo em 1811, extrahidas do Mappa Official.*

**A** Capitania de S. Paulo se divide em tres Commarcas, a saber I. Commarca da Cidade de S. Paulo, II. de Paranaguá, e III. de Ytú.

A Commarca de S. Paulo comprehende a Cidade deste nome, e 16 Villas, que são a de S. Vicente, Santos, Itanhaé, Mogy das Cruzes, Parnahiba, S. Sebastião, Ubatuba, Taubaté, Guaratinguitá, Jacarehy, Jundiahy, Pindamunhangaba, S. José, Alhibaia, Paraitinga, Cunha, Lorena, Nová Bragança, Villa da Princeza: das quaes a I, II, III, VI, VII, e ultima são maritimas.



Na Cidade ha 11 Freguezias, nas Villas de Alhibaia, e Itanhaé 2, em Mogy das Cruzes, e em Lorena 3, em Parnahiba 4, e em cada huma das outras 1; ao todo 39.

Na Commarca de Paranaguá se comprehendem 9 Villas, a saber, Coritiba, Paranaguá, Cananea, Iguape, Guaratuba, Lagos, Castro, Antonina, Villa Nova do Principe; a primeira e quarta com duas Freguezias, e as outras a 1, o que faz ao todo 11. As Villas II, III, IV, V, e VIII são maritimas.

A Commarca de Ytú contém 8 Villas. Ytú, Sorocaba, S. Carlos, Mogy Merim, Porto feliz, Itapeninga, Itapera, Apiahy. Mogy Merim tem 3 freguezias; Porto feliz, e Itapeninga 2, e as máis a huma, o que faz o numero de 12.

Resumo total, 1 Cidade, 36 Villas, 62 Freguezias.

A Cidade de S. Paulo contém 4017 fogos, 5298 brancos, e 6319 brancas; 377 pretos, e 485 pretas livres; 1967 pretos, e 1914 pretas cativas; 2394 mulatos, 3279 mulatas livres; 745 dos primeiros e 896 das segundas, cativos; o que faz ao todo huma população de 23764. No anno de 1811 nascerão 1301, morrerão 785; e houverão 233 cazamentos.

A Villa de Sorocaba tem a primazia em população; porque contém 1777 fogos, e 10181 moradores; dos quaes mais de dois terços são brancos, o que se verifica em bem poucas par-

tes, e nesta Capitania só nas Villas de Taubaté, e Mogy merim.

A Villa de Coritiba tambem he notavel, porque contém 9916 almas, a de Mogy merim 9045.

Para dar huma idéa resumida da população desta Capitania, consideraremos as tres Comarcas na ordem, em que as havemos descrito.

|              | <i>Branços</i>          | <i>Pretos</i>                       | <i>Mulatos</i>                        |
|--------------|-------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------|
| S. Paulo.    | 30218                   | 1098 l.<br>11375 c.                 | 11297 l.<br>3104 c.                   |
| Paranaguá.   | 3904                    | 449 l.<br>2344 c.                   | 4143 l.<br>1136 c.                    |
| Ytú          | <i>Branços</i><br>11276 | <i>Pretos</i><br>357 l.<br>5856 c.  | <i>Mulatos</i><br>5461 l.<br>902 c.   |
| S. Paulo.    | <i>Branças</i><br>33694 | <i>Pretas</i><br>1162 l.<br>9063 c. | <i>Mulatas</i><br>13894 l.<br>3439 c. |
| Paranaguá    | 9436                    | 480 l.<br>2153 c.                   | 4688 l.<br>1287 c.                    |
| Ytú.         | 12436                   | 353 l.<br>3888 c.                   | 5680 l.<br>915 c.                     |
| S. Paulo tem |                         |                                     | 19834 fogos                           |
| Paranaguá    |                         |                                     | 5862                                  |

|       |                                    |
|-------|------------------------------------|
| Ytú   | <i>Mulatos</i><br>743 <sup>1</sup> |
| Total | <hr/> 33 <sup>1</sup> 27           |

*Total da População.*

|               |                |             |
|---------------|----------------|-------------|
| Comarcas.     | <i>Branços</i> |             |
|               | Homens         | Mulheres    |
| S. Paulo (1)  | 30218          | 33694       |
| Paranaguá (2) | 8904           | 9436        |
| Ytu (3)       | 11276          | 12436       |
| Total.        | <hr/> 50398    | <hr/> 55566 |

|       |               |            |
|-------|---------------|------------|
|       | <i>Pretos</i> |            |
|       | Homens        | Mulheres   |
|       | Livres        |            |
| (1)   | 1098          | 1162       |
| (2)   | 449           | 480        |
| (3)   | 357           | 353        |
| Total | <hr/> 1904    | <hr/> 1995 |

|     |                |             |
|-----|----------------|-------------|
|     | <i>Cativos</i> |             |
| (1) | 11375          | 9063        |
| (2) | 2344           | 2153        |
| (3) | 5856           | 3888        |
|     | <hr/> 19575    | <hr/> 15104 |

|     | <i>Mulatos</i> |          |
|-----|----------------|----------|
|     | Homens         | Mulheres |
|     | Livres         |          |
| (1) | 11297          | 13894    |
| (2) | 4143           | 4688     |
| (3) | 5461           | 5680     |
|     | <hr/>          | <hr/>    |
|     | 20901          | 24262    |

|     | Cativos |       |
|-----|---------|-------|
| (1) | 3104    | 3439  |
| (2) | 1136    | 1207  |
| (3) | 902     | 915   |
|     | <hr/>   | <hr/> |
|     | 5142    | 5561  |

*Resumo.*

|         | Homens  | Mulheres |
|---------|---------|----------|
|         | Livres  |          |
| Branços | 50398   | 55566    |
| Pretos  | 1904    | 1995     |
| Mulatos | 20901   | 24262    |
|         | <hr/>   | <hr/>    |
| Soma    | 73203   | 81823    |
|         | Cativos |          |
| Pretos  | 19575   | 15104    |
| Mulatos | 5142    | 5561     |
|         | <hr/>   | <hr/>    |
|         | 24717   | 20665    |

Total 97920 homens , 102488 mulheres , ou  
200408 almas.

|                                 |       |
|---------------------------------|-------|
| Nascimentos                     | 8916  |
| Mortandade                      | 4498  |
|                                 | <hr/> |
| Differença a favor da população | 4418  |
| Casamentos                      | 2543  |

*Noticia sobre a compra e remessa do marfim de  
Angola , extrahida de Documentos Officiaes.*

**H**A tres sortes de marfim.

Marfim de lei he de 32 libras por diante , e paga-se a 260 reis a libra.

Marfim meão he de 16 a 31  $\frac{1}{2}$  , e he pago a 160 reis por libra.

Marfim miudo he de 1 libra a 15  $\frac{1}{2}$  , e he pago a 80 reis a libra.

Todo o marfim rachado perde o valor da sua classe , e desce á immediata.

Existião na Capital de S. Paulo de Assumpção , e na de S. Felippe de Benguella , no primeiro de Janeiro de 1810 , segundo contas officiaes , que temos consultado.

|                        |                         |               |
|------------------------|-------------------------|---------------|
| 10395 Pont. de lei com | 65057 $\frac{1}{2}$ lb. | 16:9140950    |
| 653 ditas meão         | 150583                  | 2:4930280     |
| 10446 ditas miudo      | 130223 $\frac{1}{2}$    | 1:0570880     |
| 2 ditas rachadas       | 17                      | 00680         |
|                        | <hr/>                   | <hr/>         |
| 30496                  | 930881                  | R. 20:4660790 |

N. B. As ditas 938881 lib. de marfim que chegava em Lisboa ao preço de 800 reis por libra surtido, produzião 75:1048800 reis.

Impôrta a remessa do marfim desde 1774 até o fim de 1808 em 114.7488970 reis; que dão a remessa media 28:5838307.

## M I S C E L L A N E A.

### *Litteratura na Russia.*

**H**UM esboço da Litteratura da Russia de 1801 a 1805, que ha pouco se publicou, nos informa que o numero de Obras publicadas dentro deste periodo de 5 annos he 1304; das quaes 756 são composições originaes, e 548 traduções. Estas são de originaes em Grego, Latim, Francez, Allemão, Inglez, Italiano, Sueco, Polaco, e Georgiano. O numero de Obras traduzidas do Francez he o mais consideravel; sóbe a 262; o das Allemãs não passa de 198. De Theologia sahirão 213 obras; e de Philosophia só 22; novelas 210. Os authores Russos existentes são 349; e ha 742 obras anonymas.

( *Panorama.* )

*Nova Ilha.*

**O** Navio Camarthen da Hon. Companhia, na sua viagem de Porto Luiz para Bombaim, no principio da monção, passando ao Sul de Sychelles, encontrou huma pequena ilha raza, que elle pensa nunca ter sido vista mais que huma vez antes d'elle (por hum capitão Inverarity), e não vem apontada em alguma carta ou roteiro, salvo hum ha pouco publicado. Ella he muito perigosa, porque fica a meio canal, tem arvores em cada extremidade juntas por hum banco de arêa, com arrebentação á roda até huma grande altura.

Esta ilha corre de NE-SO; he de 6 ou 7 milhas de comprido, e 1 ou 2 de largo; lat.  $7^{\circ} 7'$  S. long.  $53^{\circ} 5'$  E de Greenwich.

O fogacho sobre o Trident, ou Whittle Rock, na bahia falsa, Cabo da Boa Esperança, desapareceu na tempestade de 10 de Junho.

*Novo Pharol no Clyde (rio de Escossia). Glasgow 7 de Setembro.*

*Noticia aos Maritimos.*

**O**S encarregados de executar hum Decreto (Acto) do Parlamento para a navegação do estreito e rio de Clyde mais segura e mais commoda, levantarão hum pharol na ponta de Toward, lugar baixo penhascoso, junto da entra-

da da Bahia de Rothesaes, da parte d'Oest do estreito; o qual começará a ser allumiado no primeiro de Novembro ( de 1812 ). Entrando no Canal, elle demora a respeito do pharol de Cumray ao NNE  $\frac{1}{2}$  E da agulha em  $9\frac{1}{2}$  milhas de distancia. Para distinguir o pharol de Toward do outro do estreito, elle he construido de sorte que se revolve horisontalmente, offerecendo alternadamente huma luz brilhante e escura, em todas as direcções, excepto da parte do NE; onde he totalmente escuro, para evitar ser visto dos rochedos chamados Captains Bridge's, da parte de Inellan, e o Gantock, de Denoon; de maneira que os navios, que navegarem ao longo da praia para o N. daquella luz, tendo cuidado de conserva-la á vista, evitarão todo o perigo d'quelles rochedos.

(*Panorama*).

---

## NECROLOGIA.

A Philosophia natural perdeu hum illustre Professor em Mr. Guilherme Antonio de Luc, de idade de 85 annos, irmão do Author das „ Indagações sobre a modificação da athmosfera. „ Nos seus ultimos dias foi tão predominante a sua paixáo pela Musica, que tinha hum piano ao lado do leito, no qual sua filha tocava grande parte do dia. Na noi-



te da sua morte, vendo a filha que elle adorava, lhe perguntou “ Toco mais? — Continua a tocar, respondeu elle, continua a tocar. — Dormio; para nunca mais acordar. Mr. Deluc examinou alguns paizes volcanicos, donde trouxe escolhidas amostras das suas producções, em que o seu Gabinete era o mais rico da Europa.

Morrerão em *Londres* no mez de Julho dois illustres Prelados da Igreja *Gallicana*, Mr. *Malide*, Bispo de *Montpellier*, e Mr. *Gain de Montagnac*, Bispo de *Tarbes*. Elles erão d'aquelles poucos Bispos respeitaveis, que persistirão fideis ao seu Deus, e ao seu Rei, e preferirão huma honrada indigencia a todas as riquezas e vaidades mundanas, que hum tyrranno pode dar.

Heyne, celebre escritor classico, morreu em *Goltingor*, de 83 annos de idade: conservou até o fim todo o seu ardor litterario, e muitas pessoas tem cartas delle em *Allemao* e *Latim*, datadas na vespera da sua morte.

O Professor *Weldnow*, celebre Botanico, morreu em *Berlin* a 10 de Julho.

Mr. *Pierre Petro-Perdriau*, que foi Consul Geral da *França* no *Levante*, morreu em *Pariz* a 5 de Julho, de idade de 91 annos: a sua carreira diplomatica foi principalmente notavel pelo zelo de proteger a *Religião Christã*. Elle conseguiu dos *Turcos* licença ( cousa muito rara ) para edificar huma Igreja em

Smyrna, e alcançou que o Pachá protegesse os Catholicos. O Papa Ganganelli lhe dirigio nesta occasião hum breve de parabens; com a insignia de huma das Ordens de Sua Santidade. Morreu de repente, escrevendo.

*N. B.* No N. 2.<sup>o</sup> pag. 7 linhas 9 em lugar de maxima lea-se minima.

## Continuação do Estado da atmosfera.

| Dia | Ther.<br>Graos | Bar. |       |      | Tempo           |
|-----|----------------|------|-------|------|-----------------|
|     |                | Pol. | Vint. | Mil. |                 |
| 26  | 80             | 29   | 17    | 18   | trovada e chuva |
| 27  | 78             | 29   | 16    | 30   | pezado e chuva  |
| 28  | 81             | 29   | 16    | 20   | claro           |

## Março.

|    |                  |    |    |    |         |
|----|------------------|----|----|----|---------|
| 1  | 82               | 29 | 17 | 6  | claro   |
| 2  | 82               |    | 16 | 34 | dito    |
| 3  | 83               |    | 17 | 34 |         |
| 4  | 85               |    | 17 | 20 |         |
| 5  | 89               |    | 17 | 12 |         |
| 6  | 84               |    | 16 | 4  |         |
| 7  | 85               |    | 16 | 14 |         |
| 8  | 85               |    | 16 | 12 |         |
| 9  | 82               |    | 16 | 12 | chuvoso |
| 10 | 76               |    | 18 | 20 | dito    |
| 11 | 77               |    | 16 | 12 | medio   |
| 12 | 81 $\frac{1}{2}$ |    | 16 | 32 | chuvoso |
| 13 | 79               |    | 16 | 46 | dito    |
| 14 | 76               |    | 16 | 34 | dito    |
| 15 | 75               |    | 16 | 20 | denso   |
| 16 | 77               |    | 16 | 34 | dito    |
| 17 | 77               |    | 16 | 28 | claro   |
| 18 | 77               |    | 17 | 8  | dito    |
| 19 | 82               |    | 17 | 12 | dito    |
| 20 | 81               |    | 17 | 10 | chuvoso |

| <i>Dia</i> | <i>Ther.</i> | <i>Bar.</i> |              |                  | <i>Tempo</i> |
|------------|--------------|-------------|--------------|------------------|--------------|
|            |              | <i>Pol.</i> | <i>Vint.</i> | <i>Mil.</i>      |              |
| 21         | 77           | 29          | 16           | 16               | claro        |
| 22         | 77           |             | 16           | 20               | dito         |
| 23         | 80           |             | 8            | 17               | trovoada     |
| 24         | 80           |             | 14           | 16               | claro        |
| 25         | 77           |             | 14           | 16               | dito         |
| 26         | 77           |             | 24           | 16               | chuva        |
| 27         | 78           |             | 26           | 16 $\frac{1}{2}$ | dito         |

*Obra publicuda nesta Corte no presente mez.*

**E**Logio Historico do Serenissimo Senhor D. PEDRO CARLOS DE BÚRBON E BRAGANÇA, Almirante General da Armada Real Portugueza. Composto e dedicado ao Principe N. S. o Senhor D. JOÃO, Principe Regente de Portugal e das Conquistas, por Joaquim da Nobrega Cão e Aboim, Prelado Patriarchal e Decano da Capella Real do Rio de Janeiro. Impresso na mesma *Capital da America*.

O objecto desta Obra faz o seu interesse. O A. narra algumas circumstancias da vida do Seu Heroe, como testemunha ocular, e a sua exposição he sincera. Accrescenta huma Elegia á morte do mesmo Senhor, longe do estilo de Tibullo e de Ovidio. Quanto á versificação, darei para exemplo este terceto.

Mas tu, dura etiqueta, tu condemnas  
Quanto inspira a suave humanidade,  
Sem alterar as condiçoens terrenas.

O merecimento Poetico desta Elegia, segundo posso ajuizar, he igual ao de huma Ode Pindarica, que o mesmo Poeta fez aos annos de S. A. R., impressa em Lisboa no anno de 1801, que tem por titulo *Jonio em Lisboa*. Como esta Obra anda entre as mãos de todos, escuso accrescentar cousa alguma ao conceito, que o Publico tem já formado dos talentos Poeticos do Author.

## I N D I C E.

## M E D I C I N A.

*Resposta, que deu o Doutor Antonio Joaquim de Medeiros ao Programma da Camara desta Cidade, que vem no N.º 1.º pag. 58.* pag. 3

## B O T A N I C A

*Relação das Plantas exoticas e de especiarías, cultivadas no Real Jardim da Lagoa de Freitas, e transportadas da Ilha de França, pelo Chefe de Divisão Luiz d'Abreu.* 19

---

*Memoria sobre a abertura de huma estrada de communicação, entre a Capitania de Santa Catharina e a Villa de Lagens, e estabelecimento de huma Freguezia no Serião da terra firme da mesma Capitania. Por Silvestre José dos Passos.* 23

*Memoria sobre as novas fornalhas para cozer o assucar com o bagaço, inventadas pelo Doutor Manoel Jacinto de Almeida. Por Fr. Archangelo de Ancona, Missionario Apostolico.* 32

## A G R I C U L T U R A .

|  |    |
|--|----|
| <i>Memoria sobre o Algodoeiro continuada do N.º 1.º pag. 34.</i> | 39 |
|--|----|

## H I S T O R I A .

|  |    |
|--|----|
| <i>Continuação da Viagem ao Sertão de Benguella.</i> | 49 |
|--|----|

## L I T T E R A T U R A .

|  |    |
|--|----|
| <i>Ode.</i>  | 61 |
| <i>Dithyrambo de Diniz.</i>                          | 64 |
| <i>Ode Anacreontica do mesmo.</i>                    | 67 |
| <i>Discurso sobre a Traducção.</i>                   | 69 |
| <i>Maximas, Pensamentos etc., de hum Brasileiro.</i> | 78 |

## P O L I T I C A .

|   |    |
|---|----|
| <i>Ordem do Conselho de 29 de Dezembro de 1812, revogando as de 19 de Agosto, e 25 de Novembro de 1807.</i> | 81 |
| <i>Discurso de Mr. Protheroe em elogio de Lord Wellington.</i>  | 82 |
| <i>Tratado de Paz entre a Inglaterra e a Russia.</i>  | 85 |
| <i>Artigos estabelecidos no Parlamento da Sicilia, e apresentados ao Soberano para sua sancção.</i>         | 88 |
| <i>Os principaes dos 16 artigos do Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Subli-Porta.</i>             | 93 |

## S T A T I S T I C A .

|   |     |
|---|-----|
| <i>Noticia da População, Commercio, e Agricultura da Capitania de Goyaz.</i>                        | 95  |
| <i>População, Navegação, Produçõens, etc., da Ilha de S. Catharina.</i>                             | 98  |
| <i>Noticias Estatisticas acerca da Capitania de S. Paulo em 1811, extrahidas do Mappa Official.</i> | 100 |
| <i>Noticia sobre a compra e remessa do marfim de Angola, extrahida de Documentos Officiaes.</i>     | 105 |
| <i>Miscellanea.</i>   | 106 |
| <i>Necrologia.</i>  | 108 |
| <i>Continuação do Estado da athmosfera do mez de Fevereiro, e o de Março.</i>                       | 111 |
| <i>Obra publicada nesta Corte.</i>  | 113 |





